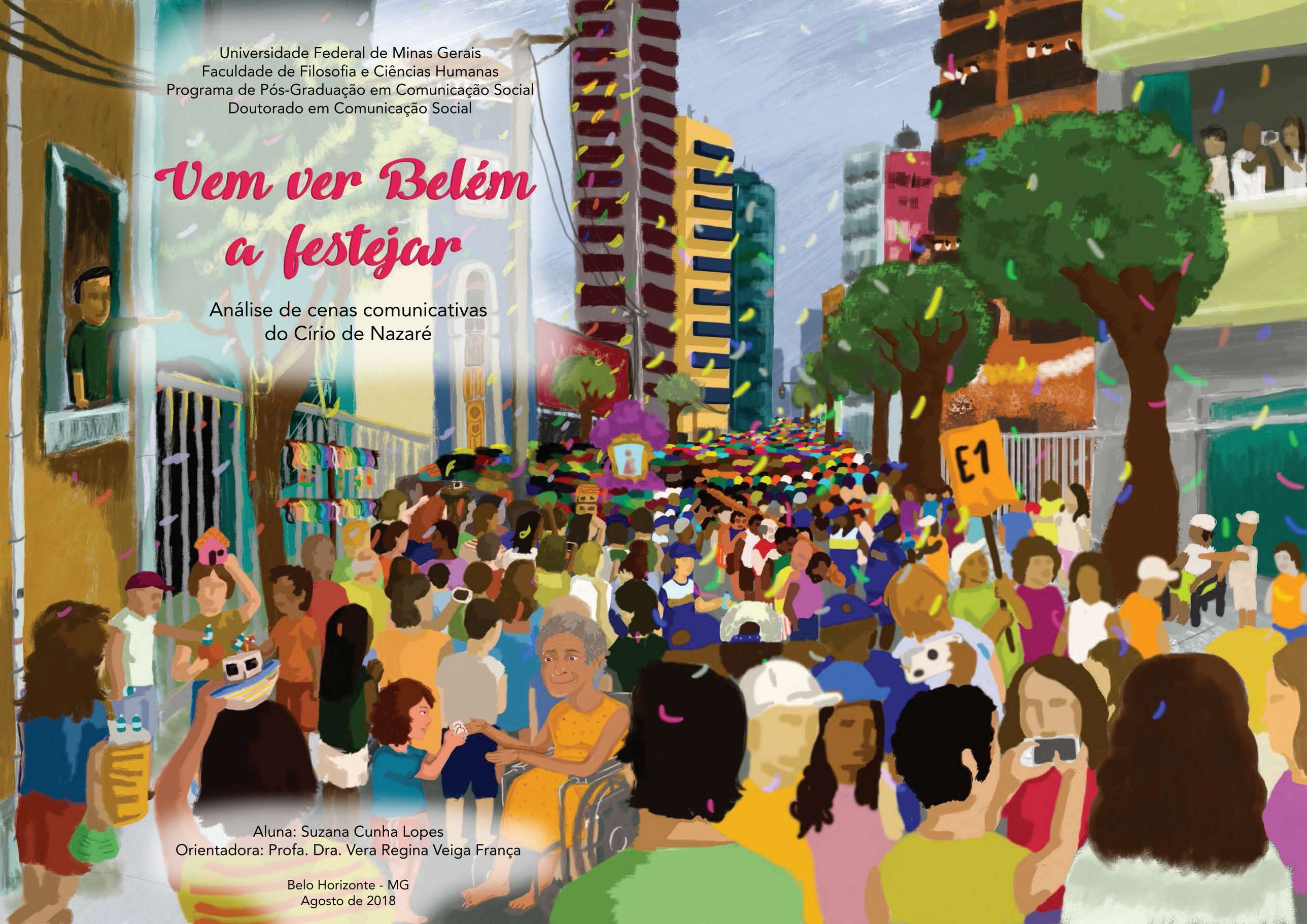
Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Doutorado em Comunicação Social

Vem ver Belém a festejar

Análise de cenas comunicativas do Círio de Nazaré



Aluna: Suzana Cunha Lopes
Orientadora: Profa. Dra. Vera Regina Veiga França

Belo Horizonte - MG
Agosto de 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS COMUNICATIVOS E PRÁTICAS SOCIAIS

SUZANA CUNHA LOPES

VEM VER BELÉM A FESTEJAR

Análise de cenas comunicativas do Círio de Nazaré

Belo Horizonte – Minas Gerais
Agosto | 2018

SUZANA CUNHA LOPES

VEM VER BELÉM A FESTEJAR
Análise de cenas comunicativas do Círio de Nazaré

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Doutora em Comunicação Social.

Linha de Pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: **Profa. Dra. Vera Regina Veiga França**

Belo Horizonte – Minas Gerais
Agosto | 2018

301.16
L864v
2018

Lopes, Suzana Cunha

Vem ver Belém a festejar [manuscrito]: análise de cenas comunicativas do Círio de Nazaré / Suzana Cunha Lopes. - 2018.

290 f. : il.

Orientadora: Vera Regina Veiga França.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1.Comunicação - Teses. 2. Círio de Nazaré - Teses. I. França, Vera Veiga, 1951-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
LINHA DE PESQUISA: PROCESSOS COMUNICATIVOS E PRÁTICAS SOCIAIS

SUZANA CUNHA LOPES

VEM VER BELÉM A FESTEJAR

Análise de cenas comunicativas do Círio de Nazaré

Belo Horizonte – Minas Gerais
Agosto | 2018

SUZANA CUNHA LOPES

VEM VER BELÉM A FESTEJAR
Análise de cenas comunicativas do Círio de Nazaré

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Doutora em Comunicação Social.

Linha de Pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: **Profa. Dra. Vera Regina Veiga França**

Belo Horizonte – Minas Gerais
Agosto | 2018

301.16
L864v
2018

Lopes, Suzana Cunha

Vem ver Belém a festejar [manuscrito]: análise de cenas comunicativas do Círio de Nazaré / Suzana Cunha Lopes. - 2018.

290 f. : il.

Orientadora: Vera Regina Veiga França.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1.Comunicação - Teses. 2. Círio de Nazaré - Teses. I. França, Vera Veiga, 1951-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

VEM VER BELÉM A FESTEJAR:

Análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré

Suzana Cunha Lopes

Tese defendida e aprovada pela banca examinadora:

Profa. Dra. Vera Regina Veiga França
(Orientadora - UFMG)

Prof. Dr. José Luiz Braga
(Unisinos)

Profa. Dra. Maria Ataíde Malcher
(UFPA)

Profa. Dra. Luciana Oliveira
(UFMG)

Prof. Dr. Roberto Vecchi
(Universidade de Bolonha)

Programa de Pós-graduação em Comunicação Social
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, 08 de junho de 2018.

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade De Filosofia E Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Ata da Defesa de Tese de Suzana Cunha Lopes
Número de Registro na UFMG 2015652080

Às oito horas e trinta minutos do dia 08 de junho de 2018, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, reuniu-se a comissão examinadora constituída pelas professoras doutoras Vera Regina Veiga França (Orientadora - Universidade Federal de Minas Gerais), Luciana Oliveira (Universidade Federal de Minas Gerais), Maria Ataíde Malcher (Universidade Federal do Pará) e pelos professores doutores José Luiz Braga (Universidade do Vale do Rio dos Sinos) e Roberto Vecchi (Universidade de Bolonha), sendo a participação desse último por videoconferência. A comissão reuniu-se para julgar o trabalho final da aluna do doutorado Suzana Cunha Lopes, intitulado **"VEM VER BELÉM A FESTEJAR: Análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré"**, requisito final para obtenção do Grau de Doutora em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, área de concentração Comunicação e Sociabilidade Contemporânea, linha de pesquisa Processos Comunicativos e Práticas Sociais. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Vera Regina Veiga França apresentou a banca e, em seguida, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho final. Após a apresentação, seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa de Suzana Cunha Lopes. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. A Comissão Examinadora julgou a candidata **apta a receber o grau de Doutora em Comunicação Social.** O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão que encerrou a sessão, lavrando assim, o presente documento que será assinado por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 08 de junho de 2018.

Profa. Dra. Vera Regina Veiga França
(Orientadora - UFMG)

Prof. Dr. José Luiz Braga
(Unisinos)

Profa. Dra. Luciana Oliveira
(UFMG)

Profa. Dra. Maria Ataíde Malcher
(UFPA)

Prof. Dr. Roberto Vecchi
(Universidade de Bolonha)

Aos meus pais, Socorro e Sávio
À Dona Esperança e à Catarina

GRATIDÃO

Não é sobre ter todas pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
[...]
Não é sobre chegar no topo do mundo e saber que venceu
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
[...]
É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo em todas as situações
[...]
A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
Por isso, eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim
(Música *Trem bala*, de Ana Vilela)

Essas primeiras páginas da tese são as últimas a serem escritas. Não por serem as menos importantes, mas por representarem muito emocionalmente, por serem as últimas palavras a dizer após a conclusão de um ciclo importante da pesquisa-vida. Até o último segundo, queremos ter certeza de que não esquecemos de mencionar ninguém, pois, afinal, foram alguns anos que passaram e, nesse meio tempo, conheci muita gente e fortaleci os laços que me possibilitaram traçar esse percurso.

Já não consigo dimensionar minha gratidão a Deus e a Nossa Senhora. O mundo, todos os dias, nos dá sinais para deixar de acreditar, acreditar no ser humano e na ação divina. Mas só quem acredita, seja de qual religião for, em uma força maior que nos protege, nos guia, nos alimenta de esperança, nos faz companhia, sabe a sensação de um amor infinito e incondicional. Muito especialmente a Nazinha, minha mãe Maria, meu profundo agradecimento por ter inspirado a pesquisa por meio da qual pude também conhecê-la melhor e amá-la mais.

E não conheceria e experimentaria tal sensação se não fosse a minha família, que me ensinou a acreditar, não só em Deus e Nossa Senhora, mas na possibilidade de um mundo mais justo e digno para todos, não para poucos. Desde criança, observar meus pais trabalhando com amor – mesmo que isso custasse menos tempo juntos –, acreditando na educação, investindo o que tinham e o que não tinham para garantir as melhores oportunidades de estudos para mim e minha irmã. Nenhuma fortuna do mundo retribuiria todo o investimento financeiro e moral que fizeram em mim. A vocês, meus primeiros e principais investidores, Sávio e Socorro, minha eterna gratidão, admiração e amor pelo que são e pelo que me ensinaram a ser!

Minha família é grande em número e coração. Por isso, não posso deixar de agradecer também à minha irmã, pelo amor fraterno, que nos une mesmo sendo tão diferentes; e ao Ricardo, meu cunhado. Muito obrigada às minhas tias-mães, Maria José, Raimunda, Belém e Eliza, que sempre zelaram tanto por mim, são também investidoras e companheiras de todos os momentos importantes da minha formação. Aos queridos

Alice e Alessandro minha devota gratidão pela amizade e irmandade, por serem parceiros para tudo e por presentearem o mundo com a vida da Maria Júlia e do José Miguel, nossos pequenos por quem tanto agradecemos a Deus, pois são fonte de luz, energia, alegria, esperança! Aos pequenos grandes Jujuba e Gueguel, meu mais puro amor! Ao João, tia Zeza, Matheus e Marcos, muito obrigada também pela torcida fervorosa em cada etapa da minha formação! Vocês todos(as) farão falta desta vez na minha defesa!

Agradeço também às minhas tias Graça e Ana Dilce, meus tios Marcelo, Zé Maria, Aildo, Paulinho e Afonso, e minha prima Camila, por quem tenho grande afeto e gratidão por sempre zelarem e nutrirem muito carinho pela minha família. Ao meu primo Eric, agradeço a ajuda na minha instalação quando fui morar em Belo Horizonte.

E por falar em Belo Horizonte, meu agradecimento mais do que especial à pofessora Vera França, que, com sua forma maternal, tão bem me acolheu na Universidade e na sua vida, me possibilitando muitos aprendizados. Seu brilhantismo não deixa ofuscar a pessoa simples e valorosa que é, sempre tentando ver o que há de melhor no outro e aninhando os bons corações que encontra pelo caminho! Minha querida orientadora, obrigada pela generosa partilha de conhecimentos e de experiências ao seu lado, onde sempre estarei, onde quer que esteja.

À minha sempre orientadora professora Maria Ataide, também minha eterna gratidão, pelos sonhos que me vendeu, pelas oportunidades que me ofereceu, por me ensinar tantos caminhos, me enlouquecer desde a graduação com sua inquietude que contagia, pela lida diária, nos momentos mais felizes e nos mais difíceis. Sua ideinha nem um pouco desinteressada de eu estudar o Círio nos trouxe muita força e fé nos momentos que mais precisávamos. Obrigada por doar sua vida pela Universidade e por nós, suas/seus orientandas(os). Aos nossos sonhos sonhados juntos, minha grande fidelidade!

À minha parceira de todas as horas, Nanda, obrigada pela amizade confortante, pela generosidade, pelos momentos extremos de alegria e tristeza partilhados com as mesmas lágrimas e os mesmos sorrisos. Agradeço por zelar tanto por mim e pela nossa amizade! Que este caminho de 11 anos juntas se multiplique e ainda sejamos agentes e expectadoras de muitas emoções!

À Sueeeelen ou Japonesa, meu grande carinho e gratidão. Deus foi muito generoso em te trazer de volta para perto, para compartilhar as lágrimas e gargalhadas mais intensas. Teu cuidado e amizade não têm preço. E viver o final dessa caminhada do doutorado contigo do lado é o que há de melhor! Ao Weverton e ao Felipe, também sou muito grata por tudo que nunca deixarão de significar na minha vida! O que vivemos juntos estará sempre marcado no que somos e no que buscaremos ser!

Agradeço também a muitas pessoas com quem compartilho meu dia a dia e que colaboraram diretamente no desenvolvimento da pesquisa: Marcus, Marcelo e Kleberton, incansáveis; Any e Arlene, firmes e fortes; Cleidíssima, que acompanha as emoções; Julianna, acompanhante das primeiras explorações no campo; Júlia, Andreza, Roberto e William, envolvidos em várias etapas. Faço um agradecimento especial nesse grupo à Ana Luiza, minha companheira PIBIC, no princípio da empreitada da pesquisa do Círio; teu envolvimento e tua rede de relacionamentos impecável (rs) contribuíram sem igual para a tese. Agradeço também especialmente à Lorena, pela dedicação, devoção e carinho

com que pensou e desenhou as ilustrações e as peças gráficas da tese; fico muito feliz de o trabalho ter o teu toque de afeto!

Não posso deixar de agradecer também a vários professores que me acompanharam e oportunizaram vários aspectos da minha formação acadêmica, especialmente, no doutorado. À professora Marianne, obrigada pelo amor maternal; à professora Jane, obrigada pelo carinho e por todo auxílio antes da viagem para o estágio sanduíche; à professora Netília, obrigada pela formação e acompanhamento desde a graduação. Ao professor Marcos, agradeço o carinho e a energia boa, de uma pessoa do bem; e ao professor Miguel, agradeço a confiança e as oportunidades oferecidas desde o Mestrado.

De BH, agradeço à professora Simone pelas aulas inspiradoras e instigantes; à Paula, pela oportunidade de estágio docência e trabalho conjunto em projetos; à professora Luciana, pela leitura atenta e ricas contribuições na ocasião do meu exame de qualificação; e à Lena, pelos questionamentos no momento do desenvolvimento do projeto e por me instigar a pensar o(s) tempo(s).

Agradeço também ao Prof. Roberto Vecchi, que me recebeu para o período de estágio sanduíche na Universidade de Bologna, na Itália. Apesar do tempo curto, pudemos ter boas conversas para o enriquecimento da pesquisa. Obrigada também por aceitar participar da banca de defesa da tese; espero que o diálogo continue! Ao professor Braga, meu muito obrigada pelas leituras sempre instigantes dos seus trabalhos, pela generosidade especial com que trata quem está em formação e por aceitar avaliar a tese; é uma honra para mim!

Ainda entre os professores, ao chegar no nível de formação doutoral, não posso deixar de agradecer às(aos) minhas(meus) queridas(os) professoras(es) do Jardim, Alfabetização e Ensino Fundamental no Colégio São Paulo, que plantaram muitas sementes em mim ainda criança, foram sempre exemplo e deixaram marcas bem fortes na minha formação. São elas(es) as(os) professoras(es): Conceição (Jardim), Alice (Alfa), Alice (1ª série), Patrícia (2ª série), Terezinha (3ª série), Tereza Pipolos (4ª série), Waldineth e Nadir (Língua Portuguesa, Redação e Literatura), Ruy e Roberto (Matemática), Catarina (Biologia), João (Ciências, também meu tio querido e grande torcedor!) e Alan (Geografia). Um agradecimento super carinhoso também às Irmãs Madalena, Graça, Bertha, Luzineide, Lenize (quem tive a felicidade de reencontrar em Fátima), Joana D'Arc (pelo auxílio dado no período que estive em Bologna) e Dóris. Uma lembrança também a pessoas muito queridas, com quem hoje dificilmente encontro, mas quando encontro é como se sempre voltássemos no tempo: obrigada, amigas(os), Thainá, Ingrid, Karen, Renata, Mateus e Diego. Vocês estão no meu coração para sempre, como tudo que vivi nesse Colégio! Foi lá que todo o encanto pela educação começou! Do Ensino Médio, terão sempre meu afeto Eva, Orlando, Gustavo e Raquel.

Aos amigos também que a Igreja me deu, meu agradecimento pelo carinho, pela torcida, pelas orações, por não desistirem de nos encontrarmos, por não esquecerem de mim, mesmo eu quase sempre distante: Alba, Iraneide, Dilena, Natália e Jaci.

Pessoas também queridas são as que Belo Horizonte me deu. Um obrigada eterno à D. Eni e sua família, S. Luiz, Raquel e Juninho, pelo acolhimento na família e na casa

de vocês tantas vezes. À Dona Eni, principalmente, minha enorme gratidão por cuidar de mim como a uma filha. Vocês sempre estarão no meu coração.

À Lívia, irmã de orientação, de signo e muito mais, obrigada pelos momentos partilhados, pelas longas conversas e pelos bolos maravilhosos! Às também queridas parceiras de orientação, Fabíola, sempre com uma energia do bem, e Maíra, que tem uma força imensa e me ensinou tanto sobre o valor da vida. À Gisa, pelo carinho de sempre, também muito obrigada! À Flávia, um grato encontro em BH, agradeço as conversas, os ideais compartilhados, a parceria que está sendo construída! Tenham sempre meu afeto!

Aos colegas do Gris, muito obrigada pelos projetos em parceria, pelas leituras compartilhadas, pelas discussões: Ana Karina, Laura, Afonso, Maria Lúcia, Samuel, Clara e Mayra. Um agradecimento especial à Terezinha, pela postura e pelo carinho.

Aos colegas brasileiros que conheci em Bologna, durante o sanduíche: Dalton, obrigada por todo o suporte e cuidado comigo; Santiago e Cyro, obrigada por tornarem os perrengues sempre motivo de muitas gargalhadas, vocês foram companhias preciosas; Virgínia, obrigada também pela companhia.

Não poderia deixar de agradecer às duas famílias, *Filhos da Esperança* e *Família de Catarina*, que me acolheram em suas casas e, com muita generosidade, dialogaram e me permitiram estar entre vocês. Para além da dimensão acadêmica da tese, aprendi muito com vocês sobre valores e devoção. Um obrigada especial à Manoela (nome fictício) e à Marina por me introduzirem às histórias de suas respectivas famílias. A tese é mais um fruto do bem que buscam multiplicar com a promessa dos terços.

Agradeço também ao grupo de turistas de Salvador, devotos de Nosso Senhor do Bonfim, que aceitaram participar da pesquisa. Apesar de a experiência de vocês não ter entrado na escrita final da tese, ainda será analisada em futuros trabalhos. Agradeço toda a abertura e ajuda do Padre Edson e da Denise, especialmente. Ao Elton, Joel e Mariella, agradeço o auxílio de sempre e por terem me apresentado esse grupo, quando da pesquisa exploratória em 2015.

Por fim, gostaria de agradecer às instituições que financiaram a pesquisa e minha formação no ensino superior público, desde a graduação por meio de bolsas estágio, de iniciação científica, de mestrado, de estágio sanduíche no exterior no doutorado, de pesquisas e projetos dos quais participei. Espero multiplicar o investimento que a sociedade fez em mim por meio dos programas e políticas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Agradeço também às instituições que proporcionaram minha formação: a Universidade Federal de Minas Gerais, no doutorado; e, especialmente, minha querida Universidade Federal do Pará, onde aprendi a amar a Universidade e a tornar sonhos, possíveis. A todos os gestores e servidores públicos que, por meio de decisões, posturas, compromissos e do trabalho diário, direta e indiretamente, viabilizaram minha formação, minha sincera gratidão e respeito.

Por último, agradeço o olhar sensível do presidente Luís Inácio Lula da Silva e da presidenta Dilma Rousseff à ciência e à tecnologia, à educação superior pública e, principalmente, à Região Norte. O que pude conquistar academicamente se deve às condições favoráveis que as políticas implementadas em seus governos oportunizaram.

Não acredito em mérito, quando você não encontra possibilidades de crescer não apenas pelas suas capacidades individuais, mas sim em conjunto, com poder de transformação, de multiplicar os benefícios para o coletivo. Vocês têm também minha gratidão e respeito.

Ser capaz de olhar o que não se olha, mas que merece ser olhado
As pequenas, as minúsculas coisas da gente anônima
Da gente que os intelectuais costumam desprezar
Esse micro-mundo onde eu acredito que se alimenta de verdade a grandeza do universo
E ao mesmo tempo ser capaz de contemplar o universo
Através do buraco da fechadura, ou seja, a partir das pequenas coisas ser capaz de olhar as grandes, os grandes mistérios da vida, o mistério da dor humana
Mas também o mistério da persistência humana nesta mania, às vezes inexplicável, de lutar por um mundo que seja a casa de todos
E não a casa de pouquinhos e o inferno da maioria
E outras coisas mais, a capacidade de beleza, a capacidade de formosura da gente mais simples,
Às vezes da gente mais singela que tem uma insólita capacidade de formosura que, às vezes se manifesta em uma canção, em um grafite, em uma conversa qualquer.

Eduardo Galeano

RESUMO

Esta tese tem como problema de investigação *o que é comunicação e como ela se constitui a partir de cenas do Círio de Nazaré*, manifestação religiosa e cultural em devoção a Nossa Senhora de Nazaré que ocorre anualmente em Belém (Pará) durante o mês de outubro, com destaque para a procissão do segundo domingo do mês, considerada a maior manifestação católica do mundo, chegando a 2 milhões de participantes. Pela magnitude da festa, diversos estudos já foram realizados sobre o Círio em diferentes áreas de conhecimento. Na Comunicação, a constituição multi-interacional e experiencial do Círio carece e, ao mesmo tempo, fornece aspectos para várias abordagens na área. Nesse sentido, a partir de uma perspectiva relacional, analisamos como a comunicação constitui as relações estabelecidas entre os sujeitos no Círio a partir de diferentes formas de experiências e interações que a festa suscita. A partir da orientação pragmatista, no processo de articulação empiria e teoria, construímos o conceito de *cenas comunicativas* para atuar como operador metodológico da análise das interações comunicativas no contexto micro social de duas famílias, identificados como os *Filhos da Esperança* e a *Família de Catarina*. Essas famílias apresentam configurações e perfis socioeconômicos e culturais distintos e suas histórias se entrelaçam pelo cumprimento da promessa de confeccionar e entregar pequenos terços nas procissões do Círio. Com um desenho metodológico híbrido, configuramos e analisamos seis cenas, a partir das quais pudemos compreender as interações tecidas no âmbito do Círio e gerar inferências mais gerais acerca dos processos comunicativos. A partir dessas cenas, a comunicação se evidencia como multidimensional no fenômeno empírico estudado, não apenas pela sua composição por diversos elementos, mas sobretudo por eles interatuarem simbolicamente, sendo significantes, afetando-se e gerando afetos. Isso revela que o que move e congrega tantos e tão diferentes aspectos e sujeitos no Círio – e podemos dizer em outros contextos interativos –, é o simbólico, ou seja, a significação e a experiência dos sujeitos em relação entre si e com tais elementos. Com base nas cenas específicas das famílias no Círio, também inferimos teoricamente tipologias mais gerais de cenas, com o objetivo de auxiliar futuros estudos. Na tese apresentamos ainda uma reflexão sobre o reconhecimento da comunicação no nosso próprio processo de pesquisa, nos possibilitando experienciar o que pensamos e pensar sobre o que experienciamos.

Palavras-chave: Comunicação. Cena comunicativa. Interação comunicativa. Experiência. Círio de Nazaré.

ABSTRACT

This thesis has as its investigation question the following: *what is communication and how it is constituted based on scenes of Círio de Nazaré*, a religious and cultural manifestation in devotion to Our Lady of Nazaré that occurs every year in Belém (Pará) during the month of October, with emphasis on the procession of the second Sunday of the month, which is considered the biggest catholic manifestation of the world, reaching the number of 2 million participants. Given the magnitude of the festivity, many studies about Círio have already been carried out in different areas of knowledge. In Communication, the multi-interactional and experiential constitution of Círio lacks and, at the same time, provides aspects for many approaches in the area. In these terms, from a relational perspective, we analyze how communication constitutes the relationships established between subjects in Círio based on different forms of experiences and interactions that the occasion raises. Based on the pragmatic guideline in the process of articulating the empirical object and theories, we built the concept of *communicative scenes* to act as a methodological operator for the analyses of communicative interactions in the micro social context of two families, identified as: *Filhos da Esperança* and *Família de Catarina*. These families have different configurations and socioeconomic and cultural profiles, and their histories interweave with the fulfillment of a vow of handcrafting small rosaries and giving them to people in Círio's processions. With a hybrid methodological design, we configured and analyzed six scenes, from which we could understand the interactions established in the scope of Círio and produce more general inferences about the communicative processes. Based on these scenes, communication is evidenced as multidimensional in the empirical phenomenon studied, not only for its multi-element structure, but, above all, for the symbolic inter-acting of these elements, with them being significant, affecting themselves and generating affections. This reveals that what moves and brings together so many and so different aspects and subjects in Círio – and in other interactive contexts, we can say – is the symbolic, that is, the signification and the experience of the subjects in relation to themselves and with these elements. Based on specific scenes of these families in Círio, we also theoretically infer more general typologies of scenes, with the objective of supporting future studies. In the thesis we also present a reflection on the acknowledgement of communication in our own research process, allowing us to experience what we thought and to think about what we experienced.

Keywords: Communication. Communicative scene. Communicative interaction. Experience. Círio de Nazaré.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Agenda sintética do Círio **36**
Figura 2. Mapa da localização do ponto de observação da pesquisa em 2015 **38**
Figura 3. Imagem original de N. Sra. de Nazaré **41**
Figura 4. Círio Pascal em uma procissão **42**
Figura 5. Foto atual da Basílica Santuário de Nazaré **43**
Figura 6. Imagem peregrina de N. Sra. de Nazaré **44**
Figura 7. Imagem original de N. Sra. de Nazaré no "Glória" **45**
Figura 8. Romeiro sendo acolhido na Casa de Plácido **46**
Figura 9. Momento de oração na Casa de Plácido **47**
Figura 10. Momento da benção às imagens durante Missa do Mandato **48**
Figura 11. Cartaz do Círio fixado na frente de uma casa **50**
Figura 12. Decoração em prédio residencial localizado no percurso das procissões principais **51**
Figura 13. Ornamentação da agência central do Banco do Brasil, na Av. Presidente Vargas **51**
Figura 14. Produção de artesãos de Abaetetuba **53**
Figura 15. Peças de miriti em vários tamanhos, formatos e cores **53**
Figura 16. Promesseiro com ex-voto durante a procissão **54**
Figura 17. Devota com miniatura de casa em miriti agradecendo por graça alcançada **55**
Figura 18. Celebração de apresentação do Manto do Círio **56**
Figura 19. Antigo manto exposto no Memorial de Nazaré **57**
Figura 20. Exposição dos Carros dos Milagres em frente à Basílica Santuário **58**
Figura 21. Carro em homenagem a Plácido de Souza **58**
Figura 22. Ex-votos depositados nos Carros dos Milagres **59**
Figura 23. Personagem de Nossa Senhora torcedora do time de futebol Paysandu **61**
Figura 24. Entidades de religiões de matrizes africanas, cristãs e da mitologia amazônica reunidos no Auto do Círio 2015 **61**
Figura 25. Arrastão do Círio 2015 **63**
Figura 26. Arrastão do Círio 2017 **64**
Figura 27. Integrantes do grupo caracterizados para o Arrastão do Círio **65**
Figura 28. Imagem Peregrina no traslado de Belém a Ananindeua **66**
Figura 29. Carros decorados na Romaria Rodoviária **67**
Figura 30. Imagem de Nossa Senhora sobre um carro na procissão **68**
Figura 31. Lojas homenageiam Nossa Senhora **68**
Figura 32. Condomínio residencial enfeitado para a passagem da Santa **69**
Figura 33. Imagem de Nossa Senhora na Romaria Fluvial **70**
Figura 34. Múltiplas embarcações participam da Romaria Fluvial **70**
Figura 35. Missa celebrada em um barco que participa da Romaria Fluvial **71**
Figura 36. Músicas e danças regionais em um barco na Romaria Fluvial **71**
Figura 37. Romaria dos Motoqueiros 2013 **73**
Figura 38. Moto ornamentada para procissão **74**
Figura 39. Descida da Imagem original para ficar em exposição no altar, mais próxima do público **75**
Figura 40. Imagem original em exposição no altar mais próxima do público **76**

Figura 41. Sistema interno de televisão da Basílica Santuário **77**
Figura 42. Fiéis caminham na Trasladação **78**
Figura 43. Velas distribuídas na Trasladação pelo Projeto Luzes para Nazica **79**
Figura 44. Celulares registram a passagem da Santa na Trasladação **79**
Figura 45. Berlinda iluminada na Trasladação **80**
Figura 46. Apresentação no palco montado para a Festa da Chiquita **81**
Figura 47. Eloi Iglesias comanda a Festa da Chiquita **82**
Figura 48. Mapa do percurso do Círio **85**
Figura 49. Decoração no prédio Manoel Pinto da Silva **86**
Figura 50. Homenagens na Procissão do Círio **87**
Figura 51. Corda: um dos elementos mais simbólicos do Círio **88**
Figura 52. Carro dos Anjos **89**
Figura 53. Carro dos Milagres, carregando ex-votos depositados por promesseiros **90**
Figura 54. Berlinda rodeada pela Guarda de da Santa **91**
Figura 55. Exemplo de mesa do almoço do Círio **97**
Figura 56. Arraial de Nazaré de dia **98**
Figura 57. Arraial de Nazaré à noite **99**
Figura 58. Anjos de Resgate participam do Círio Musical 2013 **100**
Figura 59. Padre abençoa público no Círio Musical 2013 **100**
Figura 60. Ruas de Belém tomadas por ciclistas que acompanham a Ciclo Romaria **102**
Figura 61. Jovens participam da Romaria levando a bandeira de seus grupos paroquiais **102**
Figura 62. Jovens carregam cruz de madeira na procissão **103**
Figura 63. Crianças conduzem a berlinda em romaria organizada para elas **104**
Figura 64. Romaria dos Corredores 2014 **105**
Figura 65. Corrida do Círio 2015 **105**
Figura 66. Personagens da Corrida do Círio 2013 **106**
Figura 67. Saída da Imagem Peregrina da Basílica para contornar a Praça Santuário **107**
Figura 68. Mapa do Pará com localidades onde ocorre Círio de Nazaré **108**
Figura 69. Círio de Nazaré em Vigia (2016) **109**
Figura 70. Imagem de Nossa Senhora de Nazaré, venerada em Vigia **110**
Figura 71. Agenda da pesquisa de campo em 2016 **141**
Figura 72. Árvore genealógica dos *Filhos da Esperança* **147**
Figura 73. Árvore comunicacional dos *Filhos da Esperança* **150**
Figura 74. Foto de D. Esperança e o esposo em meio às contas e missangas para confecção dos terços **152**
Figura 75. Homens trabalhando na embalagem dos tercinhos **153**
Figura 76. Logotipo dos *Filhos da Esperança* **154**
Figura 77. Postagem de agradecimento após a distribuição dos tercinhos no Círio 2016 **154**
Figura 78. Árvore genealógica da *Família de Catarina* **156**
Figura 79. Árvore comunicacional da *Família de Catarina* **159**
Figura 80. Pedro exibindo o cardápio do encontro em sua casa **167**
Figura 81. Postagem com foto da maniçoba oferecida por Rita e José quando o encontro foi em sua casa **168**

Figura 82. Encontro na casa de Rita e José **169**
Figura 83. Encontro na casa de Clara **169**
Figura 84. Postagem no Instagram com as "duas devoções" da família **173**
Figura 85. Produção das correntes, antes do fechamento dos terços **175**
Figura 86. Tercinhos produzidos, prontos para serem embalados **176**
Figura 87. Exemplo de embalagem com santinho **176**
Figura 88. Postagem no Instagram com fotos da produção das correntes, antes do fechamento dos terços **177**
Figura 89. Missa da Trasladação no pátio do Colégio Gentil Bittencourt **181**
Figura 90. Posição de D. Conceição e Marina na missa em relação ao palco **181**
Figura 91. Ônibus a caminho da Missa da Trasladação **185**
Figura 92. Romeiros descalços no ônibus a caminho do Círio **185**
Figura 93. Postagem de foto do encontro na casa da Marta **190**
Figura 94. Postagem de fotos do encontro na casa de Rita e José **190**
Figura 95. Postagem de foto de anos anteriores a 2016 **192**
Figura 96. Postagem de foto do encontro na casa da Rita **193**
Figura 97. Repostagem do perfil @equipefilhosdemaria no perfil @filhos.da.esperanca **194**
Figuras 98 e 99. Mensagens diretas, respectivamente da @equipefilhosdemaria e do @luzesparanazica para os @filhos.da.esperanca **194**
Figura 100. Marina registrando a movimentação da Santa no altar **196**
Figura 101. Post de Marina compartilhando o registro da passagem da Imagem Peregrina na missa da Trasladação **196**
Figura 102. Marina fotografa e venera Nossa Senhora ao mesmo tempo, compartilhando posteriormente nas redes sociais um pouco dessa experiência **197**
Figura 103. Compartilhamento de registro feito pela fanpage oficial da Basílica Santuário **198**
Figura 104. Cláudia posiciona claramente sua defesa pela devoção popular que constitui o Círio **199**
Figura 105. Mapa com as localizações dos integrantes da *Família de Catarina* nas procissões da Trasladação e do Círio **200**
Figura 106. Anita, Letícia e Malu aguardam a passagem da Santa na Av. Presidente Vargas **203**
Figuras 107 e 108. Anita e as amigas assistem à passagem da Santa **204**
Figura 109. Marina e D. Conceição na Missa da Trasladação **205**
Figura 110. Sacola onde Anita guardou os terços **212**
Figura 111. Posição do grupo no meio da procissão **213**
Figura 112. Mapa com a localização do ponto de concentração dos *Filhos da Esperança* no Círio **216**
Figura 113. Início da distribuição dos terços antes da Trasladação **217**
Figura 114. Carolina e Manoela distribuindo terços **218**
Figuras 115 e 116. Entrega de terço para outra promesseira **219**
Figura 117. Encontro de Carolina e Manoela com o grupo *Luzes para Nazica* **220**
Figura 118. Registro do encontro entre os grupos *Filhos da Esperança* e *Luzes para Nazica* **221**
Figura 119. Entrega de terços para voluntários da Fundação Nazaré de Comunicação **221**
Figura 120. Entrega de terço para uma vendedora ambulante **222**

Figura 121. Entrega de terço para um policial militar em serviço **222**
Figura 122. *Filhos da Esperança*, em oração, antes de saírem para distribuir os terços, incluindo Marina, da *Família de Catarina* **225**
Figura 123. "Foto oficial" antes da distribuição dos terços **225**
Figura 124. Ana Maria distribuindo os terços **226**
Figura 125. Raquel distribuindo os terços **227**
Figura 126. Milena na distribuição dos terços **227**
Figura 127. Marta na distribuição dos terços **228**
Figura 128. Manoela distribuindo os terços **228**
Figura 129. Amanda distribuindo os terços **229**
Figuras 130 e 131. Clara distribuindo terço para uma promesseira **230**
Figura 132. Vista inferior da sacada onde o coral animava o público **234**
Figura 133. Público levanta as mãos e ventarolas ao som do coral **235**
Figura 134. Passagem de Nossa Senhora em frente ao prédio onde os *Filhos da Esperança* se concentram **236**
Figura 135. Manoela e os pais observando a passagem da Santa **237**
Figura 136. *Filhos da Esperança* na sacada do prédio **241**
Figura 137. Conexão da família com Rafael pelo celular **242**
Figuras 138 e 139. Manoela faz transmissão ao vivo da passagem da Santa para o irmão **243**
Figura 140. Maniçoba cozinhando na panela e no fogão da casa da Marina, em 2016 **246**

SUMÁRIO

INÍCIO DA PEREGRINAÇÃO **18**
Duas devoções **19**
O Círio de Maria de Nazaré, na Belém do Pará **20**
Estações da pesquisa **24**

ESTAÇÃO 1: A EMPIRIA QUE NOS MOVE **29**
Primeiros passos teórico-metodológicos **30**
O surgimento de uma devoção popular **40**
Itinerários de fé **45**
Preparando o terreno e os ares da cidade **50**
A devoção que ocupa as ruas (e as águas) **65**
As duas grandes procissões e uma intermitência **77**
A festa continua **97**
As procissões também continuam **101**
O Círio vivido em outras localidades **107**
O popular que move a comunicação **111**

ESTAÇÃO 2: CENAS COMUNICATIVAS DO CÍRIO DE NAZARÉ **119**
O encontro dos (com os) sujeitos da pesquisa **133**
Um campo multidimensional, multitemporal, comunicacional **137**
Agenda de atividades durante a Estação 2 **140**
As árvores genealógicas e comunicacionais das famílias **145**
Os Filhos da Esperança **146**
Família de Catarina **155**
Cena 1: Tecendo os laços que tecem os terços **166**
Cena 2: A caminho da procissão **179**
Cena 3: As interações comunicativas nas redes sociais *online* **188**
Cena 4: A procissão e a entrega dos terços **199**
Cena 5: O encontro com a Santa **231**
Cena 6: O almoço do Círio **245**

A CHEGADA (TEMPORÁRIA) DA PEREGRINAÇÃO DE PESQUISA **252**
O que as cenas do Círio nos dizem sobre a comunicação **253**
Tipologias das cenas **259**
Nossas próprias experiências de comunicação na pesquisa **266**

REFERÊNCIAS **269**

APÊNDICES **278**
Apêndice 1: Roteiro de Entrevista Exploratória **279**

Apêndice 2: Roteiro de Observação de Campo dos *Filhos da Esperança* **280**
Apêndice 3: Roteiro de Observação de Campo da *Família de Catarina* **282**
Apêndice 4: Roteiro de Observação nas Redes Sociais **285**

GLOSSÁRIO **288**

INÍCIO DA PEREGRINAÇÃO

INÍCIO DA PEREGRINAÇÃO

Duas devoções

Antes de começar este relato de pesquisa, considero importante compartilhar o lugar de onde parti para realizar esta investigação. Para isso, peço licença acadêmica para falar de duas devoções. Uma que aprendi em casa; outra, na Universidade.

Em casa, convivi desde criança com a imagem materna de Nossa Senhora, especialmente de Nossa Senhora de Nazaré, que visitava a minha casa e a dos meus familiares nas novenas que antecedem a procissão do Círio. Esses encontros marcavam a união da família; a distribuição das tarefas de quem leria os trechos do livro das orações e quem rezaria as dezenas do terço; e, como não lembrar, dos lanches partilhados, ao final da reza, com o toque especial dos quitutes da minha avó, mãe e tias.

Sempre vivi os ares e aromas do Círio que anunciavam a proximidade do mês e da festa da Santinha. Acompanhei várias das procissões. Frequentei muitas missas. Fiz promessas. Já me emocionei bastante diante de um sentimento inexplicável de vivenciar e ver um povo mergulhado em manifestações de fé. Essas memórias alimentam e sustentam hoje, a partir de outras referências além da família, minha devoção à mulher e mãe Maria.

A segunda devoção, que aprendi com a universidade, é à Comunicação (área) e à comunicação (processo). Não imaginara eu que a escolha pelo curso não esperado pelos outros no vestibular me renderia tanta vida. A fagulha foi acesa desde o primeiro semestre da graduação. Compreender o que é esse fenômeno, como ele acontece, o que ele envolve e como nos constitui enquanto sociedade se tornou minha oração, assim como fortalecer a área acadêmica que pode oferecer à sociedade a visão de quão importante e vital é o ato de se comunicar.

Com o tempo, construí e revisei muitas crenças sobre a Comunicação e a comunicação, em um processo de permanente mutação, nunca definitivo. Quando achava que tinha encontrado um lugar confortável, uma referência em que me ancorar, a própria pesquisa-vida cuidava de me despertar e desconcertar, me apresentando a uma infinidade de possibilidades promissoras.

Um dia, em uma missa na Basílica Santuário de Nazaré, em Belém, a Santinha inspirou minha orientadora da graduação e do mestrado, também devota. Ela virou para mim e disse: “Já sei o que você pode estudar no doutorado!”. Eis que a Comunicação, como sempre

surpreendente, me conduziu então a olhar diferente para Nossa Senhora, para o Círio. O que para mim era uma rotina familiar, algo cotidiano, tornou-se singular. A oportunidade de pesquisar a comunicação no Círio tem tensionado meus lugares como católica, paraense, participante do Círio e pesquisadora.

A partir da nova experiência, de vivenciar o Círio agora como pesquisadora, percebi o quanto se trata de um fenômeno muito maior do que já havia experienciado. Ao "estranhá-lo", pude vislumbrar novos aspectos e nuances, reconhecendo e ressignificando minha experiência de devoção. Tenho "olhado com outros olhos" para minha cidade, minha família, para Nossa Senhora.

Muito do que o Círio tem me sensibilizado a perceber em relação à comunicação que está na sua base não seria possível também sem minha vivência pessoal e sem as inquietações teóricas, metodológicas e epistemológicas que têm movido minha trajetória acadêmica na área da Comunicação.

Ao mesmo tempo, o Círio me apresenta a uma comunicação muito mais complexa do que conseguia perceber. São tantos os elementos, as configurações... Há tanto a aprender sobre ela e, consequentemente, sobre o que somos e o que queremos ser. Por isso, nesse percurso, a pesquisa tem me possibilitado renovar a devoção à Nossa Senhora e à (C)comunicação. Uma fé tem me feito alimentar a outra.

Com esse espírito, ofereço as páginas deste relato de minha peregrinação de pesquisa, uma forma de compartilhar as ideias e as inquietações que permeiam minha formação em torno do que é comunicação.

Encerro, então, esta parte do texto, pessoal e no singular, anunciando que a narrativa que se desdobra a partir daqui é marcadamente coletiva, fruto de minha experiência devota e de pesquisa, compartilhada com muitos colaboradores, pessoas que alimentam minhas devoções. Por isso, faço questão de, daqui em diante, escrever essa experiência na primeira pessoa do plural. Em pontos muito específicos, retomarei a primeira pessoa do singular exclusivamente para não confundir o(a) leitor(a) quando se tratarem de experiências vividas marcadamente por mim.

O Círio da Maria de Nazaré, na Belém do Pará

No segundo domingo do mês de outubro, em Belém do Pará, milhares de paraenses amanhecem nas ruas do centro da cidade na maior procissão católica do Brasil e do mundo.

Aos paraenses, juntam-se a cada ano milhares de turistas, que visitam Belém pela primeira vez ou retornam à cidade no mesmo período do ano. Há ainda outros tantos que não saem de casa ou que estão fora de Belém, mas acompanham tudo pela televisão e/ou conectam-se às redes digitais para vivenciar esse tempo de devoção.

Referimo-nos ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré, hoje conhecido no Brasil e no exterior, registrado como patrimônio cultural de natureza imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2004. Trata-se de uma festividade católica que perpassa o calendário anual de Belém, mas se destaca no mês de outubro, quando ocorrem mais de dez grandes procissões nas ruas e rios da cidade e região.

A devoção a Nossa Senhora de Nazaré em Belém nasce da história do achado da Imagem da Santa por Plácido de Souza, no início do século XVIII. Depois que a história da Santa se popularizou e a Igreja institucionalizou a devoção, foi realizada a primeira grande procissão nas ruas de Belém, no ano de 1793 (IPHAN, 2006).

Desde então, o número de participantes nas procissões, eventos oficiais e extraoficiais só aumentou, sem falar nos aspectos econômicos e turísticos que estão presentes desde a criação do Círio (IPHAN, 2006; COSTA *et al*, 2008). No século XX, a festa passa a ser transmitida ao vivo pela TV (desde 1961) e pela Internet (desde 1997) (ALVES, 2002), o que amplia sua visibilidade e possibilita outras formas de acompanhamento e participação.

Desde sua origem, mas, sobretudo, na atualidade, pela dimensão e complexidade que alcançou, o Círio de Nazaré se configura como um grande fenômeno com dimensões culturais, sociais, econômicas e artísticas, para além de uma manifestação religiosa, que mobiliza diferentes práticas e proporciona diversas interações e experiências. Nesse sentido, o Círio possibilita, em diferentes cenas, a visualização e vivência de variadas formas de interação, dando a ver o comunicacional em suas múltiplas configurações.

Não à toa, encontramos vários estudos a respeito do Círio. Na Antropologia, dedicados ao caráter ritual e festivo do Círio (ALVES, 1980, 2005; NASCIMENTO, 2010), à relação entre sagrado e profano (FRUGOLI; BUENO, 2014) e à manifestação da identidade paraense e amazônica na festa (LOPES, 2011; MAUÉS, 2010; PANTOJA; MAUÉS, 2008). Na Sociologia, é estudado pelos seus imbricamentos sociais e culturais (MATOS, 2010). A partir da Teologia, foi discutido juntamente ao conceito de fé (AZEVEDO, 2008). Na Economia, foi analisado do ponto de vista das dinâmicas econômicas que desencadeia (COSTA *et al*, 2008).

Na Linguística, analisado em seus discursos (ASSUNÇÃO, 2012), além de ser percebido em sua expressão artística pelas Ciências da Arte (SANTA BRÍGIDA, 2003).

Diante de tantas abordagens, qual seria a contribuição da área da Comunicação nesse rol de estudos sobre o Círio? Trabalhos realizados por pesquisadores da área já abordaram o Círio a partir da sua midiatização, nas transmissões televisivas da procissão ao vivo (ALVES, 2002), e como fenômeno que passa a se reconfigurar a partir da utilização de mídias digitais e redes sociais pela Igreja Católica (SOUSA, 2013). Fausto Neto (2013), tendo como perspectiva também o fenômeno da midiatização, realiza uma análise de base semiótica a partir do conceito de circulação, em que percebe a geração e disputas de sentidos do Círio com a ampliação da festividade para os meios digitais.

Essas pesquisas são interessantes por registrarem os aspectos midiáticos da festa e como a relação com a mídia possibilita novas formas de interação e experiência no e com o fenômeno. Contudo, a constituição multi-interacional e experiencial do Círio demanda e, ao mesmo tempo, fornece elementos para a área de Comunicação, não centrados apenas na presença ou interação com as (e nas) mídias. Nesse sentido, o Círio nos interessa de duas formas nesta pesquisa:

1) Por fornecer elementos empíricos para um estudo comunicacional, não apenas do ponto de vista da inserção de diferentes mídias (como já estudado em trabalhos anteriores), mas, sobretudo, pela diversidade de sujeitos, experiências, interações, temporalidades e espacialidades que contempla. O Círio, oferece, portanto, uma ambiência complexa para analisarmos como a comunicação se constitui e constitui os sujeitos em interação;

2) Por mobilizar o cotidiano de paraenses e de cada vez mais pessoas de outras localidades, o Círio possibilita uma visão sobre a sociedade paraense em particular e a contemporaneidade em geral, o que requer ainda mais investigações que contribuam para sua compreensão, nas suas diversas faces e âmbitos. A Comunicação, nesse sentido, pode dar a ver as diferentes esferas da festa em interação e articulação.

Desse modo, tomamos esse fenômeno para problematizar: *o que é comunicação e como ela se constitui a partir de cenas do Círio de Nazaré*? Trata-se de um problema eminentemente teórico, mas que, de acordo com nossa orientação teórico-metodológica, baseada em uma perspectiva relacional da comunicação (FRANÇA, 2008; 2016; 2017), não busca ser desenvolvido a partir de categorias abstratas ou formulações pré-existentes. O Círio não se caracteriza, dessa forma, nesta pesquisa como um exemplo empírico do que trataremos do ponto de vista teórico. Ao contrário, ele nos possibilita romper com essa separação *teórico X empírico*.

Isso é exatamente o que a perspectiva pragmatista (MEAD, 1982; DEWEY, 2010) propõe como modo de produção de conhecimento, no qual experienciar e se relacionar com o mundo são formas de conhecê-lo.

Com isso, o Círio, em vez de ser uma exemplificação da teoria, configura-se como o espaço-tempo em que pudemos vivenciar e conhecer a comunicação, nas suas múltiplas dimensões e manifestações. É, portanto, a partir desse empírico que buscamos compreender o comunicacional que constitui as relações entre os sujeitos participantes dessa festa religiosa e cultural, assim como inferir consequências para os processos comunicativos mais amplos. O Círio, portanto, se configurou como fonte de conhecimento, não exemplo da teoria, possibilitando que, a partir de situações micro e específicas, compreendêssemos dimensões macro do comunicacional tecendo o mundo e o que somos.

É importante ressaltar que nosso direcionamento para entender como a comunicação se constitui no Círio não contempla apenas um movimento de identificação dos elementos constituintes das interações do Círio, mas, sobretudo, um segundo movimento: perceber como, de uma forma mais ampla, a comunicação constitui as relações humanas e sociais.

Mas a partir do quê podemos observar a configuração dos processos comunicativos? Como operador metodológico, construímos a noção de *cenas comunicativas*, com base principalmente na ideia de "quadros de sentidos" de Goffman (2012), entendendo-as, de forma mais ampla, como os "espaços-tempos" para os quais olhar na festividade a fim de identificar e analisar o entrelaçamento dos diferentes elementos e dimensões que compõem os processos comunicativos. Assim, as cenas comunicativas funcionam como recortes empíricos do fenômeno mais amplo analisado, da mesma forma que permitem a organização das experiências e das interações comunicativas a fim de analisá-las e identificar consequências delas para além dos micro-contextos de suas ocorrências.

Com isso, nossa pesquisa pretendeu analisar os processos comunicativos que envolvem o contexto da festividade de uma forma ampla, além de buscar fornecer uma nova perspectiva no âmbito de estudos do Círio de Nazaré. Assim, apesar de se centrar em um empírico específico, nossa pesquisa pretende contribuir para a identificação e compreensão das dimensões que constituem a comunicação de maneira geral, não apenas no âmbito do Círio.

Nosso objetivo geral nesta pesquisa é, portanto, *analisar como a comunicação constitui as relações estabelecidas entre os sujeitos no Círio de Nazaré a partir de cenas comunicativas que deem a ver diferentes formas de experiências e interações que a festa promove.*

Como objetivos específicos, estamos orientadas a:

- Identificar e analisar os elementos e as dimensões constituintes dos processos comunicativos do Círio;
- Construir o conceito de cenas comunicativas e sua operação metodológica;
- Elaborar um desenho metodológico híbrido, que valorize o diálogo entre o referencial teórico e o objeto empírico da pesquisa;
- Analisar cenas comunicativas do Círio, a partir de diferentes procedimentos qualitativos de coleta e análise;
- Inferir contribuições da análise dessas cenas comunicativas particulares para a compreensão do conceito de comunicação de forma mais ampla;
- Contribuir teórica e metodologicamente para os estudos sobre o Círio, a partir de uma perspectiva comunicacional.

Estações da pesquisa

O Círio é constituído por um fluxo de diferentes peregrinações, não somente no sentido das procissões e caminhadas do povo junto à Nossa Senhora de Nazaré, mas também em vários sentidos simbólicos de ir ao encontro do outro. Sendo um percurso, o peregrinar convoca e se constitui por espacialidades e temporalidades diversas.

Em alusão aos fluxos do Círio identificados, podemos dizer que nossa trajetória de pesquisa no doutorado foi uma peregrinação, que nos movimentou em diferentes direções teóricas e empíricas (e pessoais); deslocou-nos e nos posicionou conforme as situações; levou-nos ao encontro de nosso objeto empírico, que são diferentes interações comunicativas do Círio de Nazaré; apontou-nos para tempos e espaços vividos, imaginados e narrados; transformou nosso olhar, nosso pensamento, nossa experiência. Nossa metodologia, portanto, como uma caminhada de pesquisa, constituiu-se como uma peregrinação – sem promessa, mas com devoção ao comunicacional.

De maneira a respeitar e valorizar esse percurso, organizamos nossa escrita de uma forma talvez não convencional, pelo menos não para um trabalho acadêmico. A estrutura final reflete a orientação teórico-metodológica que nos inspirou e possibilitou o desenvolvimento do estudo, dando ênfase ao empírico, mas descrevendo-o e o analisando de forma articulada com o referencial e as decisões teóricas e metodológicas, com inferências e reflexões ao longo de

todo o texto. Assim, não há os convencionais capítulos de apresentação do empírico, de discussão teórica, de descrição metodológica e de análise.

A tese que segue está dividida em *Estações de Pesquisa*, em referência a um dos mais significativos símbolos da procissão Círio, a corda. Na romaria, existe uma corda, tomada por promesseiros, que conduz a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré ao longo do percurso até o seu destino. Hoje, como forma de organizar a participação popular nesse espaço da procissão, foram criadas estruturas de ferro, chamadas *Estações*, que conectam os pedaços da corda e que permitem a identificação visual e rápida do momento em que a procissão está, assim como sinaliza a proximidade da Santa, já que, após a corda, está a berlinda que abriga a Imagem de Nossa Senhora. As estações também são uma forma de controle do fluxo da procissão, pois existem pessoas da Diretoria da Festa comunicando-se entre si sobre o estado da corda em cada estação, permitindo o monitoramento do tempo do percurso.

Assim como a corda do Círio, nosso texto está dividido, mas igualmente conectado, por duas grandes *Estações*, que apresentam nosso percurso de investigação. Essas *Estações* também são uma forma de demarcar visual e textualmente as fases de nosso percurso de pesquisa, compilando em cada uma os passos metodológicos, os dados empíricos e as análises pertinentes e possíveis em cada *Estação*.

Assim, na *Estação 1: A empiria que nos move*, buscamos construir uma narrativa sobre o fenômeno empírico estudado, o Círio de Nazaré, de forma bastante abrangente, tanto para apresentá-lo ao(à)(s) nosso(a)(s) interlocutor(a)(s), quanto como procedimento metodológico, ou seja, observar o fenômeno em suas múltiplas dimensões antes de dar um segundo grande passo que foi selecionar para onde e o que olhar do ponto de vista comunicacional.

Nessa Estação apresentamos os levantamentos bibliográficos e documentais e os achados das imersões exploratórias em campo realizadas com o objetivo de compreender o Círio para além do que nossa experiência empírica, como devotas de Nossa Senhora de Nazaré, já nos possibilitava conhecer. Para isso, buscamos evidenciar já nesta Estação, as pistas que o Círio nos oferecia, ainda em uma fase exploratória, para observar a comunicação em movimento, constituindo-se e constituindo os sujeitos.

Assim, com base em pesquisas de outras áreas (MAUÉS, 2005, 2010; PANTOJA; MAUÉS, 2008; PANTOJA, 2006; PAES, 2013; SANTA-BRÍGIDA, 2008, 2014; SILVA, 2014), em dados e publicações oficiais (IPHAN, 2006; DIEESE, 2015) e nas incursões exploratórias realizadas, relatamos, na *Estação 1,* os mais diferentes aspectos que permeiam a

vasta programação de homenagem à Santa, destacando suas dimensões estéticas, rituais, religiosas, profanas e como manifestação popular (BRUNNER, 1988; MARTÍN-BARBERO, 1997; PEREZ, 2011; RAMA, 2002; ZUBIETA, 2000).

Na *Estação 2: Cenas comunicativas do Círio de Nazaré*, buscamos construir a noção de cena comunicativa como conceito, mas sobretudo como operador metodológico que nos conduziu para a análise das experiências e interações comunicativas de grupos de pessoas que participam do Círio.

Nesse percurso, apresentamos as histórias dos encontros que tivemos com duas famílias, os *Filhos da Esperança* e a *Família de Catarina*, que passaram a ser participantes da investigação, a partir da pesquisa de campo realizada em 2016, conforme agenda e abordagens explicitadas nessa *Estação*. Analisamos as cenas comunicativas que se configuraram a partir das experiências das duas famílias, cujas trajetórias se intersectam por meio da história de uma promessa para confecção e oferta de terços durante o Círio, como melhor explicitaremos na *Estação 2*.

Com base nas relações que estabelecemos com essas famílias e no acompanhamento de suas experiências no Círio, configuramos e analisamos seis cenas comunicativas:

- Cena 1: Tecendo os laços que tecem os terços
- Cena 2: A caminho da procissão
- Cena 3: As interações comunicativas nas redes sociais online
- Cena 4: A procissão e a entrega dos terços
- Cena 5: O encontro com a Santa
- Cena 6: O almoço do Círio

Para análise das cenas, de forma integrada, realizamos três movimentos metodológicos: **(i) a descrição e a articulação dos elementos integrantes da(s) cena(s)**, em que buscamos identificar os sujeitos, os espaços, os tempos, as materialidades, os símbolos, suas funções/posições e articulações para a composição das cenas, iniciando pela construção das árvores genealógica e comunicacional das famílias; **(ii) a análise das multidimensões comunicacionais que compõem a(s) cena(s)**, em que destacamos os aspectos que costuram os elementos em interação, em especial a análise da dimensão simbólica das interações; e **(iii) a articulação entre os contextos micro e macro da(s) cena(s)**, em que evidenciamos as marcas do contexto social mais amplo encarnadas nas interações específicas analisadas.

É importante destacar que esses movimentos não estão bem delimitados na estrutura do trabalho e na escrita em si, pois se deram de forma articulada, na análise das seis cenas. Dependendo também dos aspectos que o fenômeno empírico fazia emergir, convocamos diferentes autores que auxiliassem na compreensão dos sentidos e sentimentos gerados e compartilhados pelas interações dos sujeitos da pesquisa.

Esses movimentos nos acompanharam na escrita das considerações finais, que nominamos como *A chegada (temporária) da peregrinação de pesquisa*. Nessas páginas finais, destacamos três principais discussões sobre a comunicação que a análise das cenas comunicativas do Círio nos permitiu perceber. Primeiro, como o Círio nos ajuda a compreender melhor a comunicação, buscando aprender sobre o comunicacional a partir de um fenômeno empírico complexo como o Círio, nossa proposta central.

Segundo, experimentamos a configuração de tipologias de cenas comunicativas a partir das dimensões que se destacam nas cenas; essas tipologias nos ajudam a compreender os aspectos comunicativos em evidência nas cenas, sem se conformarem como categorias apriorísticas para categorizar outros fenômenos. E, por último, discutimos como o nosso próprio processo de pesquisa se constituiu por experiências significativas para nossa trajetória de pesquisa-vida, ou seja, não só analisamos a comunicação como precisamos experienciá-la para compreendê-la em suas multidimensões.

Gostaríamos, então, de convidá-la(o) à leitura e participação nesta peregrinação, indicando e esclarecendo algumas questões antes da partida. Como o trabalho traz muitas palavras que fazem parte do contexto específico do Círio e/ou de Belém e do Pará, ao final, encontra-se um glossário, cujos verbetes estão sinalizados, em sua primeira aparição no texto, com uma **grafia diferenciada**. Consulte o glossário sempre que achar pertinente.

Outro recurso utilizado foram QR Codes[1], que são códigos visuais que permitem o acesso a conteúdos disponibilizados digitalmente. No caso das canções citadas na Estação 1, fizemos questão de oferecer a você a oportunidade de experienciar outras dimensões das músicas que estão para além das letras. Assim, poderá perceber como a sonoridade dos tons e ritmos também são significativos para compreender a dimensão simbólica das interações analisadas.

[1] Para acessar o conteúdo de QR Codes, é necessário utilizar smartphone com câmera e ter instalado um aplicativo de leitura de QR Codes, muitos disponíveis gratuitamente tanto para sistemas Android como iOS no Google Play e na Apple Store. Sugestão de aplicativo gratuito para download: http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/qr-code-reader.html.

Também encontrará ao longo do trabalho muitas imagens, entre as quais muitas capturadas no decorrer da pesquisa por mim e pelas várias pessoas que colaboraram na pesquisa. Essas imagens estarão identificadas como do acervo da pesquisa, com o devido crédito a quem fotografou. Infelizmente, porém, nem sempre pudemos capturar, com a qualidade necessária, alguns aspectos que quisemos destacar no trabalho. Nesses casos, recorremos à busca por imagens digitais disponibilizadas na rede virtual em diferentes páginas (oficiais do Círio, da imprensa local e nacional, de agentes governamentais e não governamentais, entra outras). Em todos esses casos, referenciamos a fonte e, quando identificada(o), a(o) fotógrafa(o). Além das fotografias, trabalhamos com ilustrações e infográficos desenvolvidos por colaboradoras que nos ajudaram a melhor organizar e representar visualmente alguns dados e achados da pesquisa.

Além disso, para fins de esclarecimento, comumente Círio denomina tanto a festividade (programação da Igreja), quanto a procissão principal, quanto ainda o período mais amplo para além da programação oficial da Igreja. Usamos o termo nos três sentidos ao longo do texto, sempre que necessário fazendo a distinção sobre o que estamos nos referindo especificamente em cada momento.

Diante do exposto, em paralelo a uma análise comunicacional do Círio de Nazaré, este trabalho se constitui como um passeio por uma grande manifestação cultural e religiosa que dá a ver, nos detalhes, marcas do que somos. A comunicação foi nosso guia de leitura, ao nos possibilitar apreender vivências no movimento de sua própria constituição. Esperamos que a leitura seja rica, como o processo de escrita e descobertas foi para nós.

ESTAÇÃO 1

A EMPIRIA QUE NOS MOVE

ESTAÇÃO 1: A EMPIRIA QUE NOS MOVE

Como processo tátil, tentativo (BRAGA, 2010) e de tomada de decisões (BRAGA, 2011), nosso processo de pesquisa se revelou ele mesmo um percurso eminentemente comunicacional, em que nos encontramos e reencontramos com os sujeitos, com as referências da pesquisa e com nós mesmos. Nesta primeira Estação, narramos o processo de encontros e reencontros com o Círio como fenômeno empírico que sempre nos foi familiar, mas que nos exigiu exercitar um olhar ao mesmo tempo de estranhamento e distanciamento, para que ele nos revelasse sua complexidade.

Primeiros passos teórico-metodológicos

Pelas características de nosso objeto empírico e, sobretudo, pela construção teórica proposta, a metodologia foi um dos desafios nesta pesquisa, que pode ser caracterizada como qualitativa. Para Orozco-Gómez & González-Reyes (2012), a pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender os fenômenos comunicacionais para além de uma verificação empírica, busca construir associações entre os elementos que compõem um dado fenômeno e explicitar essas relações. Em especial, dá valor às percepções dos próprios sujeitos da pesquisa, incluindo o pesquisador, relacionando sentidos e experiências que não estão objetivamente explícitos na situação analisada.

De caráter eminentemente indutivo, a abordagem qualitativa analisa microprocessos aprofundando-se no particular para formular reflexões mais gerais, sem se preocupar obrigatoriamente com a representatividade percentual que esse particular tem. A preferência pelo método indutivo busca produzir teoria fundada no empírico, a partir de uma racionalidade que os autores chamam de racionalidade substantiva, que está preocupada no uso da razão para aprofundamento da compreensão dos fenômenos, se contrapondo a uma racionalidade instrumental, que lança mão de técnicas e fórmulas para testar a teoria no empírico a fim de verificar sua validade. O qualitativo, portanto, requer uma percepção processual da pesquisa, em vez de uma simples busca de resultados.

Na construção de nosso percurso no doutorado, uma corrente que nos possibilitou essa construção foi o Pragmatismo Norte-Americano, a partir dos estudos de pesquisadores da Escola de Chicago do final do século XIX, início do XX, como George Herbert Mead e John Dewey. Não é objetivo aqui traçar um amplo panorama da corrente pragmatista e sua

apropriação em estudos comunicacionais. Mas, a fim de evidenciar a contribuição desta corrente para a nossa pesquisa, é relevante destacarmos que, enquanto filosofia da ação, o Pragmatismo propõe o conhecimento do mundo a partir de nossas intervenções e práticas. Buscando rearticular a dualidade entre ação e pensamento, essa corrente evidencia que a nossa forma de conhecer o mundo se dá pela própria experiência no mundo, de maneira reflexiva, ou seja, padecendo (no sentido de ser afetado) e agindo sobre o mundo (DEWEY, 2010). Isso, em termos metodológicos implica que

> Estudar a sociedade-em-construção significa mais do que descrevê-la em termos científicos; também significa compreendê-la – ou melhor – experienciá-la, se possível a partir de imersão direta no mundo da vida cotidiana onde ela é rotineiramente gerada pelos participantes em comunicação (SHALIN, 2011, p. 96, tradução nossa)[1].

Pogrebinschi (2005) aponta como um dos princípios do Pragmatismo o antifundacionalismo, que consiste em despir-se de "categorias apriorísticas" para analisar o social, "negar que o pensamento seja passível de uma fundação estática, perpétua, imutável" (POGREBINSCHI, 2005, p. 26). Significa que o conhecimento é falível, móvel, passível de constante crítica e renovação.

Com o antifundacionalismo, percebe-se que as ideias são componentes da experiência, não sua abstração. Logo, o Pragmatismo se opõe ao Idealismo e vai além do Empirismo, é: "a ação prática dos homens que deve servir de fundamento para a filosofia, fundamento este que nem pode ser denominado como tal, assentado que está nas idéias [sic] de variação, de mutação e de incerteza" (POGREBINSCHI, 2005, p. 37).

Nesse sentido, o Pragmatismo dirigiu nosso olhar para a esfera da experiência e das práticas sociais, iluminando um fenômeno passível de análise pela sua dimensão manifesta e experiencial. Consequentemente, ao olharmos para essa esfera, percebemos que a comunicação não é qualquer forma de ação – e aí reside mais uma contribuição do Pragmatismo: trata-se de uma ação conjugada, que não prescinde de uma co-habitação, ou melhor, de uma ação "entre". Comunicação, nessa perspectiva, é inter-ação.

Não à toa, a Escola de Chicago, apesar de sociológica, muito tratou de comunicação, pois seu enfoque estava, sobretudo, na compreensão das interações em suas diferentes

[1] Livre tradução do original: "Studying society-in-the-making meant more than describing it in scientific terms; it also meant understanding – better still – experiencing it, if possible by direct immersion in the mundane world of everyday life where it is routinely generated by the participants in social intercourse".

problemáticas no contexto de urbanização da virada de séculos nos Estados Unidos. Relidos por pesquisadores brasileiros contemporâneos, os autores pragmatistas norte-americanos, como George Herbert Mead, trazem contribuições fundamentais para a formulação de nosso problema de pesquisa: *O que é comunicação e como ela se constitui a partir de cenas do Círio de Nazaré?*

Em termos metodológicos, o Interacionismo Simbólico, de inspiração pragmatista, teve um papel importante no desenvolvimento de procedimentos de pesquisa qualitativa no início do século XX. Goldenberg (2004) atribui aos interacionistas da Escola de Chicago a utilização de técnicas originais de pesquisa nas Ciências Sociais para a época, como a análise de documentos pessoais, cartas e trabalho de campo.

Segundo Haguette (2013), são cinco os princípios metodológicos dos interacionistas: (i) o pesquisador precisa ter um conhecimento prévio da empiria a ser investigada, visto que (ii) são as questões desse empírico que auxiliarão na construção do problema de pesquisa; (iii) são as características do objeto empírico que também indicarão quais tipos de dados precisam e podem ser coletados e os procedimentos para coleta; (iv) o tratamento dos dados passará pela interpretação do pesquisador e (v) os conceitos estarão estreitamente ligados ao problema e à natureza do objeto investigado.

Com isso, Haguette (2013) sinaliza mais orientações de pesquisa do que um passo a passo propriamente dito, até porque, para os interacionistas que trabalharam a pesquisa qualitativa, o processo de investigação deve ser sensível o suficiente para dialogar e tensionar a realidade pesquisada, mudando rotas, técnicas e conceitos se o objeto assim o demandar. Como consequência dessa abertura e imersão, contudo, é preciso ter consciência de que a atuação do pesquisador como observador participante também implica na alteração dos contextos interacionais analisados.

> Observar a inteligência humana funcionando implica muitas coisas. Significa estudar pessoas *in situ*, no seu habitat natural; requer a disposição por parte do pesquisador para estabelecer relações pessoais com os sujeitos, compartilhar seus problemas, sentimentos e pensamentos; e mais importante, implica que o ato de pesquisar se insira no curso dos eventos e afete as situações estudadas (SHALIN, 2011, p. 98, tradução nossa)[2].

[2] Livre tradução do original: "Observing human intelligence at work implied several things. It meant studying people in situ, in their natural habitat; It required the readiness on the part of the researcher to enter personal relations with the subjects, to share their problems, feelings and thoughts; mostly importantly, it implied that the research act may enter the course of events and affect the situations under study".

Essa perspectiva foi criticada não somente pelas Ciências Exatas, expressivamente quantitativas, como também por uma parte dos cientistas sociais que apontaram a limitação das análises do Interacionismo Simbólico a situações micro do cotidiano, muitas vezes devedoras das relações com as macroestruturas e os macroprocessos da sociedade, sem contar com o grau de envolvimento do(a) pesquisador(a) com a situação de análise que fere o princípio de uma suposta neutralidade.

Em nosso trabalho, de orientação interacionista, apesar de centrarmos em uma empiria bastante específica (que são as interações comunicativas no Círio), exercitamos a construção de uma nova epistemologia que nos permita conhecer os processos comunicativos desde os seus locais de desenvolvimento, o que significa entendê-los a partir de suas lógicas próprias, suas constituições históricas e culturais particulares, sem se esgotar em exclusivismos e particularismos. Igualmente de orientação pragmatista, tivemos em vista, na prática, ir ao encontro das realidades que estudamos, com uma postura epistemológica menos categorizável ou explicativa e mais permissiva às relações que a realidade nos ajudasse a observar e refletir sobre (MARTÍN-BARBERO, 1987, 2004).

Com isso, nossa pesquisa foi guiada pela processualidade própria de nosso objeto de estudo. Em vez de identificar as múltiplas dimensões do comunicacional no Círio, o próprio Círio nos possibilita ver a comunicação na sua manifestação multidimensional, entrelaçada. E esse é um movimento que Braga (2016) propõe como fundamental para as pesquisas na área.

Para o autor, o processo da pesquisa se desenvolve em três níveis: o epistemológico (não restrito a estudos propriamente epistemológicos, mas um elemento do interesse de fundo de toda pesquisa científica); o teórico-metodológico (que orienta e constrói o percurso da pergunta à análise); e o tático (o enfrentamento prático com o objeto, as formas de se relacionar com o empírico estudado e todas as implicações decorrentes dessa relação).

Em vez de partir do epistemológico para se chegar ao tático passando pelo teórico-metodológico, Braga (2016) sugere o inverso. Ou seja, partir do tático, de modo a aprender com a empiria e permitir que a prática da comunicação nas diferentes situações cotidianas ou extraordinárias nos faça gerar inferências. A proposta é estabelecer um processo indiciário, sobre o que é a comunicação e como ela constitui os mais diversos processos sociais.

Por isso, para Braga, o epistemológico é indissociável da pesquisa em Comunicação, pois, ao estudarmos qualquer que seja o fenômeno social, nossa atenção estará voltada para

aprender o que tal fenômeno nos revela sobre a comunicação. Em vez de resultados explicativos, nossas pesquisas nos conduziriam a inferências apenas parcialmente conclusivas e a todo momento sujeitas à reformulação, a partir de novas perguntas.

Nessa perspectiva, o que discutiremos serão exatamente as inferências que o Círio nos possibilitou levantar acerca do processo comunicativo, tensionadas, certamente, com uma perspectiva teórica específica e não consensual na área. Compreender a comunicação em suas múltiplas dimensões e aspectos é uma orientação de uma abordagem relacional da comunicação (FRANÇA, 2003, 2016), que a percebe como a articulação de diferentes elementos (interlocutores, produção simbólica, situação de interação imediata e contexto social mais amplo). "A relação que se estabelece entre esses elementos é móvel e diversificada. O objetivo da análise comunicativa é justamente captar o desenho dessas relações" (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p. 18). O relacional nos auxilia, portanto, a observar a comunicação como um fenômeno multidimensional.

Mas como tornar isso possível na prática, sem perder de vista o viés comunicacional e o olhar acadêmico a partir do qual estudamos uma empiria tão diversa e dinâmica como o Círio? Maia e França (2003) apontam-nos um caminho:

> A construção do "olhar comunicacional" passa pelo desafio do como apreender essa prática móvel e multifacetada. Se a comunicação é confluência de vários elementos e dinâmicas (é a relação dos interlocutores, a construção discursiva, a produção e interpretação de sentidos, realizada por suportes específicos, enraizada em um dado contexto sócio-histórico), uma perspectiva de estudo comunicacional implica uma abordagem, uma metodologia que busque dar conta da apreensão do movimento, pluralidade e interseção dos elementos aí contidos (MAIA; FRANÇA, 2003, p. 198).

Na sequência, as autoras afirmam que "uma abordagem comunicacional dos fenômenos é necessariamente híbrida" (MAIA; FRANÇA, 2003, p. 199). Diante disso, em nossa peregrinação, acionamos e configuramos diferentes estratégias e técnicas de pesquisa, adaptando-as às diversas necessidades, situações e sujeitos com os quais interagimos.

Desde o início, a pesquisa bibliográfica se configurou como movimento permanente ao longo do doutorado. Como já mencionado, tivemos contato com uma literatura ampla de autores e/ou sobre a Escola de Chicago (DEWEY, 1998, 2010; GOFFMAN, 1999, 2012a, 2012b, 2014; JOAS, 1999; MEAD, 1932, 1982; POGREBINSCHI, 2005; SHALIN, 2011) e seus leitores contemporâneos (FRANÇA, 2008; FRANÇA; SIMÕES, 2014; MENDONÇA; SIMÕES,

2012) e esse referencial foi central na orientação dos caminhos que trilhamos e das decisões tomadas em relação à abordagem junto aos sujeitos participantes da pesquisa, seleção de situações de observação, (re)leituras, entre outros passos. O enfoque nas interações e nas experiências dos sujeitos se deve primordialmente a essa matriz.

Igualmente importante nessa caminhada foi o tensionamento de pragmatistas e interacionistas com outras matrizes de pensamento que costuramos ao longo de nossa trajetória acadêmica. Destacamos as contribuições da Escola Latino-Americana de Comunicação para uma visada comunicacional da cultura (BRUNNER, 1988, GARCÍA-CANCLINI, 2013; MARTÍN-BARBERO, 1987, 1997, 2004; OROZCO-GÓMEZ; GONZÁLEZ-REYES, 2012; RAMA, 2002; ZUBIETA, 2000) assim como de autores brasileiros para uma visada epistemológica sobre o comunicacional (BRAGA, 2008, 2010, 2011a, 2011b, 2012, 2016; FRANÇA, 2003, 2016, 2017; FRANÇA; SIMÕES, 2016; MAIA; FRANÇA, 2003; VALVERDE, 2010, 2017). Podemos dizer que é dessa hibridação que buscamos encontrar formas de compreender a comunicação na sua manifestação no Círio.

Um dos nossos primeiros movimentos metodológicos também foi o aprofundamento da pesquisa bibliográfica e do estado da arte dos trabalhos realizados em diversas áreas de conhecimento acerca do Círio. O estado da arte nesta pesquisa não apenas contribuiu para contextualizar nosso estudo, mas, sobretudo, auxiliou-nos na percepção e compreensão das interações e experiências já observadas nessas investigações, os sujeitos e coletividades envolvidos, as temporalidades e espacialidades em conexão com os sujeitos, entre outros aspectos. Em suma, este movimento também se configurou como matéria-prima fundamental para aprofundarmos nosso conhecimento sobre o Círio, em suas múltiplas dimensões.

Outro passo nesse sentido foi o levantamento das atividades que envolvem o Círio, desde o primeiro semestre, conforme sintetizamos na Figura 1, na página 36. Esse movimento foi fundamental para que construíssemos uma visão geral e ampla do Círio, antes de selecionar, para um segundo momento da pesquisa, as interações a serem analisadas.

FIGURA 1

AGENDA CÍRIO

24 APRESENTAÇÃO DO CARTAZ
- Horário: 19h30
- Local: Praça Santuário

28 ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE DIRIGENTES DE PEREGRINAÇÃO
- Horário: 8h
- Local: Hangar - Centro de Convenções da Amazônia

29 MISSA DO MANDATO
- Horário: 18h
- Local: Basílica Santuário

30/09 a 05/10 PEREGRINAÇÕES
- Local: Casas dos bairros de Belém

04 ABERTURA OFICIAL DO CÍRIO
- Horário: 19h
- Local: Casa de Plácido

04 TRASLADO DO CARRO DOS MILAGRES
- Horário: 21h
- Saída: Basílica Santuário
- Chegada: Companhia das Docas do Pará

06 MISSA APRESENTAÇÃO DO MANTO
- Horário: 18h
- Local: Basílica Santuário

07 TRASLADO PARA ANANINDEUA/MARITUBA
- Horário: 8h
- Saída: Basílica Santuário
- Chegada: Igreja Matriz de Ananindeua

07 AUTO DO CÍRIO
- Horário: 19h
- Saída: Praça do Carmo
- Chegada: Praça D. Pedro I

05 a 09 FEIRA DO MIRITI - Local: Praça Valdemar Henrique

08 ROMARIA RODOVIÁRIA
- Horário: 5h30
- Saída: Igreja Matriz de Ananindeua
- Chegada: Trapiche de Icoaraci

08 ROMARIA FLUVIAL
- Horário: 9h
- Saída: Trapiche de Icoaraci
- Chegada: Escadinha do Cais do Porto de Belém

08 ARRASTÃO DO CÍRIO
- Horário: 11h30
- Local: Escadinha do Cais do Porto de Belém

08 MOTO ROMARIA
- Horário: 11h30
- Saída: Praça Pedro Teixeira
- Chegada: Colégio Gentil Bittencourt

08 DESCIDA DA IMAGEM
- Horário: 12h30
- Local: Basílica Santuário

05 a 09 FEIRA DO MIRITI - Local: Praça Valdemar Henrique

08 MISSA DA TRASLADAÇÃO
- Horário: 16h30
- Local: Colégio Gentil Bittencourt

08 TRASLADAÇÃO
- Horário: 17h30
- Saída: Colégio Gentil Bittencourt
- Chegada: Catedral da Sé

08 FESTA DA CHIQUITA
- Horário: 23h
- Local: Praça da República

09 MISSA DO CÍRIO
- Horário: 5h
- Saída: Catedral da Sé

09 PROCISSÃO DO CÍRIO
- Horário: 6h30
- Saída: Catedral da Sé
- Chegada: Basílica Santuário

05 a 09 FEIRA DO MIRITI - Local: Praça Valdemar Henrique

09 a 23 CÍRIO MUSICAL - Horário: 20h30 - Local: Concha Acústica

15 CICLO ROMARIA
- Horário: 8h
- Saída: Praça Santuário
- Chegada: Praça Santuário

15 ROMARIA DA JUVENTUDE
- Horário: 15h
- Saída: Paróquia Nossa Senhora Mãe da Divina Providência
- Chegada: Basílica Santuário

16 ROMARIA DAS CRIANÇAS
- Horário: 8h
- Saída: Praça Santuário
- Chegada: Praça Santuário

22 CAVALGADA
- Horário: 9h
- Saída: Parque de Exposições de Belém
- Chegada: Praça Santuário

22 ROMARIA DOS CORREDORES
- Horário: 5h30
- Saída: Praça Santuário
- Chegada: Praça Santuário

09 a 23 CÍRIO MUSICAL - Horário: 20h30 - Local: Concha Acústica

23 CORRIDA DO CÍRIO
- Horário: 6h
- Saída: Av. Assis de Vasconcelos
- Chegada: Av. Assis de Vasconcelos

23 PROCISSÃO DA FESTA
- Horário: 8h
- Saída: Igreja Santo Antonio Maria Zaccaria
- Chegada: Basílica Santuário

23 MISSA DE ENCERRAMENTO
- Horário: 19h30
- Local: Basílica Santuário

23 ENCERRAMENTO DO CÍRIO
- Horário: 21h
- Local: Casa de Plácido

23 ESPETÁCULO DE ENCERRAMENTO
- Horário: 22h
- Local: Praça Santuário

05 a 23 CÍRIO MUSICAL - Horário: 20h30 - Local: Concha Acústica

24 SUBIDA DA IMAGEM
- Horário: 5h30
- Local: Basílica Santuário

24 RECÍRIO
- Horário: 7h
- Saída: Praça Santuário
- Chegada: Colégio Gentil Bittencourt

CALENDÁRIO COM BASE EM 2016

Fonte: Elaborado para a pesquisa.

Para compor esse mapeamento, consultamos acervos existentes sobre o Círio, como o da Biblioteca do Círio[3], digital e disponível para acesso online, e o do Museu do Círio, que reúne objetos históricos e representativos das procissões e demais eventos, assim como peças artísticas e literárias. Nesses acervos, encontramos registros em diferentes linguagens, das mais diversas formas de interação na festa, seus tempos e localidades de ocorrência.

Fizemos também o levantamento de toda a agenda oficial (elaborada e coordenada pela Diretoria da Festa) e não oficial do Círio, por meio do acompanhamento das redes sociais e páginas web dos grupos organizadores dos eventos, assim como da imprensa de Belém. Consideramos ainda nossa experiência empírica com a festividade como participantes periódicas de vários eventos, o que, ao mesmo tempo que nos possibilitou ter alguns conhecimentos prévios, nos desafiou a olhar com novos olhos para práticas até então comuns para nós.

Realizamos ainda diversas observações exploratórias na ocasião do Círio 2015. Para isso, montamos uma agenda de observações aliada a uma pesquisa de iniciação científica, realizada no âmbito do grupo de pesquisa que integramos na Universidade Federal do Pará (UFPA) em Belém[4]. No meu caso, priorizei a participação em atividades e eventos que ainda não tinha experienciado como devota de Nossa Senhora. Apesar de vivenciar a festa desde criança, foi um processo de descoberta participar e frequentar novos espaços antes, durante e depois da Quadra Nazarena nesta pesquisa.

Assim, frequentamos: a Missa de Abertura Oficial do Círio, o Curso de Fotografia do Círio com Guy Veloso, a Missa de Apresentação do Manto, o Auto do Círio, a Romaria Rodoviária, a chegada da Romaria Fluvial e o início da Motorromaria, a Trasladação e a Procissão do Círio, o Círio Musical (shows dos grupos Rosas de Saron e Ministério Adoração e Vida), a Cicloromaria, a Romaria da Juventude, a Corrida do Círio, a Romaria dos Corredores, a subida da Imagem Original ao "O Glória", o Recírio e a Coletiva de Imprensa Oficial de Encerramento do Círio 2015. Por vezes, eu ia sozinha, acompanhada de colaboradores da pesquisa ou os colaboradores iam sozinhos, trazendo os relatos e registros de observação.

[3] Disponível em: <www.bibliotecadocirio.org>. Acesso em: 11 jul. 2015.
[4] Concomitante à nossa pesquisa, uma bolsista de iniciação científica, Ana Luiza Pires, do Grupo de Pesquisa em Processos de Comunicação (PESPCOM), desenvolvia um estudo sobre as experiências e interações de jovens no Círio de Nazaré. Nesse contexto, pudemos compartilhar várias atividades de pesquisa e idas a campo, o que contribuiu bastante para o desenvolvimento de vários passos de nosso percurso.

Destaco minha a participação nas duas maiores procissões da festividade, a Trasladação e o Círio propriamente dito, a serem detalhadas mais adiante nesta Estação. Como naquela ocasião buscava experienciar a festa de pontos de referência diferentes do que já havia participado, acompanhei as procissões de um lugar que considerei estratégico: a área reservada de um hotel, localizado na metade do percurso, com vista acima do nível da rua (Figura 2). Julguei, naquele momento, que era importante ter essa visão mais panorâmica da passagem dos fiéis e da Santa, possibilitando assistir à passagem completa das procissões.

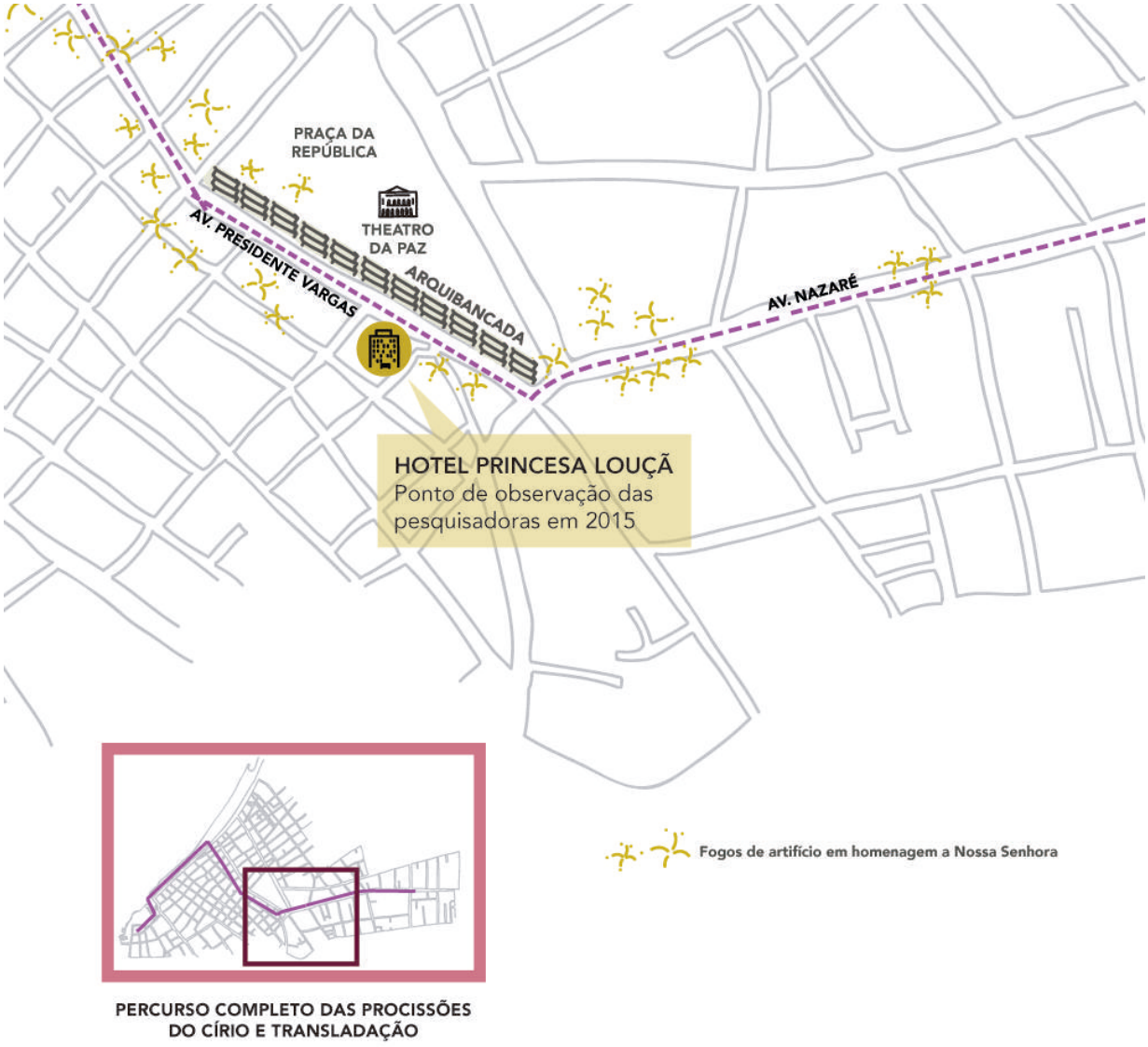


Figura 2. Mapa da localização do ponto de observação da pesquisa em 2015.

Fonte: Elaborado para a pesquisa.

Por fim, outra fonte de consulta foram as pesquisas do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) e outras instituições sobre as dinâmicas sociais na cidade de Belém durante a festividade (economia, turismo, transporte, segurança pública, trajetos e públicos das procissões, etc.). Tivemos contato com o escritório regional do Dieese no Pará, tendo acesso ao roteiro de toda a organização e estrutura do Círio 2016, além de conversar com o diretor do Escritório Regional Pará do Departamento, Roberto Sena, que durante este contato se declarou abertamente devoto de Nossa Senhora.

A partir, então, desses levantamentos, buscamos organizar as informações, impressões e materiais coletados em fontes primárias e secundárias, a fim de desenvolver uma narrativa sobre a empiria que nos move. A ideia dessa narrativa é apresentar o Círio ao(à) nosso(a) interlocutor(a), e, ao mesmo tempo, dispor à mesa os diferentes elementos, eventos, sujeitos e dimensões que compõem a festa, de maneira a nos fornecer subsídios para configurar, posteriormente, nossa seleção de análise.

Destacamos esse processo narrativo como procedimento metodológico, visto que foi ao tentar desenvolver uma articulação entre informações e experiências junto ao Círio que também pudemos, ainda que pontualmente, evidenciar os sentidos e sentimentos que emergem das interações entre os sujeitos em diferentes espaços e tempos da festa. Trata-se de narração, não descrição, pois implica a seleção que fizemos sobre o que falar, que detalhes destacar e, sobretudo, como estruturar e organizar o encadeamento dos eventos, sem se bastar na enumeração cronológica dos mesmos, tentando relacioná-los conforme suas semelhanças de sentidos e experiência.

A narrativa foi orientada principalmente pelo nosso olhar sobre a festa em articulação com os referenciais, a fim de extrair dessas relações possibilidades posteriores de análise. A escrita que se segue, portanto, é resultado desse processo de mapeamento do Círio, tanto como forma de melhor apresentá-lo para quem não o conhece quanto como forma de tecer as primeiras relações teórico-empíricas, de maneira a observar e tomar as decisões sobre que caminhos percorrer depois.

O próprio fenômeno empírico que nos afeta e nos convoca a desenvolver esta pesquisa no doutorado provoca-nos a uma redação polifônica (BAKHTIN, 2014), multicronológica, multiespacial, multidimensional e sinestésica, permeada pelas vozes, experiências, escritas verbais e não-verbais de diferentes sujeitos que são afetados pelo Círio, inclusive nós durante a pesquisa e mesmo antes.

Assim, desenvolver essa narrativa foi uma tarefa desafiadora, pois já é possível dizer que há vários registros sobre o Círio, de cunho histórico-institucional (IPHAN, 2006; HENRIQUE, 2016), fotográfico e comercial, incluindo edições bilíngues (MENDONÇA; BONNA, 2013, 2015; VASCONCELOS; BONNA, 2010, 2011), literário (MONTEIRO, B., 2011; MONTEIRO, A. *et al*, 1995), entre outros. Mas aqui cabe apresentá-lo não somente como uma festa de matriz religiosa cristã e forte tradição popular que acontece na cidade de Belém, capital do estado do Pará. A proposta é oferecer ao leitor que nunca o viu, a possibilidade de imaginá-lo e, se possível, senti-lo. Ao mesmo tempo, para quem já o vivenciou, gostaríamos que o texto igualmente permitisse uma experiência, ao evidenciar aspectos que saltaram aos nossos sentidos quando o tensionamos teoricamente durante a pesquisa.

O surgimento de uma devoção popular

Como é habitual nas comemorações populares de santos católicos, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré possui uma programação intensa durante uma quinzena, no mês de outubro, com procissões, celebrações e homenagens, de diferentes naturezas, a Nossa Senhora. Porém, para além dessa cronologia própria, o Círio é constituído por diferentes temporalidades e é composto por atividades durante todo o ano, fazendo transbordar diferentes tempos – presentes, passados e futuros, inclusive imaginados.

Antes de tomar as proporções que o levaram a ser um patrimônio cultural de natureza imaterial, reconhecido em 2004 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural (IPHAN), o Círio nasceu de uma devoção popular, que teve origem atribuída à história do achado da Imagem de uma Santa[5] às margens do Igarapé Murutucu[6], em Belém, por um "caboclo" chamado Plácido de Souza, no início do século XVIII. Toda vez que era retirada das margens do igarapé para as sedes do governo ou da Igreja, a Imagem voltava para o local de origem[7]. A devoção conta que após várias tentativas de mudá-la de lugar, não restou outra opção senão

[5] Constitui tradição na Igreja Católica a veneração de santos. Do ponto de vista formal, santo é um distintivo concedido pela Igreja a pessoas que reconhecidamente intercederam a Deus para a realização de milagres em vida ou após a morte. No caso de Maria, existe um reconhecimento ainda maior à sua santidade, visto a ela estarem atrelados vários mistérios de fé, como sua virgindade e a concepção de Jesus por meio do Espírito Santo. Mais do que santa, Maria tornou-se Nossa Senhora, com diferentes denominações no mundo todo, de acordo a relação estabelecida em diferentes comunidades cristãs. Aqui, usaremos o termo Santa não no sentido institucional da Igreja, mas a partir do uso popular dessa denominação para se referir também às diferentes Nossas Senhoras.

[6] O Igarapé Murutucu é um afluente do Rio Guamá, que passava, à época do achado da Imagem, atrás de onde hoje está localizada a Basílica Santuário. Hoje, o local é asfaltado.

[7] A história do achado de imagens é comum na tradição da devoção popular de santos católicos. Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, por exemplo, possui relatos semelhantes.

construir uma capela simples no local em que foi encontrada e onde hoje está construída a **Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré** (IPHAN, 2006).

É importante citar que a devoção a Nossa Senhora de Nazaré no Pará é anterior ao que se desenvolveu em Belém. A denominação de Nossa Senhora e a própria Imagem Original venerada em Belém são de origem portuguesa no século XII, conforme Figura 3.

Figura 3. Imagem original de N. Sra. de Nazaré. Os traços do rosto da Imagem Original encontrada por Plácido e que existe até hoje – localizada no topo do altar da Basílica Santuário em Belém – são tipicamente de uma matrona portuguesa (MAUÉS, 2010).

Fonte: Biblioteca do Círio (www.bibliotecadocirio.org).

Antes da descoberta e da veneração iniciar na capital paraense, foi no município de Vigia[8], interior do estado, onde primeiramente se ouviu falar na história de devoção à Santa, trazida pelos portugueses no início do século XVII, como trataremos no final desta Estação.

Entretanto, foi em Belém que a devoção se expandiu e ganhou maiores dimensões ao longo do tempo. Isso aconteceu, pois a capela construída por Plácido passou cada vez mais a receber devotos e peregrinos em busca da nova Santa da cidade. No final do século XVIII, vendo que a história se popularizava, a Igreja Católica e o Estado trataram de institucionalizar a devoção. Em pesquisa feita para compor o dossiê do IPHAN (2006) sobre o Círio, foi registrado que, em 1773, a Imagem foi enviada para restauro em Portugal. Vinte anos depois, em 1793, a Igreja organizou a primeira grande procissão nas ruas de Belém, juntamente com a realização de uma feira rural pelo poder estatal, envolvendo cerca de 10 mil pessoas, após a autorização da Coroa Portuguesa em 1790. Desde então, passou a integrar, anualmente[9], o calendário cultural-religioso de Belém o que ficou conhecido como Círio de Nazaré. O nome advém da referência a um objeto bastante comum em celebrações católicas, o círio (Figura 4), grande vela que geralmente é usada em procissões como símbolo de luz, guia na caminhada.

Figura 4. Círio Pascal em uma procissão. A vela é bastante utilizada no período de Páscoa, principalmente na celebração do Sábado Santo, em que é realizada a procissão e a celebração do fogo, como a da imagem.

Fonte: Blog oficial da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Almadina-BA.

[8] Vigia fica a aproximadamente 100 Km de Belém e a viagem de carro até o município é de cerca de duas horas.
[9] Há o registro de apenas um ano em que o Círio não foi realizado desde a sua criação em 1793. Trata-se do ano de 1835, em que os Cabanos (como eram chamados os integrantes do movimento político-popular da Cabanagem) tomaram a cidade de Belém em luta contra o intendente da então Província do Pará.

Ao longo dos anos, com a repercussão da devoção, a festa se complexificou, congregando cada vez mais pessoas e eventos para além da procissão principal no domingo. Foi assim que foram incluídos e se fortaleceram alguns gestos e objetos simbólicos à procissão em específico, e à festa como um todo, como os **ex-votos**, os objetos oferecidos por devotos à Santa em agradecimento por graça alcançada ou pedindo alguma bênção espiritual ou material.

Em 1855, surgiram a **berlinda** e sua **corda**, sendo a última com um objetivo prático de desatolar a berlinda em um trecho da procissão que tinha condições prejudicadas devido a uma forte chuva. Anos depois, em 1868, esses elementos passaram a integrar oficialmente o Círio, no caso da corda não mais como apenas um instrumento, mas um espaço de devoção na procissão, isso porque com o tempo foi se constituindo como uma honra puxar a corda e poder ajudar a Santa a "caminhar" durante a procissão. Assim, a corda passou a ter alto valor simbólico, sendo segurada e puxada por **promesseiros** como forma de sacrifício em retribuição à graça alcançada, como detalharemos adiante.

No século XX, precisamente a partir de 1901, a procissão passou a ser fixa no calendário, acontecendo sempre no segundo domingo de outubro. É no início desse século também que é inaugurada a Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, que se tornou em seguida Basílica e mais recentemente Santuário[10].

Figura 5. Foto atual da Basílica Santuário de Nazaré. A construção da igreja iniciou em 1909. Apenas em 1923 foi inaugurada.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Marcelo Rodrigues.

[10] Basílicas são igrejas de grande porte, caracterizadas por serem referência em sua região ou país, por vezes com status internacional. Já Santuário são igrejas que também se caracterizam por ser referência, mas agregam outros aspectos, como o abrigo de relíquias religiosas, a denominação de um Santo/a Padroeiro/a da cidade, estado ou país, além de ser um espaço que recebe grande fluxo de peregrinos (Fonte: Site Canção Nova).

Com vistas a preservar a Imagem original, em 1963 foi encomendada pela Igreja a confecção de uma réplica da Imagem original. Após a adoção, na procissão em 1966, da réplica da Imagem, também conhecida como **Imagem Peregrina** (Figura 6), a Imagem original passou a ser exposta para veneração dentro da Basílica durante a festividade a partir de 1968 e só saiu em duas ocasiões: quando da realização do 200º Círio, em 1992, e quando da visita do Papa João Paulo II a Belém, em 1980. Ao longo do ano, a Imagem é colocada no altar-mor da igreja, em um local conhecido como "O Glória", conforme Figura 7.

Figura 6. Imagem peregrina de N. Sra. de Nazaré. Curioso citar que, enquanto a Imagem original possui traços fenotípicos europeus, a réplica propositalmente foi esculpida com semblante indígena, como forma de aproximar ainda mais a Santa de grande parte da população paraense.

Fonte: Divulgação Círio de Nazaré.

Figura 7. Imagem original de N. Sra. de Nazaré no "Glória". Trata-se de uma redoma de cristal à prova de balas, com destaque entre as pinturas e esculturas que compõem o altar da Basílica.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Marcelo Rodrigues.

Em 1971, foi publicada a Lei Estadual nº 4.371, que proclamou a Virgem de Nazaré como a Padroeira do Pará e Rainha da Amazônia. A partir da década de 1970 também foram criados novos eventos religiosos e culturais, como a Festa da Chiquita, outras procissões e manifestações culturais que narraremos mais adiante. No final do século XX, já era estimada a participação de dois milhões de pessoas na procissão do segundo domingo de outubro.

Itinerários de fé

A itinerância pode ser considerada uma das características mais interessantes do Círio, que está presente na própria natureza de procissão, mas também se evidencia pelos diferentes fluxos que o constituem desde a sua origem, convocando inicialmente devotos de outras localidades próximas a Belém, curiosos por conhecer a Imagem "fugitiva" e milagrosa encontrada por Plácido, assim como hoje convida a Belém turistas de vários estados brasileiros e de outros países. Em 2016, foram contabilizados mais de 80 mil turistas[11].

Por conta disso, o fluxo de pessoas é intenso no mês de outubro em Belém. Além dos turistas, é o momento em que paraenses que moram fora do estado tradicionalmente retornam

[11] Fonte: Dieese-PA, 2016.

para festejar o Círio junto à família e parentes de municípios do interior visitam os familiares que residem na capital.

Outro fluxo é movimentado por promesseiros que peregrinam a pé de suas cidades até Belém para participar do Círio. Quando se aproxima o segundo domingo de outubro, na entrada da cidade, é possível ver grupos de pessoas chegando após horas e/ou dias de caminhada. Os padres barnabitas[12], que administram a Basílica Santuário, fundaram em 2009 um espaço chamado Casa de Plácido para acolher promesseiros que não têm moradia de parentes em Belém[13]. Em outros períodos do ano, o espaço recebe encontros, retiros, celebrações e reuniões de grupos da igreja.

Visitamos a Casa de Plácido (Figuras 8 e 9), que fica próxima à Basílica, na ocasião da festa, tanto em 2015 quanto em 2016. O espaço funciona com a ajuda de voluntários[14] (entre os quais estão médicos, enfermeiros e fisioterapeutas), que trabalham durante todo o período da festa, oferecendo cuidados aos peregrinos que chegam debilitados. Lá, eles podem descansar, receber curativos, massagens, refeições, ficar hospedados temporariamente e também participar de celebrações e momentos de oração.

Figura 8. Romeiro sendo acolhido na Casa de Plácido. Os voluntários acolhem os peregrinos com o gesto simbólico de lavar os pés, em referência ao gesto de Jesus de lavar os pés dos discípulos na cena da Santa Ceia, conforme narrativa bíblica.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Andreza Vasconcelos.

[12] Os barnabitas são uma ordem religiosa da Igreja Católica fundada por Santo Antonio Maria Zaccaria no século XVI. Chegaram ao Brasil no início do século XX, uma parte residindo em Belém. Em 1905, assumiram a administração da Paróquia de Nazaré, continuando até hoje.

[13] Para isso, anualmente, a Igreja organiza um pré-cadastro dos romeiros que pretendem vir a Belém, seja em grupo ou individual, o que ajuda a organização da Casa a planejar a distribuição dos voluntários conforme os horários e dias de maior fluxo.

[14] Em 2016, em conversa com o coordenador geral dos voluntários, fomos informadas de que havia mais de mil pessoas envolvidas na acolhida de peregrinos naquele ano, organizadas em sistema de plantões e revezamentos.

Figura 9. Momento de oração na Casa de Plácido. Existe um grupo de voluntários específico para organizar e dirigir as atividades litúrgicas no local.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Na ocasião da visita em 2016, conversamos com um peregrino que havia caminhado do município de Santa Isabel, a 48 Km de Belém, até a Casa de Plácido. Logo que chegou, foi recebido pelos voluntários e tirou fotos com alguns, que já o conheciam de anos anteriores. Aquela era a sétima vez que ele fazia o percurso a pé. Dessa vez, havia vindo sozinho, mas em outras oportunidades esteve acompanhado de um amigo. Foram quase dez horas de caminhada (das 6h30 às 16h), com pausas apenas para almoço e lanches. O peregrino contou que começou a fazer a caminhada a partir de uma promessa, que foi alcançada. Nos outros anos, ele fez outras promessas e, desde então, vem agradecendo por tudo que Deus e Nossa Senhora de Nazaré têm feito por ele.

O peregrinar é um fluxo que possui essa dimensão espacial dos traslados, mas também, na concepção cristã, remete a aspectos da temporalidade da caminhada do ser humano na Terra para alcançar a vida eterna. Com inspiração nas caminhadas bíblicas de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, no Círio a peregrinação também convoca temporalidades e espacialidades diversas relacionadas à experiência espiritual e cultural dos devotos. Trata-se de uma caminhada que, por mais individualizada que seja, é necessariamente vivida no coletivo, seja na busca da salvação pela ajuda e o encontro com o outro, seja no compartilhamento de experiências de fé.

O caráter comunal e, portanto, potencialmente comunicacional do peregrinar também é perceptível no Círio quando observamos as chamadas **Peregrinações**, que são encontros nas casas das famílias para oração do **terço**, leitura bíblica e reflexão sobre algum tema proposto pela Igreja. Esses encontros começam a ocorrer de forma periódica e sistemática em meados de agosto e são organizados pelas paróquias de bairro, sob orientação da Arquidiocese de Belém, integrando a vasta programação oficial do Círio.

As **Peregrinações** acontecem desde 1972 e possuem a seguinte dinâmica: líderes de paróquias recebem formação/treinamento para estudo sobre a Bíblia e temas propostos pela Igreja para reflexão nos encontros. Esses líderes multiplicam essa formação em suas comunidades, treinando novos líderes, que atuarão como coordenadores dos grupos de peregrinação. Os coordenadores recebem uma réplica da Imagem de Nossa Senhora de Nazaré e cópias do livro das peregrinações, item que foi introduzido aos encontros desde 1994 e é editado anualmente pela Arquidiocese de Belém com os temas e a programação dos ritos de 15 encontros. Ao final do período de preparação, ocorre uma grande celebração na Basílica Santuário intitulada Missa do Mandato (Figura 10), durante a qual são abençoadas as réplicas da Imagem de Nossa Senhora para o início das peregrinações nas casas.

Figura 10. Momento da benção às imagens durante Missa do Mandato.
A celebração também ocorre em várias Paróquias, abençoando as imagens que peregrinarão pelas casas de diversos bairros.

Fonte: Site Oficial do Círio de Nazaré.

Dessa forma, as famílias agendam encontros em suas casas e recebem a visita do grupo de peregrinação, com a Imagem. Os encontros possuem uma liturgia orientada pelo livro,

trazendo a discussão do tema do Círio do ano corrente[15], a partir de leituras bíblicas, orações, cânticos, questionamentos para reflexão e sugestões de ações concretas.

Além da liturgia, já se tornou uma prática a oferta de um lanche nas casas para confraternização ao final de cada encontro. Geralmente, as reuniões acontecem à noite, em todos os dias da semana, de acordo com o agendamento feito pelos coordenadores e seus grupos. A Imagem é levada a uma casa, e no dia seguinte é conduzida em procissão a outra residência, para um novo encontro. Apesar de o livro prever 15 encontros, é comum que os grupos ultrapassem esse número, dada a quantidade de famílias que desejam receber a visita da Santa. Os encontros duram até a semana que antecede a procissão do Círio.

Em 2015, estimou-se a visita a 120 mil residências por grupos de todas as paróquias de Belém[16], colocando em movimento não somente a devoção a Nossa Senhora em si, mas um aspecto da religiosidade popular que é a sociabilidade. Na preparação para os encontros, as famílias arrumam suas casas, reservam um local para abrigar a Imagem, que geralmente permanece na casa por um dia até o próximo encontro. Os parentes e vizinhos mais próximos são convidados, alguns dos quais recebem a responsabilidade de realizar alguma leitura do livro das peregrinações ou rezar uma das Ave-Marias do terço. Esse envolvimento coletivo se configura também após a oração, no momento de compartilhar alguma refeição.

Mesmo famílias mais humildes oferecem ao menos uma bebida (refrigerante, suco, etc.), como forma de confraternizar e prolongar o tempo-espaço da conversa informal dos familiares, vizinhos e amigos que se reúnem para o momento de oração. A comensalidade é um aspecto muito forte do Círio (MAUÉS, 2005), em que a sociabilidade se dá em tempos-espaços que colocam em circulação não apenas a religiosidade, mas aspectos da(s) cultura(s) paraense(s), como as comidas típicas, as práticas de vizinhança, as tradições familiares, entre outros.

Cada família que a Imagem visita recebe um cartaz do Círio do ano corrente, que geralmente é fixado na porta da casa (Figura 11), identificando que aquela casa já recebeu a Santa. Concomitante a Belém, paróquias de outros municípios também formam grupos de peregrinação e realizam os encontros nas residências.

[15] O tema do Círio é anunciado geralmente no encerramento do Círio do ano anterior. Alinha-se na maioria das vezes a temáticas nacionais e mundiais celebradas pela Igreja. Em 2015, o tema do Círio foi "Maria, Mulher Eucarística", antecipando-se à realização do Congresso Eucarístico Nacional (evento bianual promovido pela Igreja), sediado em Belém em 2016. No ano seguinte, o tema foi "Salve, Rainha, Mãe de Misericórdia", inspirado no Ano do Jubileu da Misericórdia (2016), proclamado pelo Papa Francisco.

[16] Fonte: Dieese-PA, 2015.

Figura 11. Cartaz do Círio fixado na frente de uma casa. Esse é um dos sinais na paisagem da cidade que anuncia a proximidade da festa. Em alguns casos, como o desta imagem, as famílias customizam o cartaz com adereços para incrementar e personalizar esse símbolo do Círio.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Preparando o terreno e os ares da cidade

Os dias que antecedem a procissão do segundo domingo de outubro são momentos de expectativas e preparação. Assim como as peregrinações têm esse objetivo de preparação espiritual por meio da oração e da confraternização, as outras formas de peregrinar que já mencionamos geram uma atmosfera diferente em Belém, que recebe o fluxo de turistas e

visitantes, que enfeita suas ruas, prédios e casas, que vê crescer sua programação cultural, entre outros fluxos.

Lojas, centros comerciais, órgãos públicos, praças e outros espaços da cidade sinalizam sua adesão ao clima da festa, adornando principalmente suas fachadas, muito semelhante ao que acontece no período de Natal (Figuras 12 e 13). A mídia local monta sua estrutura de cobertura audiovisual ao longo do percurso da procissão principal. Os prédios de empresas, órgãos públicos e particulares montam arquibancadas e palcos para receber convidados nos dias das procissões da noite e da manhã.

Figura 12. Decoração em prédio residencial localizado no percurso das procissões principais. Os familiares e vizinhos se reúnem em um momento de sociabilidade para ornamentar seus conjuntos e casas.

Fonte: Blog A Cidade Ponto Com.

Figura 13. Ornamentação da agência central do Banco do Brasil, na Av. Presidente Vargas. As empresas tampouco deixam de sinalizar sua integração ao clima da cidade. Se estiverem localizadas no percurso das procissões, também organizam homenagens à Santa.

Fonte: Blog Mosqueirense.

A sensação como devota e observadora na pesquisa é de que os espaços da cidade se alteram. Belém se torna a casa de muitos paraenses, outros brasileiros e estrangeiros. O aroma da cidade exala os sabores das comidas típicas em preparação nas casas. Há maior circulação nas ruas dos bairros centrais da cidade. Todos esses são sinais de que, muito em breve, será celebrada a grande procissão.

Essa experiência do espaço se traduz também em uma experiência diferenciada do tempo, vivido e imaginado. Todos os elementos sensoriais na cidade conformam um tempo de expectativas extremamente significativo, tanto quanto o período oficial da festividade. Koselleck (2006) trabalha com o conceito de expectativas aliado ao de experiência como caminho metodológico para compreender a História. Aqui, como ele, podemos entender esse tempo de expectativas no Círio já como uma experiência da festa, não apenas como um devir. O que se espera do Círio e como a cidade se prepara para tal já é uma experiência da festa e a constitui, espacial e temporalmente.

Nesse clima de expectativas, que são marcas das temporalidades que constituem o Círio, acontecem diferentes eventos religiosos e culturais até o início das procissões oficiais da festa. Mais de 100 artesãos da capital e do interior (principalmente do município de Abaetetuba, que tem tradição nesse tipo de artesanato) reúnem-se na **Feira do Miriti**, realizada na Praça Waldemar Henrique, no centro de Belém[17]. Eles expõem e comercializam os mais diferentes objetos feitos de miriti, que é uma fibra extraída de uma palmeira tropical conhecida como Miritizeiro ou Buritizeiro. Com esse material são confeccionados vários tipos de utensílios e brinquedos, esculpidos em diferentes formatos e caracterizados pelo colorido de suas pinturas (Figuras 14 e 15).

[17] Em 2017, a Feira foi transferida para um novo espaço cultural montado ao lado da Basílica Santuário.

Figura 14. Produção de artesãos de Abaetetuba. Também conhecido como um isopor vegetal, o miriti é matéria-prima e fonte de renda para artesãos. O município paraense de Abaetetuba é referência na confecção das mais variadas peças.

Foto: Agência Pará.

Figura 15. Peças de miriti em vários tamanhos, formatos e cores. Esses objetos fazem circular diferentes sentidos relacionados à regionalidade, são manifestações de traços dos modos de vida amazônicos.

Fonte: Agência Pará.

No dia em que realizamos observação exploratória na feira em 2015, havia um público considerável e das mais diferentes faixas etárias. Nos estandes, encontramos os mais diversos produtos, com destaque para peças que replicam ou miniaturizam elementos materiais da cultura amazônica, como barcos (ex.: de pesca e canoas com motor, também conhecidos como barco "pôpôpô", devido ao seu som característico, e "bajara"); animais (ex.: arara, tucano, onça,

peixe, boto cor-de-rosa, cobra); comidas típicas (ex.: **pato no tucupi**, cuia de tacacá[18]); e quadros com imagens de Nossa Senhora de Nazaré. Em paralelo, também encontramos peças de personagens de desenhos animados (ex.: Minions, Turma do Chaves, super-heróis), além de objetos de decoração, como flores e móbiles, e objetos que remetem a cenários do Círio, como a roda gigante e o carrossel, que são característicos do **Arraial de Nazaré** (a ser detalhado adiante). No entorno, outras barracas ainda vendiam comidas típicas, roupas e outros tipos de artesanato local, como peças de cerâmica marajoara[19].

Para além do espaço da feira, o miriti é um aspecto material e simbólico bastante significativo do Círio. Hoje a festa é uma grande vitrine para a comercialização e exposição de todo tipo de peça de miriti, além dos formatos que ele ganha como ex-votos (Figuras 16 e 17). "Os brinquedos de miriti são o elemento que, ao traduzir em sua forma aspectos da vida do homem amazônico, principalmente o do interior [...], são muito usados, como ex-votos, para simbolizar a obtenção ou o pedido de uma graça" (PANTOJA; MAUÉS, 2008, p. 62).

Figura 16. Promesseiro com ex-voto durante a procissão. As casas carregadas são como réplicas das originais, dando a ver várias formas habitacionais.

Foto: Acervo da pesquisa. Foto de Marcus Leal.

[18] Comida típica amazônica, é uma espécie de sopa tomada na cuia (recipiente indígena feito com a casca de um fruto também chamado cuia). Tem como ingredientes o tucupi e a goma (ambos produtos extraídos da mandioca), o jambu (verdura nativa conhecida por causar sensação de tremor na boca) e o camarão. É tomada em temperatura elevada, seja qual for o clima na cidade. Em Belém, é tradicionalmente vendido em barraquinhas montadas em várias localidades da cidade.

[19] O adjetivo marajoara faz referência à arte desenvolvida pelas extintas comunidades indígenas Marajoaras, que habitavam o Arquipélago do Marajó, território paraense. Hoje, artesãos locais dão continuidade a alguns traços dessa arte para criação de peças de diferentes formas, tamanhos e usos, a partir do conhecimento e da prática indígena de manipulação da argila. Em Belém, além do Marajó, muitos artesãos expõem e comercializam suas peças no distrito de Icoaraci, onde ficam suas oficinas e residências.

Figura 17. Devota com miniatura de casa em miriti agradecendo por graça alcançada. Hoje o miriti possui uma importância estética, cultural e econômica a partir da visibilidade que ganha no Círio (PANTOJA; MAUÉS, 2008).

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Marcelo Rodrigues.

Muitos objetos usados como ex-votos são confeccionados pelos próprios devotos, colorem os espaços dos eventos e remontam a outros espaços-tempos, revelando sua natureza comunicativa, suas formas de comunicar a cultura popular. Ao construírem miniaturas de casas e barcos de miriti, os devotos dão novos usos para uma matéria-prima regional, antes restrita ao âmbito de atividades cotidianas de populações do interior (como a confecção de trabalhos escolares).

Na semana que antecede a procissão principal, também se destaca na programação a **Cerimônia de Apresentação do Manto** de Nossa Senhora, na Basílica Santuário de Nazaré (Figura 18). Essa é uma das celebrações em que se inaugura um dos símbolos do Círio, nesse caso o manto que reveste a Imagem Peregrina. Anualmente, ele é confeccionado por um estilista renomado e possui um conceito relacionado ao tema da festividade.

Figura 18. Celebração de apresentação do Manto do Círio. Em 2015, além de detalhes em cristais e pérolas que remetem a anjos e outros elementos religiosos, o broche frontal homenageia o Arcebispo Emérito Dom Vicente Zico, figura querida pelo povo, falecido no mesmo ano.

Foto: Catarina Barbosa /G1 PA.

Na missa de Apresentação do Manto da qual participamos, em 2015, a igreja estava lotada, muitas pessoas em pé e algumas já esperavam pela missa desde a reza do terço, que havia começado às 17h. Alguns fiéis, que já previam a grande lotação, levaram banquinhos para se sentarem. Quando começou a missa, todos queriam chegar cada vez mais perto do altar para ver a Imagem Peregrina, que mais tarde seria apresentada com as vestes da festividade de 2015. Pessoas paravam na porta da igreja para conferir o que estava havendo, alguns dos **Guardas de Nossa Senhora de Nazaré** estavam lá para orientá-los. Algumas pessoas só passavam e observavam o que estava ocorrendo, outras entravam na igreja e permaneciam por alguns instantes.

O público dentro e fora da Basílica era marcado por diversos "personagens do Círio": devotos, voluntários da organização do Círio, Guardas da Santa, padres e outros religiosos, além de transeuntes em geral, pedintes e vendedores ambulantes. Ao final da missa, a Imagem Peregrina foi conduzida pela porta principal da Basílica por um dos Diretores da Festa até o altar. Nesse momento, as luzes da igreja foram apagadas e uma grande quantidade de *flashes* foram acionados, muitas câmeras e celulares filmavam e fotografavam a Imagem que, iluminada por um foco de luz, caminhava pelo corredor central entre a multidão. A cena parecia a entrada de uma autoridade real, com pompa, suspense e igualmente com uma atmosfera

devocional. No altar, ela recebeu homenagens e a estilista responsável pela produção do manto explicou os detalhes de sua confecção[20].

A tradição do manto remonta ao achado da Imagem, pois, segundo a devoção, a Santa já possuía um manto. Porém foi no século XX que a confecção de mantos foi inaugurada por uma religiosa e continuada, posteriormente, por sua aprendiz. Quem financiava os recursos para compra dos materiais, a cada ano mais nobres, eram alguns devotos. Atualmente, vários estilistas revezam-se na criação dos mantos, que ficam à mostra no Memorial do Círio, localizado ao lado da Casa de Plácido (Figura 19).

Figura 19. Antigo manto exposto no Memorial de Nazaré. Produções artísticas do Círio, os mantos são tecidos com materiais delicados e luxuosos, como fios de ouro, cristais e pedras preciosas.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Marcelo Rodrigues.

Outra noite de celebração que antecede a procissão principal é a **Exposição e Procissão dos Carros dos Milagres**, realizada pela primeira vez em 2015. Os carros são barcas acopladas a rodas nos quais os promesseiros depositam objetos de devoção. No dia da procissão do segundo domingo de outubro, eles conduzem tanto ex-votos como crianças vestidas de anjo. Ao todo são 13 carros[21], que ficam parados em frente à Basílica Santuário, em exposição para o público (Figuras 20 e 21).

[20] Em 2015, pelo segundo ano consecutivo, a estilista responsável pela confecção do manto foi Stela Barros.
[21] Os carros são assim denominados: Carro dos Milagres, Carro do Caboclo Plácido, Barco dos Escoteiros, Barca Nova, Carro do Anjo Custódio, Barca com Velas, Carro do Anjo Protetor da Cidade, Barca Portuguesa, Carro dos Anjos I, Barca com Remos, Carro dos Anjos, Carro da Santíssima Trindade e Cesto das Promessas (Fanpage Oficial do Círio de Nazaré, 2013).

Figura 20. Exposição dos Carros dos Milagres em frente à Basílica Santuário. Esse é o momento em que muitos fiéis aproveitam para ver de perto os carros, que ficam à frente da procissão do Círio.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Ana Luiza Pires.

Figura 21. Carro em homenagem a Plácido de Souza. Dentre os homenageados dos carros, está o primeiro devoto de N. Sra. de Nazaré, que encontrou sua imagem às margens de um igarapé.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Os carros são símbolos marcantes do Círio. Na literatura paraense, Benedicto Monteiro (2011, p. 3) narra a cena de um devoto: "Olhe compadre, nem quero lhe contar a triste sina

deste meu barco-a-vela feito de tala de miriti. Eu trouxe ele, mas, foi pra colocar no Carro dos Milagres...". Entre os ex-votos depositados nos carros ou carregados pelos fieis ao longo da procissão, é muito comum encontrar peças de cera (velas, braços, pernas, cabeças, etc.) que remetem a alguma graça alcançada em relação à saúde de pessoas (Figura 22). Esses objetos são comercializados em lojas especializadas do centro comercial de Belém, que produzem os mais diferentes formatos em cera, desde partes do corpo a peças que remetem a times de futebol.

Figura 22. Ex-votos depositados nos Carros dos Milagres. Objetos de promessas bastante comuns, as velas em cera costumam medir o tamanho da pessoa abençoada.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Ana Luiza Pires.

Durante a exposição dos carros, foi possível observar muitas pessoas tirando fotos no local. O público era bastante variado e com a presença significativa de jovens, muitos dos quais vestiam uniformes das escolas próximas à Basílica Santuário, que possivelmente haviam saído da aula. Após a exposição, os carros foram levados em procissão até os galpões da Companhia de Docas do Pará, onde ficaram estacionados até o dia da procissão do Círio, quando seguem em frente à Imagem de Nossa Senhora, no início do cortejo. A procissão é animada por músicas católicas, que aliadas aos carros conferem aspectos carnavalescos (BAKHTIN, 1987) à caminhada.

Essa propriedade festiva do Círio é uma de suas principais gramáticas, tanto nos eventos de cunho mais religioso promovidos pela Igreja quanto nos realizados por outros setores da sociedade. Um deles é o **Auto do Círio**, projeto da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (UFPA), criado em 1993. Trata-se de um cortejo de rua que envolve artistas e estudantes, bem como populares em encenações dramáticas em homenagem a Nossa Senhora

de Nazaré (SANTA-BRÍGIDA, 2014). Todos os anos, na sexta-feira que antecede a procissão do Círio, as ruas do bairro da Cidade Velha tornam-se o palco do Auto, onde caminham, cantam e dançam juntas pessoas que interpretam personagens do catolicismo (como santos), de religiões de matrizes africanas e de seres encantados amazônicos, como a **Matinta Perera**, o **Boto**, a **Iara**.

> O cortejo é arcaico e vivo a todo instante. É uma forma de narrativa em movimento que passa aos nossos olhos, espécie de emoção que anda, desloca-se, caminha. Revela-se, então, como um estilo especial da espetacularidade popular brasileira, caracterizado, de maneira singular, pela nossa etnia, nossa formação cultural e religiosa (SANTA-BRÍGIDA, 2014, p. 11).

O cortejo teatral passa por ruelas do bairro da Cidade Velha, com saída da Praça do Carmo e chegada ao Palácio Antônio Lemos, onde funciona a Prefeitura de Belém. Antes da saída do cortejo, os atores (profissionais, amadores e estudantes de Teatro e Dança) concentram-se na Praça do Carmo, onde se fantasiam e maquiam. Falamos em fantasias, pois as roupas são verdadeiras obras carnavalescas, cheias de brilho e notadamente tecidas para serem figurinos de personagens, com a escolha profissional de tecidos, pedras, perucas, pinturas, calçados e acessórios.

Esse é um momento bem interessante, pois vemos os atores se transformarem em personagens. Exibem-se, fazem performances e posam para muitas fotos. As pessoas que chegam à Praça para participar do Auto juntam-se a eles e procuram os personagens mais inusitados para fotografar. Nessa interação dos atores com o público existe tanto a curiosidade das pessoas por reconhecer ou conhecer que personagens são representados, quanto conhecer um pouco da história deles.

Identificamos diversas figuras de origem em diferentes matrizes que constituem a cultura paraense, seja indígena, negra ou europeia, mesclando-se em novas configurações. São representados santos, orixás, personagens de narrativas míticas amazônicas e até mesmo pessoas comuns do cotidiano paraense. Dessa hibridação surgem orixás andando em perna de pau, santas vestidas com as cores e símbolos dos times de futebol local (Paysandu e Remo) (Figura 23), anjos com vestes inusitadas, seres encantados, todos com muito brilho (Figura 24). Nesse encontro de culturas, é possível ver os personagens de Jesus e de diferentes demônios compartilharem o mesmo espaço e cantarem juntos em homenagem a Nossa Senhora.

Figura 23. Personagem de Nossa Senhora torcedora do time de futebol Paysandu.
Práticas culturais hibridizam-se na religiosidade popular, com destaque para a expressão do local e do amazônico.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 24. Entidades de religiões de matrizes africanas, cristãs e da mitologia amazônica reunidos no Auto do Círio 2015.
O tão difícil diálogo inter-religioso no cotidiano é expresso de forma bastante espontânea e divertida na arte de rua.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Enquanto os atores se organizam, um trio elétrico é preparado para conduzir o cortejo. As músicas começam a tocar, participantes em encenação e público começam a se aquecer para cantar e dançar ao longo do percurso. As ruas se tornam um palco móvel em que os personagens encenam e o público acompanha nas calçadas. Para iniciar o espetáculo, alguém toma a voz no trio: "É cantando, dançando, pintando, performando, que falamos a ti [Nossa Senhora de Nazaré]. É com a arte que chegamos a ti!".

Ao som de sambas, o cortejo começa a caminhar. À frente, uma bateria; seguida por uma comissão de frente, alas e alegorias, como que em um desfile de escola de samba. O público anda nas laterais, os personagens atuam a partir de um enredo previamente ensaiado, mas ao mesmo tempo seguem interagindo diretamente com o público. Ao longo do percurso são feitas paradas em frente a algumas casas previamente preparadas para serem uma extensão do palco principal, que é a rua. Os personagens encenam em sacadas e telhados. Muitas famílias se reúnem em frente às suas casas e lajes para assistir ao espetáculo. São os camarotes de um teatro a céu aberto. Chegando a espaços mais amplos, encontramos palcos montados, onde também se dá continuidade à encenação, com os mesmos ou novos personagens.

Há muita música e dança. Hinos tradicionais do Círio são entoados ao ritmo da bateria. O público se anima junto aos personagens quando cantam o samba-enredo da Viradouro, escola do Rio de Janeiro, que apresentou o Círio no desfile do grupo especial de 2004:

No mês de outubro
Em Belém do Pará
São dias de alegria e muita fé
Começa com extensa romaria matinal
O Círio de Nazaré
(Samba-Enredo 2004, G.R.E.S. Unidos do Viradouro.
Compositor: Mauro Quintaes)

O público que participa do Auto é variado, de crianças a jovens, adultos e idosos. Todos dançam, cantam, acompanham o cortejo e permanecem em constante interação uns com os outros, tiram fotos dos personagens, fazem *selfies*, filmam e compartilham imagens e relatos do momento nas redes sociais.

Ao chegar ao grande palco montado em frente à Prefeitura, o cortejo é esperado por um público ainda maior. A encenação se encerra como na "apoteose carnavalesca" (SANTA-

BRÍGIDA, 2014), com um grande show de músicas regionais. Os personagens permanecem dançando em um espaço reservado na rua e interagem com o público para tirar fotos.

Essa dimensão festiva da religiosidade popular revela formas de vida próprias dos brasileiros e especificamente amazônidas, cuja constituição é marcada por uma catequização cristã hibridizada pelo enfrentamento com as religiosidades indígenas e africanas. Perez (2011, p. 148) acredita que o catolicismo no Brasil teve um modelo de Igreja doméstica, "feito de festas e de procissões alegres, coloridas, um pouco profanas". No Círio, essa matriz se dá a ver de diversas maneiras.

Outra manifestação na qual esse clima festivo e aspecto carnavalesco se materializa é o **Arrastão do Círio**. Trata-se de um cortejo dançante, no ritmo de batidas regionais (Figura 25). Ele acontece na manhã do sábado que antecede a procissão principal, após o Círio Fluvial, quando a Imagem Peregrina desembarca no cais da Companhia das Docas do Pará. Nossa Senhora é recebida nesse local por autoridades de estado e pelos sacerdotes católicos. Para ocupar e marcar o espaço do popular, o grupo folclórico Arraial do Pavulagem[22] conduz o Arrastão do Círio.

Figura 25. Arrastão do Círio 2015. Pelo próprio nome, o arrastão já apresenta sua proposta de homenagem com base em formas da cultura popular, como o carnaval de rua.

Fonte: Instituto Arraial do Pavulagem.

[22] Grupo folclórico de Belém que trabalha com a articulação de ritmos (Boi-Bumbá e carimbo), símbolos regionais, mastros, bonecos cabeçudos, chapéu com fitas coloridas) e danças regionais. Nasceu em 2001 e se tornou Instituto Arraial do Pavulagem em 2003, oferecendo para além das apresentações artísticas, ações para promoção da educação e da cultura, como oficinas, seminários, projetos, ensaios, entre outras (PANTOJA, 2006). Tradicionalmente, realiza os cortejos dançantes, chamados "arrastões", no mês de junho por ocasião das festas juninas. Em outubro, faz uma edição especial do arrastão voltada para o Círio.

O Arraial tem uma forma bastante característica de se apresentar e compõe uma configuração bastante interessante do Círio, que é a conjugação e tensão do sagrado e do profano, dimensões que estão presentes na origem latina da palavra comunicação (*communicatio* e *participare*), que, para Liesen (2014), abriga a noção da capacidade de comunicar tanto do ponto de vista interpessoal (mundano) quanto sacramental (sagrado). É assim que os sentidos místico e social do conceito passam a estar vinculados. Na modernidade, essa associação intrínseca se enfraquece, sobressaindo o sentido técnico transmissivo, que configurou a maior parte das Teorias da Comunicação do século XX. Destitui-se o conflito primordial do termo, em detrimento da sua dimensão mística[23].

Como elemento de comunicação, o colorido das roupas e adereços anuncia o tom cênico e circense da manifestação (Figura 26). Destacam-se também os sons, entoados por tambores, chocalhos e gritos que dão ritmo às danças. Os cantos homenageiam Nossa Senhora, ao mesmo tempo em que evidenciam as matrizes indígenas e africanas da religiosidade popular no Brasil, especialmente na Amazônia. Todas essas são expressões festivas e também de devoção.

Figura 26. Arrastão do Círio 2017. Os adereços contribuem para reforçar a proposta de valorização da cultura regional que se manifesta de diferentes formas no Arrastão.

Foto: Dah Passos/Instituto Arraial do Pavulagem.

[23] Liesen (2014) atribui esse apagamento a dois movimentos teórico-contextuais. O primeiro acompanhando o avanço tecnológico, com destaque para a emergência dos meios de comunicação de massa, que ao mesmo tempo é fruto e instituiu novas formas de sociabilidade e circulação de informações na sociedade. Esse cenário contraditório demandou cada vez mais estudos da comunicação como processo social, que implica consequências práticas na vida cotidiana. O segundo movimento é a configuração da comunicação como "um efeito do (ou o próprio) uso da linguagem" (LIESEN, 2014, p. 92). O autor critica a redução da comunicação a uma interação de linguagens. Se o foco é a linguagem e como sua materialização constitui o sujeito e o social, a comunicação novamente é vista, para ele, apenas pela sua dimensão prática.

Componentes do grupo pintam-se e pintam os demais participantes (Figura 27). O cortejo perpassa as ruas do bairro da Cidade Velha, envolvendo famílias, grupos de amigos, crianças, jovens, adultos e idosos. Assim como o Auto do Círio, é uma manifestação de artistas com ampla adesão popular desde os ensaios até os cortejos.

Figura 27. Integrantes do grupo caracterizados para o Arrastão do Círio. As vestimentas regionais, como o chapéu de palha e as fitas longas coloridas, já se tornaram marcas do grupo.

Foto: Dah Passos/Instituto Arraial do Pavulagem.

Todos esses eventos anunciam a chegada da festividade oficial, mas sobretudo constroem uma atmosfera própria e mais ampla do Círio. Esse clima de expectativas é potencialmente comunicativo, convocando e reunindo pessoas com diferentes motivações, em torno da festa que se anuncia. Os eventos religiosos que antecedem a procissão do segundo domingo de outubro compõem também esse conjunto, sobretudo as procissões.

A devoção que ocupa as ruas (e as águas)

Ao todo, acontecem 12 procissões oficiais no período do Círio. A primeira do calendário é o **Traslado da Imagem Peregrina de Belém para Ananindeua**, município conurbado com a capital, na Região Metropolitana. Trata-se da primeira grande procissão que dá início às caminhadas realizadas durante a festividade de Nossa Senhora de Nazaré. Ocorre na manhã da sexta-feira que antecede a procissão do Círio e leva de carro a Imagem Peregrina de Belém (Figura 28), mais precisamente da Basílica Santuário, para a Igreja Matriz de N. Sra. das Graças, em Ananindeua, de onde sairá no dia seguinte para outra procissão, a Romaria Rodoviária.

Figura 28. Imagem Peregrina no traslado de Belém a Ananindeua. Essa é a procissão mais extensa em termos de espaço e tempo percorridos, contando com diferentes públicos ao longo do caminho.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Felipe Jailson Florêncio.

O percurso de 52 Km é feito por veículos automotores em aproximadamente 13 horas. A Imagem faz pausas no meio do caminho para receber homenagens de órgãos públicos, empresas, condomínios residenciais, escolas, entre outras instituições, sem contar com as residências. O Traslado existe desde 1992, mas só em 1997 passou a levar a berlinda em carro aberto sob a responsabilidade da Polícia Federal, curiosamente semelhante a um chefe de Estado, com batedores em motos, etc.

Melo e Ferreira (2017), ao estudarem a preparação de um grupo de vizinhos para a passagem da Santa, perceberam o caráter agregador e estético da prática da ornamentação da frente da alameda onde moram, no percurso da procissão. Para os pesquisadores, essa romaria tem uma peculiaridade: "Em vez de percebermos o deslocamento dos fiéis da periferia da cidade para o centro (onde se concentram os eventos do Círio), ocorre o contrário: a festividade se desloca para os bairros mais distantes do centro histórico-comercial de Belém" (MELO; FERREIRA, 2017, p. 20).

Na madrugada do dia seguinte (sábado), às 5h, uma missa na Igreja Matriz de Ananindeua dá início aos preparativos para a **Romaria Rodoviária**, que consiste no traslado de 24 Km da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Nazaré para o cais do porto de Icoaraci, em Belém, onde é realizada uma bênção e se inicia outra procissão (Romaria Fluvial, que falaremos adiante). A Romaria Rodoviária inicia após a missa, quando a Imagem é colocada no

alto de um carro aberto e segue em procissão por cerca de três horas, acompanhada pelos carros da Diretoria do Círio, da Polícia Rodoviária Federal, da Cruz Vermelha e centenas de outros veículos, bem como motoqueiros, ciclistas e pedestres.

Como no Traslado de Belém para Ananindeua, as calçadas das ruas, casas, condomínios e empresas são enfeitadas em homenagem à Santa e pessoas se reúnem para ver a passagem dela ao longo de todo o percurso. É interessante ver a particularidade de cada manifestação para expressar uma devoção, mas também compartilhar uma experiência coletiva. No capô ou acima dos carros, são conduzidas pequenas berlindas com a Imagem de Nossa Senhora (Figuras 29 e 30). Nas calçadas, os balões, fitas e terços gigantes, além das berlindas, dão outra cor à cidade e anunciam a passagem da Santa (Figuras 31 e 32).

Figura 29. Carros decorados na Romaria Rodoviária. Todos querem deixar uma inscrição no carro que indique que estão integrados à procissão.

Fonte: Acervo da Pesquisa.Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Marcelo Foto de Julianna Leão.

Figura 30. Imagem de Nossa Senhora sobre um carro na procissão. Homenagem reproduz a Berlinda com a Santa conduzida pelo veículo oficial.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Julianna Leão.

Figura 31. Lojas homenageiam Nossa Senhora. Os pequenos empreendimentos dos bairros mais afastados do centro não deixam de registrar sua participação, como as grandes empresas.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Julianna Leão.

Figura 32. Condomínio residencial enfeitado para a passagem da Santa.
A programação de confraternização entre os vizinhos começa bem antes, com cafés da manhã, e segue após a passagem de Nossa Senhora.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Julianna Leão.

Essa procissão foi criada pelo Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas (Sindicarpa), em 1989, com saída do Monumento da Cabanagem no Entroncamento, na entrada da cidade de Belém. A partir de 1992, a saída passou a ser feita da Igreja Matriz de Ananindeua e desde 2000 começou a ser organizada pela Diretoria da Festa, com o suporte logístico da Polícia Rodoviária Federal, da Prefeitura de Ananindeua, entre outros órgãos[24]. Esse movimento notadamente é uma forma de institucionalização, pela Igreja, de uma prática devocional a fim de facilitar sua administração. Do mesmo modo, reconhece como importante e legítima a participação oficial dos empresários do setor na programação oficial da festa.

Chegando a Icoaraci, a Imagem de Nossa Senhora dá continuidade às peregrinações, dessa vez na **Romaria Fluvial** pela Baía do Guajará, que banha parte da costa de Belém. A Imagem embarca em um navio de ferro da Marinha e é exposta em uma redoma de vidro para que possa ser visualizada por quem acompanha a procissão (Figura 33). De Icoaraci até a escadinha do cais do porto de Belém são 18,5 Km de percurso, em aproximadamente duas horas, em que a Santa é acompanhada por embarcações de diferentes tipos e tamanhos (Figura 34).

[24] Site Oficial do Círio. Disponível em: <www.ciriodenazare.com.br>. Acesso em: 11 jul. 2016.

Figura 33. Imagem de Nossa Senhora na Romaria Fluvial. Pequenina, Nossa Senhora navega em meio à imensidão do rio-mar.

Fonte: PASCOM/Basílica Santuário.

Figura 34. Múltiplas embarcações participam da Romaria Fluvial. Desde grandes navios, passando por iates, lanchas, "pôpôpôs", jet-skis, até canoas que saem das comunidades ribeirinhas.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Marcelo Rodrigues.

É comum encontrarmos navios e barcos de empresas de turismo que organizam uma programação própria e vendem os bilhetes para que as pessoas possam acompanhar a procissão. Há as mais diferentes formas de programação, incluindo missas (Figura 35), cafés da manhã, shows de músicas católicas ou não (Figura 36). Um caso interessante é do navio da Escola de Samba de Belém "Rancho Não Posso Me Amofiná"[25], que, ao final da procissão, segue com

[25]O "Rancho", como também é conhecida a escola de samba, tem sede no bairro do Jurunas, um dos mais populares de Belém. O nome "Rancho" remete a uma formação carnavalesca que, no Rio de Janeiro, era semelhante a blocos

uma programação de almoço com comidas típicas e show da bateria da escola, com roda de samba ao vivo, apresentação de passistas e danças.

Figura 35. Missa celebrada em um barco que participa da Romaria Fluvial. Todos os ritos (orações, louvores, bênçãos, etc) realizados na igreja são transpostos para as embarcações, como em uma missa regular.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 36. Músicas e danças regionais em um barco na Romaria Fluvial. Verdadeiras festas e confraternizações acontecem durante a procissão e continuam após o desembarque da Santa na Escadinha do Cais do Porto.

Foto: Melvin Quaresma.

A Romaria Fluvial é uma das procissões mais simbólicas do Círio. Primeiro por acontecer no meio da oceânica água doce amazônica, rio que se torna rua nas palavras de poetas

(PUGET, 2016). Além disso, o verbo "amofinar" (com escrita "amofiná" que reproduz a oralidade) significa desanimar, tornar-se triste. É um verbo muito comum da linguagem popular paraense.

e no cotidiano de muita gente. A Santa, ao navegar pela baía, transpõe o ambiente urbano para abençoar as águas que correm por todo o estado, em localidades de difícil acesso.

Outra expressividade simbólica que podemos atribuir à procissão é a reunião de diferentes formas de vida e realidades socioeconômicas identificadas pelos tipos de embarcações. É como se o rio fosse grande o suficiente para permitir a entrada de todos, mesmo sendo palco também da desigualdade que não deixa de ser evidenciada.

Nem todas as embarcações conseguem se aproximar do navio que conduz a Imagem Peregrina, mas o compartilhamento daquelas imensas águas com a Santa é como experienciar uma energia comum. Além dessa dimensão mais devocional, como dito, as programações dentro dos barcos cuidam de tornar a experiência interligada e ao mesmo tempo independente da condução feita pelo navio oficial, desdobrando-se em comemorações festivas que não necessariamente se dão em ritmo religioso, mas ao som de gêneros musicais regionais, evidenciando a forte dimensão cultural e festiva do Círio.

A primeira Romaria Fluvial foi realizada pela Companhia Paraense de Turismo (Paratur), em 1986, com a participação de cerca de 30 barcos. Hoje, é estimada, pela Capitania dos Portos, a participação de 500 embarcações e aproximadamente 50 mil pessoas[26], que acompanham embarcadas ou assistem a passagem da Santa nos **trapiches**/portos de saída e chegada.

Ao desembarcar, a Imagem Peregrina segue na **Romaria dos Motoqueiros**, também conhecida como Moto-Romaria. O percurso inicia com a chegada da Imagem ao cais do porto de Belém e segue até o Colégio Gentil Bittencourt[27], próximo à Basílica Santuário. Durante a procissão, a Santa é acompanhada principalmente por Motoqueiros (Figura 37).

[26] Fonte: Dieese-PA, 2015.

[27] Fundado em 10 de junho de 1804 pelo 7º Bispo do Pará Dom Manoel de Almeida Carvalho e inicialmente chamado de Colégio Nossa Senhora do Amparo. Em 1905, foi entregue à Congregação das Filhas de Sant'Anna, ordem religiosa que até hoje mantém a administração. É uma das instituições de ensino mais tradicionais do estado do Pará, possuindo atualmente 212 anos de existência (COUTO; LIMA; CHAQUIAM, 2016; SOUSA, 2015).

Figura 37. Romaria dos Motoqueiros 2013.
Congrega também pedestres e ciclistas, além das pessoas que se posicionam nas calçadas, casas e prédios ao longo do caminho para ver a passagem da Imagem Peregrina.

Foto: Marcello Casal Jr/Fotos Públicas.

Muitas pessoas aguardam a chegada nas ruas próximas ao cais, algumas esperando a oportunidade de ver a Santa no meio da multidão, outras preparando-se para acompanhá-la de moto até a próxima parada, no Colégio Gentil. Na concentração para recepcionar Nossa Senhora no cais, um palco é montado e um grupo canta diversas músicas religiosas, em especial as **marianas** (que falam sobre Maria). É interessante observar que enquanto a Romaria Fluvial ocorre, já há preparativos em diferentes pontos da cidade para recepcionar e/ou assistir à passagem da Santa. Desde pessoas que vão para o cais do porto até as que vão cedo para o Colégio Gentil para ficar em um lugar privilegiado para receber a imagem.

Junto aos cantos, os sons das buzinas e motores anunciam a chegada de cada vez mais motos, como se esse fosse um sinal que demarcasse a presença deles na procissão. Outra forma de o motoqueiro expressar sua presença particular no meio de tantos é a decoração da moto. Algumas carregam pequenas réplicas da berlinda, imagens da Santa, adesivos, fitas de Nossa Senhora e ex-votos (Figura 38), assim como os motoristas costumam vestir blusas estampadas com o cartaz do Círio, comumente usadas durante as procissões.

Figura 38. Moto ornamentada para procissão.
Pequena berlinda é acoplada à moto para marcar a participação do veículo e dos seus condutores na romaria.

Fonte: Acervo da Pesquisa.
Foto de Marcelo Rodrigues.

Em alguns momentos, é possível observar que a romaria é feita de motoqueiros isolados, mas também em grupos, alguns dos quais vestem camisas personalizadas e permanecem juntos o tempo todo. Além dos motoqueiros, acompanham a procissão algumas bicicletas, carrinhos motorizados para pessoas com deficiência, além dos peregrinos a pé. Muitos tiram fotos e filmam a Santa, inclusive os motoqueiros e as pessoas que os acompanham nas garupas.

Não há muitas paradas no percurso e rapidamente as motos chegam ao Colégio Gentil Bittencourt. O percurso é relativamente curto (2,5 Km) e rápido, com duração média de 40 minutos para a chegada da Santa, apesar de poder durar até duas horas até que todos os motoqueiros concluam o percurso[28].

[28] Fonte: Dieese-PA, 2015.

A Moto-Romaria foi criada em 1990, pela Federação Paraense de Motociclismo. Segundo a Diretoria da Festa, na época participaram cerca de 40 motociclistas, hoje estima-se o número de 16 mil participantes.

Em paralelo à chegada da Santa ao Colégio Gentil Bittencourt, acontece uma importante celebração na Basílica Santuário a partir do meio-dia do mesmo sábado que antecede a procissão do segundo domingo de outubro. Trata-se de uma missa especial, em que ocorre a chamada **Descida da Imagem do Glória**. Como mencionado anteriormente, a Imagem original de Nossa Senhora de Nazaré fica permanentemente no altar-mor da Basílica, envolta em uma redoma denominada de "O Glória". A Imagem só sai dessa posição no período do Círio, quando acontece sua descida e exposição na base do altar da igreja em posição mais próxima do público, conforme Figuras 39 e 40.

Figura 39. Descida da Imagem original para ficar em exposição no altar, mais próxima do público. O ritual é feito especialmente por ocasião do Círio.

Foto: Fabrício Coleny e Andreia Teixeira/ASCOM Basílica Santuário de Nazaré.

Figura 40. Imagem original em exposição no altar mais próxima do público.
Além de uma redoma de vidro maior, a Imagem original recebe também um manto.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Julianna Leão.

Essa é uma das celebrações em que a Basílica recebe maior público. Nos últimos anos, em se tratando de uma missa especial, o Padre Fabio de Melo tem participado como convidado e, nesta ocasião, entoa músicas marianas em homenagem à Santa no momento da descida da Imagem. Esse tem se tornado mais um atrativo para a participação dos devotos, que chegam cedo à Basílica para garantir seus lugares dentro da igreja e o mais próximo possível do altar. Essa missa, assim como outras da festividade, é televisionada pela TV Nazaré[29], podendo ser assistida não só pela cobertura da rede no estado, mas também pela Internet. É importante destacar que a Basílica conta também com um circuito interno de TV, como pode ser visto na Figura 41.

[29] Inaugurada em 11 de maio de 2002, a TV Nazaré é uma emissora católica da Arquidiocese de Belém, integrante da Fundação Nazaré de Comunicação, que por sua vez, é uma entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, criada em 14 de dezembro de 1993 pelo então Arcebispo de Belém D. Vicente Zico, e que hoje congrega os diversos veículos de comunicação da Igreja Católica na cidade (Site da Fundação Nazaré de Comunicação. Disponível em: http://www.fundacaonazare.com.br/. Acesso em: 22 maio 2017).

Figura 41. Sistema interno de televisão da Basílica Santuário. Telas estão distribuídas na igreja para que os ritos sejam vistos simultaneamente por quem está distante do altar.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Ana Luiza Pires.

Muitas outras celebrações litúrgicas, principalmente missas, são realizadas nesse período do Círio, na Basílica e em espaços abertos com estrutura montada para receber um grande número de fieis. Geralmente, antes e depois das procissões, acontecem missas, que contam tanto com a participação de quem peregrina quanto com pessoas que se deslocam especificamente para as celebrações. É o caso de muitos idosos ou famílias com crianças pequenas que não podem se deslocar nas procissões, mas querem marcar presença na programação e experienciar a devoção.

É interessante notar que essa variedade de eventos acaba abarcando diferentes públicos e, ainda assim, sempre tem grande lotação. Os diferentes momentos e locais atendem a uma diversidade de formas de participação, já que é humanamente impossível estar em todos os eventos, ainda que subsequentes, pois requerem, em alguns casos, bastante esforço físico. Os fieis, então, escolhem do que participar e programam-se em função do tempo e da energia que serão investidos nessa participação.

As duas grandes procissões e uma intermitência

No sábado anterior à procissão do Círio acontece a **Trasladação**, uma procissão noturna que tem início imediatamente após uma missa campal no final da tarde no Colégio Gentil Bittencourt, vizinho à Basílica Santuário, e segue até a Catedral da Sé, no bairro da Cidade Velha. Com o tempo, a Trasladação ganhou grandes proporções e hoje se assemelha muito à procissão do Círio (Figura 42).

Figura 42. Fiéis caminham na Trasladação. O público da procissão já chega a 1,5 e 2 milhões de participantes.

Fonte: PASCOM/Basílica Santuário.

Durante o percurso é possível observar muitas pessoas assistindo das casas e prédios, arquibancadas montadas na frente de pontos comerciais, pessoas que acompanham pelas ruas e outras que ficam pelas calçadas. Os grupos participantes são diversos, formados por entidades religiosas, fiéis, promesseiros, voluntários, Guarda da Santa, bombeiros, policiais, vendedores ambulantes e pessoas que parecem apenas observar. É caracterizada também pela forte participação de jovens. Há quem se mantenha concentrado, fazendo orações observando a passagem da Santa e das pessoas. Outros cantam, conversam entre si e se movimentam com a multidão.

A Trasladação é conhecida também como a Procissão das Luzes, pois os **romeiros** caminham com velas acesas ao longo do percurso (Figura 43). Nos últimos anos, além das velas, entram no cenário as luzes de dispositivos móveis apontados para capturar a imagem da Santa (Figura 44). São imagens que remetem à origem da palavra Círio, grande vela que ilumina e guia procissões.

Figura 43. Velas distribuídas na Trasladação pelo Projeto Luzes para Nazica.
Trata-se de um grupo de promesseiros que oferece velas personalizadas, para que os romeiros acendam ao longo da procissão.

Fonte: Projeto Luzes para Nazica.

Figura 44. Celulares registram a passagem da Santa na Trasladação.
Luzes digitais integram cada vez mais o cenário das procissões. Nessa romaria noturna, destacam ainda mais a posição da Santa entre os fiéis, configurando-a como um centro, mesmo pequenina no meio do povo.

Fonte: Blog do Círio.

Na Trasladação é possível observar várias características comuns à procissão principal do Círio, a começar pelo percurso, que é exatamente o mesmo da procissão principal, mas em sentido inverso, saindo do Colégio Gentil Bittencourt e chegando à Catedral da Sé. Esse trajeto foi estabelecido em 1988 e continua até hoje.

A corda é outro elemento significativo nessa procissão. É importante registrar, contudo, que os promesseiros da corda da Trasladação possuem um perfil diferente dos que acompanham

o Círio, com destaque para a grande quantidade de jovens. Alguns, aparentemente, agradecem a aprovação no vestibular e a formatura em curso superior, uma vez que carregam pastas com materiais didáticos ou usam camisas de calouros universitários e até mesmo beca de formatura. Muitas pessoas abatidas pelo cansaço são ajudadas por voluntários, que socorrem, abanam, dão água e carregam os desmaiados em macas até os postos de atendimento. Mesmo com o grande sacrifício corporal, alguns promesseiros da corda e os que estão ao redor desta tiram fotos enquanto pagam as promessas. É possível identificar também jovens em grupos que entram e saem da corda, com um aparente interesse pelo desafio que a corda representa, mais do que pelo pagamento de uma promessa.

Outros promesseiros carregam ex-votos, caminham de joelhos acompanhados por amigos, familiares e/ou voluntários, que, por sua vez, oferecem água e objetos, como terços e **santinhos**, para outros romeiros. Muitas pessoas que acompanham a Trasladação também usam dispositivos móveis para registrar os diversos momentos da procissão, especialmente a passagem da berlinda com a Imagem de Nossa Senhora. Para cada procissão, ela recebe uma decoração nova, com um conjunto de flores que combinam com o manto da Santa (Figura 45).

Figura 45. Berlinda iluminada na Trasladação. Nesta procissão, a berlinda recebe uma iluminação especial, interna e externa, e que permite a visualização da Santa à noite nas ruas da cidade.

Fonte: Portal Amazônia.

Na Praça da República, é montada uma arquibancada que também fica cheia de pessoas que buscam a melhor visão da Santa. Tradicionalmente, corais de empresas e órgãos públicos

se posicionam em frente aos prédios das instituições para entoar músicas em homenagem a Nossa Senhora e acabam por também animar bastante a procissão, incentivando os romeiros a continuarem caminhando.

Segundo o Dossiê do IPHAN (2006, p. 45) sobre o Círio, "Essa procissão, em conjunto com o Círio propriamente dito, [...] revive o mito das 'fugas' da Imagem da santa quando encontrada por Plácido, em 1700". É como se o povo caminhasse com a Santa em oração e a devolvesse ao seu lar logo em seguida, como na história de sua aparição a Plácido. Esse é mais um exemplo da convivência de múltiplas temporalidades no Círio, convocadas, construídas, vividas e imaginadas.

Mal a Santa passa em frente à Praça da República na Trasladação, já na metade de seu caminho até a Catedral da Sé, inicia-se uma tradicional festa no local, organizada pela comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Intersexo (LGBTI)[30]. Integrante da chamada programação "profana" do Círio, a **Festa da Chiquita** acontece ao lado do Bar do Parque e do Theatro da Paz, localizados na Praça da República, na Avenida Presidente Vargas. Apesar de várias tentativas do poder púbico e da Igreja para extingui-la, alegando falta de segurança e depredação do espaço público, a festa permanece desde 1970, com shows e premiações (PANTOJA, 2006), conforme Figura 46.

Figura 46. Apresentação no palco montado para a Festa da Chiquita. Há desfile e concurso de *drag queens*, músicas e danças.

Fonte: Casa FdE Amazônia.

[30] Denominação adotada pela Organização das Nações Unidas.

"As diversas referências ao Círio e à própria Nossa Senhora de Nazaré na festa das filhas da Chiquita apresentam, assim, um caráter de resistência, de contestação, de busca de espaço e reconhecimento social pelos homossexuais" (IPHAN, 2006, p. 59). Nossa Senhora, como mãe de todos, é homenageada de uma forma particular, com descontração e manifestações específicas, sob o comando e animação do artista local Eloi Iglesias (Figura 47). A festa, que entra pela madrugada, é uma cena profana intermitente entre as duas grandes procissões, que emenda com os preparativos dos romeiros que chegam para a procissão de domingo do Círio de Nazaré.

Figura 47. Eloi Iglesias comanda a Festa da Chiquita. O músico e *performer* paraense já se tornou um dos grandes ícones não apenas da Festa da Chiquita como do Círio.

Fonte: Blog Santa Luzia do Pará.

A chegada da Santa na Catedral da Sé encerra a Trasladação, celebrada com fogos de artifício, que sinalizam mais um marco da caminhada da Imagem. Em paralelo à Festa da Chiquita e antes de amanhecer, o centro da cidade e o Ver-o-Peso já estão movimentados pela chegada de romeiros e promesseiros que buscam uma posição estratégica em pontos do percurso do Círio. Muitos tentam garantir um espaço na corda, iniciam o pagamento de suas promessas indo à frente do cortejo da Santa, ou se reúnem em frente à Catedral da Sé para a missa campal que dá início à **procissão do Círio**. Devido à grande quantidade de pessoas que participam da missa que antecede a procissão principal, a partir do ano 2000 a celebração passou a ser realizada em um palanque montado em frente à Catedral, possibilitando a participação de um maior número de pessoas.

Os fogos de artifício, como na Trasladação, anunciam a saída da maior procissão de rua do mundo em número de participantes, a procissão do Círio, reunindo cerca de 2 milhões de pessoas já no final do século XX. Os registros oficiais da Festividade narram como foi a primeira procissão:

> A primeira procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré saiu na tarde do dia 8 de setembro de 1793. Na noite anterior, a imagem da Santa havia sido transferida de sua ermida na Estrada do Utinga para o Palácio do Governo, com toda a pompa da época: 1.932 soldados da Milícia participaram do cortejo. A mobilização foi grande, tinha gente de toda a redondeza de Belém atraída pela feira que o governador determinou que fosse instalada no terreno que circulava a ermida, para a venda de produtos regionais. Desde a sua instituição, até 1881, a procissão saía da Capela do Palácio do Governo. O Círio passou a ser realizado pela manhã em 1854, devido às fortes chuvas que aconteciam à tarde. A partir de 1882, o bispo Dom Macedo Costa, de comum acordo com o Presidente da Província, Dr. Justino Ferreira Carneiro, resolveu que o ponto de partida seria a Catedral da Sé, o que acontece até hoje. O segundo domingo de outubro ficou definido como o dia de realização da procissão do Círio, em 1901. Em 1992, no Círio 200, a Imagem que saiu na procissão foi a autêntica, a peça encontrada por Plácido (SITE OFICIAL DO CÍRIO, acesso em 11 jul. 2015).

Há outros causos curiosos na história da procissão. Um deles foi a concessão da indulgência plenária, pelo Papa Pio X, a todos os romeiros que caminhassem descalços todo o percurso do Círio. Isso aconteceu em meados do século XIX, segundo os registros do Dossiê do IPHAN (2006). Também nesse período aconteceu o chamado "milagre do brigue São João Batista", quando marinheiros se salvaram de um naufrágio após pedir a proteção de Nossa Senhora de Nazaré. Em retribuição, os sobreviventes ofereceram à Santa uma barca, que carregaram ao longo do Círio (IPHAN, 2006).

Ao olharmos para esses acontecimentos, percebemos como algumas práticas de devoção foram surgindo e hoje já estão completamente incorporadas ao Círio, como a oferta de objetos de devoção e mesmo algumas promessas, como acompanhar a procissão descalço ou de joelhos. São memórias que se perpetuam na prática, por mais que sua origem não seja amplamente conhecida por novos devotos.

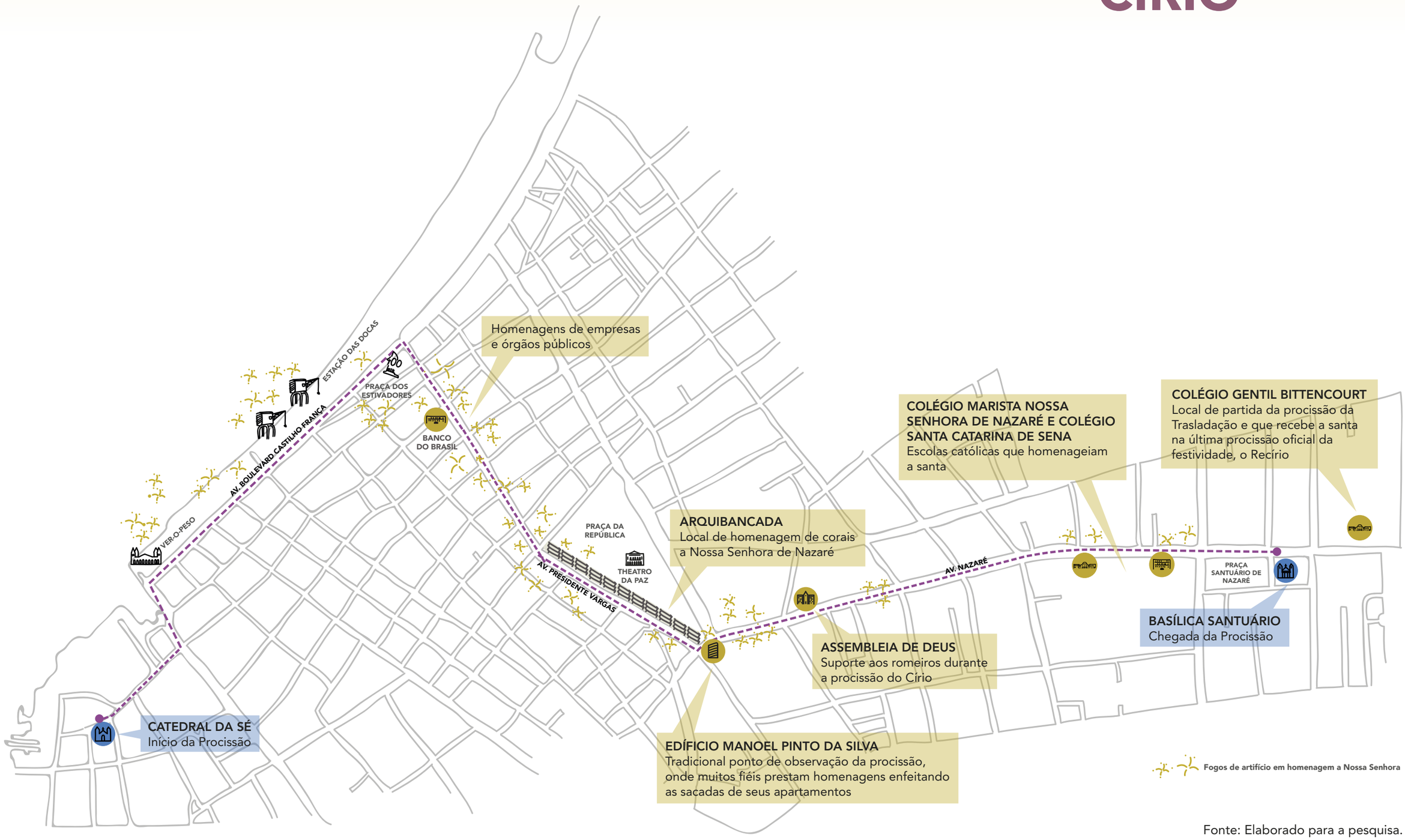
Ainda na história do Círio, há outra ocorrência interessante. Em 1878 e 1879, existem registros, inclusive da imprensa (SILVA, 2014; IPHAN, 2006), do que ficou conhecido como **Círio Civil**, pois não contou com a participação do clero. As duas festividades nesses anos aconteceram sem o consentimento da Igreja da época, que brigava com a então Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré (associação civil que cuidava da ermida onde a Santa ficava antes de

se tornar a Basílica) pela detenção da organização da festa e administração da devoção. Nesses anos, o Círio chegou a ser repudiado pela Igreja Católica, que desestimulava os fiéis a participarem do que era considerado uma "profanação a Deus e Nossa Senhora", como relatavam os jornais da época (SILVA, 2014). O Círio voltou à administração da Igreja em 1880 em colaboração com membros da Irmandade. Talvez esse seja o princípio da forma como até hoje o Círio é organizado, sempre com uma diretoria composta pelo clero e pela sociedade civil.

Com o tempo, o Círio foi tomando cada vez maiores proporções, sendo também mais administrado, com o estabelecimento do segundo domingo de outubro como o dia da procissão, assim como do percurso oficial, da Catedral da Sé à Basílica, com 3,6 Km, conforme Figura 48, na página 85.

FIGURA 48

PERCURSO DA PROCISSÃO DO CÍRIO



Fonte: Elaborado para a pesquisa.

Em pontos do percurso, são montadas várias homenagens também com o uso de fogos. Para quem está à frente ou atrás da Imagem na procissão, os fogos anunciam em que posição ela se encontra. Entre os fogos mais famosos estão os dos estivadores[31], nas proximidades do Ver-o-Peso e na curva para a subida na Av. Presidente Vargas. Nas casas e prédios que se encontram no percurso, os familiares e amigos se reúnem para ver a passagem da Imagem de Nossa Senhora na berlinda, como acompanhamos junto aos grupos participantes de nossa pesquisa. É comum que as famílias também prestem homenagens de menor proporção, como colocar imagens e toalhas brancas nas janelas, enfeitar as sacadas dos apartamentos e casas com balões brancos e amarelos, nas cores do Círio, assim como jogar pela janela papel picado formando "chuvas de papel" no meio da procissão (Figura 49 e 50).

Figura 49. Decoração no prédio Manoel Pinto da Silva. Esse é um dos residenciais mais tradicionais do centro da cidade e oferece vista privilegiada em um dos principais trechos do percurso do Círio.

Foto: Fernando Sette Câmara.

[31] Trabalhadores do porto que atuam com a carga e descarga de mercadorias.

Figura 50.
Homenagens na Procissão do Círio.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Arlene Cantão.

A corda (Figura 51), desde cedo, é disputada entre os devotos que pagam promessas em gratidão por graça alcançada. A Igreja já tentou extingui-la devido ao aumento do número de pessoas que querem segurar a corda durante o percurso, mas o apelo popular faz com que esse símbolo permaneça como ponto fundamental da procissão. Ao longo de anos, já foram feitas várias adaptações no formato da corda para tentar organizar os devotos e evitar que a procissão deixe de caminhar. Mesmo não conseguindo aboli-la, essa é uma forma de administrar a devoção e o fluxo da procissão principal.

Figura 51. Corda: um dos elementos mais simbólicos do Círio. "Corda que avança, o corpo cansa, só para a alma descansar". Esse trecho da canção "Círio outra vez", do Padre Fábio de Melo, poetiza as contradições entre sacrifício e bênção, dor e paz, corpo e alma, que o Círio mostra serem dimensões indissociadas.

Foto: Raimundo Paccó.

Hoje, com as várias formas de organização e administração da procissão pela Diretoria da Festa, o Círio dura (cronologicamente) em média cinco horas de caminhada até o seu destino, a Praça Santuário de Nazaré. Mas nem sempre foi assim. O percurso já chegou a durar nove horas e 15 minutos, em 2004, considerado o mais longo Círio da história (IPHAN, 2006). Esse tempo cronológico da procissão é relativamente grande em relação ao percurso de 3,6 Km, que, se feito a pé em outro contexto, levaria bem menos tempo. É o fluxo, portanto, dos fieis em procissão que determina esse tempo.

Contudo, essa duração do percurso é percebida e tratada de diferentes formas. Para além do tempo cronológico, existe a percepção da eficiência e do bem-estar de um tempo controlado pela Diretoria da Festa, de maneira a garantir a chegada da Santa em um horário previsto e

calculado como razoável. Existe igualmente o tempo das passagens da Imagem em frente às homenagens nos prédios e casas; entre os fieis que esperam para vê-la, há quem diga que a Santa passa correndo, por vivenciar um outro tempo, por vezes, minutos de contato com a Imagem. Acontece, assim, uma variedade de tempos vividos e sentidos, ainda que dentro de um mesmo tempo cronológico.

A disposição da procissão do Círio é uma das mais diversificadas. Como em um desfile de escola de samba, podemos dizer que a procissão é composta por diferentes setores. Na ponta, à frente da romaria, encontram-se as alas/grupos escolares, com estudantes uniformizados dos colégios mais tradicionais de Belém, católicos e laicos. Em seguida, são conduzidos os carros dos milagres, levando as crianças vestidas de anjo (Figura 52) e abrigando os ex-votos de todas as espécies depositados por promesseiros (Figura 53). Os primeiros carros dos milagres foram incorporados à procissão em 1916 (IPHAN, 2006).

Figura 52. Carro dos Anjos. Além de reunidos nesse carro, ao longo de toda a procissão é possível ver anjos mirins nos ombros dos pais.

Fonte: PASCOM/Basílica Santuário.

Figura 53. Carro dos Milagres, carregando ex-votos depositados por promesseiros. Geralmente alunos de ensino fundamental e médio de escolas confessionais conduzem os carros e recolhem os ex-votos dos promesseiros.

Foto: Alexandre Yuri/ G1.

Atrás dos carros, caminham coroinhas, membros de paróquias e padres, que abrem caminho para a corda.

Na tentativa de organizar o andamento da procissão, a corda atualmente é dividida em cinco estações de ferro que sustentam e conectam os pedaços da corda, somando 400 m e pesando cerca de 600 Kg[32]. A estimativa é que mais de 7 mil pessoas acompanham o Círio na corda[33], que não é mais atrelada à berlinda com a Imagem Peregrina, mas mantém o simbolismo de conduzir Nossa Senhora até seu destino.

A dinâmica das estações da corda, além de ter como propósito a organização, também acaba sendo uma forma de controle do fluxo da procissão, já que a corda é um dos fatores de maior imprecisão quanto ao andamento e tempo de toda a caminhada. Assim, em cada estação, há Guardas de Nossa Senhora e membros da Diretoria da Festa para monitorar a situação e comunicar, por rádio, qualquer intercorrência.

Essa organização da procissão não só pretende garantir um melhor fluxo dos romeiros, mas também uma visualização que encante as muitas pessoas que se posicionam em arquibancadas, sacadas, palanques na frente de órgãos públicos, sendo em alguns casos artistas, políticos. Sem contar com a vista panorâmica de várias câmeras de emissoras de TV instaladas

[32] Fonte: Dieese-PA, 2015.
[33] Fonte: Dieese-PA, 2015.

acima do nível da multidão ao longo de toda a extensão do percurso do Círio, capturando detalhes, mas também o fluxo mais amplo da caminhada.

Além desses aspectos, o controle da corda se relaciona também com a berlinda, que vem logo atrás conduzida em um carro puxado e empurrado manualmente por vários Guardas de Nossa Senhora de Nazaré (Figura 54) e acompanhada por muitos fieis que tentam se aproximar ao máximo da Santa.

Figura 54. Berlinda rodeada pela Guarda de da Santa. Eles formam uma corrente humana para demarcar um dos espaços mais disputados da procissão: o lado da Berlinda.

Fonte: PASCOM/Basílica Santuário

Como nos situamos em um local estratégico de visualização da procissão no Círio 2015, conseguimos identificar e visualizar melhor esse trecho inicial da procissão, que geralmente é mais tumultuado e mais difícil de acompanhar fazendo a caminhada. Em outros anos em que participamos da procissão como devotas, realizamos o percurso geralmente muito atrás da Santa ou inicialmente na frente, com uma parada para esperar a sua passagem, e depois saindo para ingressar de volta na procissão mais atrás. Essas idas e vindas, inclusive, são fluxos muito comuns, pois cada pessoa ou grupo estabelece estratégias para acompanhar o percurso enfrentando os tumultos, as paradas prolongadas, os afunilamentos de ruas etc., tentando ver, pelo menos uma vez, a Santa.

Na sequência dos "blocos" iniciais da procissão, vem o fluxo de milhares de pessoas na rua, grupo no qual o ritmo de caminhada tem menos ingerência da administração da Diretoria da Festa. No meio da multidão, quando visualizamos a procissão de cima, é quase impossível dimensionar a diversidade de indivíduos e grupos que circulam. O contingente de pessoas que caminham é tão grande que, mesmo após a chegada da Santa à Basílica Santuário, a procissão se prolonga por vários minutos ou horas até que todos cheguem ao ponto final.

Aqui, a procissão foi apresentada de forma a destacar suas diferentes partes, mas o povo se mistura em todos os espaços, tentando garantir a visualização da Imagem de Nossa Senhora. Na prática, a procissão é entremeada por todos esses "personagens" e elementos, que compõem um grande corpo, disforme e diverso.

Outro aspecto importante que entremeia a procissão, assim como outros eventos do Círio, são os cantos. Em suas letras e melodias, os hinos oferecem elementos significativos sobre o Círio e compõem a ambiência da experiência de devoção.

O principal hino do Círio, Vós Sois o Lírio Mimoso, é de autoria da cantora Joanna:

Vós sois o lírio mimoso
Do mais suave perfume
Que ao lado do santo esposo
A castidade resume.

Ó Virgem mãe amorosa
Fonte de amor e de fé
Dai-nos a bênção bondosa
Senhora de Nazaré!

Se em vossos lábios divinos
Um doce riso desponta
Nos esplendores dos hinos
Nossa alma aos céus se levanta

Vós sois a ridente aurora
De divinais esplendores
Que a luz da fé revigora
Nas almas dos pecadores

E lá da celeste altura
Do nosso trono de luz
Dai-nos a paz e a ventura
Por vosso amado Jesus!
(Letra da música Vós Sois o Lírio Mimoso, de Joanna[34])

O hino coloca em evidência a divindade de Nossa Senhora, que ama, abençoa e ilumina seus filhos ao lado de Deus. A compositora destaca ainda os atributos divinos da "Virgem de Nazaré" remetendo a diferentes sensações (perfume do lírio, riso esplendoroso, luminosa aurora). Já o hino Nossa Senhora da Berlinda, de autoria do Padre Antonio Maria, destaca diferentes significados da corda no contexto da devoção à Santa.

[34] Para ouvir uma versão cantada da música, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=lnlvRD_ISd8.

Porque eu tenho esperança e muita fé
Porque eu quero ter amor bem mais ainda
Porque te amo, Senhora de Nazaré
Quero puxar a corda da tua berlinda.

Ave, Ave ó Senhora da Berlinda
Ave Maria este é meu grito de fé
Ave, Ave, Deus te fez a flor mais linda
Ave, Ave Maria, Senhora de Nazaré.

Puxar a corda da berlinda é para mim
O compromisso de levar-te e te seguir.
Pelos caminhos desta vida até o fim,
E só fazer aquilo que Jesus pedir (bis)

A tua corda, me enlaça nesta hora
Me prende a Deus de corpo, alma e coração
Assim é doce ser escravo teu Senhora
Servindo a Deus em cada homem meu irmão (bis)

Em Nazaré, eras escrava do Senhor.
Porém, ninguém viveu maior libertação.
Cordas de Deus te amarraram por amor.
Foi a graça que prendeu teu coração
(Letra da música Nossa Senhora da Berlinda, do Padre Antonio Maria[35])

Em um primeiro momento, essa canção aponta o gesto do devoto de segurar a corda como símbolo de esperança, fé e amor. Depois indica a corda como símbolo de pertencimento e servidão a Deus, a força que conecta o humano ao divino em "corpo, alma e coração". Esse é o exemplo da própria Maria, que o autor narra como tendo sido "amarrada pelas cordas de Deus". Por fim, o hino destaca a corda como passo comprometido em conduzir a Santa ao seu destino e, ao mesmo tempo, caminhar seguindo os passos de Jesus. Outro hino bastante entoado no Círio é "Maria de Nazaré", composto pelo Padre Zezinho.

[35] Para ouvir uma versão cantada da música, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=CVGb-m4F9Es.

Maria de Nazaré, Maria me cativou
Fez mais forte a minha fé
E por filho me adotou
As vezes eu paro e fico a pensar
E sem perceber, me vejo a rezar
E meu coração se põe a cantar

Pra Vigem de Nazaré
Menina que Deus amou e escolheu
Pra mãe de Jesus, o Filho de Deus
Maria que o povo inteiro elegeu
Senhora e Mãe do Céu

Ave Maria, Ave Maria, Ave Maria, Mãe de Jesus!
(Trecho da música Maria de Nazaré, do Padre Zezinho[36])

Nessa canção, Maria é narrada como mulher e mãe, que esteve presente na vida de Jesus e se dispõe ao cuidado de todos. Como mulher exemplar, foi escolhida por Deus e pelo povo para ser venerada e amada. Por seu exemplo, o povo a venera.

Como é possível perceber, os principais hinos do Círio são de composição de padres e artistas nacionais, que quiseram homenagear a Santa. Ainda hoje, a cada ano, novas canções são lançadas, assinadas por cantores famosos em todo o país, como o Padre Fábio de Melo e a banda Anjos de Resgate. Uma composição do Padre Fábio de Melo, feita especialmente para a cantora paraense Fafá de Belém, assim expressa a devoção:

Eu sou de lá.
Onde o Brasil verdeja a alma e o rio é mar.

Eu sou de lá.
Terra morena que eu amo tanto, meu Pará

Eu sou de lá.
Onde as Marias são Marias pelo céu.
E as Nazarés são germinadas pela fé.
Que irá gravada em cada filho que nascer.

Eu sou de lá.
Se me permites já lhe digo quem sou eu.
Filha de tribos, índia, negra, luz e breu.
Marajoara, sou cabloca, assim sou eu.

[36] Para ouvir uma versão cantada da música, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=BHBUTwlUo-M.

Eu sou de lá.
Onde o Menino Deus se apressa pra chegar
Dois meses antes já nasceu fica por lá
Tomando chuva, se sujando de açaí

Eu sou de lá
Terra onde o outubro se desdobra sem ter fim
Onde um só dia vale a vida que eu vivi.
Domingo Santo que não posso descrever.
(Trecho da música Eu sou de lá, do Padre Fabio de Melo[37])

A maioria dessas canções são consideradas religiosas e tem melodias mais calmas, cadenciadas, com a finalidade de gerar uma ambiência de oração e devoção. Mas há também composições locais, que evidenciam a relação de intimidade dos paraenses com Nossa Senhora, pelas invocações a "Nazaré", "Naza", "Nazarézinha", entre outras formas de chamarmos a Santa. Da mesma forma, essas músicas, pelos ritmos e pelas letras, entrelaçam a história do Círio com matrizes da cultura paraense. É o caso do "Zouk da Naza", de autoria de Almirzinho Gabriel. Em ritmo regional, geralmente essa música costuma agitar os romeiros quando entoada por corais e cantores que se encontram nos prédios e arquibancadas no percurso da procissão. Apesar de ter melodia mais lenta, a música "Círios", de Marco Aurélio e Vital Lima, destaca-se pela poesia, expressando imagens e sentidos em torno da cidade e da festa.

Nazaré chegou por aqui já era santa
E aqui já era aqui no mesmo lugar
Se acocorou pra beber água a chuva caiu
Resolveu ficar
Tirou palha, envira, cipó, galinho de pau
Fez uma casinha arrumou cozinha e quintal
Assou peixe, fez avoado, tirou açaí
Sem nada magoar

Naza, Nazarézinha, Nazaré rainha
Nazaré, mãe da terra, mãeziinha me ajuda a cuidar
(Letra da música Zouk da Naza, de Almirzinho Gabriel[38])

[37] Para ouvir uma versão cantada da música, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=j5NTQHIDMIE.
[38] Para ouvir uma versão cantada da música, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=0qVQlYYJjs4.

Menino acorda e vem olhar
o sol não tarda em levantar
vem ver Belém
que começa a despertar.

Outros outubros tu verás
(e outubros guardam histórias),
ver o peso
quando for a hora.
(Trecho da música Círios, de Marco Aurélio e Vital Lima[39])

Em letras e acordes, por vezes, essas canções conseguem explicitar aspectos sinestésicos das diferentes experiências no Círio que outras linguagens não conseguem descrever com igual sensibilidade. Ao som dessas músicas, o povo ora, festeja, louva e caminha durante as procissões.

Por um tempo, a animação da procissão foi conduzida por pequenos carros de som, mas tinham alcance limitado. Hoje, os animadores falam ao povo por meio de sistema de caixas de som instaladas nos postes da rede de energia ao longo do percurso e a transmissão é feita pela Rádio Nazaré, emissora da Fundação Nazaré de Comunicação, da Arquidiocese de Belém (IPHAN, 2006). Devido à necessidade de manutenção, atualmente o sistema de sonorização só funciona em alguns trechos da procissão.

Os trechos não atendidos são substituídos pelos corais e atrações musicais que entoam homenagens a Nossa Senhora nas calçadas, arquibancadas e sacadas. Por vezes, nota-se uma sobreposição de ritmos sonoros durante a procissão, já que esse não é um aspecto controlado pela Diretoria, como no trecho em que realizamos a observação exploratória em 2015. Em frente ao hotel onde nos posicionamos, do outro lado da avenida, há uma arquibancada onde se situam vários corais que cantam diferentes repertórios em homenagem à Santa. Ao lado do hotel, há um palanque montado em frente a um grande banco, que também tem um coral próprio para homenagear Nossa Senhora. As músicas são entoadas simultânea e constantemente, não apenas no momento em que a Santa passa naquele trecho, mas ao longo de todo o fluxo da procissão.

Isso também permite que, nesses trechos, os fieis acompanhem as canções que são interpretadas, o que, no caso de músicas mais animadas, acaba dinamizando o fluxo da procissão incentivando os fieis a caminharem.

[39] Para ouvir uma versão cantada da música, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=qY99M3MzGqk.

A chegada da berlinda à Praça Santuário de Nazaré, localizada em frente à Basílica Santuário, marca o encerramento da procissão. Desde cedo a praça é tomada por pessoas que aguardam a chegada da Santa. Lá, é realizada a missa de encerramento da procissão, geralmente dirigida pelo Arcebispo de Belém ou por celebrante convidado. Ao longo da festividade, a Imagem fica exposta em um altar localizado no centro da praça, aberto à visitação para quem quiser ver e fotografar de perto a Santa.

A festa continua

Uma das recompensas pela caminhada realizada no Círio é o esperado e antecipadamente organizado **Almoço do Círio**. Trata-se de um dos momentos mais expressivos da festa e acontece no retorno dos romeiros às suas casas para o almoço em família. Há toda uma preparação e expectativa em torno dessa refeição, semelhante à organização das ceias de final de ano, que tem a ver com o prazer da comida, mas também com a dimensão comunitária e familiar do ato de comer e confraternizar. No cardápio, encontram-se geralmente pratos típicos da culinária paraense, como o pato no tucupi e a maniçoba (Figura 55).

Figura 55. Exemplo de mesa do almoço do Círio.
Interessante, na imagem, o pato no tucupi ao fundo e a maniçoba em primeiro plano dividirem a mesa com o também tradicional molho de pimenta, deixando espaço ainda para comidas mais comuns, como o arroz com galinha e a batata frita, esta última ícone do *fast food*.

Foto: Luzinete Brandão Coelho, *in*: Frugoli, 2014.

Para Maués e Maués (2005, p. 44), esse é um "ponto alto de nossos rituais de comensalidade do ano inteiro, mais do que o Natal, mais do que o réveillon". Não à toa o Círio

ser conhecido como o “Natal dos Paraenses”. Em canções, Belém é declamada como o lugar “onde o menino Deus se apressa para chegar” e já é celebrado três meses antes do Natal.

Até marcas nacionais de gêneros alimentícios, como a Sadia, aproveitam a ocasião para lançar produtos e propagandas específicas para o público da festa. Por isso, não é possível olhar para o Círio apenas como manifestação religiosa, visto que perpassa e conjuga outras esferas do social (econômica, cultural, social, histórica).

Isso fica ainda mais evidente, como já destacamos, nos eventos considerados profanos, apesar de ser muito difícil estabelecer uma divisão clara entre o sagrado e o profano no Círio. O **Arraial de Nazaré** é umas dessas ambiências mistas. Um espaço de lazer montado no terreno na lateral da Basílica Santuário, onde ficam barracas para venda de comidas típicas, artesanatos, artigos religiosos e brincadeiras envolvendo brindes. Hoje também é montado um parque de diversões, com venda de ingressos para brinquedos (roda gigante, montanha russa, carrossel, etc.). Inicia dias antes do Círio e fica montado até algumas semanas depois do encerramento da Festividade, a depender da participação das pessoas. Como em outras festividades de santos, é um momento de confraternização frequentado por devotos e outras pessoas interessadas no lazer (Figuras 56 e 57).

Figura 56. Arraial de Nazaré de dia. Nas barraquinhas, há vendas desde comidas típicas a artesanatos e jogos de sorte.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Ana Luiza Pires.

Figura 57. Arraial de Nazaré à noite. As luzes dos brinquedos destacam o pequeno parque de diversões que funciona apenas no período do Círio em Belém, podendo estender-se algumas semanas dependendo do fluxo de pessoas.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Ana Luiza Pires.

O Arraial se tornou um espaço importante da festividade desde o primeiro Círio, em 1793. Na época, era uma grande feira agrícola, que passou a incorporar a cultura das barraquinhas com comidas típicas, jogos e sorteios[40].

> Tal como no início das celebrações do Círio, o arraial continua sendo um local de comércio e também de festa, o principal ponto de encontro das pessoas durante os 15 dias da quadra nazarena. [...] As noites do arraial são um momento de encontro, de circulação de pessoas, de namoro e de um conjunto de fatos que, por sua própria natureza, não estão sob o controle da diretoria da festa (IPHAN, 2006, p. 52).

Como relata o Dossiê do IPHAN, essa dimensão profana do Círio tem como motivação principal a sociabilidade. Um caso curioso registrado é que antes as famílias aproveitavam o momento e o espaço do Arraial para apresentar suas filhas para a sociedade: "Muitos noivados e casamentos começaram nas festas do arraial" (IPHAN, 2006, p. 19)

Durante as noites da festividade, além do Arraial, outra atração é o **Círio Musical**, uma programação de shows de grupos e cantores católicos organizada pela Diretoria da Festa em parceria com comunidades de jovens católicos. Os shows são gratuitos e ocorrem durante as quinze noites da festividade (sempre após a última missa do dia, a partir das 21h), começando no dia da procissão do Círio e encerrando na noite da queima de fogos, após duas semanas da procissão principal. Cada vez mais, reúne públicos de maior proporção, a partir do momento

[40] Fonte: Site Oficial do Círio. Disponível em: <www.ciriodenazare.com.br>. Acesso em: 11 jul. 2016.

em que são trazidos cantores e ministérios de música nacionalmente conhecidos, como o Padre Fabio de Melo e os grupos Rosa de Saron, Anjos de Resgate (Figura 58) e Ministério Adoração e Vida. Ao final de cada noite de apresentação, o evento termina com a bênção da Imagem Peregrina, que é levada ao palco do show, chamada de Concha Acústica, situado dentro da própria Praça Santuário (Figura 59).

Figura 58. Anjos de Resgate participam do Círio Musical 2013.
Alguns grupos de destaque nacional integram a programação todos os anos.

Fonte: Acervo Anjos de Resgate.

Figura 59. Padre abençoa público no Círio Musical 2013.
A bênção ao final dos shows já se tornou uma tradição. A Santa é sempre o ponto máximo das noites.

Fonte: Acervo Anjos de Resgate.

Entre o público dos shows identificamos a presença de famílias e crianças, mas o público predominante é de jovens, que vão, principalmente em grupos ou em casais. A

participação deles é em grande parte engajada, com o conhecimento das músicas e danças interpretadas no palco. Por serem de cantores e grupos católicos conhecidos nacionalmente, esses shows são, por vezes, oportunidades únicas de alguns públicos, inclusive fã-clubes, estarem próximos de quem admiram, e gratuitamente. Em alguns casos, grupos de paróquias de municípios próximos se organizam em caravana para viajarem a Belém para participar de shows. Dependendo da atração, muitas pessoas se penduram em grades para ter uma melhor visão do palco. Os flashes das câmeras e celulares são acionados a todo momento para filmar e fotografar o momento.

No show da banda Rosas de Saron que acompanhamos em 2015, por exemplo, vimos que é comum encontrar pessoas vestindo camisas de outras bandas do gênero rock, mesmo que não católicas. Também usam faixas na cabeça e camisas com o nome da banda. Vendedores ambulantes aproveitam a oportunidade para oferecer CDs e DVDs, bem como outros artigos, como camisas e bótons. Práticas muito próprias de shows de grupos musicais independentemente de serem católicos ou não.

No Círio Musical, as pessoas se movimentam constantemente, tentando chegar mais próximo do palco ou se afastar por conta da grande concentração do público. Há ainda o fluxo de pessoas vindas do Arraial de Nazaré e pessoas que, possivelmente atraídas pela multidão, passam pelo local, observam e permanecem por algum tempo. Alguns grupos parecem estar realmente interessados no evento, acompanham o show com atenção, cantam as músicas e permanecem até o final. Enquanto outros preferem circular, conversar entre si e ficar de costas para o palco. Isso revela que essa ambiência também se constitui como espaço de sociabilidade, concomitantemente às motivações religiosas por certo envolvidas.

As procissões também continuam

Ao longo dos 15 dias de festividade pós-procissão do Círio, ainda são realizadas outras procissões, voltadas para públicos específicos que, ao longo do tempo, demandaram momentos e espaços próprios de homenagem e proximidade com a Santa. Uma das procissões é a **Ciclo Romaria**. Ela ocorre na manhã do sábado posterior ao Círio, com saída e chegada na Praça Santuário de Nazaré, mas o percurso varia a cada ano. Criada em 2004, a procissão surgiu a partir das solicitações da Federação dos Ciclistas do Pará e da Associação dos Ciclistas de Icoaraci[41] (Figura 60).

[41] Fonte: Site Oficial do Círio. Disponível em: <www.ciriodenazare.com.br>. Acesso em: 11 jul. 2016.

Figura 60. Ruas de Belém tomadas por ciclistas que acompanham a Ciclo Romaria. Em 2015, o percurso foi de 13,8 Km e, em 2016, de 14 quilômetros, conforme o Dieese-PA.

Fonte: PASCOM/Basílica Santuário.

No mesmo dia, mas à tarde, é realizada a **Romaria da Juventude**, que existe desde 2001. Essa é uma procissão organizada e voltada para o público jovem. Reúne grupos de paróquias, comunidades católicas e outros jovens em uma procissão que é conduzida com músicas agitadas, intercaladas de orações e reflexões. Todo ano a saída é de uma paróquia ou comunidade e segue até a Praça Santuário (Figuras 61 e 62).

Figura 61. Jovens participam da Romaria levando a bandeira de seus grupos paroquiais. No percurso, observamos os jovens em grupos de amigos, com suas famílias, em casais e com crianças também.

Foto: Aline Andrade/ASCOM Basílica Santuário.

Figura 62. Jovens carregam cruz de madeira na procissão. Ao fundo, em um trio elétrico, grupos de louvor tocam músicas católicas com ritmos animados e convocam os peregrinos a rezar.

Fonte: PASCOM/Basílica Santuário.

Algo que chama atenção são as pastorais da juventude que se reúnem em grande quantidade. São grupos de jovens que podem ser ligados diretamente a uma paróquia específica ou a comunidades católicas, como a Cristo Alegria, a Shalom e a Casa da Juventude. Muitos se vestem com camisas com temas religiosos e portam terços. Eles seguram-se uns nos outros para não se perderem dos grupos. Também com esse objetivo, os jovens usam a mesma camisa para que se identifiquem com facilidade. Alguns grupos têm a "camisa pirulito", que é uma pequena mochila com uma bandeira hasteada que torna possível os membros do grupo avistarem de longe. Quando a procissão chega à Praça Santuário, é realizada uma missa, seguida de um show da programação do Círio Musical.

No dia seguinte, domingo, é a vez das crianças terem um momento com Nossa Senhora. A **Romaria das Crianças** acontece sempre uma semana depois da procissão do Círio, iniciando na Basílica, caminhando por ruas próximas e retornando para o mesmo ponto. A berlinda costuma ter uma decoração mais simples e ficar mais próxima do público (Figura 63). Muitas crianças se vestem de anjos, geralmente acompanhadas dos pais e familiares e participam dos carros de anjos, como no Círio. Muitos idosos e adultos também acompanham a procissão, pois é uma forma mais tranquila de caminhar próximo à Santa, em relação às demais romarias. A primeira Romaria das Crianças foi realizada em 1990.

Figura 63. Crianças conduzem a berlinda em romaria organizada para elas. A berlinda é menor, o carro é conduzido pelas próprias crianças e os Guardas são mirins.

Fonte: Agência Pará.

No final de semana seguinte, na sexta pela manhã, desde 2014, ocorre a mais nova procissão do Círio: a **Romaria dos Corredores** (Figura 64). Ela sai da e retorna à Praça Santuário. Na sequência, no domingo, também envolvendo o público de corredores mas com outro enfoque, é promovida a **Corrida do Círio** (Figura 65). Diferente da anterior, não conta com a Imagem Peregrina e não é organizada pela Diretoria do Círio e sim pelas Organizações Rômulo Maiorana – grupo de mídia local que administra a emissora de TV afiliada à Rede Globo em Belém, entre outros veículos. Esse já é um dos eventos mais tradicionais do período da festividade e atrai todo tipo de participante: católicos, fiéis de outras religiões e não religiosos também.

Figura 64. Romaria dos Corredores 2014. Como uma das procissões oficiais do Círio, conta com a presença da berlinda com a Imagem Peregrina de Nossa Senhora.

Fonte: Eko Comunicação.

Figura 65. Corrida do Círio 2015. O percurso totaliza 10 quilômetros, perpassando várias ruas dos bairros centrais da cidade.

Fonte: Agência Belém.

A largada começa pelas pessoas com deficiência física, seguidas das mulheres e dos homens corredores e, por fim, os participantes que apenas caminham. A classificação do pódio é feita por categorias de gênero e idade, o mesmo ocorre entre os participantes com deficiência. Há, ainda, uma categoria que vai além dessas classificações, a das pessoas que correm fantasiadas. É possível observar competidores que portam verdadeiras alegorias, como carros decorados e outros tipos de fantasias (Figura 66).

Figura 66. Personagens da Corrida do Círio 2013. Em parceria, um Papa e um Super Herói, ambos de tênis, conduzem correndo a berlinda com Nossa Senhora.

Fonte: Reprodução TV Liberal.

Ao longo do evento alguns participantes tiram fotos e filmam o percurso. É muito comum as pessoas usarem aparelhos eletrônicos para ouvirem música durante a corrida. Ao longo do percurso, muitos observam e acompanham a competição filmando e fotografando, gritam o nome dos competidores, levantam cartazes e torcem por alguém de sua preferência. Na Praça da República, de onde saiu a corrida em 2015, academias esportivas montaram barracas onde as pessoas se reuniam para se prepararem antes da corrida e depois para confraternizarem com seus respectivos grupos, exibindo as medalhas conquistadas.

No último domingo da festividade, acontece ainda a **Procissão da Diretoria da Festa**, que reúne principalmente os membros da Diretoria e as comunidades/pastorais da Basílica Santuário, mas o público participante tem crescido, pois como é pequena, o devoto pode acompanhar a procissão bem próximo à Imagem Peregrina. A cada ano, a romaria sai de uma comunidade da Paróquia de Nazaré e segue até a Praça Santuário.

Após duas semanas da procissão do Círio, encerra-se a chamada Quadra Nazarena, período da Festividade de Nossa Senhora de Nazaré. Desde 1982, com a inauguração da Praça Santuário, o Arcebispo Metropolitano de Belém celebra uma missa na noite do domingo[42]. Horas depois, acontece um show pirotécnico que marca o encerramento da festividade. Em alguns anos, os fogos chegaram a ser proibidos pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA), devido ao transtorno causado a pássaros que vivem nas árvores próximas à praça.

Na manhã do dia seguinte, sempre uma segunda-feira, feriado em Belém, acontece a última procissão oficial da Festividade, o **Recírio**, após uma missa na Basílica Santuário. A

[42] Fonte: Site Oficial do Círio. Disponível em: <www.ciriodenazare.com.br>. Acesso em: 11 jul. 2016.

Imagem contorna a Praça Santuário (Figura 67) e depois segue para o Colégio Gentil Bittencourt[43]. O primeiro Recírio ocorreu em 1859 e era um pouco diferente: acontecia em um domingo à tarde e o percurso levava a Imagem para a Capela do Palácio do Governo[44].

Figura 67. Saída da Imagem Peregrina da Basílica para contornar a Praça Santuário de Nazaré. O percurso é o mais curto de todos, com cerca de 700 metros.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

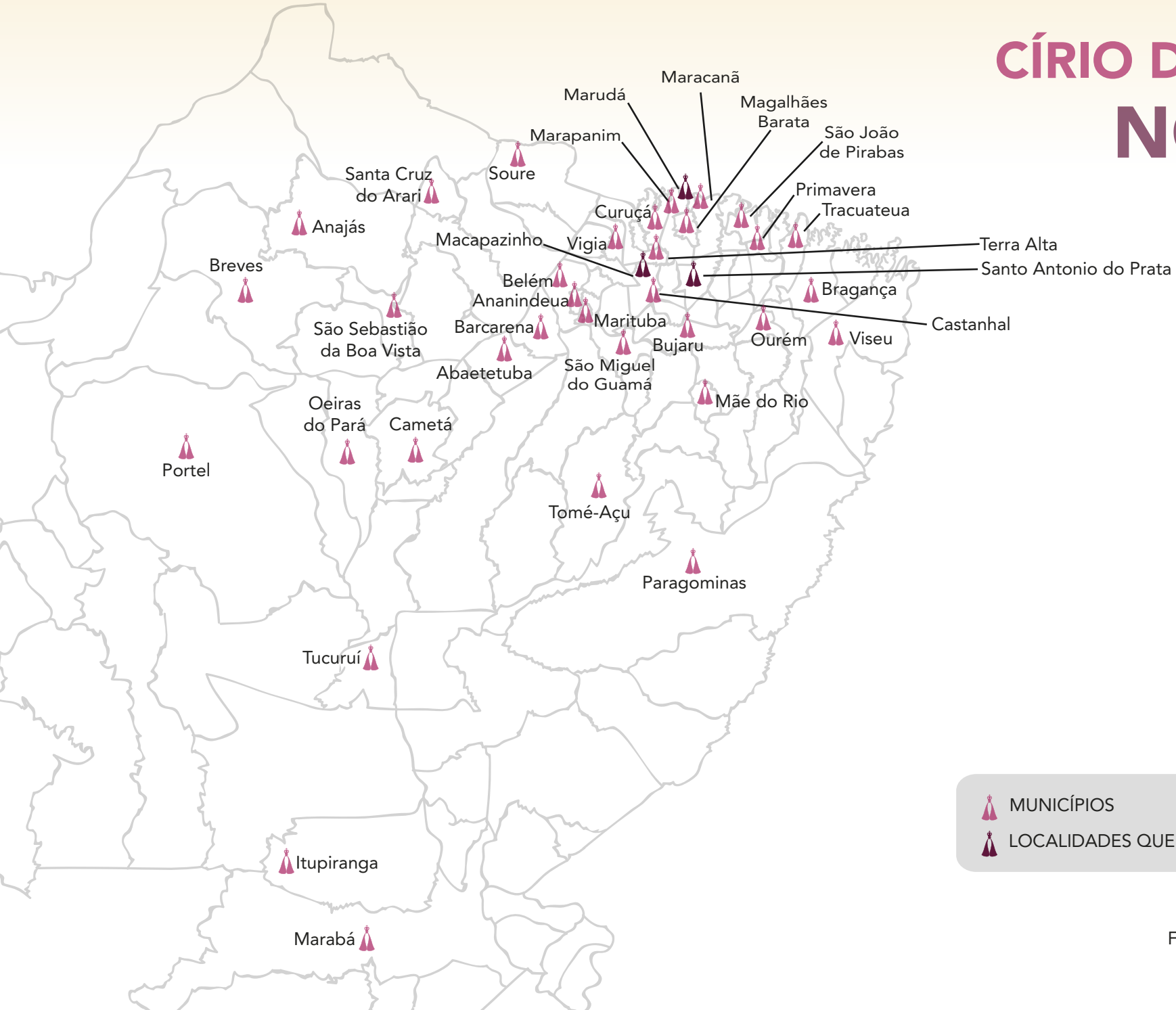
O Círio vivido em outras localidades

É impressionante pensar a abrangência do Círio em Belém, com tantos eventos oficiais e outros promovidos pelos mais diferentes agentes públicos e instituições. Trata-se de um fenômeno impossível de ser descrito em sua totalidade, visto que a cada ano surgem novos eventos e se desdobram novas dimensões dessa devoção e grande manifestação cultural. Mas é preciso reforçar o fato de que essa tradição de festejar Nossa Senhora de Nazaré não é exclusiva da capital paraense, apesar de ser a que hoje tem maior proporção e visibilidade. Segundo a Arquidiocese de Belém, outros 36 municípios paraenses realizam seus "Círios" (conforme Figura 68, na página 108), com programações próprias, em variados períodos do ano, antes ou depois do Círio em Belém. É interessante notar que a localização dos Círios de Nazaré concentra-se mais no Nordeste do estado, em municípios de forte colonização portuguesa[45].

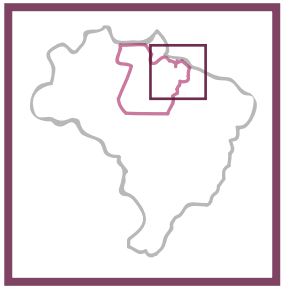
[43] Posteriormente, em cerimônia mais fechada para os membros da escola, há uma despedida da Imagem, que retorna à Basílica, onde fica guardada em uma sala específica quando não está peregrinando; somente no ano seguinte retorna ao Colégio Gentil para o início do Traslado para Ananindeua, a primeira procissão oficial da programação.
[44] Fonte: Site Oficial do Círio. Disponível em: <www.ciriodenazare.com.br>. Acesso em: 11 jul. 2016.
[45] Em outras mesorregiões do Pará, existem Círio(s), que têm como padroeiras(os) outras denominações de Nossa Senhora ou santas(os), como o Círio de Sant'Ana (mãe de Maria), em Óbidos, no Oeste paraense.

FIGURA 68

CÍRIO DE NAZARÉ NO PARÁ



MAPA DO ESTADO DO PARÁ



MUNICÍPIOS

LOCALIDADES QUE INTEGRAM UM MUNICÍPIO

Fonte: Elaborado para a pesquisa.

Como já mencionado, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré nasceu no interior, antes mesmo de Belém. Foi ao município de Vigia que a devoção à Santa chegou por primeiro, trazida pelos portugueses, em meados do século XVII, mais de cem anos antes de Plácido encontrar a Imagem no igarapé em Belém. Mantendo a tradição até hoje, o município realiza uma das festividades de Nossa Senhora de Nazaré que mais reúne público depois da capital (Figura 69).

Figura 69. Círio de Nazaré em Vigia (2016). Procissão principal ocorre em setembro e, como em Belém, conduz a Imagem de Nossa Senhora em uma berlinda.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Julianna Leão.

É interessante notar que a programação de várias dessas festividades, assim como em Belém, envolve uma variedade de procissões e eventos religiosos, além de atrações culturais e festivas que movimentam os municípios. Apesar da semelhança litúrgica com as procissões da capital, vemos nos interiores outras faces não só de Nossa Senhora como da devoção a ela.

Em 2016, participamos do Círio de Vigia e nos impressionamos com uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré bastante diferente da que peregrina em Belém. Ela é semelhante a um santo de roca, ou seja, é oca, formada apenas pela armadura revestida pelo manto e a cabeça, parecida com a de uma boneca, inclusive com cabelos negros (Figura 70).

Figura 70. Imagem de Nossa Senhora de Nazaré, venerada em Vigia. O manto, com muitos bordados e em tons azuis, lembra as vestes de entidades de religiões de matrizes africanas.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Julianna Leão.

A devoção a Nossa Senhora de Nazaré, mais recentemente, tem se expandindo também para outros estados e países. O Rio de Janeiro – desde que o antigo Arcebispo de Belém, D. Orani João Tempesta, hoje Arcebispo do Rio de Janeiro e Cardeal, mudou-se para a capital carioca – tornou-se também lar da Santa paraense[46], recebendo todos os anos a visita da Imagem Peregrina. Antes ou depois da festividade de outubro em Belém, outros dez estados são visitados pela Santa, além de países como a Guiana Francesa, Portugal e Itália, segundo dados oficiais da Diretoria da Festa e do Dieese-PA[47].

Com toda essa movimentação, o Círio também provoca impactos reais na economia de Belém e do Pará. Em 2016, a Secretaria de Estado de Turismo (SETUR) e o Dieese-PA estimaram cerca de 80 mil turistas na cidade em outubro para participar do Círio, que fizeram circular mais de 100 milhões de reais na economia. O impacto global da festividade, contudo, chegou a 1 bilhão de reais.

A produção e manifestação cultural da cidade nesse período também efervesce. Além dos eventos aqui brevemente narrados, são promovidos shows de cantores paraenses, peças de teatro, exposições artísticas, cursos, oficinas, concursos, festivais, entre muitos outros eventos.

[46] No Rio de Janeiro, mais precisamente na cidade de Saquarema, já existe a devoção a Nossa Senhora de Nazareth (mantendo a escrita em latim), hoje reconhecida, inclusive, como a mais antiga do Brasil, com a segunda maior procissão em homenagem à Santa. Em 2009, a Imagem paraense visitou pela primeira vez a igreja do interior do Rio de Janeiro (MAUÉS, 2013).

[47] Esses dados foram concedidos em entrevista coletiva, de que participamos em 2015, oferecida pela Diretoria da Festividade de Nossa Senhora de Nazaré e pelo Dieese-PA, que há 29 anos registra dados estatísticos sobre o Círio.

Cada família, empresa, instituição organiza programações próprias, com momentos de festejo e oração. Por exemplo, em 2015, aconteceu pela primeira vez a Cavalgada do Círio, um evento realizado por um grupo de cavaleiros, de vários municípios próximos à capital, para homenagear Nossa Senhora. Cada indivíduo ou grupo, à sua maneira, busca manifestar sua devoção pela Santa, tornando o Círio uma complexa e igualmente instigante ambiência para pensar a comunicação.

O popular que move a comunicação

Essa primeira Estação é fruto dos mapeamentos feitos acerca da festa e de nossas experiências anteriores e no âmbito da pesquisa. Certamente, alguns sentidos e sensações que nos afetaram e afetam os sujeitos que constituem essa grande festa acabam por ficar de fora do relato acadêmico, dada a incapacidade dessa narrativa formal contemplar completamente aspectos subjetivos instransponíveis para a linguagem verbal. Sobre essa questão, outro trecho da canção "Eu Sou de Lá" é bastante significativo:

Terá que vir
Pra ver com a alma o que o olhar não pode ver
....
Pois há de ser mistério agora e sempre
Nenhuma explicação sabe explicar
É muito mais que ver um mar de gente
Nas ruas de Belém a festejar

É fato que a palavra não alcança
Não cabe perguntar o que ele é
O Círio ao coração do paraense
É coisa que não eu não sei dizer
Deixa pra lá...
(Trecho da música Eu sou de lá, do Padre Fabio de Melo)

Por mais que tenhamos trazido diferentes fontes e formas de linguagem para nosso relato, é preciso reconhecer que ele é apenas parcial. Apesar disso, buscamos oferecer ao(à) leitor(a) e interlocutor(a) uma visão ampla do Círio, não só restrita à Festividade oficial de Nossa Senhora de Nazaré, mas dando a ver muitos dos fluxos que transcorrem e transpassam a cidade de Belém nos tempos e espaços acionados pelos sujeitos em interação.

Como dissemos anteriormente, esse grande mapa, como passo metodológico, foi uma forma de nós, igualmente, dimensionarmos a abrangência do objeto empírico de nosso estudo.

Ao narrarmos diferentes simbologias, características, espacialidades e temporalidades do Círio, percebemos a importância do **popular** como ambiência que nos ajuda a pensar o comunicacional no estudo junto às famílias, que acompanhamos em nossa pesquisa.

Para melhor compreender essa importância, é preciso olhar para o popular não como o marginal, a contraposição a uma alta cultura, dicotomizando um processo que é dinâmico, a cultura. Precisamos, então, tomar a cultura popular "enquanto trama, entrelaçamento de submissões e resistências, impugnações e cumplicidades" (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 266) e "esse 'lugar' do qual é possível historicamente abarcar e compreender o sentido que adquirem os processos de comunicação"[48] (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 128). A cultura, por sua vez, precisa ser pensada como o espaço que tece e é tecido (GEERTZ, 2011) por práticas comunicativas que constituem as relações sociais. De uma forma ampla,

> Por baixo da realidade mais real, da mais dura constância das coisas, e no seu entorno e acima dela, envolvendo-a completamente, está a cultura: que proporciona os signos com que conversamos, as maneiras pelas quais agimos, a autoridade com que revestimos nossas opiniões ou as do outro, o conteúdo fragmentário de nossos sonhos, as formas inesgotáveis do desejo, as melodias dos corpos, os deuses que adoramos, os ritos mediante os quais interagimos, as cerimônias com que nos apropriamos da morte até transformar, inclusive ela, em uma festa do significado, um fato social, uma comunicação do ânfora e da pena, da herança e mais além, da justiça humana ou do castigo divino (BRUNNER, 1988, p. 20-21)[49].

O Círio encarna essa concepção de cultura. Como manifestação popular, está imbricado por relações políticas e econômicas. Vemos no Círio um popular híbrido, tensionado por lógicas comerciais, quando o artesanato, por exemplo, é igualmente arte regional, fonte de renda e objeto reprodutível. Como observa García-Canclini (2013) em vários processos culturais na América Latina, a hibridação é uma combinação tensionada de processos socioculturais que geram novas práticas (GARCÍA-CANCLINI, 2013). Com isso, ele busca se afastar de noções

[48] Tradução do original: "ese 'lugar' desde el que se hace posible históricamente abarcar y comprender el sentido que adquieren los procesos de comunicación".

[49] Tradução do original: "Por debajo de la realidad más real, de la más dura constancia de las cosas, y por su entorno y encima de ella, envolviéndola completamente, está la cultura: que proporciona los signos con que nos hablamos, las maneras mediante las cuales operamos, la autoridad con que revestimos nuestras opiniones o las del otro, el contenido fragmentario de nuestros sueños, las formas inagotables del deseo, las melodías de los cuerpos, los dioses que adoramos, los ritos mediante los cuales interactuamos, las ceremonias con que nos apropiamos de la muerte hasta volverla, incluso a ella, una fiesta del significado, un hecho social, una comunicación del ánfora y la pena, de la herencia y el más allá, de la justicia humana o el castigo divino" (BRUNNER, 1988, p. 20-21).

essencialistas de identidade e autenticidade, que não dão conta de explicar as dinâmicas culturais que se desenvolvem nos nossos países, cuja formação histórica está distante das lógicas de constituição dos países desenvolvidos.

Do ponto de vista político, essa hibridação dá a ver um palco de disputas por visibilização de figuras públicas (políticos, artistas, etc.), assim como as desigualdades sociais, em que pessoas de diferentes faixas de renda juntam-se no meio da multidão e dos rios, mas também se segregam nas laterais da rua, nos prédios e empresas que reúnem convidados para vista privilegiada da procissão, nas mesas do almoço do Círio que têm elementos comuns, mas também desiguais.

Ainda que a noção político-cultural de hegemonia de Gramsci (1999) não seja totalmente adequada[50], podemos trazê-la também para essa discussão quando vemos um popular em permanente tensionamento com práticas hegemônicas da cultura letrada e midiática, articulando-se a elas de forma negociada. Como exemplo, podemos citar as manifestações de rua do Auto do Círio e do Arrastão do Círio, que em um extremo seriam mais "tradicionais"[51], mas são enredadas por lógicas de organização do tempo e do espaço da cidade, ainda que não sejam programações oficiais, ou seja, geridas pela Igreja e pelo Estado. São formas de resistência cultural de enfrentamento, mas sobretudo de articulação política para sua própria manutenção.

Mas é na dimensão da religiosidade popular que vemos de forma mais evidente essa hibridação e disputas. Gramsci (2002) acredita, especialmente no que se refere ao catolicismo, que existe uma "religião do povo" que é muito distinta da "religião dos intelectuais", que seria organizada e sistematizada pela hierarquia da Igreja. No Círio, observamos algumas marcas dessas distinções: por um lado, a busca pela ordenação dos eventos controlados pela Diretoria da Festa; por outro lado, práticas populares de devoção que, por vezes, até contradizem a doutrina católica.

---

[50] Gramsci trata de hegemonia para desvelar as relações políticas existentes entre classes subalternas e classes dirigentes na sociedade, que se dá não pela imposição destas sobre aqueles, mas por um jogo de negociação. Apesar disso, o conceito, tanto quanto explicativo, tem uma dimensão política de tomada de consciência das classes subalternas em relação a essa dinâmica da hegemonia para que possam agir e disputar. No caso do Círio, não se trata de uma disputa entre classes, mas principalmente o tensionamento de práticas distintas, por isso a noção de hegemonia de Gramsci é rica, mas com as devidas ressalvas quanto às naturezas das discussões do autor e do que estudamos e percebemos no Círio.

[51] Usamos o termo como referência a uma ideia de cultura popular mais purista, atribuída a uma prática cultural enraizada a uma cultura local, no caso do Círio, paraense ou ainda belenense. Mas preferimos tratar do termo entre parênteses exatamente por concordar com García-Canclini que não é possível pensar o popular na contemporaneidade se não de forma híbrida.

Um exemplo é a forma como muitos devotos cultuam a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Para a Igreja, Nossa Senhora e os Santos são exemplos de vida dedicada e obediente a Deus, portanto, auxiliam os fieis a seguir mais retamente os ensinamentos de Jesus e da Igreja. Apesar de serem pessoas especiais, não se confundem com Deus, ou seja, podem ser venerados, mas não adorados; são intercessores, mas quem tem o poder de ação sobre o mundo é somente Deus. Na relação popular com Maria, contudo, essa questão do poder de Nossa Senhora, por vezes, embaça esses limites teóricos da doutrina da Igreja.

Quando observamos as canções do Círio, por exemplo, vemos concepções e linguagens diferentes para retratar Nossa Senhora. Aquelas que são compostas por membros da Igreja ou são tidas como músicas religiosas retratam Nossa Senhora de Nazaré como mãe e intercessora; já as canções mais populares, de compositores locais, apresentam a relação de intimidade dos devotos para com Nossa Senhora.

Vós sois o lírio mimoso
Do mais suave perfume
Que ao lado do santo esposo
A castidade resume.
(Trecho da letra da música Vós Sois o Lírio Mimoso, de Joanna)

Naza, Nazarézinha, Nazaré rainha
Nazaré, mãe da terra, mãezinha me ajuda a cuidar
(Trecho da letra da música Zouk da Naza, de Almirzinho Gabriel)

Não só pelas letras das músicas, essa distinção se dá também pelos ritmos, quando ouvimos várias canções locais entoadas em ritmos regionais, como carimbó e guitarrada. Com isso, não queremos dizer que no Círio essas concepções e linguagens oficiais e populares sejam

totalmente distintas. Pelo contrário, até pela formação sócio-histórica do catolicismo no Brasil, as práticas religiosas católicas no contemporâneo, em grande parte, são fruto da hibridação com matrizes religiosas e culturais indígenas e africanas (PEREZ, 2011). Essa hibridação, contudo, não apaga enfrentamentos entre formas oficiais de manifestação de fé e práticas populares de devoção.

Além do culto a santos, outra marca do Círio relacionada a esse embate entre religiosidades oficial e popular é a corda. Como já mencionado, a corda é um espaço de grande disputa e resistência dos devotos por um espaço "privilegiado" de conduzir e estar próximo da Santa. Na estrutura da procissão, hoje, a corda apenas conduz Nossa Senhora de forma simbólica, pois é a Igreja (por meio do clero, da Diretoria da Festa e dos Guardas de Nazaré) que ficam no entorno da Berlinda e a comandam na procissão.

Mas a permanência da corda até hoje é fruto da resistência popular à vontade da Igreja de extingui-la em vários momentos, alegando que Deus não exige o sacrifício físico oferecido pelos promesseiros da corda, que a corda é um dos fatores de confusão e estrangulamento da procissão, obstruindo ou atrasando o fluxo, entre outras justificativas. Apesar disso, por mais interferências que a Igreja faça (criação de estações, desatrelamento da Berlinda), a corda permanece em toda sua simbolização popular, como mostramos anteriormente.

Vemos, assim, que, como fenômeno religioso, o Círio escapa aos domínios da Igreja Católica, tanto no que se refere a formas de religiosidades quanto à agregação do profano. As formas de veneração a Nossa Senhora são manifestadamente festivas, envolvendo sacrifícios (promessas) e recompensas (graças espirituais e materiais), orações e diversões. Ao longo de toda a narrativa desta primeira Estação, é possível perceber essa multiplicidade de elementos que compõem essa grande festa.

Destacamos a questão do popular porque observamos que é ele, híbrido, que dá dinâmica e movimenta essa manifestação, resistindo à demasiada organização desejada e buscada pela Igreja. É nesse terreno de embates que percebemos um processo contínuo de transculturação (RAMA, 2002; ZUBIETA, 2000), no qual crenças, práticas culturais, dimensões políticas, relações econômicas, produções artísticas encontram-se em permanente comunicação, isto é, em conflito e contradição, mas também em negociação e convivência. O popular, assim, é o lugar que desencadeia, move a comunicação.

Nesse sentido, vemos o forte apelo da oralidade como condutora de muitas interações estabelecidas no Círio, manifesta também nos versos das canções que comunicam a devoção.

Foi de boca em boca que a história da Santa se difundiu quando de seu achado, cada devoto tecendo a narrativa a partir de suas experiências e relações. É de boca em boca que hoje muitos participam do Círio pela primeira vez e o narram para outros, contagiando novos públicos a conhecer a pequena Imagem que (co)move tanta gente. Seja mediada ou face a face, *offline* ou *online*, o Círio, a relação com a Santa e a prática da fé são assuntos permanentes entre os que participam dessa festa, mesmo não compartilhando de espaços e tempos comuns.

O não verbal é igualmente comunicativo quando observamos as mais diferentes performances visuais, materialidades simbólicas, gestos significantes. Como mencionado, é comum encontrar objetos de miriti nos mais diferentes formatos em todos os eventos, seja como elemento figurativo/decorativo, seja como objeto de devoção, representação de uma bênção, oferta em agradecimento a graças alcançadas. Por isso, consideramos que há uma natureza comunicativa (MARTÍN-BARBERO, 1997) nessas materialidades altamente simbólicas, formas de comunicação não verbal de matrizes culturais não letradas (RAMA, 2002).

Esses objetos materializam pedidos e agradecimentos individuais, no caso dos ex-votos, mas também comunicam aspectos coletivos e culturais de grupos sociais; "tanto expressa o conjunto dos problemas e das aflições que marcam a trajetória do devoto, quanto as questões comuns à experiência e sentidos referidos à coletividade dos paraenses e dos brasileiros" (PAES, 2013, p. 157). Possuem qualidade comunicativa, comunicando de forma silenciosa (no sentido de não falada ou verbalizada), mas não menos expressiva e simbólica.

Esse potencial comunicativo não verbal manifesta-se em diferentes aspectos. Trata-se de uma devoção carnavalesca, que mescla a religiosidade com o festivo e o profano, que chora, alegra-se, ajoelha-se, dança, canta, reza, veste-se e se trasveste em função de Nossa Senhora, mas também em função de uma experiência coletiva, vivida no social. O popular manifesta-se no coletivo, como nas peregrinações nas casas das famílias antes do período do Círio ou nos mais diferentes encontros que os eventos oficiais e não oficiais possibilitam. É uma prática vivenciada sempre com o outro, portanto, tecida pela comunicação.

A religiosidade popular, assim, é uma rica ambiência para perceber esses elementos. Festiva, evidencia o espaço do compartilhamento, onde o diferente é possível, ainda que com enfrentamento, resistência. Para Perez (2011, p. 26-7), as festas religiosas promovem a "ligação/comunicação com os afetos e com as emoções, ligação/comunicação/troca com o sagrado e com os deuses, ligação/negociação com os deveres e com as obrigações". A autora

defende essa ambiência das festas como um lugar privilegiado para olhar quem somos enquanto sociedade e entender nossas matrizes culturais.

> Os preceitos católicos, suas festas, sua ética, sua estética deram o ritmo e o tom da vida quotidiana no Brasil colonial e imperial, e ainda dão. [...] À sombra da cruz, criava-se a solidariedade comunal. O Brasil se construía. A igreja era o espaço dos mexericos e da difusão de notícias. Era durante a missa, ou após, nas sacristias, que as carolas faziam a crônica dos eventos quotidianos: casamentos, falecimentos, traições... que os patriarcas conversavam sobre os últimos eventos políticos ou sobre as colheitas e faziam suas conspirações (PEREZ, 2011, p. 142-3).

O popular, portanto, convoca nossas matrizes e atualiza nossas práticas. É o lugar do ético, do estético, da linguagem, do político, do social. Oferece à comunicação a observação e compreensão do entrelaçamento de seus elementos constituintes, sobretudo por evidenciar o papel dos sujeitos que, no ordinário e no extraordinário, tecem suas relações, seus modos de ver o mundo, a própria vida.

O Círio também é espaço de convivência (ainda que permeada por disputas), em que vemos a construção de aspectos de identidade e comunhão, possíveis não pelo compartilhamento de concepções e práticas rigidamente demarcadas, mas pelo compartilhamento de sensibilidades e sentidos que promovem a aproximação, mesmo que efêmera, de sujeitos com perfis sociais bastante distintos.

Seja por elementos da cultura regional (sons, comidas, danças, linguagens, materialidades), ou por questões mais diretamente religiosas (devoção a Nossa Senhora), o Círio constrói uma ambiência de compartilhamentos éticos e estéticos, que, por sua vez, possibilita uma sensação de comunhão ou identidade. Esse pertencimento a uma cultura paraense é evocada tanto pela Igreja quanto pelos devotos em geral. Não à toa a Imagem Peregrina possuir semblante com traços indígenas; ou as músicas locais sobre a Santa fazerem referência a ritmos e aspectos da cultura regional; ou os ex-votos que expressarem em miniaturas situações reais do cotidiano paraense; ou circularem as diversas nomenclaturas de Nossa Senhora como Rainha da Amazônia e mãe dos paraenses. Todas essas práticas são fruto e ao mesmo tempo compõem essa ambiência de identidade e comunhão.

Isso pode parecer contraditório às disputas que anteriormente evidenciamos. Mas no espaço da comunicação, o contraditório também é um componente significativo. Por isso, a ideia de hibridação de García-Canclini nos parece pertinente para compreender as dinâmicas

culturais do Círio, pois permitem perceber a diferença e o diverso, em enfrentamento e também em negociação. Como afirma o autor: “Podemos escolher viver em estado de guerra ou em estado de hibridação” (GARCÍA-CANCLINI, 2013, p. XXVII). Em um mundo em que a diferença e o diferente cada vez mais amedronta, é preciso analisar os processos de hibridação como fontes de soluções para a convivência (WOLTON, 2004).

É a partir dessas relações potencialmente comunicativas observadas nesse grande mapa do Círio que continuaremos nossa peregrinação de pesquisa, a partir de situações mais específicas, para compreender de forma mais aprofundada como o Círio dá a ver o comunicacional em suas múltiplas interações. Sigamos para a próxima Estação!

ESTAÇÃO 2

CENAS COMUNICATIVAS DO CÍRIO DE NAZARÉ

ESTAÇÃO 2: CENAS COMUNICATIVAS DO CÍRIO DE NAZARÉ

Diante dos esforços de investigação realizados na primeira Estação – baseados em observações exploratórias e levantamento de dados primários e secundários sobre nosso objeto –, que resultaram em uma compreensão mais ampla e multidimensional sobre o Círio, foi desafiador estabelecer um eixo orientador de nosso olhar. Muitos aspectos eram atraentes do ponto de vista empírico, assim como eram várias as possibilidades de caminhos a serem escolhidos. Entretanto, foi nesse momento que nos perguntamos para o que, afinal, desejávamos olhar nessa imensidão. A primeira resposta, que constitui nosso problema de pesquisa, foi "o que é a comunicação e como ela se constitui?", pergunta ainda muito ampla, para cuja resposta, de certa forma, nossas referências já apontavam vários caminhos. Restava decidir para onde olhar para encontrar a comunicação em sua forma experiencial.

Para isso, um aspecto importante foi a confirmação de que o Círio se conformava para nós como um espaço-tempo em que podíamos vivenciar e conhecer a comunicação nas suas múltiplas dimensões e manifestações. É, portanto, a partir desse empírico que queríamos compreender o comunicacional que constitui as relações entre os sujeitos participantes dessa festa religiosa e cultural, assim como inferir consequências para os processos comunicativos mais amplos.

Assim, nosso direcionamento se encaminhava para entender como a comunicação se constitui no Círio, não apenas a partir da identificação dos elementos constituintes das interações, mas, sobretudo, buscando perceber como, de uma forma mais abrangente, a comunicação constitui as relações humanas e sociais. No entanto, a partir de que elementos poderíamos observar a constituição desses processos comunicativos do Círio? Faltava-nos um operador metodológico, que construímos a partir do entrelaçamento de nossas referências com a riqueza empírica que vivenciamos no movimento metodológico narrado na Estação 1.

Do ponto de vista teórico, podemos dizer que partimos de três questões fundamentais que nossos referenciais nos possibilitaram compreender: (i) a comunicação como (inter)ação simbólica; (ii) a comunicação como um processo; (iii) a comunicação como constituidora do social. Desenvolveremos brevemente esses tópicos.

A própria etimologia de comunicação, em latim, *Communicatio*, nos apresenta a palavra como da ordem da ação. *Atio* (de *actio*) é uma desinência de ação, que se mantém na Língua Portuguesa e aponta para o ato de comunicar. Trata-se de uma ação conjugada que prevê a

existência de interlocutores, agindo um em consequência à ação do outro, em um processo consciente de reciprocidade e mútua afetação (FRANÇA; SIMÕES, 2014). Estamos falando, portanto, da *(i) comunicação como uma inter-ação*, que prevê a coparticipação de sujeitos em um processo de troca.

Mas existe um componente fundamental nessa troca que é o simbólico; como Mead (1982) aponta, existe um tipo especial de interação, a interação comunicativa, que promove o compartilhamento de sentidos e sentimentos que constituem nossa forma de pensar e agir sobre o mundo e, assim, nos constituem.

> Nem toda interação é comunicativa: as interações comunicativas são marcadas por gestos significantes. É essa a distinção que marca o terreno da comunicação: a dimensão de significação que constrói as interações. As interações comunicativas constituem, assim, um tipo particular de interação social, marcado por ações e relações interdependentes, realizadas por indivíduos que se afetam e se interinfluenciam reciprocamente por meio da linguagem (FRANÇA; SIMÕES, 2014, p. 102-103).

No Círio, a linguagem tece as interações não apenas pelas palavras expressas em orações ou conversações, mas possui diferentes dimensões orais e imagéticas, verbais e não verbais altamente significativas e, portanto, potencialmente comunicativas. Por exemplo, podemos citar os diferentes símbolos do Círio, como a corda, a berlinda e os ex-votos carregados pelos promesseiros nas procissões. São objetos significantes, acionados como materialidades para comunicar uma fé, uma devoção, uma cultura, e para criar um laço entre as pessoas e entre elas e a devoção ali expressa.

É importante lembrar com Martín-Barbero (1987, p. 111, tradução nossa), que elementos como esses são "um modo de dizer que não apenas fala sobre, mas materializa algumas maneiras de fazer" e "[...] modos de narrar na cultura não letrada". Portanto, são gramáticas da cultura popular para comunicar-se. Nessa perspectiva, as interações comunicativas do Círio são manifestações da linguagem e práticas constituidoras das relações.

Com isso, percebemos que o comunicacional no Círio possui uma dimensão simbólica extremamente importante para a constituição das interações. Verbais ou não verbais, as interações precisam ser levadas em consideração, pois estabelecem e reconfiguram os sentidos compartilhados nas mais diferentes situações de comunicação.

Essa dimensão simbólica, a partir do que pudemos perceber no Círio, contempla a linguagem nas suas manifestações verbais, não verbais (sons, imagens, expressões faciais, etc.),

gestuais. Evidencia-se também um ingrediente constitutivo do simbólico que possibilita a construção dos laços e relações estabelecidas no Círio: a estética. O simbólico, assim, se inscreve enquanto forma material, sensível – fonte de acionamento do sentido e de sensibilização dos sujeitos. A linguagem enquanto materialidade simbólica inscreve, no mesmo movimento, a dimensão estética (*aesthesis*) da comunicação.

Barros (2016), ao trabalhar a noção de estratégias sensíveis de Sodré (2006), apresenta-as como ligadas à noção de alteridade, pois enquanto abertura para o outro, a dimensão do sensível seria uma estratégia para a aproximação de diferenças. Na medida em que todo ato de sentir é também a construção de um comum, a estética só poderia ocorrer a partir de uma interação, sendo um processo essencialmente relacional (MARTINO, 2016). Guimarães (2004) considera a estética ainda como multidimensional, agregando tanto o cognitivo (racionalidade), quanto o volitivo (relacionado às vontades) e o emotivo (afetos e emoções).

Ao destacarmos esse elemento estético constituindo a dimensão simbólica da comunicação, evidenciamos que, para haver comunicação, não basta haver signos (mensagens), tampouco uma análise comunicativa pode se limitar a identificar e interpretar sentidos. Para Valverde (2010), a questão estética, além de suporte teórico, contribui também para a Comunicação do ponto de vista epistemológico[1], pois convoca a área a modos de fazer pesquisa científica que não se limitam à explicação racional dos fenômenos.

Ampliando nossos olhares e sensibilidades, podemos compreender que a especificidade da área da Comunicação reside exatamente em perceber a dinâmica em que o simbólico (incluindo tanto a linguagem quanto a estética) constitui as relações entre os sujeitos em suas diferentes práticas sociais, por meio de interações comunicativas (FRANÇA, 2017).

Tomando, assim, essas interações como nossa matéria-prima mais elementar, é necessário observá-las em seus contextos e em movimento, por isso a importância de também compreendermos *(ii) a comunicação como um processo*, não um objeto (BRAGA, 2016). A pesquisa no contexto do Círio nos evidencia como os estudos comunicacionais não se dão acerca de materialidades por elas mesmas, mas em torno dos processos dos quais fazem parte e/ou desencadeiam.

[1] É importante registrar que Valverde toma o termo "epistemologia" como associado a uma forma de produção de conhecimento baseada em paradigmas científicos modernos, que pautaram a construção e consolidação das Ciências Exatas e Naturais. Complementando a visão do autor, ao indicarmos que suas discussões contribuem epistemologicamente para a Comunicação, queremos destacar que auxiliam para a construção de conhecimentos sobre o que é o fenômeno comunicacional, ajudando a configurar o objeto de estudo da área, que é a própria comunicação.

Ampliando o olhar para os processos, percebemos a comunicação como um complexo, composto por diferentes elementos interatuantes: sujeitos interlocutores, materialidades, códigos, símbolos, temporalidades e espacialidades. Não é o caso de equiparar o poder de agenciamento desses elementos em um processo comunicativo (eles intervêm de forma diferenciada), mas é preciso reconhecer que uma interação é muito mais do que um emissor, um receptor, uma mensagem e um canal; é uma relação multidimensional e multirrítmica. Nessa perspectiva, os diferentes elementos interatuam a partir da forma como os sujeitos produzem sentidos sobre eles e os acionam no circuito de interação.

Ainda no que se refere à compreensão da comunicação como um processo, é importante destacar o caráter tentativo da comunicação da forma como Braga (2010, 2012) a entende. Entre os extremos de uma comunicação perfeita (comunhão) e da inexistência de comunicação, para Braga (2010), existem, na vida cotidiana, diferentes graus de ocorrência da comunicação. O interessante nessa percepção do autor é o reconhecimento de que até pode existir um ideal de comunicação, mas que a dinâmica das diversas relações sociais compõe processos comunicacionais complexos, com grande margem de imprecisão e intensidade. O que marca seu caráter imprevisível, "tentativo".

Nessa compreensão, a perspectiva relacional da comunicação (FRANÇA, 2016) que adotamos nos apontou exatamente para a análise dos processos comunicativos a partir do entrelaçamento e encadeamento da multiplicidade de ingredientes, formatações e fatores envolvidos nas interações, nos possibilitando, em uma visada mais macro, perceber também como *(iii) a comunicação é constituidora do social*.

Autores pragmatistas da Escola de Chicago desenvolveram vários estudos em que destacavam a comunicação como constituidora do social (JOAS, 1999). Para Mead (1982), por exemplo, a comunicação é o princípio básico da organização social. Sendo fundante do ato social, envolve o engajamento de dois ou mais indivíduos. Dewey (2010), por sua vez, ao dedicar-se ao estudo das interações como unidades básicas das experiências que nos constituem enquanto indivíduos e sociedade, igualmente confere à comunicação um papel fundamental para a construção das relações sociais. Para além disso, Dewey (1998) discute a comunicação como um caminho para o estabelecimento de um ambiente político de diálogo, base da democracia que defende.

Goffman (1999), que é de outra geração e local de atuação, mas assimila muitas noções da Escola de Chicago, sobretudo de Mead, propõe uma mudança de foco no estudo sociológico

de uma ordem social macro para uma ordem da interação de nível micro. Com isso, não contrapõe as esferas micro e macro, mas dá ênfase ao micro para a compreensão do macro. Nesse movimento, acentua o papel da comunicação no âmbito da interação face a face, revelando as marcas não só das particularidades de determinada interação, mas também de fenômenos sociais mais amplos que lhe perpassam e constituem.

Inspiradas nessas questões sobre a comunicação que as referências apresentadas nos colocavam e no que o Círio nos revelava experiencialmente, nossa orientação teórico-metodológica nos apontou para o que configuramos como **cenas comunicativas**, que são espaços-tempos vivenciados por sujeitos em interação, em que podemos visualizar a comunicação em situações reais, de nível micro, mas que nos apresentam marcas de um processo mais amplo.

Essa noção tem como principal base o conceito de quadros de sentido de Goffman (2012, p. 30), que busca responder à pergunta: "O que está acontecendo aqui?", de maneira a "organizar a experiência". Apesar de amplo, esse questionamento permite diversos desdobramentos para a identificação dos sujeitos, das relações entre eles, dos gestos e expressões trocados, dos papéis sociais que acionam, do ambiente em que estão inseridos, da configuração geral daquela situação específica e o que ela dá a ver de um contexto mais amplo.

Dentre as principais formas de uso do conceito de "quadro" como operador metodológico, Mendonça e Simões (2012) apontam exatamente a análise da situação interativa. Para os autores, nesse tipo de análise,

> "Os quadros são vistos como as molduras que permitem identificar a situação interativa, bem como o envolvimento dos atores ali. Além disso, de alguma forma, eles revelam valores e traços que constituem o contexto social mais amplo de uma sociedade" (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 189).

O conceito de quadros de sentido, para Goffman (2012), apesar de dar atenção especial à interação, parte do pressuposto de que as interações sociais são unidades do contexto social; sua análise, portanto, permitiria a visualização das normas e dos sentidos sociais mais amplos que se encarnariam nas práticas cotidianas. Os quadros de sentido seriam exatamente os quadros sociais que se interconectam em dada situação de interação analisada.

> As definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses

> elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de quadro. Minha expressão "análise de quadro" é um slogan para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência (GOFFMAN, 2012, p. 34).

Apesar de ter como foco interações específicas, esse conceito operador permite uma relação com aspectos sociais mais abrangentes, o que nos parece crucial para a valorização do dado empírico sem se limitar a descrevê-lo e a compreender apenas suas lógicas internas.

Contudo, no contexto de nossa pesquisa, foi necessário ir além da noção de quadro de sentidos para dar conta de analisar interações comunicativas desencadeando processos que revelam como a comunicação nos constitui e constitui o social. Com a noção de *cena comunicativa*, então, tentamos melhor articular a dimensão experiencial da interação com sua simbolização. Quadro de sentidos é uma categoria analítica voltada para compreender os sujeitos em interação, mas a partir dos sentidos que essa ação convoca e evoca. Assim, o conceito não se confunde com a situação de interação em si, coloca-se em outra esfera. No caso das cenas comunicativas, buscamos diminuir esse distanciamento entre a situação de interação e sua simbolização e significação. A ideia é compreender as experiências dos sujeitos e vividas com os sujeitos como uma dinâmica permanente entre ação, pensamento e sentimento.

Além disso, mesmo valorizando o poder das interações sociais, o conceito de quadros de sentido dá ênfase às relações sociais estabelecidas pela socialização que se encarnam nas práticas analisadas. Com as cenas comunicativas, buscamos analisar os sentidos sociais formais que podem ser perceptíveis nas interações, dando a ver também a dimensão de sociabilidade fortemente presente nas relações observadas, bem como a forma de envolvimento dos sujeitos participantes.

Ao tratarmos do conceito de sociabilidade, como Simmel (1991), referimo-nos a uma forma de relação social não formal (como as relações socialmente estabelecidas e funcionais, por exemplo, as relações familiares e religiosas), lúdica e baseada nos interesses dos sujeitos, "uma relação que de certa maneira não quer senão existir como relação" (SIMMEL, 1991, p. 133). Como destaca França (2018a, p. 5) ao discutir o potencial do conceito de sociabilidade para os estudos em Comunicação, "dentro do campo da sociabilidade, os indivíduos se comprazem em estabelecer laços, e esses laços têm em si mesmos a sua razão de ser".

França (2018a, p. 6) compreende também, baseada em Maffesoli, que "enquanto as relações sociais formais estão fundadas em fins pragmáticos e no racional, a socia(bi)lidade é da ordem do afetivo, do sensível, do efêmero". Nesse sentido, além de aproximar as dimensões

experiencial e simbólica das interações, a noção de cena comunicativa que construímos procura dar luz tanto às relações sociais formais e mais amplas, quanto às ações criativas dos sujeitos em sua busca permanente de estar juntos, empregando diversas estratégias de ordem sensível.

Feita essa primeira diferenciação em relação ao conceito de quadros de sentido que nos serviu de base, é preciso melhor configurar o conceito de cena comunicativa. Para isso, retomamos alguns dos sentidos do termo "cena" em seus usos em outros contextos, a fim de assimilar suas potencialidades e destacar o qualificativo "comunicativa" que lhe atribuímos.

Em Goffman (2012) há uma inspiração no Teatro para pensar a interação face-a-face[2]. O autor usa principalmente a metáfora da atuação para compreender o posicionamento dos sujeitos na situação de interação e a mútua afetação entre eles. Os sujeitos seriam personagens interatuando em cena, localizados em um cenário. As análises tão minuciosas de Goffman sobre os gestos interacionais (da piscadela à ironia) podem fazer crer que tudo, mesmo em uma conversa mais simples, é calculado por um sujeito prevendo a ação em consequência de seu interlocutor, como em uma interação teatral de personagens, em que todas as ações e falas já estão estrategicamente roteirizadas. Este é o risco de se trabalhar com metáforas, o que nos exige um esforço para localizar o nosso pensamento em um extenso rol de possibilidades da noção de cena.

A cena teatral, partindo e indo além da referência de Goffman, nos fornece três questões importantes para construir o conceito de cena comunicativa. A *primeira* está relacionada à ideia de unidade de ação no contexto da peça teatral. A cena é como a unidade mínima de sentido em uma peça, que, encadeada a outras, compõe a narrativa. Barbosa e Rabaça (2001, p. 120) entendem cena como "cada situação ou lance em uma narrativa". No contexto cinematográfico, a cena é importante para o encadeamento da narrativa. Uma cena cinematográfica, para os autores é uma "unidade narrativa cinematográfica (...), abrange uma série de planos ligados à mesma ação ou situação num mesmo ambiente" (BARBOSA; RABAÇA, 2001, p. 120). Nesse contexto, "um conjunto de cenas forma uma sequência", que, por sua vez, constrói o todo do filme.

As ideias de unidade e situação são interessantes para pensarmos a cena comunicativa, pois nos permitem compreendê-la como uma unidade de análise da comunicação. A cena

[2] Goffman (2012) dedica um capítulo do livro "Os quadros da Experiência Social: uma perspectiva de análise" para discutir as especificidades da análise da cena teatral, que é distinta de outras formas de interação social, sobretudo no que se refere à interação palco-plateia. Para o autor, cada tipo de situação exige a compreensão dos elementos e a identificação de seus quadros específicos.

comunicativa seria um trecho de um contexto mais amplo que é o processo comunicativo, e, como tal, integra e é composta pela lógica do todo. Isso nos permite, em termos metodológicos, fazer o exercício de relacionar sempre os âmbitos micro e macro das cenas comunicativas, as situações específicas de seu acontecimento e as marcas que advém de uma dinâmica mais ampla. A análise de cenas seria uma possibilidade de entrada viável de apreensão da realidade para compreendermos a complexidade do processo comunicativo.

A relação entre a cena e o processo comunicativo, contudo, não pode ser confundida com uma simples operação de soma, como se, juntando as cenas, fosse possível encontrar um processo comunicativo.

Certamente, essa é uma relação simplificada entre as partes e o todo de uma produção fílmica ou mesmo de outros produtos audiovisuais, pois sabemos que uma obra cinematográfica ou teatral não é o mero resultado da soma de cenas, assim como a particularidade de uma cena não se explica e não se esgota totalmente na noção do todo. Mas trazemos essa alusão complementar para reforçar a ideia de que a lógica da relação entre cena e processo não pode ser pautada nessas mesmas bases. As cenas não são simples peças de um quebra-cabeças; tampouco o processo comunicativo é uma imagem que se completa. Nesse sentido, é preciso nos afastarmos um pouco da correlação com o Teatro e o Audiovisual.

Se acreditamos que uma cena é integrante de um processo comunicativo, é preciso compreender este como complexo e fluido. Suas margens são menos definidas e mais difíceis de se delimitar, como uma peça ou um filme, ainda que possamos filosofar sobre os (não) limites de uma obra teatral ou fílmica.

A comunicação é um fluxo contínuo, em encadeamento e movimento permanentes, sendo difícil identificá-la e capturá-la como uma forma única, pois sua manifestação empírica é híbrida. Por isso, as cenas comunicativas, enquanto conceito e, sobretudo, operador metodológico, nos ajudam a estudar a comunicação em nível micro, impondo o exercício de perceber suas dimensões mais amplas. Para um conceito mais abstrato como o de comunicação ou processo comunicativo, a ideia de cena comunicativa é um recurso para observá-lo encarnado nas práticas e compreendê-lo em movimento.

E é o movimento que marca a *segunda* noção da cena teatral que nos interessa para construir o conceito de cena comunicativa. *Uma cena, no Teatro, é uma ação, ou seja, movimento, composta pela interação entre personagens*. É preciso ponderar que esta ação, sem dúvida, é simulada, com todas as licenças poéticas que se têm direito. É uma interação

roteirizada, ensaiada, dramatizada ainda que saibamos da importância do improviso para o desenvolvimento dessa arte. Em uma produção audiovisual, a cena ainda pode ser editada, composta por vários ângulos, cortes, enquadramentos.

Em cenas teatrais e audiovisuais, a pré e pós-produção são igualmente importantes para além da interação que se efetiva no espetáculo teatral ou nas filmagens. Há roteiro, há ensaios, há montagem, os elementos (luz, som, cenário, figurino) são produzidos para sugerir determinados sentidos, sem contar com as falas. Tudo é programável, apesar de sempre haver brechas para o imprevisível e o improviso, que são fatores também importantes em uma criação artística. Contudo, aqui há uma questão fundamental que é a organização das situações e do seu encadeamento, por meio do roteiro.

> A vida, como a percebemos normalmente, é confusa e até incoerente. Andamos por uma rua, ouvimos pedaços de frases, vemos pessoas, de quem não sabemos nada, em atividades cujo significado nos escapa. Percebemos sons sem nem os escutar, cheiros, cores que, irrompem; sentimos calor, frio, fadiga que resulta de carregarmos uma pesada carga nas costas. Cada uma dessas sensações pode predominar, uma depois da outra, dependendo da pessoa, do estado de espírito, do momento.
> Escrever uma história ou um roteiro significa pôr ordem nessa desordem: fazendo uma seleção preliminar de sons, ações, palavras; descartando muitas delas e acentuando e reforçando o material selecionado. Significa violar a realidade (ou, pelo menos, o que percebemos como realidade) para reconstruí-la de outra forma, confinando as imagens num determinado enquadramento, selecionando a realidade – vozes, emoções, às vezes ideias (CARRIÈRE, 1995, p. 177).

Carrière (1995), sem a pretensão de criar dicotomias entre o ficcional e o factual, aponta esse elemento fundamental de diferenciação que podemos adotar para entender a distinção da cena comunicativa nos processos que estamos estudando. Na comunicação interpessoal também há roteirização, ensaio e dramatização. Não precisamos sair do contexto acadêmico para ver exemplos, como os próprios rituais de defesas de teses e dissertações, seminários e aulas. Na vida cotidiana, da simples conversa entre amigos à entrevista de emprego, há uma infinidade de situações em que nos comunicamos de forma estratégica e planejada. Contudo, existe uma margem muito mais ampla de imprevisibilidade e vulnerabilidade, por mais que busquemos controlar os elementos da situação de interação.

Por isso Braga (2010) afirma que o processo comunicativo é tentativo, ou seja, ele não possui a garantia prévia de quais fluxos contínuos e caminhos serão seguidos. Em outras palavras, "os episódios comunicacionais são probabilísticos – significando que alguma coisa

relativamente previsível pode acontecer" (BRAGA, 2010, p. 70) e são "aproximativos – comportando maior ou menor precisão, dentro de diferentes critérios" (BRAGA, 2010, p. 71).

Ao revelar que os processos comunicacionais são constitutivamente tentativos, Braga (2010) trabalha com uma noção de comunicação que se dá em diferentes gradações, não excluindo a possibilidade de uma comunicação ideal (ainda que seja difícil definir o que é ideal), mas destacando que há uma variedade de probabilidades comunicativas.

> Comunicação não é só aquela de valor alto, do sucedimento precioso e raro – mas toda troca, articulação, passagem entre grupos, entre indivíduos, entre setores sociais – frequentemente desencontrada, conflitiva, agregando interesses de todas as ordens; marcada por casualidades que ultrapassam ou ficam aquém das intenções (que, aliás, podem ser válidas ou rasteiras). Comunicação é o processo voltado para reduzir o isolamento – quaisquer que sejam os objetivos e os modos de fazer. (...) Dentro desse processo geral, tentativo em sua própria essência, e pela conjunção às vezes casual de circunstâncias favoráveis, eventualmente ocorrem os momentos raros de uma comunicação/comunhão. Mas nossa perspectiva faz considerar todo o espectro comunicacional – envolvendo as comunicações de valor alto e de baixo valor, digamos cotidianas; bem ou mal sucedidas; e, particularmente, incluindo múltiplos processos e objetivos moduladores: estéticos, afetivos, racionais, intelectuais, científicos, práticos, de aprendizagem, políticos (BRAGA, 2010, p. 69-70).

Nas interações sociais, portanto, há um grau altíssimo de imprevisibilidade e espontaneidade. As ações em movimento decorrem da conjunção de uma série de elementos e fatores nem sempre controláveis. A ideia de cenas comunicativas, nesse sentido, nos permite observar a dimensão empírica da comunicação em movimento, de forma "confusa e até incoerente" (CARRIÈRE, 1995, p. 177). Do ponto de vista metodológico e respeitando essa natureza multidirecional dos fluxos, o conceito nos ajuda a analisar as interações, que são a vida humana em constante movimento.

Para o Teatro e a Literatura, o termo cena comunicativa pode até parecer uma redundância, pois cena, para essas áreas, pressupõe comunicação, (inter)ação. No contexto de nossa pesquisa, contudo, é preciso destacar o qualificativo "comunicativa" por estudarmos um tipo de interação específica, a interação comunicativa (MEAD, 1982), distinta pela produção simbólica, como tratamos anteriormente.

Essa interação, por sua vez, envolve um leque de elementos e fatores. Por isso, uma *terceira* acepção de cena para o Teatro é igualmente importante para nós: cena como cenário, ambiência. Esse é um aspecto fundamental para compreendermos os processos comunicativos

em sua complexidade: a comunicação é uma conjunção de elementos, na qual os sujeitos são primordiais, mas não únicos. Em diferentes escolas de pensamento, a comunicação é estudada em termos de suas mídias, de suas lógicas de produção, dos sentidos materializados, da fruição de objetos, dos sujeitos como produtores de sentidos etc. Em cada uma dessas correntes, é destacado, por vezes, apenas um elemento de um processo complexo.

O que propomos aqui é reconhecer a agência de múltiplos elementos e a composição de múltiplas dimensões desse complexo. Em especial, a ideia de ambiência é fundamental para dar luz a componentes da interação bastante significativos, que são os diversos espaços e tempos, experienciados e compartilhados pelos sujeitos, conformando também os sentidos e sentimentos envoltos nas interações.

A cena comunicativa, portanto, nos permite ver a comunicação em suas multidimensões e seus múltiplos elementos constitutivos, nos permite ver a comunicação em curso, acontecendo, em movimento; não uma comunicação idealizada ou presa na história sendo recontada apenas pela memória dos seus participantes, mas uma comunicação em ação, por mais que sejam apenas recortes de processos que estão transcorrendo, sob o ângulo do olhar do pesquisador.

Ao fazer esse paralelo com a noção de cena no Teatro e no Audiovisual, buscamos evidenciar a importância dessas referências para composição de nosso percurso de construção do conceito de cenas comunicativas. Mas é necessário ainda desenvolver alguns desdobramentos sobre a operação metodológica do conceito.

A análise das cenas comunicativas, como propomos aqui, é captar e inter-relacionar duas dimensões dos fenômenos comunicativos: uma existencial e outra simbólica. A existencial é a ocorrência das interações no mundo, a realização de relações, trocas, ações conjugadas em espaços-tempos. As cenas comunicativas, portanto, permitem observar e vivenciar a existência empírica das interações. Ao mesmo tempo, essas interações têm uma dimensão simbólica, de produção de sentidos e afetos pelos sujeitos que interatuam. O conceito de cenas comunicativas, como operador metodológico, também permite o estudo da dinâmica de simbolização que atravessa e constitui as interações comunicativas.

Ao mesmo tempo, e em um outro nível, podemos entender também que a narrativa de análise do pesquisador também é uma segunda forma de simbolização das interações (uma meta-simbolização). Ou seja, as cenas comunicativas não são apenas descrições das interações observadas e da simbolização destas pelos sujeitos, mas, do ponto de vista analítico, trata-se de

um trabalho de construção de uma narrativa de maneira a organizar, analisar, gerar novos sentidos e sentimentos e articulá-los com o que se observa e se vive empiricamente. Como Carrière (1995), na citação da página 128, se refere aos roteiros como organizadores na produção cinematográfica, a narrativa analítica da cena comunicativa permite que ela seja passível de apreensão a partir do movimento de articulação empírico-teórico.

Assim, a cena comunicativa, enquanto operador metodológico, é uma forma de organização da experiência observada e vivida. Se, do ponto de vista empírico, é difícil delimitar o tempo-espaço de uma cena – visto que os fluxos são contínuos, dispersos, transversais, que decorrem e dão consequência a outros –, do ponto de vista analítico, podemos organizar as interações de maneira a conferir-lhes certa unidade. Como delimitar, então, onde/quando começa e onde/quando termina uma cena?

O que nos conduz à delimitação dos tempos-espaços de uma cena comunicativa é algo fundamentalmente analítico, pois, como veremos nas cenas comunicativas dos grupos participantes de nossa pesquisa, os tempos-espaços empíricos (incluindo no empírico todos os sentidos e sentimentos envolvidos, não somente a ação física) são múltiplos e não lineares. Tais limites são estabelecidos pelos aspectos analisados pelo/a pesquisador/a considerando, sobretudo, a possibilidade de organização (com a vigilância para não as reduzir a uma descrição) dessas experiências por meio da (re)construção de narrativas, avaliando quais pontos da cena se destacam e suscitam inferências.

No contexto do Círio, a noção de cenas comunicativas nos permite observar as situações de comunicação que constituem a festa. "Na perspectiva indicada por Mead, uma análise da comunicação é antes de tudo uma análise situacionista: a situação como um todo [...] deve ser nosso ponto de partida e nossa referência ao recortar um objeto específico" (FRANÇA, 2008, p. 85). Assim, ao mesmo tempo em que olhamos para aspectos próprios de uma interação específica, não os descontextualizamos das dinâmicas mais amplas (no tempo e no espaço) nas quais esta interação está inserida. Do ponto de vista metodológico, essa concepção nos possibilita a identificação dos sujeitos em interação, portanto, a observação da comunicação em movimento.

Outro direcionamento fundamental que a ideia de cena comunicativa nos permite é a observação e análise da experiência coletiva do Círio. Em uma cena, temos sujeitos, no plural, em interação. Assim, por mais que identifiquemos múltiplas personalidades e formas de vivenciar o Círio, ao olhar para as cenas comunicativas o que nos interessa é perceber essas

vivências construídas pelas interações, compartilhadas e significadas no coletivo. Nisso se diferencia a perspectiva pragmatista de uma visada fenomenológica mais estrita, por exemplo. O que nos interessa são os sentidos, afetos e afetações constituídos pelos sujeitos em relação uns com os outros, não de maneira individual ou exclusivamente subjetiva. Além disso, o pesquisador, como integrante da cena comunicativa, vivencia e troca experiências com os participantes, mas em sua análise não se pauta exclusivamente nessa experiência particular e sim, sobretudo, nos sentidos e sentimentos manifestos pelos sujeitos em interação.

Nesse aspecto, é importante destacarmos a orientação teórico-metodológica e a postura do/a pesquisador/a junto aos sujeitos em interação, visto que isso implicará diretamente na forma como a cena comunicativa se constituirá do ponto de vista analítico. Com isso, assumimos que a cena comunicativa sempre será moldada pelas especificidades das interações analisadas e em conformidade com o olhar (perspectiva, referências, objetivo, problema) do pesquisador, baseada também na configuração empírica das interações.

Isso não impede, porém, que identifiquemos algumas linhas gerais que orientam a análise do que estamos chamando de cenas comunicativas. Apresentamos três movimentos analíticos que emergiram de nosso próprio processo de pesquisa, assim caracterizados:

(i) Descrição e articulação dos elementos integrantes da(s) cena(s): buscamos identificar os sujeitos, os espaços, os tempos, as materialidades, os símbolos, suas funções/posições e articulações para a composição da cena. Como trabalhamos com famílias, um primeiro recurso fundamental nesse movimento foi a construção de duas árvores: uma genealógica, a fim de visualizar o perfil geracional e socioeconômico dos grupos; e outra comunicacional, em que se evidenciam as relações estabelecidas entre os sujeitos em torno do Círio, pautadas em outros aspectos para além da hierarquia familiar. Desse processo, resulta tanto a formatação das árvores para compreensão inicial do perfil e das relações dos sujeitos, como, posteriormente, uma narrativa das interações para configuração das cenas, que é entrecortada pelos movimentos (ii) e (iii).

(ii) Análise das multidimensões comunicacionais que compõem a(s) cena(s): destacamos os aspectos normativos, funcionais, estéticos, políticos, linguísticos que costuram os elementos em interação, em especial a análise da dimensão simbólica das interações, a maneira como os

sentidos e sentimentos estão articulados nos gestos, nas práticas, nas falas, nas ambiências das interações.

(iii) Articulação entre os contextos micro e macro da(s) cena(s): evidenciamos, nesse movimento, as marcas do contexto social mais amplo encarnadas nas interações específicas analisadas. A ideia é destacar o que podemos inferir das relações observadas no contexto micro a fim de perceber como a comunicação constitui as relações humanas.

Esses movimentos não são necessariamente lineares e sequenciais, tampouco foram previamente estabelecidos, mas ao olharmos para o nosso processo de pesquisa, conseguimos melhor identificá-los e sistematizá-los. A partir desses esforços, orientados pela construção das árvores e análise das cenas comunicativas, foi possível articular diferentes perfis de sujeitos que, apesar de terem motivações e envolvimentos particulares, experienciam o Círio de forma coletiva. Isso foi o que nos possibilitou realizar o movimento permanente entre o olhar micro sobre os detalhes dos gestos e ações dos sujeitos, e o olhar macro sobre os sentidos e sentimentos que tais gestos encarnam e circulam.

É importante destacar que os esforços de análise empreendidos na pesquisa são resultado e, de certo modo, foram motivados ao longo da própria peregrinação da pesquisa, já que, aos poucos, como já mencionado, fomos lançando mão de procedimentos metodológicos diversos, assim como desenvolvendo formas de interpretá-los e sistematizá-los sem desconsiderar suas características e entrelaçamentos particulares, conforme os elementos se evidenciavam.

Antes de apresentarmos as cenas comunicativas, vale narrar primeiramente os encontros com os sujeitos participantes da pesquisa que, como toda boa caminhada, nossa peregrinação nos proporcionou. Cada encontro se configurou de uma forma diferente e nos exigiu maneiras distintas de interação, como explicitaremos a seguir.

O encontro dos (com os) sujeitos da pesquisa

Toda interação está assentada no encontro, aqui não limitado à presença física. É a partir dessa ideia que queremos apresentar o modo como orientamos o olhar de nossa pesquisa às cenas comunicativas experienciadas por sujeitos específicos que participam de nossa pesquisa. Nesse movimento de interação com o objeto, vivenciamos encontros, tanto no sentido de

histórias descobertas como no sentido do compartilhamento de uma experiência em comum: eles(as) aceitando vir ao nosso encontro em processo de pesquisa acadêmica; e nós indo ao encontro deles(as) em seus lares e círculos de convivência. Se o Círio se constitui como essa ambiência que proporciona encontros, nossa interação com esses sujeitos também pode ser assim considerada.

Como todo encontro, cada um tem a sua história[3]. O primeiro encontro que vamos relatar foi com uma família cuja história conhecemos por meio da velha relação "amigo do meu amigo". Fazemos questão de destacar essa via de contato para evidenciar as diferentes formas como os processos de comunicação no percurso da pesquisa foram sendo tecidos, de maneira semelhante a todo processo interacional, que é o que buscamos estabelecer não só teoricamente, mas também como postura metodológica.

Foi dessa forma que uma pessoa com quem compartilhamos as atividades da nossa pesquisa sobre o Círio nos apresentou a história da família de sua amiga de infância. Esta tem a prática de confeccionar terços ao longo do ano para distribuir durante a grande procissão no domingo. Trata-se de uma promessa familiar, que é paga todos os anos, há mais de uma década. Interessadas pela narrativa, fomos apresentadas a uma das jovens da família, que nos contou os detalhes dessa história.

Tudo começou com a matriarca, D. Esperança[4], devota de Nossa Senhora de Nazaré. Conforme nos contaram suas filhas e netas, no Círio de 2003 ela estava parada em frente ao prédio de onde assistia à procissão quando veio em sua direção uma menina, que lhe ofereceu um tercinho. A criança havia se soltado das mãos dos pais e correu até D. Esperança. Para a senhora, aquele gesto foi significante, considerado um sinal da própria Santa, envolto não apenas de gentileza como também de bênção.

A partir dessa experiência, D. Esperança começou, ainda sozinha, a produzir terços artesanais ao longo do ano para distribuir no Círio de 2004, como forma de multiplicar aquele sentimento para outras pessoas. No início de 2005, contudo, ficou muito doente e faleceu. Antes, porém, no hospital, contou para a filha mais nova sobre a cena do recebimento do terço

[3] Para a versão final da tese, apresentamos apenas os encontros com os grupos analisados. Porém, é importante registrar que, na experiência da pesquisa, houve outros encontros, como com um grupo de turistas de Salvador devotos de Nosso Senhor do Bonfim. Em futuras oportunidades, intentamos analisar essas outras experiências.

[4] Respeitando a decisão da família, na tese apresentamos o nome original apenas da matriarca, que explica o nome do grupo, conforme narraremos a seguir. Os demais integrantes são denominados com nomes fictícios, dando a ver apenas suas histórias e posições na família. Todas as imagens relacionadas a eles também receberam tratamento para evitar expor seus rostos.

pelas mãos de uma criança. Após o falecimento da mãe/avó, conhecendo a história, filhas e netas resolveram continuar a prática, mesmo sem o pedido de D. Esperança, e, desde então, passaram a confeccionar e entregar os terços no Círio todos os anos.

Em homenagem à matriarca, a família criou o nome *Filhos da Esperança* para se identificar como um grupo. Eles se reúnem há 14 anos para confeccionar pequenos terços para distribuição na ocasião da procissão principal do Círio. Trata-se de uma família de classe média de Belém que vivencia o Círio principalmente em torno dessa prática, cujo significado para eles está mais na importância de manter os laços familiares e a lembrança da matriarca do que demonstrar a devoção a Nossa Senhora.

A neta de D. Esperança me introduziu à família, por quem fui acolhida, possibilitando minha participação em vários dos encontros realizados para a confecção dos terços e posterior distribuição nas procissões. Nessas reuniões, pude interagir e, em alguns momentos, mais observar as interações dos membros da família, tentando perceber o que constituía a experiência conjunta deles, quais relações estabeleciam, quais papeis cada um desempenhava não só na cadeia produtiva dos terços, como na articulação e manutenção dos laços familiares. Buscamos perceber ainda quais os sentidos daquele gesto coletivo tecido também por motivações particulares.

Apesar de não ser uma história incomum no Círio (grupos de devotos), o que nos chamou atenção no caso dos *Filhos da Esperança* foram as múltiplas interações comunicativas vivenciadas e compartilhadas em família em torno da promessa, extrapolando uma motivação estritamente religiosa e dando a ver aspectos eminentemente comunicacionais, como o estar junto, o trabalho coletivo, o uso de redes sociais e dispositivos móveis, todos processos permeados e constituídos por forte produção simbólica. E foi por meio da história dos *Filhos da Esperança* que experienciamos o segundo encontro que marca nossa peregrinação de pesquisa, resultado do entrelaçamento da vida dessa família com outra, o que por si só evidencia o potencial do Círio de enredar processos comunicacionais.

Quando completaram dez anos da promessa dos terços, os *Filhos da Esperança* fizeram ações especiais para o Círio, como a elaboração de um logotipo, a confecção de camisas personalizadas com a marca, o estabelecimento e a conquista do recorde de produção de dez mil terços, entre outras. Com isso, foram tema de uma reportagem de uma emissora de TV local, na qual contaram a história da devoção familiar iniciada com o gesto de uma criança para com a matriarca.

Aconteceu que, ao assistir à reportagem, outra família reconheceu a situação; a menina da história da D. Esperança era Catarina[5], filha do meio daquela família. Ela tinha o hábito de se soltar das mãos dos pais para entregar tercinhos a quem julgasse interessante. A entrega dos terços também era uma prática familiar para eles. A devoção começou com a mãe, Cláudia, que igualmente havia recebido um terço em uma procissão do Círio e, como D. Esperança, foi motivada a compartilhar essa experiência, passando a confeccionar e entregar terços a outras pessoas. Ela sempre envolveu as três filhas (Marina, Catarina e Anita), ainda pequenas, e o esposo, Sérgio Murilo. Todos os anos, saíam os cinco entregando tercinhos no Círio, como naquele ano, 2003, da interação entre a senhora e a criança.

Por conta da reportagem, a *Família de Catarina* entrou em contato com os *Filhos da Esperança*. As famílias trocaram mensagens e chegaram a encontrar pessoalmente. Ao se encontrarem, souberam que tanto D. Esperança quanto Catarina, a filha que realizou a entrega, haviam falecido, a última ainda jovem, aos 16 anos. A morte das duas personagens que ligam a história das famílias certamente foi um fator surpreendente para ambas, tanto pelo significado de cada uma para sua respectiva família quanto pelo significado que cada uma passou a ter para a outra família, a partir do momento em que as famílias se encontraram.

Ao conhecermos essa história, entramos em contato também com a *Família de Catarina*, a partir da irmã mais velha, Marina. A família também continuava com a prática dos terços, seguida mais pelas irmãs do que pela mãe, que atualmente mora em outra cidade. Para nós, essas "coincidências" e similaridades tornaram ainda mais surpreendente o entrelaçamento das histórias das famílias, gerando outras conexões para além do fato da entrega do terço à D. Esperança por Catarina.

Compartilhamos, então, conversas com Marina, que nos apresentou a outros membros da família com histórias paralelas à do terço entregue à D. Esperança. Com uma configuração de diferentes relações em torno da promessa dos tercinhos e com perfil socioeconômico mais desfavorável, essa segunda família nos possibilitou vivenciar outras formas de interação no Círio, observando devoções com outras temporalidades e espacialidades para além do tempo e espaço da festividade de outubro. Durante a festividade, acompanhamos a distribuição dos terços na Trasladação e no Círio, entre outras atividades da família. Tivemos ainda a oportunidade de participar de um encontro dos *Filhos da Esperança* em que convidaram Marina

[5] Respeitando igualmente a decisão da *Família de Catarina*, na tese os integrantes optaram por serem identificados com seus nomes reais. Suas imagens não passaram por tratamento.

e o namorado, Arleisson, para integrar a confecção dos terços, um movimento que pode ter tido a ver com a nossa pesquisa, que, de alguma forma, rememorou a história do entrelaçamento das famílias.

Por meio do acompanhamento dos *Filhos da Esperança*, conhecemos ainda outras experiências de grupos de amigos e familiares que realizam algum tipo de pagamento de promessa no contexto do Círio, seja doando velas para a Trasladação, distribuindo água, santinhos com orações e também terços. Limitamo-nos, contudo, a acompanhar as interações com esses três grupos apresentados, tanto pelo tempo de que dispúnhamos (uma edição da festa) quanto pelos recursos humanos e o próprio escopo de nossa pesquisa.

Apesar de, quantitativamente, essa seleção ser pequena diante da multiplicidade de possibilidades que o Círio dispõe, qualitativamente esses grupos nos possibilitaram observar e refletir sobre elementos empíricos que talvez ultrapassem nossa capacidade de análise no tempo-espaço do doutorado. Por meio desses agrupamentos, pudemos identificar vários perfis de pessoas em interação, em diversificadas cenas do Círio. Isso revelou a potencialidade do estudo de grupos para análise de sujeitos em interação, por permitirem tanto a identificação das individualidades quanto o coletivo em nível micro e macrossocial. Do mesmo modo, foi pelo foco qualitativo, que conseguimos experimentar e estruturar um arranjo metodológico de análise baseado em procedimentos que emergiram no próprio fazer da pesquisa e lidar com as inferências que advinham dos dados construídos em campo, conforme apresentaremos adiante.

Um campo multidimensional, multitemporal, comunicacional

É importante destacar os desafios metodológicos que a opção pelo mapeamento das cenas comunicativas em uma manifestação cultural da proporção do Círio, ainda que de grupos específicos, implicou para nossa pesquisa. A começar pelo estabelecimento de uma relação com cada grupo e com cada um de seus integrantes, que, em se tratando de relação, pressupõe um investimento mútuo em ir ao encontro do outro. De nossa parte, buscamos não apenas ser vistas como pesquisadoras, mas pessoas com histórias para compartilhar, tanto profissionais quanto devocionais. Essa disposição para a troca foi fundamental para que, em medidas e de formas diferentes, conquistássemos a confiança dos grupos para partilharem e construírem suas experiências conosco, ainda que soubessem de nosso papel e nossos objetivos de pesquisa.

De um lado, esse envolvimento necessariamente modificou o tempo-espaço das interações observadas, pois nossa participação não pôde ser vista como neutra ou indiferente.

Se em uma relação agimos em consequência da ação do outro e imaginando como o outro irá reagir (MEAD, 1982), nós e os integrantes dos grupos (cada um a seu modo) nos afetamos mutuamente. Isso é uma implicação de qualquer estudo social, mas, no caso da nossa pesquisa, por conta da orientação teórico-metodológica, essa é uma ação consciente e auto-reflexiva permanente, tanto porque nos ajuda igualmente a compreender os elementos e dimensões das nossas interações, quanto porque precisamos estar vigilantes e em exercício epistemológico constante para discernir os limites da afetividade construída junto aos grupos, que é resultado das relações e do compartilhamento de experiências.

Ao final da pesquisa, os grupos não eram apenas sujeitos de investigação, mas pessoas e famílias que fizeram parte de uma experiência particular nossa, que é o doutorado, que contribuíram, se dispuseram, se abriram, se interessaram e, portanto, fizeram reverberar os fluxos dessas interações para o cotidiano e para além do âmbito da pesquisa. O que só torna a responsabilidade de vigilância epistemológica ainda maior. Além disso, esses sujeitos nos permitiram uma experiência nova, como devotas, no Círio, festa que tradicionalmente acompanhamos com familiares e amigos e que envolve um alto nível de intimidade. Nos fez pensar e olhar com outros olhos para nossa própria experiência, reconhecendo como o comunicacional sempre teceu nossas práticas em torno da devoção.

Outro desafio importante no estudo de grupos, pelas próprias especificidades já destacadas para o estabelecimento de relação, foi a demanda pelo acionamento de diferentes estratégias e abordagens. Cada pessoa e cada grupo, pelos seus perfis individuais e coletivos, nos convocavam à interação de forma diferente. Os *Filhos da Esperança*, pela composição mais articulada e integrada, exigiram-nos uma entrada mais lenta, gradativa, conquistando a cada encontro para confecção dos terços um pouco da confiança da família para compartilhar de situações de intimidade em suas casas.

Já a *Família de Catarina* nos possibilitou um envolvimento mais rápido e ainda mais intenso, a ponto de sermos convidadas para dormir na casa da família na madrugada entre as duas grandes procissões (Trasladação e Círio), dada a distância de sua residência para o centro da cidade, possibilitado apenas pelo deslocamento via transporte público (ônibus). Isso pode estar ligado à condição socioeconômica menos favorecida da família, mas acreditamos que principalmente ao perfil de alguns de seus membros que participam de ações comunitárias de bairro e são voluntários em projetos sociais.

Em ambas as famílias observamos a inexistência de programações e/ou cronograma de atividades durante o Círio, ainda que a dimensão da festa exija certo planejamento antecipado. De qualquer forma, nós nos alinhamos às atividades da família, conforme surgiam as possibilidades e as relações com cada grupo, portanto, aconteceram de diferentes formas em termos de duração, frequência, estratégias, abordagens e situações.

Isso nos trouxe outro desafio metodológico que foi a necessidade do trabalho em equipe. Uma única pesquisadora não daria conta da diversidade da agenda realizada, especialmente nos períodos em campo, tanto em 2015 na fase exploratória, quanto em 2016. Dessa forma, destaco a importância da rede de colaboradores com que contei para planejar, organizar e realizar o acompanhamento simultâneo dos grupos.

Além do planejamento de campo feito junto com minha orientadora, tive o suporte e a disponibilidade de amigos e colegas do grupo de pesquisa do qual faço parte em Belém. Realizei com eles várias reuniões de estruturação e montagem da agenda do campo, compartilhando as inquietações, as visadas, as percepções que nos levaram até aquele momento da pesquisa, de maneira que pudessem voltar suas atenções e sensibilidades para o comunicacional, por mais que nem todos fossem da área de Comunicação. Eles, por sua vez, contribuíram para o enriquecimento dos roteiros de observação, para a organização e acompanhamento dos encontros com os grupos, além do suporte humano e financeiro para a realização da pesquisa. Foi um momento também de compartilhamento de sentimentos e experiências comuns e singulares vivenciadas por cada um em relação ao Círio, o que foi fundamental para o nosso afinamento.

Da mesma forma, durante nossos encontros preparatórios foram alinhadas as formas de registro que seriam feitas a cada cena, desde anotações até fotos e vídeos. Mais do que registros, pedimos que todos adotassem a perspectiva de se abrir ao diálogo com as famílias e observassem tudo o que fosse possível para registro imediato em anotações e gravações de voz (de modo isolado) após o contato com os participantes das cenas, de maneira que pudessem compartilhar tanto descrições das situações vivenciadas como suas impressões.

Destaco essa dimensão da pesquisa, primeiramente, para configurá-la como um projeto que, por mais individual que seja (uma pesquisa de doutorado), se constituiu a partir de um trabalho coletivo, desde a sua concepção até o seu desenvolvimento. Isso implicou, por sua vez, outro tipo de esforço no momento das análises, já que, para a escrita, contei, em alguns casos, com os relatos de campo e os registros imagéticos dos colaboradores, sem que tivesse a

experiência empírica de todos os momentos com os grupos, apesar de me dividir entre todos os grupos para estabelecer relações diretas com todos eles.

Por conta de todas essas questões e distinções entre as famílias, a análise das cenas não adotou uma linha comparativa, pois cada grupo fazia emergir aspectos diferentes para compreensão do comunicacional, sendo impossível estabelecer uma base de elementos comuns que permitisse comparação. Esse tampouco era nosso objetivo, pois mais do que tratar das especificidades das experiências desses grupos, nos interessava perceber o que essas experiências nos mostram sobre um contexto mais amplo do Círio e sobre a comunicação.

Agenda de atividades durante a Estação 2

Na segunda grande fase da pesquisa, em 2016, realizamos uma imersão no Círio, acompanhando simultaneamente as atividades dos dois grupos participantes, conforme cronograma demonstrativo na Figura 71, na página 141, identificando os encontros com cada grupo e as equipes envolvidas.

FIGURA 71

AGENDA DE PESQUISA
CÍRIO 2016

FILHOS DA ESPERANÇA | FAMÍLIA DA CATARINA | ATIVIDADES ONLINE | EQUIPE DA PESQUISA | DIEESE

14/09 ENTREVISTA COM MANOELA
- Horário: 17h
- Local: UFPA
- Participantes: 2 pesquisadoras
- Registro sonoro

18/09 REUNIÃO PARA CONFECÇÃO DE TERÇOS
- Horário: 11h
- Local: Casa da Marta
- Participante: 1 pesquisadora
- Registro escrito

27/09 ENTREVISTA COM MARINA E ANITA
- Horário: 19h30
- Local: Casa da Marina
- Participante: 1 pesquisadora
- Registro sonoro e fotográfico

28/09 REUNIÃO DA EQUIPE DA PESQUISA
- Horário: 18h40
- Local: UFPA
- Participantes: 8 participantes
- Registro sonoro

29/09 ENTREVISTA COM RONALDO SENA
- Horário: 8h
- Local: DIEESE
- Participantes: 2 pesquisadores
- Registro sonoro

29/09 REUNIÃO PARA CONFECÇÃO DE TERÇOS
- Horário: 18h
- Local: Casa da Beatriz
- Participante: 1 pesquisadora
- Registro escrito

MONITORAMENTO DO FACEBOOK E INSTAGRAM 2 pesquisadoras | CONVERSAS POR WHATSAPP COM RAFAEL, DIEGO E MARÍLIA (FILHOS DA ESPERANÇA) E COM CLÁUDIA (FAMÍLIA DA CATARINA) 1 pesquisadora

30/09 ELABORAÇÃO DOS ROTEIROS DE ENTREVISTAS E OBSERVAÇÃO
- Horário: 9h
- Local: UFPA
- Participantes: 2 pesquisadores
- Registro sonoro

30/09 ELABORAÇÃO DOS ROTEIROS DE OBSERVAÇÃO NAS REDES SOCIAIS
- Horário: 14h
- Local: UFPA
- Participantes: 23 pesquisadores
- Registro sonoro

30/09 CRIAÇÃO DE PERFIL DA PESQUISA PARA MONITORAMENTO DO FACEBOOK E INSTAGRAM
- Participantes: 2 participantes
- Registro sonoro

01/10 REUNIÃO PARA CONFECÇÃO DE TERÇOS
- Horário: 18h
- Local: Casa da Manoela
- Participante: 1 pesquisadora
- Registro escrito

02/10 ENTREVISTA COM SÉRGIO MURILO
- Horário: 9h
- Local: Casa da Marina
- Participantes: 2 pesquisadores
- Registro sonoro

02/10 ENTREVISTA COM D. CONCEIÇÃO
- Horário: 10h30
- Local: Casa da Marina
- Participantes: 2 pesquisadores
- Registro sonoro

MONITORAMENTO DO FACEBOOK E INSTAGRAM 2 pesquisadoras | CONVERSAS POR WHATSAPP COM RAFAEL, DIEGO E MARÍLIA (FILHOS DA ESPERANÇA) E COM CLÁUDIA (FAMÍLIA DA CATARINA) 1 pesquisadora

03/10 2ª COLETIVA DO CÍRIO 2016
- Horário: 9h
- Local: Cúria Metropolitana
- Participante: 1 pesquisador

05/10 ACOMPANHAMENTO DA RENATA NA CASA DE PLÁCIDO
- Horário: 13h às 19h
- Local: Casa de Plácido
- Participantes: 2 pesquisadores
- Registro sonoro, fotográfico e escrito

05/10 REUNIÃO PARA CONFECÇÃO DE TERÇOS
- Horário: 19h
- Local: Casa da Rita
- Participante: 1 pesquisadora
- Registro escrito

08/10 PARTICIPAÇÃO NA TRASLADAÇÃO COM FILHOS DA ESPERANÇA
- Horário: 19h
- Local: Prédio Royal Trade Center
- Participante: 1 pesquisadora
- Registro fotográfico

08/10 PARTICIPAÇÃO NA TRASLADAÇÃO COM MARINA E D. CONCEIÇÃO
- Horário: 15h
- Local: Casa da Marina
- Participantes: 3 pesquisadores
- Registro fotográfico

09/10 PARTICIPAÇÃO NO CÍRIO - DISTRIBUIÇÃO DE TERÇOS FILHOS DA ESPERANÇA
- Horário: 9h
- Local: Prédio Royal Trade Center
- Participante: 1 pesquisadora
- Registro audiovisual e fotográfico

MONITORAMENTO DO FACEBOOK E INSTAGRAM 2 pesquisadoras | CONVERSAS POR WHATSAPP COM RAFAEL, DIEGO E MARÍLIA (FILHOS DA ESPERANÇA) E COM CLÁUDIA (FAMÍLIA DA CATARINA) 1 pesquisadora

09/10 PARTICIPAÇÃO NO ALMOÇO DO CÍRIO FILHOS DA ESPERANÇA
- Horário: 12h30
- Local: Casa do Diego
- Participante: 1 pesquisadora
- Registro escrito

09/10 PARTICIPAÇÃO NO CÍRIO - DISTRIBUIÇÃO DE TERÇOS ANITA
- Horário: 4h
- Local: Casa da Marina e percurso do Círio
- Participantes: 3 pesquisadores
- Registro fotográfico

09/10 PARTICIPAÇÃO NO ALMOÇO DO CÍRIO FAMÍLIA DA MARINA
- Horário: 12h
- Local: Casa da Marina
- Participantes: 3 pesquisadores
- Registro fotográfico

MONITORAMENTO DO FACEBOOK E INSTAGRAM 2 pesquisadoras | CONVERSAS POR WHATSAPP COM RAFAEL, DIEGO E MARÍLIA (FILHOS DA ESPERANÇA) E COM CLÁUDIA (FAMÍLIA DA CATARINA) 1 pesquisadora

Fonte: Elaborado para a pesquisa.

Nessa agenda, sintetizamos as diferentes ações da pesquisa de campo, conforme o grupo participante da pesquisa (entrevistas, observações das reuniões familiares, acompanhamento dos grupos nos eventos do Círio, conversas nas redes sociais, entre outras); o novo contato que fizemos com o Dieese-PA; as atividades junto à equipe de pesquisadores colaboradores (leituras, preparações e reuniões para elaboração dos roteiros de campo, que se encontram como apêndices ao final da tese). Esse cronograma nos auxiliou a conciliar as atividades com os dois grupos, distribuindo estrategicamente os pesquisadores que atuariam com cada um, conforme a necessidade e possibilidade de participação de um ou mais pesquisadores em cada situação, tentando que os mesmos pesquisadores trabalhassem com o mesmo grupo para que conseguissem estabelecer uma relação mais próxima e mapear mais elementos de forma articulada, não apenas pontualmente em uma situação específica.

Além da distribuição desses colaboradores, assinalamos também na agenda os registros gerados de cada ação, como forma de pré-organizar o acervo de registros construídos em campo e as primeiras impressões. É importante citar um recurso que foi fundamental para esses registros que foi o grupo que criamos no *WhatsApp* com os colaboradores da pesquisa. Nesse ambiente, todos podiam compartilhar alguns registros simultâneos, informando sua localização, manutenção ou mudança de planos da programação junto aos grupos conforme a situação, além de já trocar algumas impressões e relatos escritos, por áudio e por imagem das experiências. No dia da procissão do Círio, por exemplo, estávamos em equipes distintas, acompanhando os grupos em lugares diferentes, vivendo experiências próprias, simultaneamente.

Não cabe aqui detalhar cada uma dessas atividades, mas gostaríamos de destacar algumas delas e a forma como as interações com os participantes da pesquisa se desencadearam. Primeiramente, é importante evidenciar as diferentes abordagens e estratégias de interação utilizadas. Conforme a situação, os sujeitos envolvidos, a abertura e a receptividade dos grupos, decidimos por trabalhar, em alguns casos, com equipes de pesquisadores; em outros, individualmente.

Com os *Filhos da Esperança*, por exemplo, em que pudemos acompanhar vários encontros nas casas dos membros da família, preferimos participar individualmente, ainda que as preparações para as visitas fossem junto à equipe. Foi um processo de entrada na intimidade da família que se deu aos poucos, com a conquista de confiança e buscando sempre não constrangê-los com a nossa presença. Isso teve a ver também com o perfil da família, bastante

unida e interativa, mas cuidadosa com a sua privacidade. A relação se estabeleceu de forma controlada pois era uma pesquisadora a compartilhar da intimidade deles.

Já no caso da *Família de Catarina*, como já mencionado, as relações se estabeleceram mais rapidamente e com um controle relativamente menor do grupo no que concerne à sua privacidade. Com uma abertura e uma relação diferente, utilizamos outras estratégias metodológicas. Realizamos algumas entrevistas contando com mais de um pesquisador na casa da família, assim como realizamos entrevistas com mais de um membro da família simultaneamente, pois as pessoas chegavam à sala da casa e se integravam à conversa. Do mesmo modo, na noite entre as duas principais procissões estivemos não apenas no retorno da Trasladação quanto na saída para o Círio, pois a equipe dormiu na casa da família e assim tivemos a oportunidade de compartilhar de outros momentos de convivência da *Família de Catarina*.

Além das diferenças nas relações estabelecidas com cada grupo, é importante destacar também a diversidade de estratégias conforme as pessoas com quem interagíamos. Em cada grupo, era possível identificar diferentes perfis e posições na dinâmica das relações. Nossa relação com pessoas com perfil de liderança nesses grupos foi fundamental para nossa inserção, por exemplo. Mas com cada líder (com perfis diferenciados) também a relação se construiu de diversas formas, com diálogos mais constantes ou não, com a mediação para o contato com pessoas específicas dos grupos, com entrevistas mais formais ou não, entre outras estratégias.

Como cada grupo também era formado por uma diversidade de perfis, tanto do ponto de vista das histórias individuais quanto do próprio perfil de faixa etária, foi igualmente um desafio estabelecer diferentes formas de diálogo, desde a forma de abordagem, linguagem usada, os conteúdos das conversas, até os dispositivos utilizados. Por isso, realizamos várias formas de entrevistas formais e informais, abertas, semi-estruturadas, em profundidade, presenciais, via redes sociais, individuais ou em grupo, além de conversas informais e entrecortadas pela dinâmica da festividade, tecidas nos mais variados momentos em que estivemos em contato com os grupos.

Destacamos a importância das redes sociais na construção dessas relações, viabilizando o contato com membros dos grupos que não estavam em Belém, mas participaram da pesquisa. Essas ambiências também foram estratégicas antes e depois do período do Círio para o planejamento e organização dos encontros com os grupos e o acompanhamento dos desdobramentos das experiências deles. Como mencionado anteriormente, usamos o *WhatsApp*

também para a organização da logística da pesquisa de campo junto aos nossos colaboradores. Durante o Círio, enquanto uma parte da equipe estava em campo, duas colaboradoras ainda fizeram o monitoramento do *Instagram* e do *Facebook* dos membros dos grupos, percebendo como as redes se estabeleciam, as referências que eram acionadas e os conteúdos e as formas das suas interações.

Com isso, tivemos também diversas formas de registro da nossa experiência de campo, desde gravações de áudio de algumas entrevistas, relatos escritos ou falados e gravados em áudio, backup das conversas nas redes sociais, fotografias compartilhadas pelos membros dos grupos ou registradas pela equipe de pesquisa, anotações manuais e nas notas do celular, entre outras.

Todas essas estratégias só foram possíveis pela postura teórico-metodológica de nossa pesquisa. Partindo da perspectiva relacional, não apenas buscamos compreender as relações internas e externas dos grupos como também pudemos observar, numa análise metacomunicativa, nossas próprias formas de estabelecer processos comunicativos juntos aos sujeitos participantes da pesquisa. O relacional, portanto, nos possibilitou perceber o desafio da comunicação no nosso próprio processo de investigação, cuja base metodológica consistia em interagir com o(s) outro(s).

Nesse processo, observamos as aberturas e os limites estabelecidos por cada grupo e pessoas investigadas, o nível de aproximação ou distanciamento necessários, o equilíbrio no envolvimento afetivo com elas e eles, o compartilhamento de nossas histórias e trajetórias com os grupos, a troca de opiniões e os sentidos (sensoriais, linguísticos e afetivos) que uma pesquisadora precisa exercitar. Consideramos que esse tipo de experiência de campo coloca o pesquisador em permanente processo tentativo de comunicação (BRAGA, 2010), de buscar o envolvimento, a compreensão e o desejo do outro em contribuir com a sua investigação, ao mesmo tempo que lhe oferece contrapartidas, como em todo processo de troca.

Percebemos a diversidade e a complexidade da comunicação em nossa própria metodologia, buscando respeitar essa pluralidade de interações nesse momento do campo. O desafio se ampliou quando chegamos ao momento da escrita, quando foi necessário sistematizar nossos aprendizados e as experiências vividas por nós, considerando que nesse nós está contida uma equipe de colaboradores, assim como os próprios sujeitos investigados.

A linguagem verbal limita certamente o relato e o próprio processo de conhecimento. Por isso, utilizamos diferentes estratégias para ampliar essa narrativa de pesquisa, trazendo

fotografias, ilustrações, descrições, canções, versos e registros de como determinados momentos foram marcantes também para nós como pesquisadoras e devotas de Nossa Senhora. Diante do exposto, foi a partir desses esforços que estabelecemos o aprofundamento da análise que será apresentada a seguir, a partir do cruzamento de dados, de registros e das experiências distintas de campo, buscando refletir e evidenciar o que a experiência de pesquisa no contexto do Círio nos revela sobre a comunicação.

As árvores genealógicas e comunicacionais das famílias

Para um primeiro tratamento do material empírico e o início da análise das cenas comunicativas, identificamos e sistematizamos as relações entre os sujeitos participantes da pesquisa. Nesse processo, para visualizar essas relações e entender a rede de conexões entre os membros dos grupos, construímos a árvore genealógica das famílias, com a ajuda dos próprios integrantes. Trata-se de uma experimentação metodológica para a análise dos dados construídos em campo juntamente com os participantes da pesquisa e que nos permitiu compreender a composição do grupo em relação aos seus papéis parentais.

Vale ressaltar que, apesar de considerarmos muito interessante, não estamos trabalhando com a metodologia de história de família, pois não temos como objetivo analisar dimensões mais profundas da composição familiar. Apesar de as árvores nos fornecerem elementos da história da família, a finalidade da construção das mesmas foi a de mapear e compreender as relações presentes.

Esses históricos e as árvores genealógicas das famílias nos ajudaram a configurar o perfil dos grupos, as relações de parentesco e como as gerações se entrelaçam no âmbito de cada grupo. À medida em que interagíamos com as pessoas, contudo, percebemos que as relações em torno da promessa do terço, em cada família, se davam a partir de outros aspectos para além da hierarquia parental. Os laços construídos, os sentidos gerados e a condução das atividades relacionadas ao Círio desenhavam-se de forma complexa. Assim, fizemos um segundo movimento de experimentação metodológica para compreendermos melhor as relações estabelecidas.

A partir dos relatos e de observações das interações nas famílias, identificamos o papel de cada membro do grupo e os fluxos com que a devoção e o compromisso com as histórias dos terços foram desenvolvidos. Este movimento nos permitiu desenhar um segundo formato de árvore, denominando-as de árvores comunicacionais, a partir das quais não visualizamos

mais a hierarquia das posições familiares e sim as relações e fluxos com que as devoções se constituíam como familiar e se desdobravam em outras práticas.

Diferentemente da disposição hierárquica dos integrantes da família na árvore genealógica, nas árvores comunicacionais os fluxos e relações são multivariados. Sem ignorar a posição familiar de cada membro, o que nos interessa para fins de análise são as relações estabelecidas, que representamos nas árvores a partir dos níveis de envolvimento e das histórias dos sujeitos. Vale destacar que a leitura conjunta das duas árvores nos permite exatamente ver o movimento geracional no âmbito da família, assim como o reposicionamento dos integrantes nas situações coletivamente experienciadas em torno da promessa dos terços e da participação no Círio.

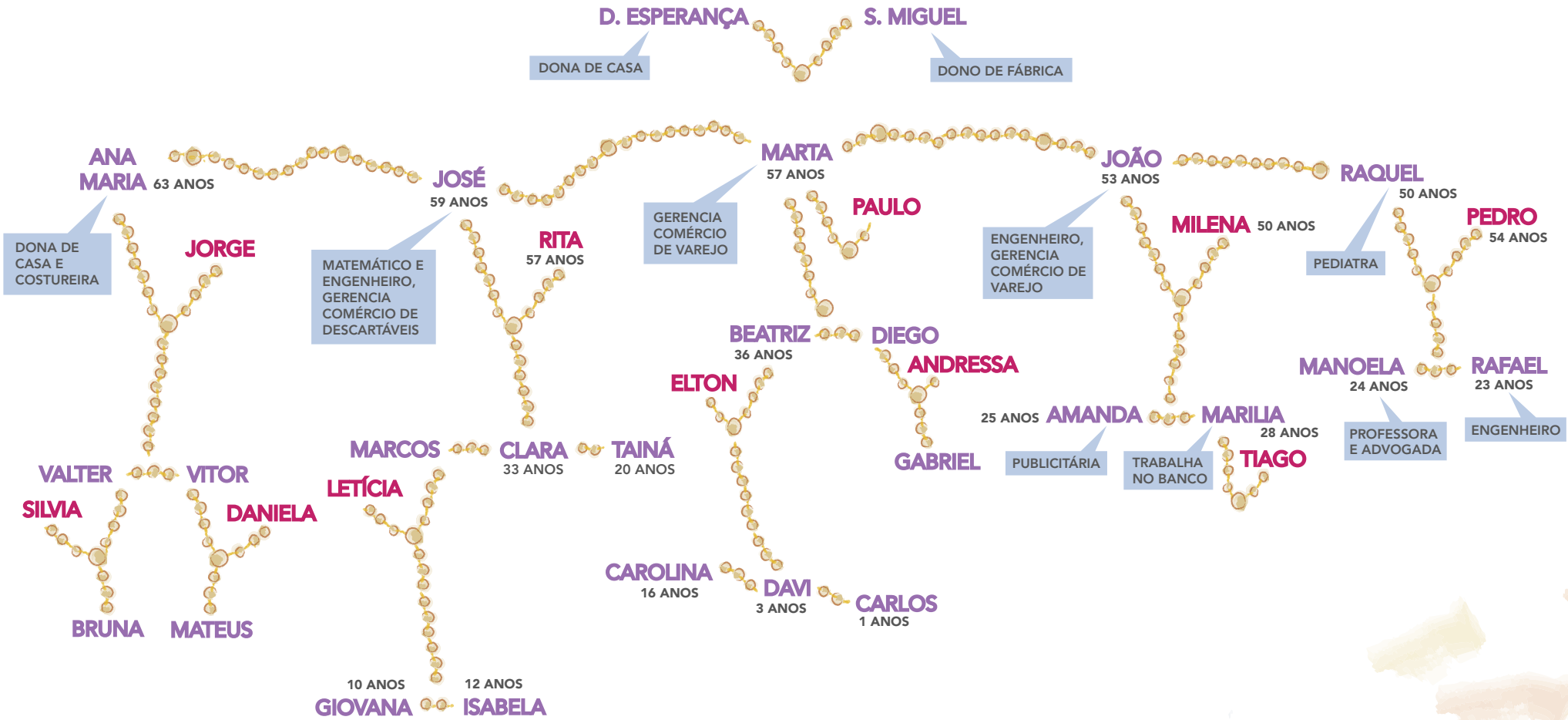
Filhos da Esperança

No caso dos *Filhos da Esperança*, a árvore genealógica foi construída com o auxílio de uma das netas. Como se pode observar na Figura 72 (na página 147), D. Esperança teve cinco filhos, três mulheres e dois homens. Na árvore, todos aparecem acompanhados por seus esposos(as), além dos netos e bisnetos dos patriarcas, que também integram a extensa rede familiar.

FIGURA 72

ÁRVORE GENEALÓGICA

FILHOS DA ESPERANÇA



Fonte: Elaborado para a pesquisa.

Com origem no município de Igarapé Miri, no interior do estado do Pará, segundo o relato das duas filhas mais velhas, a família sempre foi muito humilde. Quando vieram para Belém, com os filhos ainda pequenos, D. Esperança e S. Miguel moraram em uma palafita na atual Avenida Bernardo Sayão, onde passaram muitas dificuldades. Os filhos, desde pequenos, trabalhavam com os pais, vendendo pastel na rua, ajudando os pais a fazer e vender **chope** e condimentos empacotados. Foi com essas vendas que o S. Miguel conseguiu alugar outra casa, ainda na Bernardo Sayão, mas do outro lado da rua que não era alagado. Lá, aos poucos, ele conseguiu montar um pequeno ponto de venda, sempre com a esposa e os filhos mais velhos (com idade entre 5 e 9 anos) ajudando no trabalho.

Em busca de novas formas para sustentar a família, S. Miguel, em vez de só empacotar os condimentos, passou a comprar as ervas *in natura* e moer com moedor próprio, aumentando a produção e a qualidade do produto que vendia. Com isso, conseguiu juntar dinheiro e comprou uma casa na hoje Travessa 14 de Abril. Lá, continuou trabalhando, mas largou os temperos para se dedicar à fabricação de sacos plásticos, dentre os quais o saco de chope, para que continuassem fabricando chope para distribuir para vendedores ambulantes, que cada vez mais compravam da família. A filha mais nova afirmou que D. Esperança foi a criadora do chope em Belém. Inicialmente usava o saquinho para colocar água. Depois teve a ideia de fazer chope de suco para vender. No Círio, esses chopes são muito famosos, alguns só sendo encontrados mais facilmente nesse período, com o nome de "laranjinha".

Pelo relato das filhas, o trabalho dos pais foi crescendo e dando melhores condições de vida para a família. Todos os filhos estudaram e concluíram o Ensino Médio, inclusive, em escola particular (Colégio do Carmo[6]). Três deles fizeram curso superior (Raquel é médica; José é formado em Matemática e Engenharia, mas atua no comércio de descartáveis; e João é engenheiro) e as outras duas não fizeram por escolha própria (na época, casaram e preferiram cuidar da casa e dos filhos). Hoje podemos considerar que o perfil da família é de classe média, a maioria dos membros atuando como profissionais liberais, empresários e empreendedores. Os netos pequenos de D. Esperança frequentam escolas tradicionais de Belém, os jovens cursam ou cursaram universidades públicas e privadas, os mais velhos já são casados, com filhos, e/ou trabalham em empresas, universidades ou possuem empreendimento próprio.

Mas não é apenas compreendendo a configuração genealógica da família que conseguimos perceber as relações que estabelecem em torno da promessa dos terços. Os

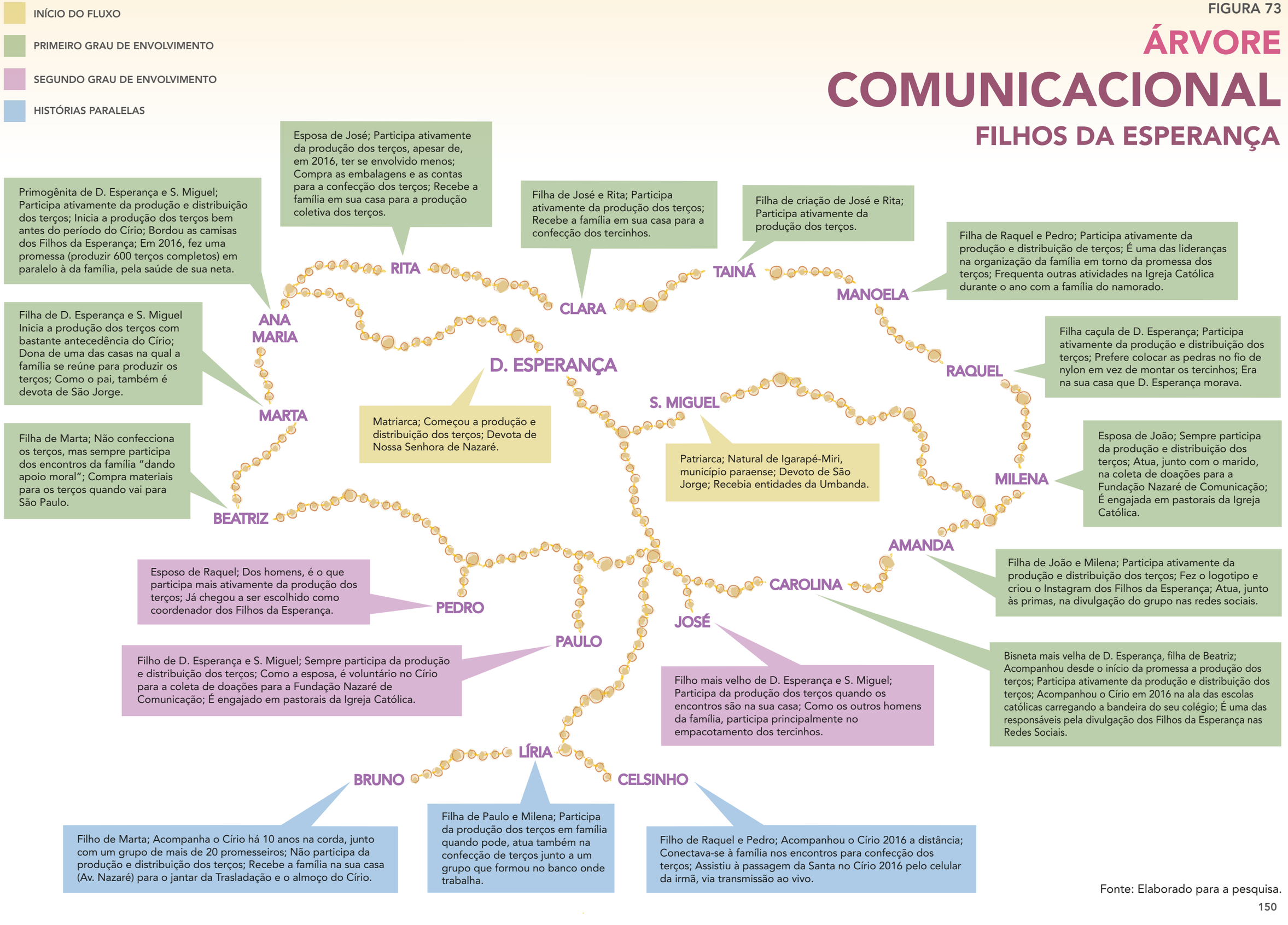
[6] Tradicional colégio religioso de Belém, administrado por congregação de padres e freiras.

membros da família organizam-se com outra dinâmica ao observarmos suas interações por ocasião do Círio, na árvore comunicacional da família (Figura 73, na página 150).

FIGURA 73

ÁRVORE COMUNICACIONAL

FILHOS DA ESPERANÇA



Fonte: Elaborado para a pesquisa.

O fluxo se inicia e se circunscreve principalmente a partir da história de D. Esperança. Contudo, a prática familiar tomou a dimensão que hoje tem devido à atuação forte de algumas(ns) netas/os, filhas/os e noras/genros. As mulheres assumem o direcionamento das atividades de confecção e distribuição dos terços, em relações que, provisoriamente, configuramos como um primeiro grau de envolvimento. Com uma participação diferente, estão alguns homens da família, configurados na árvore em um segundo grau de envolvimento. Essa gradação não tem o objetivo de qualificar ou mensurar o nível de envolvimento e dedicação, mas sim diferenciar as formas de participação de cada membro da família.

Paralela à história central dos terços, também vemos outros fluxos devocionais acontecerem, que se desdobram ou renovam a devoção familiar. Esse é o caso de Marilia, uma das netas, que levou a prática da produção dos terços para o contexto do seu trabalho, em um Banco. Junto com colegas, também produz tercinhos para distribuição. Rafael, neto e maior de idade, em 2016, acompanhou a distância a movimentação da família em torno do Círio, pois estava realizando estágio nos Estados Unidos. Nas reuniões para confecção dos terços, ele interagiu pelo *WhatsApp* e webconferência, além de assistir à passagem da Santa no dia do Círio com transmissão ao vivo do celular da irmã. Quando está em Belém, costuma participar dos encontros presenciais.

Diego, também neto e já casado, participa há mais de 10 anos de um grupo de mais de 20 pessoas que acompanha o Círio na corda. Mesmo não atuando diretamente na produção e distribuição dos terços, o neto de D. Esperança participa das festas e abriga em sua casa o jantar da Trasladação e o almoço do Círio, já que mora exatamente em uma das vias onde passa as procissões.

Também os membros da família que participam mais diretamente da devoção em torno dos terços possuem experiências e histórias paralelas. Ana Maria, a filha mais velha de D. Esperança, em 2016 realizou uma promessa própria de confecção e distribuição de terços em paralelo à produção da família. Milena e João, que possuem uma atuação paroquial e arquidiocesana mais engajada, disseminam essa prática em outros contextos em que convivem, já tendo falado sobre a promessa da família para várias pessoas e ensinado a outros grupos a organização para a confecção dos terços. Manoela, que tem um papel de destaque na devoção da família, fora do contexto do Círio mantém mais uma prática religiosa junto à família do namorado, frequentando missas e adorações, por exemplo.

Percebemos, assim, que de modo aliado, em paralelo ou mesmo sem relação direta com a devoção familiar, diferentes práticas religiosas se desenvolvem, convergindo para ou se desdobrando da promessa dos terços em particular e da devoção da família a Nossa Senhora de Nazaré de forma mais ampla. Ao sistematizar na árvore comunicacional (Figura 73, página 147), traçando essa nova configuração da família tendo como mote o compromisso com a promessa dos terços e seus fluxos associados, podemos visualizar melhor como alguns laços se estabelecem para a manutenção dessa prática coletiva, assim como podemos esmiuçar, a partir daí, os aspectos que tornam essa relação essencialmente comunicacional. A prática religiosa, nesse sentido, entremeia e é entremeada, orienta e é orientada, pela necessidade humana básica de estar junto para ser e viver no mundo, por meio da produção e compartilhamento de sentidos.

De modo geral, o que torna a interação da família possível em torno da promessa do terço, o que os conecta, é a figura ainda bastante presente de D. Esperança. Em todas as reuniões, como eles destacam e pudemos observar na mesa em que os terços são feitos, é exposta uma foto da matriarca e do esposo, por vezes acompanhada da imagem de Nossa Senhora de Nazaré ou de terços (Figura 74).

Figura 74. Foto de D. Esperança e o esposo em meio às contas e missangas para confecção dos terços.
A matriarca é fundamental para a simbolização que a família gera em torno do Círio e da promessa de doação de terços.

Fonte: Instagram.

Por outro lado, é preciso destacar também o exercício das demais mulheres da família, filhas e netas, que coordenam as ações da confecção e distribuição dos terços, desde a filha mais velha à bisneta. Nos encontros familiares são as mulheres que organizam como são confeccionados os terços, como são divididas as tarefas, quem faz melhor cada ação etc. Essa divisão sexual do trabalho torna-se, inclusive, eixo de brincadeiras entre os homens e as mulheres da família.

Na rotina dos encontros, as mulheres assumem a confecção dos terços e os homens organizam a casa, a comida, servem às mulheres. "Nós [mulheres] somos as que mais fazemos. Eles [homens] ajudam ali, no apoio moral, no apoio pra ensacar [embalar os terços]. Mas o terço em si, quem mais faz são as mulheres. Eles ficam olhando às vezes" (*MANOELA, Filhos da Esperança, entrevista exploratória, 2016*). Quando se dispõem a ajudar na produção dos terços, tornam-se assunto das brincadeiras ou tornam-se dignos de homenagens (Figura 75).

Figura 75. Homens trabalhando na embalagem dos tercinhos. As nuances das relações de gênero na dinâmica da promessa.

Fonte: Instagram.

A família também criou o nome *Filhos da Esperança*, com a confecção de um logotipo para o grupo, estampado em camisas e sacolas personalizadas (Figura 76). Há ainda a divulgação da atuação da família nas redes sociais, por meio de um perfil com o nome do grupo no Instagram, possibilitando também o encontro e compartilhamento de experiências devocionais de outros grupos de familiares e amigos (Figura 77).

Figura 76. Logotipo dos *Filhos da Esperança*.
Foi criado por uma das netas de D. Esperança que é publicitária.

Fonte: Acervo dos Filhos da Esperança.

Figura 77. Postagem de agradecimento após a distribuição dos tercinhos no Círio 2016.
A promessa é visibilizada e compartilhada para além do âmbito familiar.

Fonte: Instagram.

Criou-se uma identidade visual para o grupo, que lhe dá maior visibilidade, potencializada pelas interações que estabelecem nas redes sociais. Essas estratégias simbólicas de visibilização da devoção da família compõem e orientam a forma como os membros da família se relacionam para o cumprimento da promessa, assim como estabelecem interações com outras pessoas e visibilizam suas práticas de devoção. Ou seja, além das diferentes formas de estabelecerem e manterem suas relações no âmbito familiar, os *Filhos da Esperança* inserem-se e vivenciam o fluxo mais amplo de manifestações devocionais do Círio, hoje, em grande medida, sendo narrado nas redes sociais.

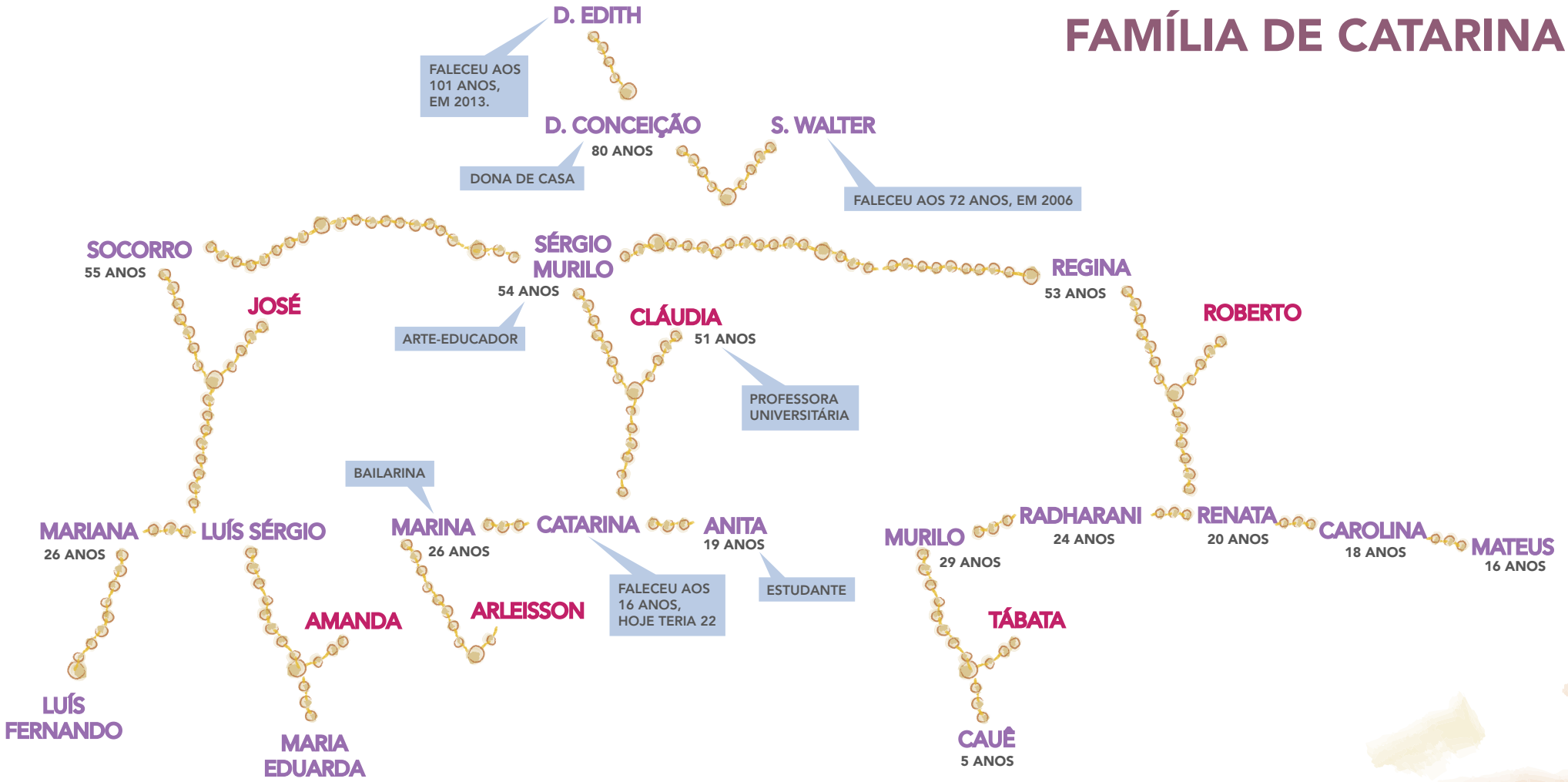
Família de Catarina

Para compreender a composição da *Família de Catarina*, assim como procedemos com os *Filhos da Esperança*, construímos a árvore genealógica da Família (Figura 78, na página 156). No topo da árvore, temos a matriarca, D. Conceição com o esposo S. Walter, já falecido. É importante também a referência a D. Edith, mãe de D. Conceição, que, conforme o relato das netas, foi uma pessoa bastante importante na formação religiosa e na condução da família; faleceu aos 101 anos, em 2013.

FIGURA 78

ÁRVORE GENEALÓGICA

FAMÍLIA DE CATARINA



Fonte: Elaborado para a pesquisa.

D. Conceição e S. Walter têm origem humilde. Ela, dona de casa; ele trabalhou em alguns projetos de mineração no interior do estado. Tiveram três filhos: Socorro, que hoje vive em Santarém, no Oeste do Pará; Regina, que mora em São Paulo com o filho mais novo; e Sérgio Murilo, casado com Cláudia e pai de Marina, Catarina e Anita.

Sérgio Murilo e Cláudia são professores; ele atuando como arte-educador em escolas públicas e projetos da Educação Básica; ela atuando na área de Arquitetura no Ensino Superior, em uma Universidade Federal. Quando as filhas ainda eram pequenas, o casal inicialmente vivia na casa de D. Conceição, localizada em um bairro periférico de Belém. Depois, conseguiram uma casa no distrito de Mosqueiro, distante cerca de 75 Km de Belém (cerca de uma hora de carro). Hoje, Sérgio Murilo vive em uma casa vizinha à de D. Conceição junto com as filhas, construída no mesmo terreno da casa da mãe; Cláudia, desde 2013, mora em outro estado, após a aprovação no concurso para docente do Ensino Superior.

Marina, a primogênita do casal, é graduada em Dança pela Universidade Federal do Pará e trabalha como professora em escolas particulares de dança para crianças, assim como também voltou recentemente a atuar como bailarina, após recuperação de um acidente no joelho. Anita, a filha mais nova, por sua vez, terminou o Ensino Médio e estuda para prestar o vestibular. Catarina, filha do meio, faleceu aos 16 anos, em 2010, de uma grave doença[7]. É ela quem liga as histórias das duas famílias que participaram desta pesquisa.

Além do núcleo familiar de Sérgio Murilo e Cláudia, é importante citarmos as primas de Catarina que moram com D. Conceição e têm uma relação mais estreita com a avó e as primas Marina e Anita. D. Conceição e as netas Renata e Carolina vivem na casa ao lado da de Sérgio Murilo e Cláudia, sendo as residências conectadas internamente, uma dando acesso à outra. Essa é uma forma de habitação muito comum em vários bairros de Belém, em que os diferentes núcleos de uma família compartilham um mesmo terreno e/ou estabelecem moradias próximas. Além dessas netas, cresceram aos cuidados de D. Conceição os netos Murilo e Radharani, sendo que o primeiro mora hoje com a esposa e filhos, e a segunda não mora mais com a avó.

Como podemos perceber, a *Família de Catarina* possui uma configuração diferente dos *Filhos da Esperança*. Ainda que tenhamos a figura central de D. Conceição, os filhos estão

[7] Não tivemos mais informações sobre a causa e a situação de falecimento de Catarina, pois era um assunto visivelmente muito delicado para a família e preferimos não os interrogar a esse respeito.

geograficamente dispersos e o núcleo familiar que deu origem à promessa dos terços está centrado na família de Cláudia e Sérgio Murilo.

Do ponto de vista comunicacional, configuramos, então, uma nova árvore, mostrando as relações que se estabelecem em torno da promessa dos terços, em específico, e da devoção a Nossa Senhora de Nazaré de forma geral (Figura 79, na página 159).

FIGURA 79

ÁRVORE COMUNICACIONAL

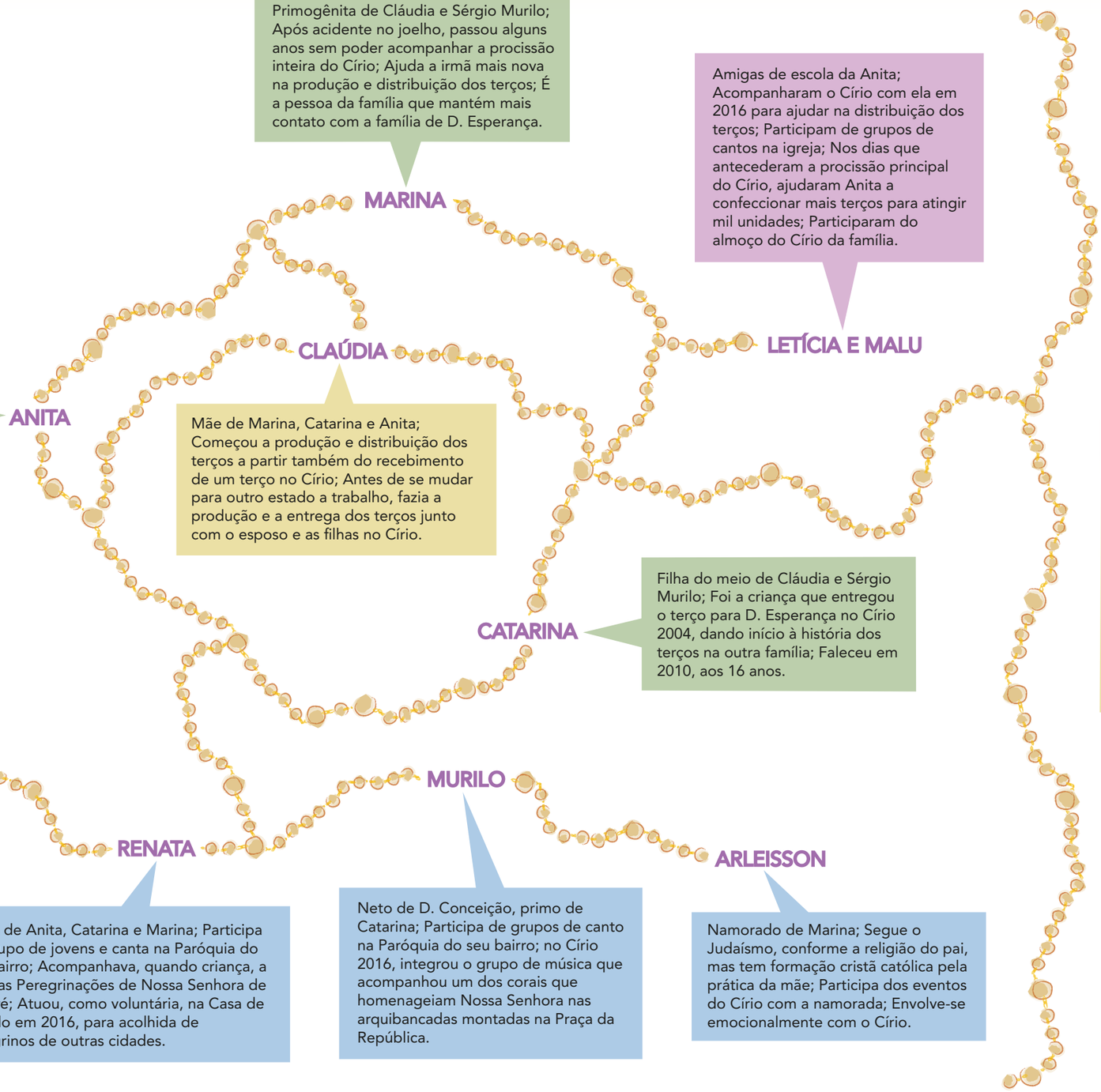
FAMÍLIA DE CATARINA

INÍCIO DO FLUXO

PRIMEIRO GRAU DE ENVOLVIMENTO

SEGUNDO GRAU DE ENVOLVIMENTO

HISTÓRIAS PARALELAS



Fonte: Elaborado para a pesquisa.

No centro da promessa, encontra-se Cláudia, que foi quem iniciou a produção e distribuição dos terços após ter recebido igualmente um terço na procissão da Trasladação por volta dos anos 2000.

> Teve uma vez na transladação, num período assim muito, muito, muito ruim da minha vida e eu tava ali, na Viela Nazaré, por volta das proximidades do [Colégio] Santa Catarina e quando passou a berlinda, eu comecei a chorar, chorar, e foi nesse momento que eu recebi um tercinho, uma dezena[8], né? E aquele gesto foi tão consolador, porque pra mim, aquela dezena significava um sinal de Nossa Senhora, mostrando que você não tá sozinha. E nesse momento, eu me lembrei de Nossa Senhora de Fátima, que prega que a gente tem que ensinar a rezar o terço. E eu tomei aquele gesto de generosidade, de alguém que eu não faço a menor ideia de quem tenha sido, como um sinal que eu deveria multiplicar essa generosidade, essa bondade, essa força. E a partir daí, eu comecei a produzir as dezenazinhas, pra distribuir no Círio. Foi aí, acho que nesse mesmo ano, eu não me lembro que ano foi isso, que a gente deixou de frequentar a transladação e passou a frequentar o Círio em si (*CLÁUDIA, Família de Catarina, conversa pelo WhatsApp, 2016*).

Nos primeiros anos, Cláudia confecionava os terços sozinha, a cada ano tentando superar a quantidade do ano anterior. Essa meta quantitativa tinha como significado o agradecimento por, a cada ano, ela sentir que a vida da família melhorava:

> Isso, veio meio por conta própria, por desejo próprio. Porque da mesma forma do dia que eu recebi o tercinho, eu tava muito ruim. E atribuir aquele gesto de generosidade, de consolo, como um ato divino, eu senti também que cada ano, as coisas melhoravam de alguma maneira na nossa vida, na nossa família, em vários aspectos. Então pra mim, superar nem que fosse por um [terço], era um sinal de recompensa pelo esforço, pelas dádivas que eu tinha recebido no ano anterior (*CLÁUDIA, Família de Catarina, conversa pelo WhatsApp, 2016*).

À medida que as filhas cresciam, Cláudia as convidava para participar da produção. Marina recorda que começaram a ajudar aos poucos:

> A mamãe sempre começava, tipo, alguns meses, dois meses antes ela fazia e aí ela pensava em fazer 100, aí no outro ano 150, 200, ia aumentando assim, numericamente mesmo, até que a gente começou a fazer também, né? A mamãe falou "olha, se vocês quiserem me ajudar". Ela não obrigou ninguém a fazer "se vocês quiserem, vocês me ajudam". Aí "tá, como é que faz?". Aí a gente foi contando, contando bolinha, escolhendo cor. Aí a gente começou a ver "ah,

[8] Uma dezena do terço é um terço menor, com apenas 10 contas para a oração da Ave-Maria. Um terço completo é formado por 5 dezenas.

> quem faz de cor diferente?", foi tipo brincadeira mesmo (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

No que se refere à distribuição dos terços no Círio, Cláudia sempre ia acompanhada do esposo e das filhas. Sérgio Murilo não participava da produção, apenas da distribuição. Para a entrega dos terços, Cláudia tinha como critério a observação do semblante das pessoas, de maneira que pudesse identificar e sentir quem estaria necessitando de um sinal divino, como ela, quando recebeu o terço. Essa era a orientação que também repassava às filhas, quando elas começaram a distribuir os terços no Círio.

> As meninas iam com essas dezenazinhas, enfiadas no dedo e com algumas no bolso, e a gente ia dando para pessoas, que da mesma forma que eu senti que tinha um grau de fragilidade, elas presenteavam essas dezenas (*CLÁUDIA, Família de Catarina, conversa pelo WhatsApp, 2016*).

> A Catarina não, ela sempre teve isso "não, eu quero entregar o terço pra aquela pessoa ali" aí só ela via a pessoa, ela ia embora e aí voltava. Tipo, ela sabia o que ela tava fazendo. Era aquilo como, digamos, que ela aprendeu com a mamãe de olhar pra uma pessoa e sentir que aquela pessoa, naquele momento, precisa de uma atenção, ela olhava e falava "eu quero entregar para aquela pessoa" e ela ia entregar para aquela pessoa. E ela sempre fez isso (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

Após a mudança de Cláudia para outro estado, quem continuou com a produção e distribuição dos terços foi Anita, a filha mais nova. É ela quem confecciona os terços ao longo do ano com mais regularidade, por vezes também recebe a ajuda de Marina e da prima Carolina.

> No Círio, assim, a gente sempre foi seguindo, assim, o critério da mamãe "ah, pessoas que vocês consigam ver que estão precisando, pessoas que... de repente alguém que tá pagando promessa" é... ano passado eu tentei dar pra uma senhora só que não teve como, porque ela tava, pagando promessa ajoelhada, só que eu dei pras pessoas que tavam ajudando ela, colocando papelão pra ela passar. Aí tem também as pessoas ao redor que percebem que a gente tá dando e pedem "ah, pode me dar?". Aí quando vê, uma pessoa já pegou um monte, eu tento explicar, digo "gente, é pra eu alcançar o máximo de pessoas, o máximo...". Tento dizer que eu tô tentando dar pra pessoas que estão pagando promessas e as pessoas entendem, algumas não entendem, mas a maioria entende sim (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

A distribuição dos terços hoje também tem outra configuração. Anita é quem se prepara para acompanhar o Círio sozinha e entregá-los. Algumas vezes, Marina fica com uma parte para distribuir, mas, desde que teve o problema no joelho, não pode acompanhar a grande procissão

completa. Anita e Marina também relatam que hoje não conseguem mais acompanhar o Círio juntas porque têm ritmos e posturas diferentes na procissão: a irmã mais velha é mais receosa; a mais nova não tem medo de se perder, entrar e sair da procissão, e gosta de ir próximo à Imagem de Nossa Senhora, onde sempre é mais tumultuado.

Cláudia, desde 2013, quando se mudou, não pode mais participar da festa presencialmente; acompanha as transmissões e notícias pelas redes sociais, assim como participa de um Círio na cidade onde mora, com escala consideravelmente menor que o de Belém, organizado pelos paraenses que vivem lá.

Após o falecimento de Catarina, Sérgio Murilo não acompanhou mais o Círio. Ao conversar com ele, dificilmente comenta sobre essa prática da família, tampouco sobre a filha. Essa ausência na fala, contudo, revela como a memória de Catarina ainda está muito presente na família, um aspecto que foi bastante delicado de tratar na pesquisa, pois não quisemos adentrar na intimidade deles para além dos elementos que espontaneamente nos dessem em relação à história da jovem.

Apesar de não participar mais diretamente da promessa dos terços, é interessante notar a valorização que o arte-educador confere às formas de devoção popular. Em conversa conosco, contou muitas histórias que vivenciou trabalhando em municípios do interior do Pará, em que as comunidades são condutoras das festas e procissões, até mais do que a própria Igreja. Relata também histórias de encantamentos, milagres, acontecimentos racionalmente inexplicáveis, que têm na base não apenas a religiosidade cristã, mas também devoções a outros seres míticos e entidades religiosas. Por isso, na árvore comunicacional da família no Círio, Sérgio Murilo posiciona-se paralelamente à história dos terços, compondo um cenário de devoção familiar que possui diferentes nuances.

Apesar de a promessa dos terços ter sido o ponto de entrada na história da família – e, por sua vez, o entrelaçamento com os *Filhos da Esperança* –, é interessante destacar uma grande referência para a devoção familiar a Nossa Senhora: D. Conceição. Ela não participa e não comenta sobre a confecção e a distribuição dos terços que as netas dão continuidade, mas, nas relações familiares, é uma forte referência na formação religiosa dos filhos e, principalmente, dos netos.

D. Conceição participa há 30 anos de trabalhos voluntários na paróquia do seu bairro. Começou a ajudar na Igreja com a limpeza dos espaços. Hoje, é a principal organizadora das celebrações, conhece como ninguém a história da comunidade, recebe os padres que chegam

para administrar a paróquia, é reconhecida e respeitada pelos membros. As netas relatam que os padres dizem que ela tem as "chaves da Igreja", fato que, do ponto de vista literal, ela nega, pois não gosta de abrir e fechar a paróquia, alegando não gostar de ficar sozinha na igreja, pois igrejas sempre têm assombrações.

Mas o sentido de ter as "chaves da Igreja" também pode remeter a um papel de liderança e de reconhecimento comunitário; Jesus conferiu a Pedro as "chaves do céu". As netas de D. Conceição também nos contaram como ela é respeitada e querida na paróquia. Os jovens na igreja pedem a sua bênção quando a encontram, um sinal de reverência geralmente realizado por um filho ou neto para com seus pais e avós. Na Igreja, os fiéis pedem a bênção ao padre. É interessante ver essa reverência a uma leiga (como são chamados os fiéis não sacerdotes ou consagrados), mulher, na Igreja, o que revela uma marca de uma religiosidade popular que atravessa hierarquias, ao mesmo tempo que está inserida nelas. Esse respeito tanto dos padres quanto da comunidade à D. Conceição, confere-lhe, além de autoridade na organização das atividades rotineiras da paróquia, um papel de referência, guia, revestido também de autoridade divina de quem pode dar a bênção e a proteção aos seus.

Outro sinal dessa autoridade e reconhecimento foi a congratulação de D. Conceição com um diploma, assinado pelo Papa Francisco, conferindo uma bênção solene eterna a ela, pela missão e dedicação à Igreja durante sua vida. O documento foi solicitado pelo vigário (padre assistente) da paróquia e entregue a D. Conceição, de surpresa, em uma celebração que ela estava organizando na igreja. Apenas ela e uma amiga, que também já atua há muitos anos na paróquia, receberam o documento, que as netas nos mostraram cheias de orgulho e do qual D. Conceição falou com modéstia.

Também em casa D. Conceição tem esse papel de autoridade. Como criou vários dos netos, sempre os levava para participar das atividades que organizava na Igreja: homenagens a Nossa Senhora, corais, apresentações de dança, celebrações. No Círio, sempre coordenou um grupo de Peregrinações, que visita as casas do bairro para realizar a oração do terço e refletir sobre determinado tema. Quando crianças, os netos sempre a acompanhavam, faziam encenações, liam os textos do livro do encontro, cantavam.

Em 2016, no ano da nossa pesquisa de campo, D. Conceição não se inscreveu para ser coordenadora de grupo de Peregrinações, alegando ter que dar espaço para outras pessoas fazerem, mas também revelando que, com o crescimento dos netos, não se sente mais em condições de fazer todo o trabalho sozinha. Ainda que hoje já não possa contar com o esforço

direto dos netos e netas, é visível que a presença dela impõe uma posição de respeito entre os mais novos, como durante o almoço do Círio que acompanhamos na casa da *Família de Catarina*, como trataremos adiante.

Vale ressaltar que alguns netos ainda participam de grupos de jovens na igreja. Renata, que vive com a avó, é membro de grupos de cantos e se voluntaria para ações da Igreja para além da paróquia. Em 2016, ela começou a trabalhar como voluntária na Casa de Plácido, espaço, já mencionado na Estação 1, mantido pela Arquidiocese para acolher promesseiros que caminham de municípios do interior do estado até Belém no período do Círio.

Murilo, um dos netos mais velhos de D. Conceição, sempre participou de grupos de música na Igreja e hoje trabalha em uma banda. No Círio 2016, integrou o grupo de música que acompanhou um dos corais que se posicionam em uma arquibancada na Praça da República para homenagear Nossa Senhora. Esse foi o ponto de onde D. Conceição acompanhou o Círio nesse ano.

Integra também a árvore da família Arleisson, namorado de Marina. Sua mãe é católica e o pai judeu. Quando mais novo, decidiu seguir o judaísmo, o que não lhe impede de frequentar as celebrações e rituais do Círio com Marina. Em 2016, em um dos encontros dos *Filhos da Esperança*, Marina e Arleisson foram convidados a participar. Ele confeccionou os terços junto com o grupo, além de assistir à procissão com a namorada.

Outras pessoas que compuseram a árvore comunicacional da família são duas amigas de Anita, Letícia e Malu, que, em 2016, foram convidadas para acompanhá-la no Círio para a entrega dos terços. Na véspera da grande procissão, quando chegamos à casa da família para acompanhar Marina e D. Conceição na saída para a Trasladação, as duas amigas já estavam na casa, ajudando Anita a fazer os últimos terços.

Como vemos, a teia de relações que conectam as histórias devocionais dos membros da família é bastante heterogênea, não centrada na promessa dos terços, mas permeada por uma grande referência, D. Conceição, e com histórias particulares e interrelacionadas, que não formam uma unidade e sim mostram diferentes dimensões do sentimento e da prática de fé. Trata-se ainda de uma configuração bem distinta da que vimos no caso dos *Filhos da Esperança*, o que nos possibilita observar e analisar a emersão de outros aspectos de cenas comunicativas do Círio. Não que as famílias não vivenciem cenas semelhantes; cada uma, a partir das relações que observamos, dá a ver mais a configuração de algumas cenas comunicativas do que outras.

Com isso, percebemos que a tessitura dessas interações, o fio condutor dos laços familiares e devocionais, tem forte teor simbólico e estético, constituindo-se como comunicacional. O estar junto, as relações de gênero, o posicionamento dos sujeitos na interação, enfim, as relações se estabelecem pragmaticamente pelas linguagens gestuais, visuais, orais, escritas, entre outras. O próprio contexto do Círio já é revestido de uma enorme produção simbólica e estética, materializada de diferentes formas. E é nesse contexto, mas também com suas particularidades, que os *Filhos da Esperança* e a *Família de Catarina* produzem e compartilham sentidos e experiências em torno de suas devoções familiares.

Acreditamos que o olhar centrado sobre essas cenas nos permite dar novos passos para perceber os elementos constitutivos dos processos comunicativos. E ao mesmo tempo, de modo articulado com uma perspectiva mais ampla e macrossocial, identificar os elementos que constituem cenas comunicativas que não são particulares dessas duas famílias, mas sim de tantas outras pessoas e grupos que participam do Círio.

Desse modo, as cenas identificadas e analisadas a partir da experiência de interação com as duas famílias participantes, nos permitiram compreender melhor os aspectos que conformam esses processos do Círio, e, como consequência, caminhar também no sentido de entender a própria comunicação. Esse foi o investimento que orientou a análise de cinco principais cenas comunicativas que emergiram da interpretação da pesquisa realizada com as duas famílias citadas, sendo elas:

- Cena 1: Tecendo os laços que tecem os terços
- Cena 2: A caminho da procissão
- Cena 3: As interações comunicativas nas redes sociais *online*
- Cena 4: A procissão e a entrega dos terços
- Cena 5: O encontro com a Santa
- Cena 6: O almoço do Círio

A seguir, abordaremos em detalhes os aspectos constitutivos de cada cena, bem como os elementos empíricos que, articulados à orientação teórico-metodológica do trabalho, nos levaram a essa construção.

Cena 1: Tecendo os laços que tecem os terços

Os encontros dos *Filhos da Esperança* para confecção dos tercinhos[9] acontecem como uma espécie de reunião familiar ao longo de todo o ano, mas especialmente nas semanas que antecedem o Círio: decidem a casa, o dia e o horário em que vão se reunir, conforme a disponibilidade da maioria. Nem sempre todos podem estar presentes, mas um núcleo se manteve frequente nos encontros de que participamos em 2016: as três filhas de Dona Esperança, além de Milena (nora) e Manoela (neta).

Para a família, o clima do Círio começa bem antes de outubro, com a intensificação dos encontros à medida que se aproxima o período da festa. "Na verdade, a gente vive o Círio desde agosto. Porque em agosto começa 'Olha os terços, olha os terços, a gente tem que se reunir pra fazer!" (*MANOELA, Filhos da Esperança, entrevista exploratória, 2016).*). Assim como a cidade transforma seu cotidiano para vivenciar o Círio, a família também cria, nos momentos dos encontros para a confecção dos terços, uma atmosfera de expectativas para a festividade.

É interessante notar que esse momento de preparação, em termos cronológicos, é bem maior que o tempo mesmo da entrega dos terços e da passagem da Santa na procissão, como abordaremos adiante. É como se a família "passasse mais tempo" se preparando para o Círio do que propriamente participando dos eventos de outubro. Mas é exatamente esse tempo de expectativas e organização da família para confecção dos terços que amplia a experiência afetiva da festa, antecipando a vivência da mesma.

E, como em reuniões familiares, entre os *Filhos da Esperança* são os anfitriões da vez que preparam a casa e a alimentação para receber os parentes. Algumas vezes, os demais também levam comidas e bebidas para os almoços, lanches e jantares em família. Como convidadas dos encontros, sempre levávamos também algo para adicionar à mesa das refeições, tanto pela cordialidade como pelo costume de participar de reuniões familiares com a mesma configuração. Essa é uma prática simbólica muito comum de comensalidade, que destacamos ao falarmos das peregrinações nas casas dos bairros de Belém que acontecem antes da Quadra Nazarena. Sem falar que o próprio sentido de partilha presente na origem do termo comunicação remete ao ritual da refeição como o espaço-tempo da comunhão.

O que é interessante notar no caso da cena dos encontros para produção dos terços é a configuração da ambiência de interação, que tem como um dos elementos as comidas e bebidas. Em cada casa, há uma proposta diferente de cardápio que marca essa situação como um

[9] Forma como os *Filhos da Esperança* se referem aos terços.

momento especial, que foge do ordinário da vida. Assim, em uma casa, a comida é *gourmet*, com pães, patês e receitas exclusivas e experimentais; em outra é caranguejo e camarão (Figura 80), que não se come todos os dias; em outra, já se antecipa a degustação coletiva da maniçoba que está sendo cozida para o almoço do Círio, como se pode visualizar na Figura 81.

Figura 80. Pedro exibindo o cardápio do encontro em sua casa.
Os camarões empanados foram o quitute da noite. Por conta da promessa, os encontros da família saem da rotina das próprias reuniões de família.

Fonte: Acervo *Filhos da Esperança.*

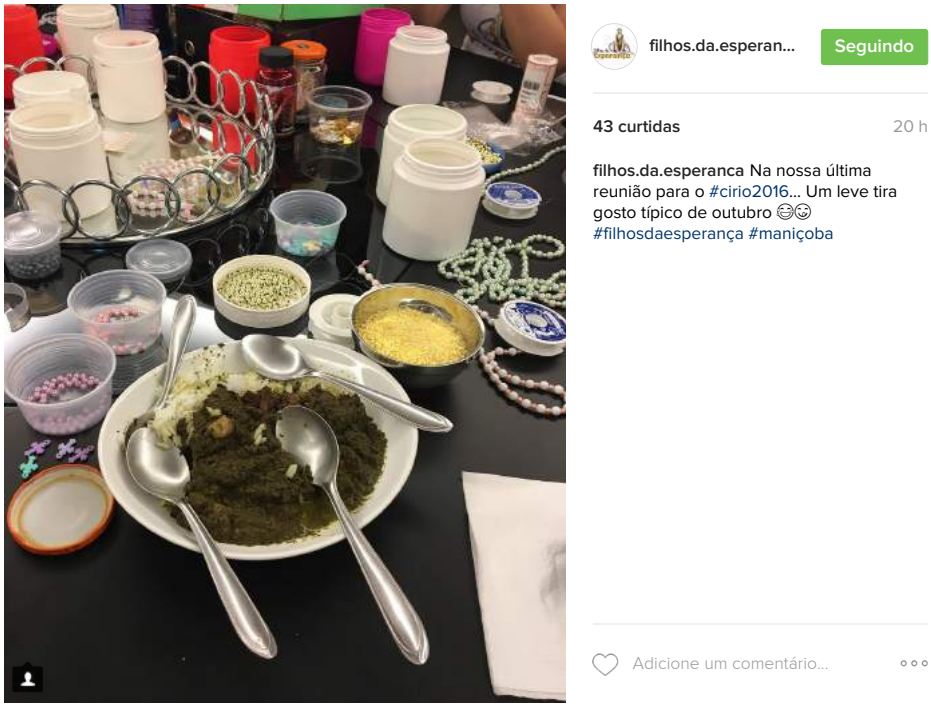


Figura 81. Postagem com foto da maniçoba oferecida por Rita e José quando o encontro foi em sua casa. A regionalidade e a sociabilidade da devoção na imagem curiosa de várias colheres no mesmo prato, com a vasilha de farinha ao lado.

Fonte: Instagram.

Além disso, a decisão pelo cardápio delineia o perfil dos anfitriões perante o grupo, gerando tanto expectativas quanto comentários posteriores ao encontro: "Na casa da Beatriz, a gente come bem" (*MANOELA, Filhos da Esperança, encontro de confecção de terços na casa de Beatriz, 2016*). Por vezes, em tom de brincadeira, a seleção da casa para o encontro seguinte tem como um dos critérios o perfil dos anfitriões de se preocupar ou não com as comidas e bebidas que serão oferecidas. Nos encontros de que participamos, os familiares sempre conversavam comparativamente sobre o que tinham comido nas reuniões anteriores e o que estavam comendo em cada encontro, gerando competições e comparações: "Perdeste ontem. Comemos caranguejo e camarão" (*MILENA, Filhos da Esperança, encontro de confecção de terços na casa de Beatriz, 2016, nos contando como foi o encontro do dia anterior, para o qual não pudemos ir*).

Além da comida, outro aspecto levado em consideração para a decisão do local dos encontros é a configuração da casa: o espaço para fazerem os terços e a disponibilidade de Internet e canal fechado (para assistir aos jogos de futebol, no caso dos homens). Participamos das reuniões em quatro casas diferentes. Na primeira, a ausência de Internet foi motivo de reclamações e ironias de João, filho mais novo de D. Esperança, que queria acessar o *WhatsApp*, sem sucesso: "Na próxima reunião, a gente vai para uma casa com Internet" (*JOÃO, Filhos da Esperança, encontro de confecção de terços na casa de Marta, 2016, provocando Marta, dona da casa, que estava com problemas de conexão naquele dia*).

Mais do que uma brincadeira pontual, essa discussão em torno da Internet logo no primeiro encontro de que participamos nos revelou a permanente troca estabelecida entre os membros da família não só nas situações dos encontros nas casas, mas no *WhatsApp* com os membros que não estão presentes fisicamente, como explicitaremos na Cena 3.

Sobre a ambientação dos encontros, percebemos que ela também se constituía conforme a casa, mas se tentava manter uma mesma organização. Sempre havia uma mesa grande em torno da qual os membros da família se posicionavam para manusear os terços (Figuras 82 e 83). Essa configuração contribuía para a concentração das pessoas nos trabalhos. Só se situava fora do círculo quem não conseguia se posicionar à mesa, mesmo que estivesse trabalhando com os terços, ou quem participava da reunião sem se envolver com a confecção.

Figura 82. Encontro na casa de Rita e José. A imagem de todos em volta da mesa é comum em todos os encontros.

Fonte: Acervo *Filhos da Esperança.*

Figura 83. Encontro na casa de Clara. A distribuição dos materiais sobre a mesa facilita a troca de funções e o compartilhamento de missangas e outros materiais.

Fonte: Acervo *Filhos da Esperança.*

Os homens, por exemplo, se integravam à mesa até o momento em que começava o jogo de futebol. Ou saíam do círculo para sentar-se ao sofá e assistir ao jogo pela TV, ou se ausentavam do encontro para ver o jogo em suas casas ou no estádio. A participação deles, por vezes, era condicionada à possibilidade de assistir ao futebol. Preferiam as casas com TV a cabo e votavam pelos encontros que não coincidissem com um jogo importante que queriam assistir, ou simplesmente, de antemão, avisavam à família que sua participação seria limitada até o "horário do jogo".

Nos encontros que coincidiam com jogos de futebol, os homens trocavam as camisas do Círio pela do time. Iam preparados para os trabalhos com os terços, mas igualmente já participavam com o espírito de quem estava esperando o "horário do jogo".

O conflito com as mulheres da família acontecia quando também coincidia com o "horário da novela". Em uma das reuniões na casa da Manoela, de que não pudemos participar, recebemos o relato: "Ontem foi a maior confusão lá em casa, porque tava passando jogo junto com o último capítulo da novela[10]. Os homens foram para o bar assistir ao jogo" (*MANOELA, Filhos da Esperança, encontro de confecção de terços na casa de Beatriz, 2016, nos relatando sobre o encontro de que não participamos*).

No caso das mulheres, a concorrência da confecção dos terços com outros assuntos e atividades não as dispersa. Quando uma delas sai da mesa e demora mais do que as outras julgam necessário, rapidamente é chamada atenção e retoma seu trabalho.

Mas o interessante dessas posturas em relação à produção dos terços e inserção tanto de homens quanto de mulheres é perceber o caráter ritual desses encontros. A configuração da casa, dos "comes e bebes", da disponibilidade de TV e Internet, ou seja, a situação de interação (BAKHTIN, 2014; MEAD, 1982) é fundamental para o estabelecimento do processo comunicativo. É a situação de ser um encontro de confecção dos terços, com essas características, que faz com que a família e cada membro em particular se disponha a estar reunido prevendo o que acontecerá e se organizando para o que será feito. O caráter probabilístico do encontro (BRAGA, 2010) gera expectativas que contribuem para que os membros da família decidam participar ou não do encontro.

Mas sendo o processo comunicativo igualmente imprevisível (BRAGA, 2010), cada um, conforme a situação de interação, aciona estratégias para conciliar o desejo de estar em família

[10] A novela em questão era "Velho Chico", exibida na TV Globo.

com outras atividades e motivações, interesses que são negociados no jogo do estar junto, ainda que seja necessário ir e vir, decidir estar "presente" ou compensar sua "ausência".

O caráter ritual da interação também se configura pela distribuição das funções dos membros da família, especialmente na divisão do trabalho para a produção dos terços. Essas posições não são determinadas apenas pelo contexto familiar, mas também social (GOFFMAN, 2012b). Isso se torna evidente quando percebemos as relações entre gêneros e gerações.

O que se espera do comportamento de homens e mulheres, jovens e pessoas maduras na família é o que socialmente é desejável e aceitável, com todas as contradições que daí possam emergir. Assim, no jogo interacional, é possível perceber o confronto entre as expectativas e as ações dos membros da família uns em relação aos outros. Nos momentos de negociação, não necessariamente há concordâncias e harmonia, mas divergências aparecem, se ocultam e reaparecem, sem se esgotarem. Uma situação exemplar é a discussão sobre o consumo de bebidas alcoólicas nos encontros.

Para Ana Maria, a primogênita de D. Esperança, não deveria haver consumo de álcool, que acontece e, vez ou outra, é repreendido por ela. Homens e mulheres negociam com ela de diferentes formas: uns alegam que bebem como uma recompensa pelo trabalho que já fizeram; outros omitem que o que estão bebendo é alcoólico; outros, ainda, para beber, saem do círculo da mesa de confecção dos terços, afastando-se do olhar de Ana Maria.

Dependendo do tom, tanto Ana Maria como os demais membros da família posicionam-se de uma forma diferente. As mulheres podem dizer "é só um pouquinho", já os homens podem alegar "não é cerveja" ou "já fiz o meu trabalho". Quando o assunto era esse, todos já sabiam o posicionamento de Ana Maria e se articulavam de diferentes formas para inserir ou não a bebida no encontro.

Ana Maria, como a "pessoa mais madura da família", é revestida pelos outros de uma imagem de respeito, ao mesmo tempo que tem poder de repreensão. Não fosse isso, seria desnecessário os jogos e as estratégias para driblá-la ou tentar convencê-la. Ela, por sua vez, já reconhece tais estratégias, percebendo que os homens são mais astutos, por exemplo, para fingir beberem outra coisa ou tentar disfarçar. Pelo papel social[11] dos homens e também pela posição que ocupam na família e na produção dos terços, Ana Maria também já tem expectativas de

[11] Goffman (1999) aponta que existem duas formas de identificação dos papeis sociais de indivíduos em uma dada situação: uma forma categorial, em que se posiciona o sujeito conforme categoriais sociais (gênero, etnia, classe social, etc); e uma forma individual, em que o sujeito é identificado pelas suas características físicas e psicológicas de forma particular e única.

como vão agir em relação ao assunto, conformando dessa maneira sua ação em resposta, com uma repreensão mais direta e efusiva ou "entrando na brincadeira".

Além de ser significativa para percebermos algumas minúcias da interação interpessoal, essa situação também aponta para uma forma muito particular de lidar com o sagrado no Brasil – e talvez na América Latina – que é a inserção e mistura com outros aspectos da vida cotidiana, a ponto de não haver nenhum problema em fazer terços, assistir à novela e ao futebol, comer e tomar uma "cervejinha", tudo ao mesmo tempo. O que, para Ana Maria, pode ser inadequado, para a maioria da família, não é "nada demais". E assim o é pela configuração das devoções populares a santos no país que, para Perez (2011, p. 147-148), é uma religiosidade doméstica, "de relações quase de família entre os santos e os homens".

Dessa forma, é possível um encontro para produção de terços se configurar como uma reunião de família, composto por conversas em torno dos mais diferentes assuntos que ultrapassam a devoção a Nossa Senhora. A proposta dos terços acaba sendo um mote para o estar juntos, para partilhar do sentimento de ser família. E, nesse sentido, em paralelo a Nossa Senhora de Nazaré, há outras motivações.

Um exemplo bastante significativo dessa atmosfera de intimidade com o divino é a posição central compartilhada pela foto de D. Esperança e a Imagem de Nossa Senhora (Figura 84) na mesa em que se produzem os terços. Ambas são "objeto" de devoção, de afeto, de atenção dos membros da família. D. Esperança é, declaradamente, até mais importante em termos de sentidos e sentimentos para todos os envolvidos.

Figura 84. Postagem no Instagram com as "duas devoções" da família. Com destaque, em primeiro plano, D. Esperança e o esposo; e, em segundo plano, Nossa Senhora, em meio aos terços.

Fonte: Instagram.

Com isso, se evidencia uma dimensão social e cultural do Círio que é a própria matriz da devoção a Nossa Senhora de Nazaré, menos institucional e mais afetiva.

> Eu me considero muito católica, sou a favor do Catolicismo, mas não da Igreja, é mais ou menos assim. Acredito que todos são muito religiosos, de acreditar, de ter fé, de rezar a noite, mas não de ir o tempo todo, de ficar indo pra missa. Então, ao lado da união, tem a religiosidade todos juntos. Tanto que, a Santa Páscoa é o maior chororô, é uma emoção, tem a religiosidade, é muito forte. Mas não é uma religiosidade muito próxima em relação aos dogmas da Igreja, vamos seguir aquilo que o Padre tá dizendo, e tá certo. Não, não é assim. Pelo contrário, porque eu sou extremamente revoltada com algumas coisas, entendeu? Então, é a união da família e essa religiosidade, esse sentido mais... essa coisa mais espiritual da família. Por exemplo, eu tenho a tia Marta, por exemplo, e o tio João, eles pegaram esse lado mais sensitivo do meu avô. Então assim, eles são extremamente sabe? Parece que eles sentem as coisas, então tem tudo isso envolvido. Mas pra mim, é a união e a presença da minha avó. É o que mais me motiva. E ela tem um nome muito forte também (*MANOELA, Filhos da Esperança, entrevista exploratória, 2016*).

A devoção da família é mediada pela devoção primeira de D. Esperança a Nossa Senhora, apesar de cada membro ter sua própria relação com o sagrado. O próprio terço, como símbolo de devoção a Nossa Senhora, abarca outros sentidos para além de um instrumento de oração. Quando perguntamos à família se costumava rezar o terço, as pessoas responderam que não. Pelas práticas delas, o "objeto" representa mais pelo potencial de proteção e bênção,

associado ao recebimento do terço por D. Esperança das mãos de Catarina, do que pelos Pai-Nossos e Ave-Marias que representam as contas maiores e menores do terço, respectivamente.

O terço, portanto, é envolto, pela família, de uma dimensão sagrada, com potencial de oferecer graças. Ao mesmo tempo, é um objeto passível de produção e reprodução a partir de um esforço manual, que é igualmente significativo enquanto doação do seu tempo para contribuir com a promessa da família e possibilitar um gesto em prol de outras pessoas. Como destaca Certeau e colaboradores (2013, p. 285), "existe um prazer profundo em preparar pessoalmente aquilo que se quer oferecer aos convivas, em usar uma criatividade modesta, de resultados efêmeros, mas cuja combinação sutil define em silêncio um *estilo de vida*, circunscreve um *espaço próprio*".

Apesar de Certeau e colaboradores (2013) se referirem ao contexto das práticas ordinárias de cozinhar, igualmente podemos considerar o artesanato como uma ação marcada pelo "fazer com as próprias mãos" para "oferecer ao outro", um produto dotado de sentidos e sentimentos.

Não à toa a escolha dos *Filhos da Esperança* por confeccionar e não apenas doar os terços, dada a importância simbólica do ato de fazer e, principalmente, do ato de se reunir para fazer. Os terços produzidos materializam, portanto, afetos, compromissos, devoções, histórias e memórias. Tanto para os *Filhos da Esperança* quanto para a *Família de Catarina*.

No encontro em que a irmã mais velha de Catarina, Marina, participou, ela compartilhou, ao interagir com os *Filhos da Esperança*, tanto o modo e o ritmo como ela e sua irmã produzem os terços, como também as estratégias que utilizam para distribuir, dedicando-se não tanto a produzir uma grande quantidade de terços, e sim mais a tentar observar e escolher para quem dar o terço no momento da procissão, como que tentando identificar quem estaria mais necessitado ou para quem aquele gesto seria mais significativo.

Já para os *Filhos da Esperança*, as dimensões visual e quantitativa dos tercinhos são fatores relevantes. Isso é notável pela forma como selecionam as pedras que vão comprar (com o tempo, souberam eleger o que consideram os melhores tamanhos, os melhores materiais) e como fazem a composição das cores no momento em que estão tecendo os terços. Buscam pedras e cores que já usaram e gostaram, mas também experimentam novas combinações que, se aprovadas, rendem centenas de terços iguais.

Em 2016, Ana Maria, a filha mais velha de D. Esperança, estava cumprindo uma promessa em paralelo à da família. Sua motivação era a saúde da neta, que no ano anterior teve

uma doença grave. Diante da situação, Ana Maria se comprometeu a fazer 600 terços completos (com as 5 dezenas de Ave-Maria, em vez de 1 dezena, como nos demais terços da família) para distribuir junto com os tercinhos da família. Com a cura da neta, ela então produziu ao longo do ano seus terços, que se diferenciavam em cores e tamanho dos da família, assim como eram feitos em outro espaço físico e tempo cronológico dos encontros familiares, apesar de compartilhar de alguns sentidos e afetos relacionados à devoção do grupo.

Esse quantitativo se somou ao da família no final para que alcançassem a meta de pelo menos 4 mil terços naquele ano, considerado um número bastante inferior ao que já produziram anteriormente, mas razoável e tangível diante da demora para iniciarem os encontros naquele ano. O início da produção se deu apenas em setembro e também foi reduzido o número de encontros que conseguiram realizar. Em 2014, a família chegou à marca de 10 mil terços.

A dinâmica de produção em larga escala se dá a partir de diversas estratégias. Além de alguns membros da família iniciarem os trabalhos individualmente e ao longo de todo ano, nos próprios encontros, eles estabelecem etapas e ritmos de produção. Desde o primeiro dia que participamos, fomos ensinadas a como fazer os terços. Há três etapas principais: (i) colocar as pedras no fio de *nylon* (após escolher com que pedras e de que cores se iria trabalhar); (ii) finalizar os tercinhos inserindo o crucifixo; e (iii) ensacar com o santinho, conforme Figuras 85 a 87.

Figura 85. Produção das correntes, antes do fechamento dos terços. A família já estabeleceu todo um passo a passo para otimizar a produção dos tercinhos.

Fonte: Acervo *Filhos da Esperança.*

Figura 86. Tercinhos produzidos, prontos para serem embalados. A cada encontro, é feito um balanço de quantos terços já foram confeccionados.

Fonte: Acervo *Filhos da Esperança.*

Figura 87. Exemplo de embalagem com santinho. O folheto com a imagem de Nossa Senhora e uma oração no verso é personalizado para a acompanhar os terços produzidos

Fonte: Acervo *Filhos da Esperança.*

Na divisão do trabalho, as mulheres fazem os terços enquanto os homens embalam. Quando não há terços para ensacar, alguns homens também tecem as correntes e fecham os tercinhos (Figura 88).

Figura 88. Postagem no *Instagram* com fotos da produção das correntes, antes do fechamento dos terços.
São colocadas as missangas no fio de nylon para posterior finalização.

Fonte: Instagram *Filhos da Esperança.*

Os trabalhos também são orientados de acordo com a habilidade de cada um. Raquel, por exemplo, afirma que não consegue fechar os tercinhos, então, se dedica a colocar as pedras no fio de nylon. Quando já tem uma corrente grande, repassa para outra pessoa fechar os terços. Quem tem as duas habilidades (fazer a corrente e fechar os terços), reveza o trabalho conforme a necessidade. De tempos em tempos, nos encontros, uma pessoa que esteja na liderança indica como o grupo deve se organizar em relação às tarefas do dia.

Participa da produção também quem não faz diretamente os terços. É o caso da Beatriz, neta, que declaradamente assume outro papel, o de animadora, pois diz não ter paciência para fazer os terços, mas sempre tenta estar presente nos encontros para dar, em suas palavras, um "apoio moral". Compara-se aos animadores da procissão, que convocam as pessoas na rua a cantar, orar, dar "vivas". Observamos que quando o encontro foi na sua casa, ela passava na mesa em que os membros da família estavam reunidos e entoava "Viva Nossa Senhora de Nazaré!", o qual era respondido com um "Viva!" de todos.

Com o passar dos anos, além da animadora, dos embaladores e dos produtores dos terços, novas funções foram criadas e sobrepostas para alguns membros da família. Amanda, por exemplo, pela profissão de publicitária, foi incumbida de elaborar um logotipo para os *Filhos da Esperança* quando da comemoração de 10 anos da promessa da família, assim como ficou responsável pela criação e alimentação de um perfil na rede social *Instagram*, como trataremos melhor adiante. Carolina, por sua vez, pela habilidade em buscas pela Internet, foi designada para encontrar fornecedores de pedras e missangas mais baratas. Para 2017, ela ficou

de fazer contato com lojas para negociar um apoio ou abatimento na compra das pedras (já que compram em bastante quantidade), apresentando a história dos *Filhos da Esperança*.

A forma de organização do trabalho e o cuidado estético com os produtos finais revela muito dos sentidos que essas interações em torno da devoção dos terços têm para eles. Como apontava Bateson (2002) em suas análises, em uma interação não há apenas um conteúdo dialogado a partir do qual existem trocas, mas também um conteúdo metacomunicativo, expresso pela configuração das relações, pela forma como acontecem, pelo significado expressivo dos gestos, posicionamentos, organização da situação de interação.

Os encontros para a confecção dos terços nos mostram exatamente esse conteúdo metacomunicativo da devoção dos *Filhos da Esperança* e revelam os sentidos e afetos gerados em torno dessa prática, mais do que os próprios relatos ou o conteúdo em si das conversas verbais durante as reuniões. Os assuntos familiares (casamentos, namoros, vidas profissionais, estudos, negócios), entremeados pelos terços, e a observação dos seus gestos, da forma de organização do espaço e do tempo, da divisão dos trabalhos evidenciaram o fluxo do processo que experienciam em torno da devoção que é a necessidade de estar junto, de compartilhar o sensível e os sentidos da devoção dos terços.

Essa é a principal motivação para continuarem a confecção e distribuição dos terços no Círio iniciada pela matriarca D. Esperança. Manoela havia indicado em entrevista prévia, que o que a motivava era principalmente a lembrança da avó e o fato de o Círio ser o momento em que toda a família estava reunida, mais do que uma questão religiosa ou o afeto por Nossa Senhora de Nazaré.

> Especialmente pra mim, o que motiva é a lembrança dela. O tempo todo que a gente faz, é porque tá na presença dela e na presença do meu avô, que já faleceram. E pra nossa família, especificamente, representa que justamente depois que os patriarcas faleceram, o que geralmente acontece? A família se espalha. Mas isso não acontece com a nossa, principalmente por conta dessas reuniões do Círio. Tanto que, quando a gente a fala... há eventos de aniversário, às vezes não vai todo mundo, é no Círio que a família inteira se reúne (*MANOELA, Filhos da Esperança, entrevista exploratória, 2016*).

Em uma das primeiras reuniões de família de que participamos, todos concordaram com Manoela, destacando que é a lembrança da matriarca, por meio da prática da confecção dos terços, que faz com que permaneçam unidos, mesmo com a família crescendo, os netos construindo novas famílias.

Ainda antes do falecimento de D. Esperança, os filhos relataram que o Círio sempre foi o principal momento de reunião da família, mais que o Natal. Para Raquel e Manoela, o Círio é o Natal da família, pois o Natal mesmo não é um momento de tanta união, já que cada núcleo familiar passa em um lugar diferente. É no Círio, de fato, que eles vivenciavam a reunião de toda a família. Amanda, neta, disse que o Círio era importante para eles mais por causa da avó, pois se ela tivesse feito a promessa na época do Natal, seria o Natal a festa principal de congregar toda a família.

Para os *Filhos da Esperança*, portanto, fica evidente o forte laço familiar que o Círio promove e dinamiza. O que orienta as interações entre as pessoas em torno da promessa é, primeiramente, o vínculo com a memória da matriarca e o comprometimento com a união da família como um todo.

Esse conteúdo metacomunicativo, portanto, evidencia o papel da comunicação como constituidora dos laços sociais, dos mais básicos, no âmbito familiar, a outros fluxos que se desdobram e reverberam para além do circuito mais íntimo da família. Como exemplo, há a relação com outras pessoas dos seus círculos de amizade e com desconhecidos, para além do tempo e do espaço das casas, como explicitaremos posteriormente na Cena 3.

Cena 2: A caminho da procissão

Um dos aspectos comunicacionais mais interessantes do Círio é que, apesar de a procissão principal, do segundo domingo de outubro, ser um ápice, ter uma centralidade, os fluxos que se desenrolam antes, durante, depois, dentro, fora, no entorno desse núcleo (como indicamos na primeira estação) são igualmente relevantes para a composição e a dimensão da festa. A cena do caminho para a procissão é um dos espaços-tempos que emerge a partir das interações que tivemos com a *Família de Catarina*.

De imediato, retomamos o sentido de preparação que, no caso dos *Filhos da Esperança*, se torna mais evidente na cena da confecção dos terços. No caso da *Família de Catarina*, na cena do caminho para a procissão como preparação, configuram-se outras experiências, dando a ver outras dimensões comunicacionais.

Acompanhamos os membros da Família em dois caminhos diferentes: o caminho para a Missa da Trasladação, no sábado, junto com Marina e D. Conceição; e o caminho para a procissão do Círio, no domingo, com Anita e as amigas Letícia e Malu, ambos deslocamentos feitos via ônibus de linha. Nos dois casos, nossa interação começou ainda na casa da Família,

antes da saída. No sábado, essa preparação para a ida à Missa começou mesmo antes de chegarmos à casa. No caminho, Marina já estava em contato conosco, pois D. Conceição queria sair mais cedo do que havia combinado com a neta. Às 14h30, a matriarca já estava pronta para sair; a Missa começaria às 16h30.

No contexto do Círio, essa necessidade de antecedência é constituída por questões de ordem prática, mas também é envolta por sentidos e sentimentos de tempo. No caso da localização das casas de D. Conceição e Marina, distante do centro de Belém, a saída mais cedo se justifica pelo tempo que naturalmente já é grande para se deslocar da periferia ao centro da cidade. Mas esse deslocamento, em contextos do Círio, ainda precisa considerar a disponibilidade de transporte público (meio pelo qual a maioria das pessoas vão para os eventos do Círio), bem como a disputa por espaço no transporte público, pois quanto mais próximo do horário do evento a que se vai, mais pessoas se deslocam com o mesmo objetivo. Sem contar com o trajeto dos ônibus e o ponto de descida, já que, no horário próximo aos dos eventos, algumas vias do centro são fechadas para a circulação de veículos.

Esse tempo que é transcorrido, a partir de uma série de fatores situacionais, também é revestido e constituído por uma dimensão ritual da preparação. Desde o dia anterior ou mesmo antes, as pessoas se organizam para sair de casa em direção a algum evento do Círio. Faz parte do sentimento de viver o Círio esse agendamento, a combinação entre as pessoas que vão se deslocar juntas, a organização de outras tarefas da casa e da família para que, no horário, com antecedência, se inicie o caminho para a procissão.

D. Conceição e Marina foram para a Missa da Trasladação, realizada em um ambiente aberto, no jardim em frente ao Colégio Gentil Bittencourt (Figura 89), próximo à Basílica Santuário de Nazaré. O espaço é relativamente pequeno, considerando o contingente de pessoas que participam da celebração, que conta com a presença da Imagem Peregrina de Nossa Senhora. A partir do momento que há a lotação do jardim, os portões são fechados e quem quiser acompanhar a celebração fica do lado de fora.

Figura 89. Missa da Trasladação no pátio do Colégio Gentil Bittencourt. O espaço é disputado pelos devotos para ficarem mais próximo do palco da celebração.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Felipe Jailson Florêncio.

D. Conceição conhecia bem essa dinâmica e não queria ficar de fora. Ao contrário, queria ficar dentro do jardim e próxima ao palco onde é celebrada a missa (Figura 90). Quanto mais tarde saísse de casa, mais difícil seria alcançar um bom lugar para acompanhar a celebração. A conquista do bom espaço ou do espaço privilegiado nos eventos do Círio integra a dinâmica das interações entre as pessoas e envolve o sentimento do compartilhamento do espaço, mas também de disputa: enfrenta-se o tumulto para conseguir uma posição interessante e que possibilite estar perto da Santa.

Figura 90. Posição de D. Conceição e Marina na missa em relação ao palco. A antecedência foi fundamental para que elas conseguissem um lugar próximo à celebração.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Felipe Jailson Florêncio.

Outro aspecto que compõe a cena do caminho da procissão, ainda na dimensão da preparação, é a alimentação. Como os eventos do Círio, em sua maioria, são em ambientes abertos, com bastante aglomeração de pessoas – e já considerando o clima quente e úmido de

Belém –, geralmente, quem vai para os eventos se prepara também no sentido de fazer uma boa alimentação antes de sair de casa, a fim de evitar desmaios, queda de pressão, falta de ar, alguns dos males socorridos pelos voluntários da Cruz Vermelha durante os eventos.

Mas cada pessoa ou grupo tem a sua estratégia. Anita, em conversas conosco, havia indicado que antes de sair de casa para o Círio apenas tomava um café preto. Em 2016, foi uma preparação diferente, pois não acompanharia o Círio sozinha e sim com as amigas e com a nossa companhia. A configuração, então, deixa de ser individual e passa a ser coletiva, o que faz com que a alimentação passe a ser um fator fundamental para que o grupo consiga, sem intercorrências de saúde, acompanhar a procissão.

Dessa forma, Anita preparou um "café da manhã reforçado" para todo o grupo, preocupada que todos estivessem bem para caminhar juntos. Nessa ocasião, Anita acordou mais cedo do que o usual e preparou com antecedência sanduíches para nossa equipe e para suas amigas. Da mesma forma, nesse momento, o pai de Anita que não iria conosco para a procissão também se levantou para ajudar com a logística da saída para a caminhada. Gerou-se, nesse caso, um sentimento de coletividade, que vai marcar bastante as interações na cena da procissão e da entrega dos terços, como discutiremos melhor mais adiante.

Um último aspecto sobre essa questão da preparação para sair de casa se refere à vestimenta. Por diferentes fatores práticos (clima, aglomeração, esforço físico), as pessoas que acompanham as procissões no período do Círio geralmente se vestem com roupas leves, que permitam mobilidade, conforto e diminuam a sensação de calor. É muito comum, então, encontrarmos pessoas vestidas com *short*, calças *legging* de academia, camiseta de manga curta, sandálias de dedo, tênis ou mesmo descalços.

A preferência por camisetas com estampas ou detalhes sobre o Círio é inquestionável. Nas vitrines das lojas da cidade, até nas grandes lojas de departamento, ou mesmo em barracas de vendedores ambulantes, é ofertada uma grande variedade de modelos, estampas e tamanhos de camisas do Círio. Muitas empresas, grupos e famílias optam por confeccionar um modelo próprio, com a identificação de sua marca ou nome. A cada ano são criados novos desenhos e, quem pode, adquire novas unidades para uso, mesmo que já tenha camisas de anos anteriores.

Mas há também quem faça sua própria customização, em casa, inserindo um detalhe que remeta ao Círio, pintando o próprio desenho de Nossa Senhora, entre outras possibilidades. No sábado, quando chegamos à casa de Marina, no retorno da Missa da Trasladação, Renata, sua prima, estava terminando de customizar sua camiseta. Marina, no sábado, e Anita e Letícia,

no domingo, saíram com camisas do Círio, cada uma com um feitio diferente. Já D. Conceição usou uma camisa da Pastoral da Acolhida da sua paróquia. No caso da *Família de Catarina*, não havia uma preocupação em vestirem-se com uma identidade própria, como no caso dos *Filhos da Esperança*.

Essa prática do vestir-se é bastante significativa, não apenas no Círio, mas em vários eventos que envolvem coletividades. A vestimenta com algum elemento que remeta a Nossa Senhora, à festa ou mesmo a algum santo de devoção confere pertencimento, participação, compartilhamento de um espaço-tempo.

É interessante perceber a força dessa simbologia quando, no caminho para a procissão, percebemos e reconhecemos outras pessoas (desconhecidas) que também estão a caminho, apenas pelo fato de estarem vestidas com camisas do Círio ou de santos ou, ainda, portarem objetos de devoção, como terços e ex-votos. Do ponto de vista da coletividade, esse aspecto gera uma ambiência de participação em toda a cidade, nas paradas de ônibus, nos bairros, quando as pessoas começam a sair de suas casas para irem aos eventos.

Outro elemento marcante, além das camisas do Círio, são os pés descalços. Muitos romeiros vão para as procissões sem sapatos, principalmente, os mais jovens. Anita, Letícia e Malu, no domingo, saíram de casa já descalças. Anita havia nos recomendado ir sem sapato, pois, pela sua experiência de acompanhar o Círio próximo à Santa, os sapatos podem prejudicar a mobilidade e, o pior, machucar os pés de outras pessoas. Além disso, é comum encontrarmos, ao longo da procissão, vários sapatos despedaçados, rasgados, largados no meio do caminho, resultado da sujeira, da água jogada sobre os fieis, do desgaste da caminhada. Quem prefere não perder os sapatos também opta por acompanhar a procissão com os pés descalços.

Mas essa prática tem um sentido de sacrifício também, pois os pés ficam desprotegidos frente ao pisoteio, sujeira ou lama da rua, asfalto quente (no caso da procissão da manhã), entre outras intempéries. É uma forma também de vivenciar uma dor física em retribuição a uma graça divina. Em uma das músicas do Círio, canta-se "O corpo cansa só para a alma descansar"[12], e vemos isso acontecer a partir de diferentes gestos e ações nas procissões. A própria caminhada, nas condições climáticas de Belém e com a multidão que se forma, é uma prova de resistência e sacrifício físico, compensado pela esperança ou pelo agradecimento de uma bênção maior.

[12] Verso da música "Círio outra vez", composta pelo Pe. Fábio de Melo.

Marina, após o acidente no joelho[13], não pode mais acompanhar a procissão inteira, uma questão que a deixa profundamente triste, já que o sentido de fazer todo o percurso, colocar o corpo em estado de sacrifício, faz muita diferença para ela no que entende ser uma participação no Círio. Ao não poder caminhar, é como se a sua participação não fosse por completo.

Ao saírem de casa, após essas preparações, tanto Marina e D. Conceição, no sábado, quanto Anita, Letícia e Malu, no domingo, iniciam desde então a peregrinação. Na parada de ônibus, cheia de romeiros, aguardam o primeiro ônibus que passar para o centro. Nos dias das procissões, a rotina da cidade se altera em torno do Círio. As frotas de transporte público são reforçadas e os trajetos, muitas vezes, alterados para atender o grande fluxo de pessoas que se desloca dos diferentes bairros para o centro. Qualquer linha que passe, independente da rota cotidiana, segue em direção a uma única parada: a Translação (à noite), o Círio (de manhã).

Na Trasladação, os ônibus tentam chegar o mais próximo possível da Av. Nazaré, de onde parte a procissão. No caso do Círio, com um contingente de romeiros ainda maior e uma estrutura de ruas mais estreitas no centro histórico, geralmente a última parada fica mais distante da Catedral da Sé. Quem vai de ônibus, para chegar até a Sé, percorre o equivalente a quase a metade do trajeto do Círio.

Mas o percurso de ônibus não se configura como um início da peregrinação apenas pelos percalços e pela multidão, mas sobretudo pela atmosfera de procissão e festa que se constrói (Figura 91). Os veículos vão como que recolhendo os fieis, juntando-os em direção às procissões.

Ao entrarmos no ônibus com a *Família de Catarina*, D. Conceição consegue um assento antes da roleta e, como tem direito à gratuidade, fica a viagem inteira sentada afastada de Marina, que se posicionou, conosco, na parte de trás do ônibus, sempre alerta para ver como a avó estava. Apesar de ir conversando conosco, Marina também fez o percurso tranquila, como a maioria das pessoas que estava no nosso ônibus.

[13] Conforme mencionado em seu perfil, apresentado na página 157.

Figura 91. Ônibus a caminho da Missa da Trasladação.
Com exceção de pequenos grupos que entravam e conversavam em voz baixa, a maioria dos romeiros estava em clima de concentração. Isso nem sempre ocorre. Em alguns veículos que deslocam grupos maiores de pessoas que se conhecem, por vezes, elas vão conversando alto, comentando o cenário da cidade ou mesmo cantando hinos relacionados ao Círio ou a Nossa Senhora.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Felipe Jailson Florêncio.

Figura 92. Romeiros descalços no ônibus a caminho do Círio.
Essa é uma das marcas dos devotos; estar descalço é um sinal de que a pessoa está se direcionando para a procissão.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Arlene Cantão.

No dia seguinte, com Anita, Letícia e Malu, também notamos certa tranquilidade dentro do ônibus. Até pelo horário de partida para a procissão, antes do amanhecer do domingo, visivelmente se reconhecia cada pessoa que entrava e estava indo na mesma direção que nós: para a procissão. Muitos com os pés descalços (Figura 92), camisetas com estampas do Círio ou de santos, terço ou outro objeto de devoção na mão. O clima de procissão se instaura exatamente pela construção de uma ambiência de compartilhamento de um "em-comum" (NANCY, 2016), mesmo sem diálogo verbal ou conhecimento mútuo das pessoas. Não é preciso falar nada para sentir-se próximo do outro.

Essa noção do "em-comum" (NANCY, 2016) é bastante interessante para compreendermos a possibilidade do estabelecimento de relações sociais como ações em movimento, em curso, não estáticas ou estatizáveis, como o conceito de cenas comunicativas nos ajuda igualmente a perceber. Trata-se de uma possibilidade de comunicação que constrói terrenos de compartilhamentos transitórios, efêmeros, mas nem por isso menos significativos.

Os processos comunicativos que se constituem na cena do caminho para a procissão, ou mesmo em outras cenas, não se desenvolvem necessariamente a partir do compartilhamento de um comum pré-estabelecido ou óbvio, mas por um "em-comum" que se constrói na ambiência do Círio, possibilitando relações improváveis entre sujeitos de diferentes formações culturais, condições socioeconômicas, origens étnicas. "Em nossa sociedade [norte-americana], assim como supostamente em outras, ligações entre pessoas que não se conhecem são consideradas fortes o bastante para justificar a 'satisfação de necessidades gratuitas'" (GOFFMAN, 2010, p. 144), tendo como fim a relação em si, a sociabilidade.

Para Goffman (2010), a gratuidade dessas formas de interação não prováveis entre pessoas que não se conhecem tem a ver com elementos que permitem a abertura e a disposição para o estabelecimento de relações. Dentre esses elementos, o autor destaca o contexto em que a interação se dá, assim como a informalidade e a solidariedade envolvidas na situação, até mais do que a existência de um objetivo ou interesse estritamente definido, como o pedido de uma informação ou a necessidade de um auxílio.

Com isso, percebemos que as relações no Círio se estabelecem em grande medida a partir dessa ambiência favorável da festa e do espírito de solidariedade e compartilhamento de um "em-comum". As relações se dão, portanto, não apenas partindo de uma noção de comunidade de fiéis, solidamente constituída, existente antes ou depois ou independente do Círio, ou como Nancy (2016) caracterizaria como "comunidade essencial", cujos laços seriam

tecidos a partir de uma essência comum. Essa é uma das possibilidades apenas, quando pensamos a participação de grupos familiares, como os *Filhos da Esperança*, grupos paroquiais, comunidades religiosas, que pré e pós-existem a partir de um comum partilhado.

Mas ao acompanharmos o Círio junto à *Família de Catarina* que, como muitas, possui diferentes formas de participação no Círio, não conjugada ou organizada, saltam também aos nossos olhos essa possibilidade da construção de inúmeras micro-relações mesmo sem a existência prévia de vínculos para tal. Pessoas que não se conhecem compartilham, no Círio, de uma ambiência "em-comum" (NANCY, 2016), mesmo tendo histórias, objetivos, religiosidades distintas, até contraditórias se fossem vistas em outro contexto externo à festa. "A perda das essencialidades desvela uma comunidade que se realiza na contínua exposição entre os corpos e falas, na comunicação enquanto ser-em-comum da experiência" (RENA, 2015, p. 224). E foi, assim, inclusive que se deu a nossa participação no Círio junto à *Família de Catarina*, como veremos em cenas adiante.

Por isso, acreditamos que o potencial dessas micro-relações é incalculável. Um exemplo disso é a própria história que liga as trajetórias das duas famílias participantes de nossa pesquisa, em uma situação que provavelmente durou menos de um minuto: Catarina tem um gesto para com D. Esperança, as duas sem se conhecerem, sem saberem o nome uma da outra, por uma fração de tempo, estabeleceram uma relação que reverberou e se desdobrou em muitas outras relações a partir dali.

> Um gesto tão pequeno [entrega do terço], assim, tão simples e que, por pouco, se alguém segura o braço da minha irmã e diz "não, não vai pra lá que é longe". Pensar como uma coisa assim, tão sutil, pode se transformar numa coisa tão grandiosa dessa, eu acho gratificante (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

O caminho para a procissão já constrói essa ambiência "em-comum" (NANCY, 2016) do Círio, que possibilita inúmeras oportunidades de encontros entre sujeitos, que se dão não somente por um diálogo verbal, mas pelo compartilhamento de sentimentos e pensamentos manifestos em vestes, gestos, ações ou mesmo a coexistência em um tempo-espaço.

Maffesoli (1997, p. 136) compreende a noção de ambiência como matricial nas nossas relações: "... a *ambiência englobante* determina profundamente as atitudes individuais, os modos de vida, as maneiras de pensar e as diversas inter-relações sociais, econômicas, políticas, ideológicas, religiosas, constituindo a vida em sociedade". Trocaríamos a expressão

"determinar" por "orientar" ou "oferecer condições", mas o autor destaca exatamente a importância da configuração dos tempos-espaços para a interação social, tanto do ponto de visto situacional micro, quanto na dimensão macrossocial. Como podemos ver nesta e em outras cenas do Círio, há o agenciamento de uma série de elementos em interação na cultura para que a comunicação seja possível e provável.

Cena 3: As interações comunicativas nas redes sociais *online*

Na observação das interações das duas famílias nas cenas anteriores, pudemos perceber também a forte presença do uso de dispositivos móveis para interagir em redes sociais *online*, revelando interações transversais às dinâmicas dos encontros para a produção dos terços, no caso dos *Filhos da Esperança*, e da participação de D. Conceição e Marina na missa da Trasladação, no caso da *Família de Catarina*.

Nas reuniões familiares dos *Filhos da Esperança*, o WhatsApp é o aplicativo que mais se destaca, pelas trocas que acontecem entre os membros da família presentes e não presentes nos encontros. Não tivemos acesso ao grupo da família nesse aplicativo, mas pudemos acompanhar as dinâmicas de interação que eles anunciavam e comentavam presencialmente: tirar fotos para postar no grupo; comentar conteúdos compartilhados naquele ou em outros momentos no *WhatsApp*; fazer chamadas por videoconferência com um parente que estava no exterior, entre outras interações que compunham o fluxo das trocas entre os *Filhos da Esperança*, contribuindo para o significado de fortalecimento dos laços familiares que os encontros têm para eles, ainda que nem todos os membros estejam presentes fisicamente.

Nesse fluxo comunicacional, diferentes tempos e espacialidades se conectam, gerando ambiências em que o "não estar *in loco*" não tem a ver com menos envolvimento e menos significação. Nos encontros dos quais participamos, os membros da família que não estavam nas casas igualmente se envolviam ou eram envolvidos pela circulação do encontro no *WhatsApp* durante as reuniões e também no *Instagram*, dando continuidade ao fluxo do encontro que, do ponto de vista cronológico, já havia encerrado.

Em uma das reuniões, Carolina conectou-se pelo celular com Rafael, que como mencionado, naquele período estava em intercâmbio nos Estados Unidos. Quando ela anunciou que ele estava *online* e "ao vivo", foi uma celebração geral da família, todos mandando beijos e abraços para ele enquanto Carolina passeava com o celular para mostrar todos ao redor da mesa. Comentaram sobre o encontro, os terços e Raquel confirmou com o filho se ele assistiria

à procissão do Círio. Ao conectar-se com a família, Rafael compartilhava dos sentidos e sentimentos que constituem os encontros, experienciando uma forma de participação cuja distância física é relativizada pela aproximação afetiva.

> Nesse ano, mais uma vez, eu estou acompanhando o Círio a distância. Esse é o momento do ano em que eu mais sinto falta de casa. Não só no dia de hoje [segundo domingo de outubro, dia da procissão principal], mas também nas semanas que antecedem a procissão devido a atmosfera que cerca Belém, mas principalmente devido a atmosfera que cerca a minha família. Nós temos essa tradição iniciada pela vovó Esperança de confeccionar terços e distribuí-los no Círio. Alguns de nós fazem os tercinhos durante todo o ano, mas quando o Círio se aproxima, todo mundo ajuda do jeito que pode e as reuniões familiares acontecem com muito mais frequência. Na minha opinião, essa é a parte mais bacana da nossa tradição. Reunir todo mundo várias e várias vezes (*RAFAEL, Filhos da Esperança, conversa pelo WhatsApp, 2016, no dia do Círio*).

Nossas experiências de tempo e espaço também são ressignificadas pelas tecnologias que nós mesmos desenvolvemos, como na situação relatada, que possibilita a Rafael vivenciar uma forma distinta de "estar presente". O sentimento de saudade é acionado pela proximidade cronológica do Círio mas também pela memória afetiva de sua história familiar, que o faz imaginar, sentir, reviver e se envolver com a atmosfera de Belém e da família. A conexão *online* movimenta esses diferentes tempos e espaços sensíveis e significativos de sua experiência.

Os laços estabelecidos e fortalecidos pelos encontros são mantidos também pelo uso do *Instagram*. Desde 2015, a família criou um perfil[14] do grupo *Filhos da Esperança* no *Instagram*, no qual postam imagens dos encontros para confecção dos terços, visibilizando a prática da família para outras pessoas dos seus círculos de relacionamento, que comentam e curtem as postagens. A rede é alimentada principalmente por Manoela, Amanda e Carolina, que se encarregam de fotografar os encontros e escrever as postagens (Figuras 93 e 94). Nas reuniões em que estivemos presentes, chegaram a fazer algumas publicações durante o encontro, consultando umas às outras sobre como escrever e qual imagem postar.

[14] Em 2016, foi criado um novo perfil "filhos.da.esperança", pois não conseguiram recuperar o acesso ao anterior, criado em 2015.

Figura 93. Postagem de foto do encontro na casa da Marta.
"Essa é legal para postar" ou "Posta no Instagram", recomendavam os integrantes da família, em alguns casos.

Fonte: Instagram.

Figura 94. Postagem de fotos do encontro na casa de Rita e José.
Em outros casos, os registros eram feitos já com a finalidade de publicação nas redes sociais.

Fonte: Instagram.

As postagens e a circulação da prática de confecção dos terços nas redes sociais suscitam algumas conversas nos encontros. Principalmente as netas de D. Esperança trazem as

atualizações do que foi comentado no *Instagram* e discutem entre si o que irão publicar daquele encontro.

Há uma preocupação com o que será publicizado. Quando alguém se posiciona para fotografar ou filmar alguma situação e é percebido/a pelos demais, transforma-se a situação espontânea para que ou se mantenha a aparência de espontaneidade ou para que seja produzida, com bom enquadramento, todos posicionados, ainda que seja uma *selfie* (Figura 94).

O momento de intimidade da família é passível de se tornar público a partir do filtro do que e de como mostrar. Com isso, vemos a construção de uma fachada (GOFFMAN, 2012b), que tem como principal contexto a promessa dos terços e, por mais que outros temas e interesses estejam envolvidos com essa prática, a família se posiciona diante de outros círculos a partir da construção desse quadro. A palavra fachada, coloquialmente, remete a falseamento, aparência. O conceito, porém, tem a ver com a configuração de uma imagem de si em uma dada interação. No caso do *Instagram* dos *Filhos da Esperança*, trata-se exatamente da construção de sua imagem em função da situação de interação (nas redes sociais) e da expectativa que se tem em relação ao que os interlocutores vão pensar e como vão agir em consequência (MEAD, 1982).

Goffman (2012b, p. 102) tratava de um tipo especial de consequência da interação que é o constrangimento, ou seja, quando a expectativa que se tem em uma relação não se efetiva: "Levando em consideração suas identidades sociais e o ambiente, os participantes sentirão que tipo de conduta deveria ser mantida como a apropriada, por mais que eles possam não ter esperança de que ela realmente acontecerá".

Quando produzimos uma fachada de nós mesmos, seja numa interação face a face ou nas amplas ambiências das redes sociais *online*, buscamos, voluntária ou involuntariamente, evitar constrangimentos. É interessante perceber essa postura desde o momento em que conhecemos a família *Filhos da Esperança*. Manoela, na nossa primeira conversa, alertou-nos de que os encontros nas casas de seus familiares eram como reuniões de família, envolvendo outros temas e práticas para além da confecção dos terços. Naquele momento, como uma forma de evitar um constrangimento em relação à possível expectativa que nós tínhamos dos encontros da família, ela nos antecipou como se dá a dinâmica, mesmo que, do ponto de vista da pesquisa, não exista nenhuma proposta de julgamento em relação às formas de interação estabelecidas.

Também nesse sentido é preciso levar em consideração que a nossa integração ao contexto dos encontros altera a situação de interação, exatamente pelo processo de mútua afetação que constitui qualquer troca. O que observamos é fruto não só da relação entre eles,

mas também das interações que eles estabeleceram conosco ou entre eles com a nossa presença, por mais que não centralizassem os encontros em torno da nossa participação.

Assim, é interessante perceber como um detalhe como o constrangimento norteia várias das práticas interativas que estabelecemos nos âmbitos públicos e privados, com quem temos intimidade ou com quem não conhecemos. Mas se trata de um mecanismo de interação que levamos em consideração para estar em contato com o outro e a partir do qual construímos nossa fachada.

As postagens dos *Filhos da Esperança* nas redes sociais evidenciam exatamente qual a fachada que constroem de si (Figuras 95 e 96), isto é, a maneira como querem ser vistos. Assim, as imagens que são publicadas têm como enquadramento principal a história da promessa da família. Para isso, criam uma identidade de grupo que se intersecta com a imagem da família, mas não podem ser confundidas. Nas redes, não se trata da família "x" ou "y", mas dos *Filhos da Esperança*.

Figura 95. Postagem de foto de anos anteriores a 2016.
A identidade do grupo foi criada antes mesmo do logotipo e é alimentada pela forma como se organizaram ao longo dos anos.

Fonte: Instagram.

Em um dos encontros, a família se preparou para receber uma equipe de reportagem, que faria uma matéria sobre a história deles e os fotografaria. Nessa ocasião, eles produziram uma peça especial com as missangas dos terços para mostrar o trabalho artesanal que fazem, entre outras estratégias de apresentação da história familiar (Figura 96).

Figura 96. Postagem de foto do encontro na casa da Rita.
Vestiram a camisa do grupo e selecionaram a casa em que a mesa evidenciava melhor o trabalho coletivo.

Fonte: Instagram.

Naquele momento, como havia a expectativa da publicização da devoção da família, houve toda uma produção visual que antes de mais nada buscava atender à expectativa da família em relação ao que o público do jornal esperaria ver e saber sobre uma história como a deles. Esse mecanismo de interação integra as situações mais banais do cotidiano e é evidenciado quando olhamos para as redes. Em se tratando de um perfil público[15] no *Instagram*, não só pessoas do círculo de amizades da família interagiam com os *Filhos da Esperança*.

Nessa rede social, por meio das publicações dos encontros, eles conheceram outros grupos e famílias "pagadores de promessa coletiva", ou seja, que se reuniam para oferecer auxílio ou objetos de devoção no Círio também. Foi o caso da *Equipe Filhos de Maria*, que ao longo do ano angaria recursos, com a venda de canecas, para compra de água mineral para ser distribuída no Círio. Outro grupo que fez contato com os *Filhos da Esperança* foi o *Luzes para Nazica*, que distribui velas com suportes personalizados, durante a Trasladação. Os contatos aconteciam tanto abertamente na *timeline* do perfil da família (Figura 97), quanto de forma privada (Figuras 98 e 99).

[15] Perfil em que são disponibilizadas abertamente as postagens, permitindo a visualização tanto por seguidores quanto por não seguidores.

Figura 97. Repostagem do perfil @equipefilhosdemaria no perfil @filhos.da.esperanca. Como os *Filhos da Esperança*, o grupo também têm um perfil no *Instagram*, no qual divulgam suas ações para obter doações.

Fonte: Instagram.

Figuras 98 e 99. Mensagens diretas, respectivamente da @equipefilhosdemaria e do @luzesparanazica para os @filhos.da.esperanca.
Nas redes, esses grupos se conheceram e trocaram mensagens, compartilhando da experiência de ação coletiva no Círio

Fonte: Acervo *Filhos da Esperança.*

Nas redes, esses grupos se conheceram e trocaram mensagens, compartilhando da experiência de ação coletiva no Círio. Para os *Filhos da Esperança*, o encontro de outros grupos os motivou a publicar mais no *Instagram* e até buscar outras experiências semelhantes nas redes. A existência de um outro com quem é possível se identificar e trocar práticas é um ponto de partida potencial para a comunicação. A ideia do outro é fundamental para se criar condições para existência de fluxos, pois o sujeito age conforme o processo interacional com o outro (MEAD, 1982; WOLTON, 2004).

Assim, o âmbito familiar da promessa se desdobra e se amplia para outros contextos de interação, proporcionando encontros de grupos que, ao se conhecerem, passam a gerar novos fluxos e retroalimentar as práticas familiares. O fluxo interacional que tem origem familiar e mais privada se torna público, principalmente, por meio das redes sociais, e se transforma também no nível micro, incorporando a experiência do encontro com os outros.

Pelo fluxo que pudemos acompanhar nas redes em paralelo às reuniões nas casas dos *Filhos da Esperança*, é possível perceber que mais do que tecer os terços, são tecidos laços e relações, possibilitando o estabelecimento e o fortalecimento de laços familiares e outras relações que ultrapassam o âmbito privado. A prática do encontro familiar se estende ao encontro com outros, que possam compartilhar sentidos e sentimentos de uma promessa coletiva.

No caso da *Família de Catarina*, pudemos perceber o uso mais destacado das redes sociais por Marina e Cláudia. Marina, durante a missa da Trasladação, manteve-se conectada nas redes, principalmente pelo *WhatsApp* e *Instagram*. Utilizou os dispositivos móveis para registros audiovisuais, que compartilhava nas redes de contato com a família e amigos. Como participante presencial de uma experiência, buscava registrá-la e compartilhá-la com outros, como nas Figuras 100 e 101.

Figura 100. Marina registrando a movimentação da Santa no altar.
Ao mesmo tempo que acompanhava a celebração e cuidava da avó, interagia e compartilhava conteúdos nas redes.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Fernanda Chocron.

Figura 101. *Post* de Marina compartilhando o registro da passagem da Imagem Peregrina na missa da Trasladação.
Quanto mais próximo o ângulo da Santa, melhor.

Fonte: Instagram.

É interessante notar também como o uso dos dispositivos móveis está integrado à cena comunicativa de devoção na celebração. Fotografar constitui-se como gesto de participação, uma ação paralela ao gesto de oração e louvor, na mesma ambiência, como na Figura 102.

Figura 102. Marina fotografa e venera Nossa Senhora ao mesmo tempo, compartilhando posteriormente nas redes sociais um pouco dessa experiência.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Felipe Jailson.

Não é incomum vermos hoje em diferentes situações, o uso do celular para registrar momentos e acontecimentos. No caso do Círio, especialmente nos momentos em que a Imagem da Santa se torna o foco quando de sua passagem, vemos os aparelhos de celular se elevarem em meio às mãos estendidas em louvor a Nossa Senhora. Mesmo sob o receio de furtos, muitos fiéis direcionam as câmeras de seus dispositivos para capturar um trecho da experiência vivida, registrar ou exibir a posição em se que encontra na procissão ou em outro tipo de evento, ter como recordação a memória gravada ou fotografada de determinado momento significativo. Nesse sentido, levantar as câmeras junto ou em vez das mãos não deixa de ser um gesto devocional, que possibilita, dependendo do fluxo que seguirá aquele registro, o compartilhamento e reverberação de uma relação estrita entre o fiel e a Santa.

Para Cláudia (mãe de Catarina), por sua vez, o uso das redes é uma forma de estar conectada à festa, mesmo estando em outro estado. No mapeamento que fizemos do seu perfil no *Facebook*, observamos a prática recorrente de seguir páginas que postam conteúdos sobre o Círio e também compartilhar essas postagens em sua *timeline* (Figura 103), evidenciando o acompanhamento dos acontecimentos da festa.

Figura 103. Compartilhamento de registro feito pela *fanpage* oficial da Basílica Santuário.
É uma forma de participação no Círio em outros tempos e espaços.

Fonte: Facebook.

Em algumas postagens, como na Figura 104, Cláudia apresenta uma postura crítica em relação a temas que geram discussões, como a ingerência da Diretoria da Festa e a participação popular ou a divergências entre evangélicos que se integram e os que condenam o Círio.

Figura 104. Cláudia posiciona claramente sua defesa pela devoção popular que constitui o Círio. Nessas ações, ela opina de forma mais evidentemente política sobre a festa, manifestando uma visão para além da devoção.

Fonte: Facebook.

Todas essas interações nas e por meio de diferentes redes sociais são estratégias de sociabilidade para vivenciar a experiência do Círio de forma compartilhada, estar junto, possibilitar novas maneiras de ser/estar presente. Estar *online* é uma forma de também estar *inside* (dentro) e *interconnected* (interligado). Essa prática não é exclusiva do Círio, sem dúvida, mas, como ambiência que oferece diversas condições propícias à interação simbólica, o uso das redes acaba por ampliar o raio de reverberação da devoção a Nossa Senhora de Nazaré.

Cena 4: A procissão e a entrega dos terços

Outra cena comunicativa se configura no tempo-espaço da procissão e da entrega dos terços. Essa cena é vivenciada com diferentes aspectos pelas duas famílias que participaram de nossa pesquisa. Na *Família de Catarina*, podemos acompanhar diferentes formas de participação e acompanhamento da procissão do Círio. No sábado à noite, apenas D. Conceição e Marina participaram da Missa da Trasladação e depois seguiram a procissão somente até a Basílica (ver mapa na Figura 105, na página 200). Após a missa, na verdade, D. Conceição tem como foco tentar encontrar a neta, Renata, que estava na Casa de Plácido trabalhando como voluntária. Sem sucesso no encontro, as duas se encaminharam para casa, em nova peregrinação para conseguir pegar um ônibus.

FIGURA 105

MAPA COM AS LOCALIZAÇÕES DOS INTEGRANTES DA *FAMÍLIA DE CATARINA* NAS PROCISSÕES DA TRASLADAÇÃO E DO CÍRIO

Fonte: Elaborado para a pesquisa.

No dia seguinte, a família se dispersa e se posiciona em diferentes lugares. D. Conceição sai de casa, separadamente, com Carolina, a neta mais nova que mora com ela, contando com a carona do neto Murilo que passou para buscá-la em casa. Elas assistem à procissão em uma das arquibancadas montadas na Praça da República (Figura 105). O local foi reservado pelo neto Murilo, que participa do grupo de música que acompanha um coral que prestaria homenagem a Nossa Senhora. Toda orgulhosa do lugar que o neto reservou para ela, D. Conceição acorda, se arruma cedo e sai de casa antes de Anita, Letícia e Malu (com quem nós saímos aproximadamente às 6h30).

Marina também participa da procissão, mas faz outro trajeto. Sai mais tarde de casa e se direciona para o prédio onde os *Filhos da Esperança* se concentram para ver a passagem da Santa (Figura 105). Foi convidada pela família para assistir à procissão de lá. Como não podia caminhar muito, se posicionou nesse prédio, junto com o namorado Arleisson. Pudemos igualmente acompanhá-la, pois uma parte do nosso grupo de pesquisa estava com os *Filhos da Esperança*, como relataremos adiante.

O outro percurso da *Família de Catarina* no Círio foi o de Anita e as duas amigas (Figura 105). Diferente dos anos anteriores, Anita fez o percurso do Círio em grupo, o que certamente, alterou bastante a configuração dessa participação. Além da organização para a saída de casa, como relatamos anteriormente, Anita adotou a postura de cuidar do grupo; preocupava-se em saber se todos estavam bem, se estavam juntos, incluindo nós, que estávamos em número de três, formando um grupo maior de seis pessoas.

Essas diferentes formas de acompanhamento da procissão possibilitam diferentes formas também de interação. Isso porque, em grupo, geralmente é criado um sentimento de coletividade próprio, para além do coletivo mais amplo. Um integrante do grupo tenta proteger o outro e, nos momentos de sufoco, cria-se uma corrente para garantir que não se percam uns dos outros no meio da multidão. Gera também mais conversações verbais sobre as decisões de que percurso seguir, o que está achando da procissão e, no caso de Anita, Letícia e Malu, como e para quem distribuiriam os terços que haviam levado.

Quando se acompanha o Círio sozinho, essa conversação verbal é mais rara, pelas dificuldades de ultrapassar o bloqueio do desconhecido, que é o outro com quem não se tem relação prévia. Com isso, não estamos dizendo que o diálogo verbal não é possível, apenas que ele é uma forma de comunicação menos comum quando um romeiro acompanha o Círio sozinho.

As rotas da procissão também são pensadas e executadas a partir de um pensamento de grupo. Anita geralmente inicia a procissão desde a Catedral da Sé, mas, neste ano, como tínhamos andado "meio Círio" desde a parada de ônibus até as avenidas por onde passa a procissão, os pés de Malu, não acostumada a ir ao Círio, já estavam feridos. Anita então decide por se posicionar no meio da Av. Presidente Vargas, por onde a Santa passaria, para que entrassem na procissão a partir dali. Enquanto isso, poderiam enfaixar os pés de Malu e evitar a caminhada na contramão da procissão.

É bastante comum os romeiros percorrerem diferentes rotas na procissão. Há quem siga na frente, ao lado ou atrás da Santa; siga exatamente o percurso oficial da Catedral da Sé à Basílica Santuário; corte os caminhos pelas transversais na direção ou na contramão da procissão; percorra uma parte e pare em um ponto para ver a Santa passar; siga o percurso até a casa de um parente ou amigo, entre muitas outras possibilidades.

O espaço, nesse contexto, é uma dimensão muito importante do processo comunicativo e não se resume a uma questão físico-geográfica, mas também se reveste de emoções, significados, elementos estéticos, configurações políticas e construções sociais (SANTOS, 2012). Ao observarmos o grande espaço da procissão do Círio, no segundo domingo de outubro, não podemos considerar apenas que se tratam de 3,6 Km de extensão, em ruas asfaltadas, rodeadas de casas e prédios habitacionais e comerciais. Para os devotos de Nossa Senhora de Nazaré trata-se de uma ambiência de festa, de um percurso de fé, ou mesmo da moradia subterrânea da Cobra-Grande amansada pela Virgem de Nazaré, que, ao percorrer em procissão todos os anos, impede que a serpente emerja à superfície e cause desgraças.

O espaço na comunicação é múltiplo e dinâmico. Configura-se de maneira articulada aos demais elementos da interação (interlocutores, tempos, materialidades, mensagens etc.). O espaço percorrido e a rota traçada nas procissões do Círio estão diretamente ligados a vários fatores de ordem subjetiva, como o significado de cada rua para a pessoa ou para a família, o posicionamento de outras pessoas da família ou do círculo de amizade, o esforço físico possível de ser oferecido em retribuição espiritual, o costume de uma pessoa ou um grupo em realizar determinado trajeto historicamente, entre muitos outros. "É desse modo que o espaço testemunha a realização da história, sendo, a um só tempo, passado, presente e futuro" (SANTOS, 2012, p. 156).

Essa multiplicidade de Círios possíveis vai de encontro à ordenação da procissão coordenada pela Igreja, que estabelece a rota da Santa, monitora e administra vários setores da

procissão – como os carros dos milagres, a corda, a Berlinda –, a fim de que a procissão flua e chegue ao seu destino oficial, a Basílica Santuário, no horário previamente controlado. O percurso oficial é entrecortado por diferentes caminhos, o que torna o fluxo da procissão mais complexo, com pontos de bifurcação, superconcentração, dispersão, evasão, o que é visto pela organização oficial como problema ou ruído a ser dissolvido, como há vários anos se buscou fazer com a corda, só não sendo extinta devido à forte pressão popular. Trata-se de um caminho múltiplo e resultado da interseção de muitas rotas.

Em seu percurso de grupo, Anita, Letícia e Malu decidem "pegar a procissão pelo caminho". Posicionam-se em frente a uma grande agência bancária (Figura 106), de onde sempre é feita alguma homenagem a Nossa Senhora, com cantos, queima de fogos e "chuva" de papel picado. Por volta das 8h, o fluxo de pessoas na avenida começa a aumentar. E não demora muito, começamos a perceber o principal sinal de que a Santa estava se aproximando: "lá vem a corda!". Geralmente, quando isso acontece, as pessoas que aguardam a passagem da Santa tentam abrir caminho, tanto para facilitar a passagem da corda quanto para fugir do sufoco que o seu entorno provoca.

Figura 106. Anita, Letícia e Malu aguardam a passagem da Santa na Av. Presidente Vargas.
O trânsito de pessoas ainda é tranquilo nesse momento.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Fernanda Chocron.

As três meninas, contudo, não se sentem nem um pouco assustadas com o anúncio da corda. Continuam na calçada, aguardando a vinda da Berlinda. Talvez isso se deva à experiência da Anita em frequentar pontos da procissão de grande aglomeração, já que sempre acompanha a procissão muito próximo à Santa. O objetivo, este ano, não era diferente, apesar de não estar sozinha dessa vez. Quando a Santa se aproxima, as meninas direcionam o olhar para ela. Não fazem gestos extraordinários, principalmente Anita (de verde nas Figuras 107 e 108), que é muito discreta em suas expressões.

Figuras 107 e 108. Anita e as amigas assistem à passagem da Santa.
Enquanto muitos no entorno acompanham a Imagem com gestos manuais, Anita segue adireção da Berlinda apenas com o olhar. Fica visível também a mudança na paisagem e na quantidade de pessoas que se situam próximas à Santa. Forma-se literalmente um tapete de gente, o que exige certa experiência dos devotos para lidarem com a disputa por espaço.

Fonte: Acervo da pesquisa. Fotos de Fernanda Chocron.

No dia anterior, na Missa da Trasladação, Marina e D. Conceição também tiveram essa postura mais contrita (Figura 109), uma atitude coerente com um traço muito forte na postura da família que se manifesta de diferentes formas: a humildade.

Figura 109. Marina e D. Conceição na Missa da Trasladação. A sutileza dos gestos parece ser uma das marcas da família.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Fernanda Chocron.

Em uma conversa, D. Conceição nos falou sobre o seu trabalho na Igreja como um trabalho de bastidores, que ninguém vê e ninguém precisa ver, pois se trata de uma doação, que não demanda holofotes ou congratulações. Ela nos explica que essa postura de serviço humilde à Igreja é uma das lições que Maria ensina a partir de suas próprias atitudes. Na história bíblica, Maria não aparece como protagonista e a própria Igreja a posiciona como intercessora, não como deusa. Contudo, Maria é personagem fundamental para o nascimento de Jesus e sua caminhada na terra, inclusive para a continuidade da fé na existência do Filho de Deus após a sua morte. Por isso, D. Conceição considera que Maria dá o exemplo de como servir à Igreja, trabalhando nos bastidores, sem chamar atenção para si.

Apesar de disputar um lugar privilegiado próximo ao altar da Missa da Trasladação, quando a Santa passa, seu gesto é discreto, mas não menos significativo, diante do contexto de sua história e da imagem de Maria que tenta seguir como exemplo.

Um dos grupos dos quais D. Conceição participa em sua paróquia é um grupo de pessoas consagradas a Maria (uma consagração feita após uma formação e estudo sobre a história de Maria). Ela diz ter aprendido muito sobre Maria nesse curso, construindo um entendimento de sua importância na Igreja como exemplo de serva, que se coloca sempre à disposição e, mesmo diante do sofrimento, não perde a fé, não reclama. Com isso, por outro lado, assim como Maria, recebe o reconhecimento de muitos, chegando a ser considerada a pessoa-chave da comunidade.

As netas, por sua vez, também dão a ver em seus relatos uma visão de uma Nossa Senhora exemplar, mas muito familiar. Renata faz parte do mesmo grupo de consagrados a Maria; Anita recorda como sempre participou de atividades do Círio e da Igreja relacionados a Maria com a avó; Marina conta como foi percebendo uma dimensão humana e familiar de Nossa Senhora desde criança:

> Desde que eu... que eu não entendia o que era aquela coisa da Igreja, aquela coisa da religião, Nossa Senhora de Nazaré sempre teve muito com a gente. Sempre, sempre... acompanhei novena com a vovó, ela que era responsável pela novena, eu cantava na igreja, fui anjinho na igreja desde pequena, na coroação de Nossa Senhora... Nesse período do Círio, como a vovó era responsável, ela que fazia a novena, ia na casa das crianças, pegava a Santinha, né? A gente ia em todas. Não tinha como faltar uma, nós que fazíamos praticamente tudo, a gente ia à tarde, antes da Santa, pegava o livrinho "ah, qual é a leitura de hoje?", lia o evangelho, não só lia, a gente estudava o evangelho pra poder... porque depois do evangelho tem uma pequena homilia... (*ANITA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

> A Nossa Senhora foi sempre assim, parecia que ela era uma pessoa da família, sabe? E eu lembro da vovó Edith, nossa bisavó, ela rezava "ah, porque toda noite eu rezo, eu digo pra Nossa Senhora ir lá na casa de vocês". A mamãe até brincava com ela, falava "Dona Edith, coitada da Nossa Senhora, a senhora diz pra ela ir na nossa casa, na casa da Fátima, na casa de não sei quem. A senhora manda, coitada de Nossa Senhora, ficar passeando, indo na casa de todo mundo"; "não, mas ela vai em todas as casas". E eu sempre escutei isso, desde pequena e era uma coisa natural pra mim pensar que Nossa Senhora tava ali, porque a vovó Edite tava rezando e disse pra ela vir ali. E acabou que eu aprendi a rezar assim também, né? E pensar em Nossa Senhora como aquela pessoa, aquela mulher, humana, no meio dessa divindade toda, sabe? Imaginar Deus, Jesus, o Espírito Santo... mas Nossa Senhora ali, ela é humana, tá carregando um bebê (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

Essa orientação de humildade e discrição que se manifesta nos gestos de D. Conceição e das netas no Círio também está presente como sentido e sentimento da entrega dos terços para Anita e Marina. Elas relatam a crença na força de transformação dos pequenos gestos.

> Um tercinho entregue ali, como gesto, ele faz muita diferença e no meio de uma multidão de gente, né? E a gente sempre lembra desses gestos pequenos, lembra de alguém que te ajudou a levantar se tu caíste, lembra de alguém que abriu espaço pra passar a maca, a gente sempre lembra, assim, desses momentos pequenos, né? E o... o Círio tá aí todo ano e uma coisa assim, rapidinha muda completamente, né? Eu acho isso muito interessante (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

> Acho que com essa história da Manoela [*Filhos da Esperança*], a gente percebeu mais, assim, de como realmente faz diferença esse gesto que a gente

> faz, né? Como na corda, faz diferença a água que a gente deu pra pessoa, de repente naquele momento se a pessoa não bebe água ela ia desmaiar, ela não ia conseguir cumprir a promessa até o final, aquilo pode ter feito toda a diferença pra aquela pessoa naquela hora (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

> Teve um ano que a gente tava ajudando a vovó e a Santa tava passando. A vovó é baixinha, né? Aí uma moça pegou e, quando eu vi, ela tava carregando a vovó, uma moça; assim, nessas situações quem pegaria seria um homem, mas uma moça pegou, cheio de homens ao redor, uma moça pegou a vovó e ficou lá muito tempo, depois da Santa passar ainda tava carregando a vovó alto pra vovó poder ver a Santa, pra vovó poder fazer a oração dela e aquilo foi muito marcante, foi muito, muito forte mesmo e não foi só gratificante pra vovó, pra aquela moça também foi... ela ficou muito satisfeita de ter conseguido ajudar alguém, entendeu? Acho que justamente pequenas coisas, mais uma vez, que fazem muita diferença (*ANITA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

A principal orientação para distribuição dos terços pela *Família de Catarina*, desde o início da prática com Cláudia, é a busca por pessoas que aparentem precisar de alguma mensagem divina, que poderia ser revelada para quem recebe o terço via o gesto da família. Esses sentidos e sentimentos são gerados pela experiência de Cláudia ao receber um terço na Trasladação e significar esse gesto conforme seu contexto particular. Por mais que quem entregue desconheça o que a pessoa que recebe está passando em sua intimidade, o ato de doar, oferecer nasce da esperança de que aquele gesto seja significativo e inspirador, ainda que suas consequências, na maioria dos casos, não cheguem ao conhecimento de quem faz a oferta.

Apenas a possibilidade de um devir significativo é suficiente para que os promesseiros se invistam na tentativa do estabelecimento de uma relação, ainda que muito breve, mas que compartilha um espaço-tempo "em-comum" (NANCY, 2016) potencialmente comunicativo. Os espaços-tempos do Círio compõem condições para que os sujeitos estabeleçam relações. A ajuda ao próximo, o sentimento de coletividade, a disposição de diferentes para compartilharem um "em-comum" (NANCY, 2016) não são elementos naturais das relações humanas cotidianas. A festa, pelo seu caráter de suspensão, dá abertura para emersão de práticas que podem ser significativas, ainda que pontuais.

> Eu me sinto quase na obrigação de fazer alguma coisa por outras pessoas. E como, às vezes, por mais que a gente tente, a gente não consegue fazer sempre alguma coisa por alguém no dia-a-dia, né? Eu, assim, eu me esforço, mas às vezes a gente não percebe também a rotina, o cansaço, faz a gente não perceber mesmo. E no Círio, digamos que esse amor, essa fé, ela aflora tanto, essa vontade de ajudar, que eu não vou receber nada em troca por isso, não vou receber nada em troca porque eu abanei alguém, mas essa pessoa respirou um

> pouco melhor naquele momento, entendeu? E aí o tercinho, as expressões das pessoas, elas valem muito. Às vezes a gente entregava, as pessoas ficavam assim olhando, parece que tentando entender "porque que aquilo tá na minha mão", sabe? E eu via muito isso, desde pequena, eu sempre percebi esses pequenos momentos (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

O ato da doação também pode ser percebido a partir de uma dimensão moral, e com a contribuição do conceito de dádiva, conforme apresentado por Mauss (2008). Ao estudar as dinâmicas de trocas econômicas entre grupos de sociedades tradicionais, o antropólogo analisa essas interações como trocas que possuem muitos aspectos e gradações envolvidos entre o significado de uma dávida ou presente como uma oferta gratuita e como interessada ou com uma finalidade definida. Para Mauss, existe uma mistura de motivações e fins, que são altamente significativas para além de um contexto estritamente econômico.

Essa discussão de dádiva nos ajuda a pensar a dinâmica de *dar-receber-retribuir,* que, para Mauss, constitui um fluxo, em cuja base está uma questão moral que impele quem recebe a retribuir na relação de troca. Podemos pensar esse fluxo – fazendo a ressalva de que, no nosso caso, trata-se de interações entre sujeitos, não comunidades, como estudou Mauss – relacionado ao sentimento, como diz Marina, de certa obrigação em ofertar uma ajuda no Círio para quem necessite, a partir de pequenos gestos.

Essa obrigação que a impele a doar os terços como retribuição de um gesto que sua mãe recebeu tem muito a ver com uma moral cristã do "amar ao próximo", "ajudar o outro", "estender as mãos a quem precisa". As relações que se estabelecem a partir desse gesto têm, portanto, essa dimensão moral da doação, impulsionada pela "obrigação de oferta". Tal obrigatoriedade ainda pode ser atribuída, no caso do Círio, à ambiência em que os sujeitos estão inseridos e cujas interações ajudam a construir. Trata-se de uma festa com fins de compartilhamento, solidariedade, uma experiência coletiva da religiosidade, ainda que seja palco de conflitos e contradições de diferentes ordens. O contexto, nesse sentido, oferece condições para essas trocas.

É interessante notar, contudo, outros aspectos, para além do caráter de obrigatoriedade. As relações que se estabelecem no gesto da doação dos terços agregam também uma motivação da esperança de que a dádiva recebida reverbere na vida da pessoa que recebe e, talvez, multiplique-se na vida de outras pessoas. Além disso, por mais que não se espere uma retribuição material ou imediata, numa relação de comunicação, ela acontece do ponto de vista simbólico, pela construção dos sentidos e sentimentos que quem doa constrói a partir da reação

da pessoa que recebe. Como Marina e Anita relatam, são sensações inexplicáveis para quem recebe os terços, mas também para elas que oferecem, gerando o sentimento de gratificação.

Percebemos, assim, que a entrega do terço, como dádiva, carrega e faz circular trocas simbólicas em um fluxo contínuo de doações, que se configuram como retribuições de quem um dia recebeu uma dávida e, ao atualizar um gesto de oferta, dá continuidade ao fluxo recebendo igualmente retribuições simbólicas. Uma ação, que apenas do ponto de vista da moral cristã não demandaria reciprocidade, já que se deve (no sentido normativo, ideal) "dar sem pedir nada em troca", gera trocas permanentes e de forma irradiada, ou seja, não centrada necessariamente nos sujeitos envolvidos na dada interação ocasionada pelo gesto, tampouco se restringe aos tempos e espaços dessa interação.

Mas ainda que as condições dessa cena comunicativa da entrega dos terços na procissão do Círio sejam favoráveis à construção de uma significação de oferta, o gesto, em algumas situações, pode ser confundido, à primeira vista, com uma ação ainda mais comum e reconhecível: a venda de objetos religiosos. Como narram tanto Marina e Anita quanto os integrantes da família *Filhos da Esperança*, muitas pessoas a quem oferecem o terço levam alguns segundos para compreender que aquela oferta é gratuita.

> Eu lembro assim que sempre tem essa expressão das pessoas olhando, gente que recebe e fica parado olhando, isso acontece muito, de gente que fica "mas é pra mim?" "não, não, é pra você" "tem certeza?". As pessoas ficam perguntando, aí depois elas falam "obrigada". Às vezes tem, raramente, uma pessoa que vai e abraça a gente também, agradece, sabe? Agradece mais assim do que um simples obrigada, abraça e fica olhando e fala assim "obrigada mesmo!", quando a pessoa fala "obrigada mesmo", a gente fica pensando "poxa, eu tinha mesmo que ter ido lá entregar esse terço pra essa pessoa". Assim... de mil tercinhos, eu entreguei o tercinho certo pra pessoa certa, os outros 999 podem não ter tido efeito nenhum pra ninguém, mas valeu naquele ano pra aquela pessoa. A gente não sabe o que essa pessoa vai fazer com esse sentimento, né? Se ela vai fazer como a Dona Esperança fez, de começar a fazer o mesmo gesto, se ela vai resolver fazer outra coisa ou se ela vai dar pra alguém (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

O grau de imprevisibilidade das consequências do gesto é altíssimo. E, no caso da *Família de Catarina*, o que os move a tentar é a esperança da possibilidade de transformação positiva que o gesto pode gerar na vida de alguém, nem que seja uma pessoa dentre mil tentativas, como relatou Marina, como foi D. Esperança ao receber o terço das mãos de Catarina. Um pequeno gesto que configurou a prática de devoção dos *Filhos da Esperança*, mesmo após o falecimento da matriarca.

Para que essa probabilidade aumente, além de buscar reconhecer pelo semblante quem poderiam ser as pessoas mais necessitadas, Anita prefere fazer a entrega dos terços em um momento que considera estratégico, a passagem da Santa, pois trata-se de um momento, geralmente, de grande emoção e de oração de quem está assistindo, assim como foi na ocasião em que sua mãe, Cláudia, recebeu o terço que a motivou a iniciar a promessa. Assim, ao entregar os terços nesse instante, Anita acredita que mais facilmente o gesto pode significar para a pessoa um sinal de Nossa Senhora e conta uma situação que vivenciou em Círios passados.

> E eu gosto de tá junto da Santa. Justamente sempre no momento que a Santa tá passando a pessoa receber o tercinho é mais... é muito difícil dizer, é mais especial assim... tem muita gente que a gente vê que no momento que a gente dá pra pessoa ela fica muito tocada, ela fica realmente muito... não tem como explicar. Eu sei que é uma coisa simples, mas tem gente que nem assim acredita fica "ah, é mesmo pra mim?" tipo... tem surpresa. É muito difícil de dizer, de explicar cada coisa que a gente vê no Círio, é muito especial (*ANITA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

> Eu tava passando na calçada da arquibancada e eu fui dando, escolhendo, assim, a dedo pessoas pra pegar o tercinho na arquibancada. Bem na hora que a Santa tava passando, aí eu entreguei na mão de um senhora muito idosa, muito mesmo, me lembrou a vovó Edith, sabe? Ela era bem magrinha, aí eu dei o tercinho na mão dela bem na hora que a Santa tava passando. Ela não tava prestando atenção em quem tava passando. No momento que eu dei o tercinho na mão dela, ela tava chorando tanto na hora que a Santinha tava passando, ela segurou a minha mão, ficou por alguns momentos, ela ficou colocando o tercinho no coração, ficou extremamente emocionada. Foi muito, muito forte aquela cena. E ela tava com um senhorzinho, que provavelmente era o marido dela. Aí ela mostrou pra ele, aí ele pegou na minha mão e "muito obrigado". Foi tão surreal, inexplicável mesmo, foi muito forte, eu fiquei muito emocionada de dar o tercinho pra aquela senhora, porque ela ficou tão emocionada, não tinha como não se emocionar, era impossível. Na hora que a Santinha tava passando, então era o momento que ela mais tava esperando do Círio. Então foi a hora que ela recebeu o terço. Não sei, eu me senti enviada, foi como se a Nossa Senhora tivesse me colocado ali naquele momento pra dar o tercinho pra aquela senhora, que com certeza foi importante pra ela (*ANITA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

Pelos relatos dessas situações, que pouco conseguimos observar e registrar no percurso que fizemos junto a Anita e suas amigas em 2016, percebemos uma forte construção simbólica em torno do gesto, envolvendo emoções manifestas, mas sentimentos também inexprimíveis em palavras, inexplicáveis, atribuídos à agência divina que integra a ação, mesmo invisível.

A comunicação não verbal é fundamental nos processos comunicativos estabelecidos no Círio. Aqui a noção de gesto de Mead (1982) é relevante, entendendo o gesto como o ponto de partida da conversação, unidade inicial dos atos sociais, estímulo para a reação dos

indivíduos. “Os gestos fazem parte do ato social; eles estabelecem o início do ato e constituem um estímulo para os outros organismos que dele participam” (FRANÇA, 2008, p. 75).

Assim, como um convite à interação, todo gesto demanda uma reação, que por sua vez é um novo gesto, que não se esgota em si, mas demanda novos gestos: “Este jogo recíproco é levado a cabo de modo que os gestos executam suas funções, provocam as reações nos outros, e estas reações se convertem por sua vez em estímulo para a readaptação” (MEAD, 1982, p. 87, tradução nossa).

Mas o poder comunicativo dos gestos reside também na sua expressividade de ideias, significados e emoções: “quando esse gesto representa a ideia que há por trás dele e provoca essa ideia no outro indivíduo, então temos um símbolo significante” (MEAD, 1982, p. 88, tradução nossa). Com isso, Mead dá luz à forte dimensão simbólica da comunicação não verbal, igualmente significativa para o estabelecimento de interações comunicativas.

Os gestos de um promesseiro no Círio, por exemplo, por mais que não se expressem em palavras, comunicam uma história de vida, uma dificuldade enfrentada, uma conquista possibilitada pela ação divina e uma gratidão a Nossa Senhora pelo atendimento de um pedido. Ao expor esse conteúdo, o gesto do promesseiro não busca uma interação apenas com a Santa, mas com outras pessoas que se encontram no seu contexto, estimulando diferentes reações: a comoção pela ação do outro; o desejo de ajudar o outro a cumprir sua promessa, como se ao ajudá-lo também fosse possível retribuir, como ele, alguma conquista possibilitada pela Santa; a motivação para um dia também demonstrar a fé por meio de uma promessa; a emoção por saber que algum pedido muito especial foi atendido por Nossa Senhora, o que significa, por sua vez, uma “razão” para acreditar em sua bondade e poder, dentre outras possibilidades.

Essa simbolização, que Durand (1993) acredita ser nossa maior habilidade humana para viver, é uma dimensão fundamental dos processos comunicativos que constituem não apenas a cena da procissão e da entrega dos terços, mas uma diversidade de interações comunicativas do Círio. Uma simbolização que tem a ver com a geração de sentidos sobre determinado acontecimento, mas também de uma experiência estética dessas situações, que afetam e geram sentimentos inexplicáveis, “dando a ver” o inefável.

Durand (1993) denomina como imaginação simbólica esse processo em que os significados que produzimos sobre nossa ação no mundo não nos remetem a materialidades tão somente, mas a uma espécie de epifania, “aparição, através do e no significado, do indizível” (DURAND, 1993, p. 11). O simbólico, portanto, comporta o estético.

No Círio 2016, quando acompanhamos Anita e as amigas na procissão, a jovem concentrou os tercinhos em uma sacola de plástico, dentro de uma sacola de papel, para tentar protegê-los (Figura 110). Tirava os terços com muita discrição para entregar para alguém e distribuía aos poucos os terços para as amigas também distribuírem. Em alguns casos, até indicava "dá para aquela pessoa".

Figura 110. Sacola onde Anita guardou os terços.
A simplicidade e a discrição também tinham como objetivo evitar tumultos, pois quando as pessoas reconhecem que tem alguém doando seja o que for, no Círio, forma-se uma aglomeração em torno de quem está doando.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Arlene Cantão.

Após a assistência da passagem da Santa na subida da Av. Presidente Vargas, as três amigas e nós nos inserimos no percurso da procissão para caminhar o mais próximo possível da Berlinda. Um pouco adiante, ainda na mesma avenida, mas em frente à Praça da República, encontramo-nos em um momento bastante crítico da caminhada. Costumeiramente, esse trecho é bastante tumultuado por uma série de fatores: há um curva e um afunilamento para a avenida que se segue, a Av. Nazaré, uma grande prova para quem está na corda e todos do entorno; é um trecho com muitas homenagens das arquibancadas montadas na praça e nos prédios residenciais e comerciais do entorno, então a Santa acaba ficando mais tempo parada; é próximo de um grande cruzamento que têm muito fluxo de pessoas entrando e saindo, ou seja, há muitas rotas se cruzando, nem todas na mesma direção e sentido.

Por conta desses fatores, esse trecho da procissão é muito complicado para quem está acompanhando próximo da Berlinda e da corda. Nesse ano, a situação agravou-se, pois descobrimos, posteriormente, que, um pouco adiante, a primeira estação da corda havia sido cortada, o que geralmente causa confusão pela disputa dos fieis para levarem um pedaço da corda para casa.

Como a procissão estava parada um tempo considerável, buscamos rotas paralelas para tentar caminhar. Saímos da avenida e adentramos a área da praça, que fica atrás das arquibancadas. Ao andarmos quase toda a extensão da praça chegamos ao largo do Theatro da Paz, este completamente lotado de pessoas paradas assistindo à passagem da Santa, ambulantes e pessoas que estavam na procissão mas, pelo tumulto, não conseguiam se manter no fluxo. Foi então que Anita decidiu enfrentar a aglomeração e disputar um lugar entre as pessoas que seguiam a procissão (Figura 111). Se não fosse ali, apesar de parecer praticamente impossível, Anita sabia que só conseguiria entrar novamente na procissão no início da Av. Nazaré, reta final do Círio.

Figura 111. Posição do grupo no meio da procissão.
A densidade de pessoas impedia que houvesse maiores movimentos; assim tentamos nos posicionar na forma de corrente, um atrás dos outros, de maneira que pudéssemos não dispersar e nos proteger.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Fernanda Chocron.

Em um dado momento, um dos romeiros percebe que Anita estava com uma sacola cheia de terços (já com parte da sacola de papel rasgada) e começa a falar para ela jogar os terços para cima; em tom de intimidação, diz que "acompanhar o Círio não era para os fracos", e que quem não conseguisse acompanhar que saísse do caminho. Falava isso repetidamente, e não conseguíamos saber muito bem quem estava falando, pois, naquela altura do tumulto, ninguém conseguia se mexer ou virar.

Ainda que Anita tentasse se manter na exata curva para a Av. Nazaré, foi muito difícil se equilibrar, sobretudo segurando a sacola de terços. De repente, o romeiro conseguiu tomar a sacola dos braços da Anita e começou a jogar todos os terços para cima. Foi então que se instaurou uma confusão ainda maior, porque as pessoas disputavam a procura pelos terços que caíram no chão. No mesmo momento, Anita vê Malu, que já tinha machucado o pé antes, cair sentada no chão. Ao imaginar que a amiga estava passando mal, ela se desesperou e deu o comando para o restante do grupo sair do fluxo da procissão. Apesar da frustração pelos terços, Anita focou a atenção em tentar socorrer Malu enquanto todos nós tentávamos abrir passagem para que conseguíssemos sair do centro da procissão para uma transversal, exatamente no cruzamento onde há muita entrada de pessoas.

Não sabemos exatamente quanto tempo essa situação durou, já que no momento em que isso ocorreu, nem todos do grupo perceberam o que estava acontecendo e o que efetivamente tinha motivado a perda dos terços. No final, quando conseguimos sair da grande aglomeração, percebeu-se que Malu não estava passando mal, ninguém mais viu o romeiro que jogou todos os terços para o alto, todos contavam sua visão do que tinha acontecido, sem entender muito bem a sequência dos fatos. Passado o momento de maior sufoco, a situação depois foi motivo de grandes risadas entre as amigas, apesar de Anita ter ficado visivelmente abalada e frustrada com a "perda" do trabalho de um ano.

Depois disso, as três amigas não quiseram mais voltar para o meio da procissão e seguimos na via paralela no sentido de encontrar uma parada de ônibus para retornar para casa. Letícia ainda sugeriu que tentássemos entrar em uma das transversais de volta para a Av. Nazaré para ver a "Varanda da Fafá", um local onde a cantora Fafá de Belém e convidados cantam e prestam homenagens para Nossa Senhora. Esses espaços, principalmente quando contam com a presença de algum cantor ou artista famoso, são alvo de grandes atenções dos romeiros. Muitas vezes, a procissão para de caminhar porque as pessoas param para ouvir as canções e tentar ver os artistas conhecidos.

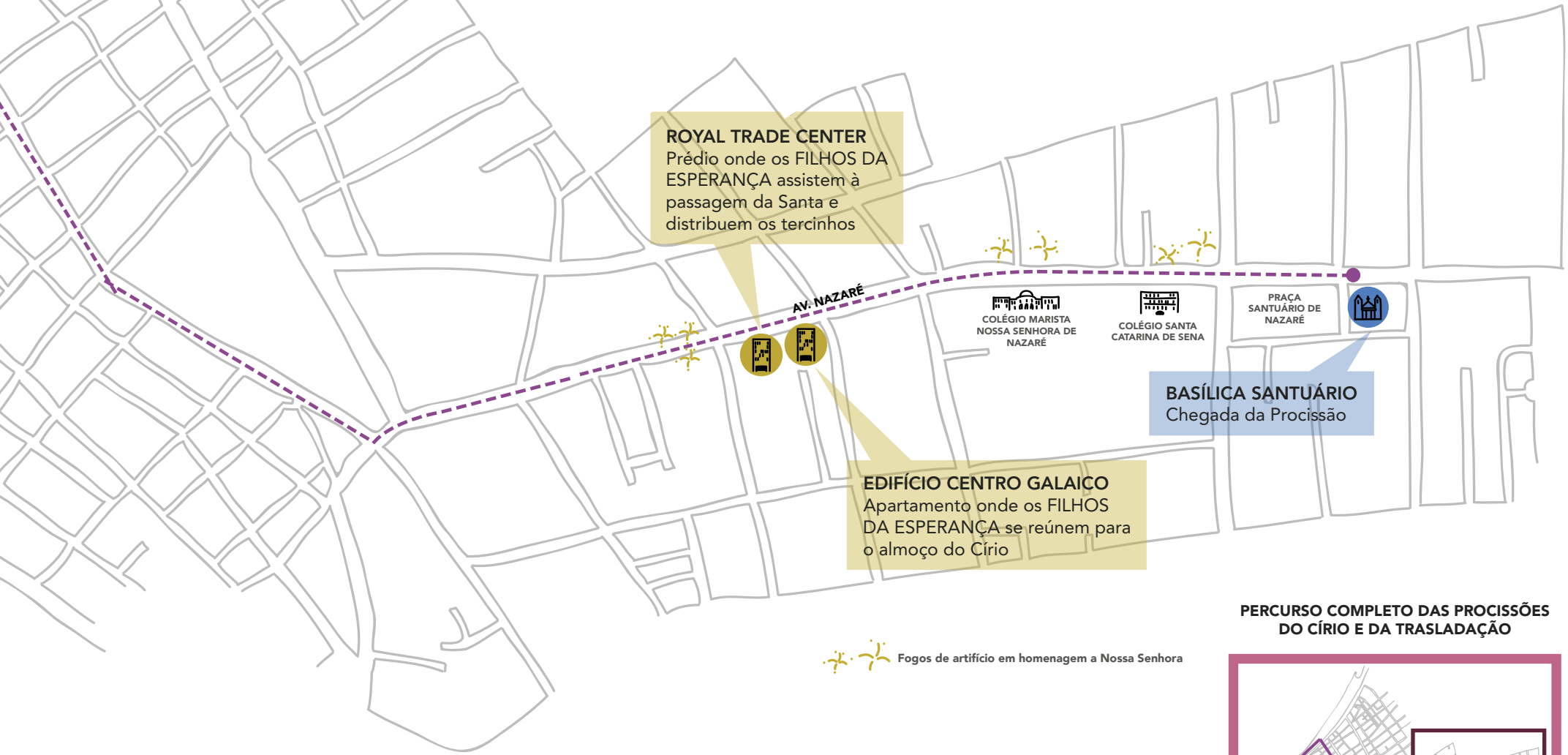
Não tivemos sucesso, pois acabamos entrando na rua errada e depois soubemos que a "Varanda", naquele ano, estava em outro trecho da procissão. Com isso, sem mais rotas a percorrer, nos direcionamos para a peregrinação de retorno: encontrar um ônibus, disputar espaço no ônibus, percorrer rotas alteradas para chegar em casa, onde uma nova cena se constitui, o almoço do Círio, que trataremos mais adiante.

No caso dos *Filhos da Esperança*, a cena da entrega dos terços é para onde convergem todos os esforços de preparação e organização da família ao longo do ano. Após a confecção e a embalagem de todos os terços, a família contabilizava o quantitativo alcançado para distribuição e se organizava para a entrega.

O principal momento de entrega dos terços é no dia da procissão principal do Círio, no domingo pela manhã, horas antes da passagem da Santa em frente ao prédio onde os *Filhos da Esperança* se reúnem (ver localização na Figura 112, na página 216).

FIGURA 112

MAPA COM A LOCALIZAÇÃO DO PONTO DE CONCENTRAÇÃO DOS *FILHOS DA ESPERANÇA* NO CÍRIO



Fonte: Elaborado para a pesquisa.

Em 2016, o grupo separou uma parte dos terços para que Carolina distribuísse na véspera, antes da Trasladação, já que no dia do Círio ela participaria da procissão junto ao grupo do seu Colégio e não poderia estar com a família. Assim, Carolina, com a ajuda de Manoela, iniciou a entrega dos terços no sábado, momentos antes de a procissão começar, por volta de 16h30.

Esse foi o primeiro momento em que acompanhamos a entrega dos terços junto à família. Com uma bolsa personalizada, as duas jovens saíram da área do prédio em direção à rua para iniciar a distribuição. Em princípio, retiravam as embalagens da sacola e entregavam aos poucos para as pessoas. As reações eram de agradecimento pelo gesto inesperado ou de dúvida se era doação ou venda. É comum, no Círio, haver venda de objetos e acessórios religiosos, por isso a surpresa de algumas pessoas ao receberem os tercinhos gratuitamente.

Como a quantidade de terços era pequena, para que a distribuição não terminasse muito rápido, as duas primas tentaram caminhar mais no perímetro próximo ao prédio e realizar a entrega de forma discreta, evitando que muitas pessoas, ao reconhecerem que elas estavam distribuindo, se aglomerassem no seu entorno para pedir terços. Com a experiência dos anos anteriores, já sabiam que, quando isso acontece, é mais fácil haver confusão e tumulto (Figuras 113 e 114).

Figura 113. Início da distribuição dos terços antes da Trasladação. A dinâmica mais tranquila foi bastante diferente da experiência da família no dia do Círio.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 114. Carolina e Manoela distribuindo terços.
Circulando, as duas primas podiam observar melhor e selecionar para quem oferecer o terço.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Uma situação interessante foi a entrega de um tercinho para uma outra pessoa que também estava distribuindo terços e retribuiu o gesto das meninas. Elas ficaram visivelmente animadas com aquele encontro e trocaram algumas palavras sobre a promessa dos *Filhos da Esperança*. A outra pessoa comentou apenas que distribuía também por conta de uma promessa, sem entrar em detalhes. A partir de então, quando avistavam algum sinal de promesseiro, elas iam atrás. Encontraram duas mulheres que estavam com sacolas cheias de terço, rodeadas de gente (Figuras 115 e 116).

Figuras 115 e 116. Entrega de terço para outra promesseira. Reconhecendo a situação pela própria experiência delas, identificaram que eram promesseiras e, em meio a distribuição das mulheres, entregaram o tercinho dos *Filhos da Esperança* para elas, recebendo outro em retribuição.

Fonte: Acervo da pesquisa. Fotos de Suzana Lopes.

No geral, Carolina e Manoela entregaram os terços para quem estava circulando na rua, ou em direção à Basílica, para o início da Trasladação, ou no sentido da procissão até a Catedral da Sé, iniciando o próprio percurso, antes da Santa. Em meio à circulação cada vez maior de pessoas, naquela altura mais próximo do horário de saída da Santa para a Trasladação, as duas meninas ainda avistaram pessoas segurando velas com o protetor com a marca do grupo *Luzes para Nazica*, com quem tiveram contato via *Instagram* no período anterior ao Círio. Foram ao encontro das pessoas para entregar os tercinhos mas sobretudo para perguntar onde estavam

distribuindo aquelas velas. Com a referência da localização do grupo, que estava a duas esquinas de distância do prédio onde os *Filhos da Esperança* se concentravam, Carolina e Manoela foram ao encontro do grupo.

Quando chegaram ao local, imediatamente se identificaram como sendo "dos *Filhos da Esperança*", estabelecendo um vínculo diferenciado em relação às demais pessoas que pediam velas ao grupo, devido à experiência de encontro anterior no *Instagram* (Figura 117). Ao acionarem o contato construído nas redes, agregaram significado àquele gesto, tornamdo-o memorável, especial, a ponto de pedirem para que fotografássemos o encontro (Figura 118). Quando voltaram para o prédio, também comentaram com os parentes sobre o acontecido.

Figura 117. Encontro de Carolina e Manoela com o grupo *Luzes para Nazica*. As primas entregaram os tercinhos e receberam as velas também.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 118. Registro do encontro entre os grupos *Filhos da Esperança* e *Luzes para Nazica*. Para além de uma troca de objetos de promessas, o encontro constituiu-se como uma troca de experiências.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

A respeito da dinâmica de entrega de terços por Carolina e Manoela, destacam-se algumas questões. A começar pelos sentidos em torno da escolha de algumas pessoas para quem oferecer o tercinho. Houve, por parte das primas, um olhar voltado a determinados "outros" que, como elas, se diferenciavam, seja por sua vestimenta (uniformes, camisas institucionais/promocionais), sua posição na procissão (calçadas, palanques) ou mesmo pelo trabalho que realizavam, seja voluntário, autônomo ou servidor público, conforme Figuras 119, 120 e 121.

Figura 119. Entrega de terços para voluntários da Fundação Nazaré de Comunicação. Eles estavam recebendo doações para a manutenção da instituição.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 120. Entrega de terço para uma vendedora ambulante. A ideia era buscar o diferente em meio à multidão.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 121. Entrega de terço para um policial militar em serviço. Era uma forma de convidá-los a se integrarem à ambiência da procissão.

Fonte: Acervo da pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

A oferta do terço a essas pessoas (que não estavam ali apenas por devoção a Nossa Senhora, mas sim a trabalho) se configurava como um gesto de acolhimento e pertencimento, compartilhando com elas os sentidos e afetos que aquela oferta representa e significa para os *Filhos da Esperança*.

O próprio gesto da doação dos terços, de uma forma geral, é perpassado por esse sentimento de busca da comunhão sensível de que nos fala Valverde (2017). Um gesto motivado inicialmente pela forma como, um dia, D. Esperança foi afetada pela oferta de uma criança. A cada doação, mesmo já não sendo D. Esperança a entregar os terços, é como se a família vivenciasse uma parte da experiência da matriarca, convocando e potencialmente contagiando outras pessoas – para eles desconhecidas – a compartilhar dessa experiência.

É interessante notar que a significação do gesto, tanto para os *Filhos da Esperança* quanto para as pessoas que receberam os terços, se dá a partir do momento em que, em torno da ação, é gerada uma simbolização. Não apenas existimos no mundo como o imaginamos e a partir disso o construímos.

Para Durand (1993, p. 104), "a razão e a ciência só ligam os homens às coisas, mas o que liga os homens entre si, ao humilde nível das felicidades e das penas quotidianas da espécie humana, é a representação afectiva, porque vivida". Simbolizar, nessa perspectiva, seria como uma ação de sobrevivência, de prolongar a experiência de uma vida, cuja cronologia é finita, mas que pode ser vivida igualmente em infinitas temporalidades, a partir dos sentidos e afetos que geramos em interação com o outro e com o mundo. É essa simbolização que nos faz estar em relação com o outro.

Podemos dizer, então, que tornar significativa a entrega dos terços a partir da escolha de para quem oferecê-lo e com quem compartilhar essa experiência é uma forma de agregar um repertório de memórias afetivas, que pode dar a sensação de prolongar o tempo daquela experiência pelo fato de que ela será memorável, não limitada ao tempo e ao espaço de sua ocorrência e diferenciada em relação às demais centenas de entregas dos terços.

Em uma canção composta pelo Padre Fábio de Melo para a interpretação da cantora paraense Fafá de Belém, se diz: "Eu sou de lá / Terra onde o outubro se desdobra sem ter fim / Onde um só dia vale a vida que eu vivi / Domingo Santo que não posso descrever ...". Essa sensação do tempo se torna ainda mais interessante quando paramos para pensar o quão breve, do ponto de vista cronológico, são cada uma das entregas dos terços. Todas essas "micro" experiências acontecem em pouquíssimos segundos. Ao tentarmos fazer essa narrativa, de certa

forma, estamos também buscando extrair delas significados, prolongando-as no tempo e no espaço. Mas não podemos deixar de contrastar esses tempos da situação em si e do fluxo contínuo (BRAGA, 2012) que esses gestos podem gerar.

Dessa forma, não estamos tratando apenas de um tempo cronológico, apesar de não desconsiderá-lo. O tempo aqui é uma categoria de experiência e memória, constituinte das interações comunicativas. Um tempo que confere sentido de encadeamento, articulação aos atos para que se tornem processos. E sobretudo, um tempo vivido e narrado, que agrega à experiência sentidos novos relativos à interpretação do que foi vivido. A comunicação é uma questão de tempo por se constituir pelo entrelaçamento de diferentes fluxos significados e ressignificados nas interações.

Isso evidencia, em um nível quase microscópico (em segundos) de nossa experiência, como a comunicação nos constitui permanentemente. É esse processo de simbolização do mundo a partir das relações que estabelecemos uns com os outros. Comunicar é experienciar o mundo, não apenas existir, por isso, é ação humana básica; tece, como acredita Mead (1982), o que somos enquanto indivíduos e sociedades.

Também no segundo dia de entrega dos terços, com a família toda participando, podemos perceber outras nuances desses processos comunicativos. Na manhã do Círio, os *Filhos da Esperança* começaram a chegar ao prédio onde geralmente se reúnem, por volta de 9h. Dessa vez, a Santa demora mais tempo para chegar ao ponto em que estão, pois a procissão sai da Catedral da Sé em direção à Basílica. Assim, a família passa um pouco mais de tempo à espera da berlinda do que no dia anterior, no caso da Trasladação.

Na ocasião, vestem-se preferencialmente todos de branco, com a camisa personalizada com a marca dos *Filhos da Esperança*. Junta-se às vestes a sacola igualmente branca e personalizada com a marca, onde colocam as embalagens dos tercinhos para a distribuição. Antes disso, porém, quando todos da família já se concentraram no ponto de encontro, reúnem-se em círculo para fazer uma oração. Agradecendo por mais um ano da promessa sendo cumprida, rezam as orações do Pai-Nosso e da Ave-Maria (Figura 122). Em seguida, tiram uma foto do grupo todo (Figura 123).

Figura 122. ***Filhos da Esperança*****, em oração, antes de saírem para distribuir os terços, incluindo Marina, da** ***Família de Catarina*****.** Foi o único momento que presenciamos em que a família rezou toda reunida.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 123. "Foto oficial" antes da distribuição dos terços. Registro do início da missão para a qual se prepararam durante todos os encontros de confecção dos terços.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Nesse aspecto, é importante evidenciar como a família se constitui como uma equipe, no sentido que Goffman (2014) configura. Esse aspecto já se apresentava desde os encontros preparatórios, mas fica ainda mais destacado no momento da distribuição. A começar pela

organização visual que, de forma estratégica, imprime uma marca e uma identidade ao grupo, torna-o reconhecível diante do grande fluxo de pessoas que caminham na procissão.

Mas a configuração da família como equipe se dá também pelo objetivo que tem em comum: a continuidade da promessa de D. Esperança. A partir disso e em torno disso, articulam-se, mesmo que a consequência mais significativa dessa articulação, para eles, não seja propriamente a confecção e doação dos terços. Seja essa ação um meio ou um fim, ela congrega-os e os conforma como equipe, com uma vinculação afetiva adicional aos laços parentais.

Para Goffman (2014, p. 92), uma equipe é "qualquer grupo de indivíduos que cooperem na encenação de uma rotina particular". Sendo uma equipe, os *Filhos da Esperança* trabalham cooperada e integradamente em prol da promessa, gerando outros sentidos para o que é "estar em família", assim como para o que é "pagar uma promessa". É por serem uma equipe que esses significados se mesclam nessa prática.

E na cena da entrega dos terços, novamente emerge o papel das mulheres da família, que são as únicas a distribuírem. Ana Maria fica do lado de dentro da grade do prédio (que estava, como outros, decorado com balões e faixa) distribuindo os terços (Figura 124); as demais filhas, noras e netas de D. Esperança dispersam-se no perímetro onde fica o prédio (Figuras 125 a 129).

Figura 124. Ana Maria distribuindo os terços. Devotos que passam à frente do prédio param para pegar um tercinho.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 125. Raquel distribuindo os terços. Diferentemente do dia anterior, no domingo havia mais demanda pelo recebimento dos terços do que a oferta dos mesmos.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 126. Milena na distribuição dos terços. Mesmo com uma quantidade maior de tercinhos, rapidamente as sacolas ficavam vazias e, então eram reabastecidas no prédio para nova saída pela multidão.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 127. Marta na distribuição dos terços. Quando percebiam que a distribuição estava muito rápida, elas tentavam se desviar do tumulto, indicavam que não havia mais tercinhos, entre outras estratégias

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 128. Manoela distribuindo os terços. O tempo de entrega, pelo grande fluxo, era inevitavelmente muito breve em relação a todos os meses de produção dos terços.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 129. Amanda distribuindo os terços. Uma das netas, Clara, além de entregar os terços, também se incumbiu de fotografar o momento. Como experiência memorável, devia ser registrada, entrar para o álbum de família.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Diferente do dia anterior, a distribuição era individual, não em duplas ou grupos. E cada uma delas utilizava estratégias diferentes para a entrega. Com um fluxo de pessoas ainda mais intenso do que na Trasladação, no Círio os *Filhos da Esperança* tinham menos critérios para selecionar para quem entregar. Nesse dia, não pareceu ser a principal proposta escolher para quem doar.

As estratégias voltavam-se para evitar ao máximo o acúmulo de pessoas em torno de quem estava distribuindo. Para isso, a maioria entregava os terços caminhando rápido ou evitando ficar parado muito tempo, para dispersar os possíveis tumultos que se formavam quando as pessoas percebiam que era a doação de alguma coisa. Como o fluxo de pessoas era mais intenso, por vezes quem estava passando não sabia ao certo o que estava sendo entregue, mas estendia a mão para receber. Havia quem quisesse e pedisse para receber mais de um terço, o que era negado pelas mulheres da família, alegando que era doado apenas um para cada pessoa. Entregavam mais de um apenas quando o pedido era justificado (entregar para um amigo/parente) ou quando, pelo grande fluxo de pessoas, não conseguiam reconhecer se já haviam doado para aquela pessoa.

Clara, que conseguia observar mais o contexto da rua porque estava fotografando, não focada apenas na entrega dos terços, avistou uma fila de promesseiras que faziam o percurso

do Círio de joelhos. As moças estavam rodeadas de pessoas que lhes davam suporte no pagamento de suas promessas (Figuras 130 e 131).

Figuras 130 e 131. Clara distribuindo terço para uma promesseira. A neta de D. Esperança aproximou-se da promesseira e lhe ofereceu o terço, a qual lhe retribuiu o gesto com um olhar agradecido e emocionado.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Fotos de Suzana Lopes.

O encontro em torno do gesto de oferta do terço dá a ver como diferentes fluxos se entremeiam no Círio, histórias de vidas que, por alguns segundos, comungam uma experiência, que gera significados para cada uma em particular, para ambas em interação e para o contexto mais imediato e mais amplo do Círio. Revela uma dimensão relacional da devoção, perpassada

pela necessidade de uma vivência e uma demonstração de fé coletiva, com o outro, como abordaremos melhor na próxima cena comunicativa analisada.

O processo de observação dessa cena da procissão e entrega dos terços foi bastante desafiador, pela multiplicidade de elementos envolvidos na interação, pela dinâmica entre o contexto micro das situações ao mais amplo das procissões, assim como pela rapidez com que precisávamos tentar capturar, seja com registros de imagens, comentários em áudio ou escritos em notas de celular, ou apenas na memória visual, essas "micro" experiências que compunham essa cena comunicativa das famílias. Nesse momento, no caso dos *Filhos da Esperança*, fez falta a presença de mais pesquisadores, que pudessem dividir as atenções entre as diferentes mulheres da família que se dispersaram em meio à procissão.

Os relatos que trazemos são trechos recortados pelos nossos olhares, como certamente o seria mesmo que fosse possível capturar simultaneamente diferentes ângulos da cena. São sobretudo orientados pelo nosso interesse em perceber como a comunicação constitui nossas relações e a nós mesmos.

Ainda na cena comunicativa da procissão e entrega dos terços pelas famílias, evidenciaram-se principalmente a comunhão sensível (VALVERDE, 2017), que é fundamental para a experiência afetiva da família em relação à promessa dos terços e, no caso dos *Filhos da Esperança*, o sentimento de equipe (GOFFMAN, 2014), que configura essa prática da família como essencialmente coletiva e compartilhada, não apenas por vínculos consanguíneos e parentais. Nesse sentido, podemos perceber o fluxo comunicativo no âmbito interno dos grupos em paralelo às relações que eles estabelecem com outras milhares de pessoas, cujas trajetórias se cruzaram com as das famílias por alguns segundos, gerando diferentes repercussões.

Parece-nos inviável acompanhar o alcance e a profundidade desses desdobramentos, mas, pela própria história das famílias, que nasce de uma situação similar, podemos imaginar (e simbolizar) a multiplicidade de potenciais sentidos e sentimentos gerados a partir desses micro encontros, na ocasião da entrega dos terços. Isso nos desafia a perceber, nos gestos dos interagentes, indícios que nos permitam fazer inferências sobre como a comunicação se constitui e se processa.

Cena 5: O encontro com a Santa

Outra cena comunicativa importante dos *Filhos da Esperança* é a do encontro com a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré quando percorre as ruas de Belém na Trasladação e na

procissão do Círio. Acompanhamos, junto com a família, a passagem da Santa no local que já se tornou tradição da família no Círio. Trata-se de um ponto privilegiado, na Avenida Nazaré: um prédio comercial onde Raquel, filha caçula de D. Esperança, possui seu consultório médico.

Além da localização estratégica para ver a procissão, esse local se situa ao lado do prédio onde reside Diego, neto de D. Esperança, com a esposa e o filho. Aproveitando a proximidade do local, a família se reúne no apartamento de Diego, após a passagem da Santa, seja para jantar no sábado, ou para o almoço do Círio, no domingo.

Os interlocutores de um processo comunicativo nunca apenas estão em um espaço, mas posicionam-se nele ou a partir dele; e, principalmente, simbolizam-no. Mesmo em uma situação de interação face a face, podemos considerar múltiplos espaços, seja o físico, seja o contexto de interação, seja o posicionamento político dos sujeitos, seja ainda a variedade de sentidos e sentimentos construídos em torno de determinado espaço.

Nesse sentido, este ponto da procissão é importante exatamente pelos sentidos produzidos em torno dele. É de lá que a família tem se reunido há mais de 10 anos para acompanhar a passagem da Santa nas duas grandes procissões da festa. Ou seja, já se tornou, apesar de não ser um espaço exclusivo da família, o espaço da família no Círio, o ponto de encontro, o local de observação da procissão, o lugar social e afetivo a partir do qual eles participam da procissão.

Para Certeau (2014, p. 184), "o espaço é um lugar praticado". Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres". Um espaço só o é a partir do momento em que é ambiência da ação humana. E, podemos acrescentar, da ação simbolizadora. Certeau (2014) relaciona o espaço à experiência a partir de Merleau-Ponty (1976), o que nos auxilia a perceber que, tanto quanto estratégica, a posição dos *Filhos da Esperança* nesse prédio é afetivamente construída.

Alguns membros da família acompanham as procissões e frequentam outros espaços do trajeto, mas este prédio é o lugar onde se nucleia a referência para o encontro familiar.

> A minha avó [...] sempre foi muito devota de Nossa Senhora de Nazaré. Desde sempre. Então, coincidiu quando minha mãe foi pra esse consultório, de ficar ainda mais forte o Círio com a gente. Porque além de eu ter meus primos que vão na corda, meus tios que acompanham, o resto da família inteira ficava concentrada ali naquele ponto, lá na Avenida Nazaré (*MANOELA, Filhos da Esperança, entrevista exploratória, 2016*).

Milton Santos (2012) aponta que a construção do tempo e do espaço se dá a partir de eventos, ações humanas sobre o mundo. São os acontecimentos em determinado tempo-espaço que constituem a sociedade. Assim, o autor chama a atenção para o papel ativo dos seres humanos na construção dos seus espaços de vivência. O prédio onde os *Filhos da Esperança* se concentram também foi marcado pelo encontro que aconteceu entre D. Esperança e Catarina, o que agrega outros sentidos e sentimentos:

> No Círio de 2004, quando ela [D. Esperança] já tava de cadeira de rodas e ainda tava bem tranquila a passagem de romeiros, lá na frente do consultório, a minha tia desceu com ela e ela ficou lá, parada na cadeira de rodas, junto com minha tia. E nisso, foram passando vários romeiros, passou uma mulher com uma filha, a filha aparentava ter uns 4, 5 anos, isso a minha vó conta, porque a gente não viu [...]. Minha tia não percebeu a cena, foi a vovó realmente, que tava lá, observando a passagem que ainda tava tranquilo. Aí, essa criança, essa menina, passou de mãos dadas com a mãe dela e ficou olhando pra vovó. Sabe, a pessoa assim, vai andando e fica olhando pra trás? Aí, a menina correu, soltou da mão da mãe e foi lá com a minha vó, e entregou um terço pra ela (*MANOELA, Filhos da Esperança, entrevista exploratória, 2016*).

Por esse relato, vemos que não só encontro em si entre D. Esperança e Catarina confere significado a esse espaço do prédio, mas sobretudo a narrativa da família sobre esse momento, que não foi visto por ninguém (a filha de D. Esperança que a acompanhava naquela situação alega não lembrar do fato), mas é recontado a partir do próprio relato de D. Esperança antes de seu falecimento, aflorando sentidos e sentimentos.

Também do ponto de vista logístico, o local é interessante para a família. A administração do prédio, como em outros locais situados no percurso da procissão do Círio, organiza cadeiras no pátio de entrada para as pessoas que ficam à espera da passagem da Santa. Para acesso ao prédio, no dia da Trasladação e do Círio, são distribuídas vagas entre os moradores, com cobrança de taxa individual. Raquel sempre reserva suas vagas para os membros da família. Essa dinâmica confere ao local uma posição VIP, como uma área cativa da procissão. É representativo da disputa do espaço do Círio pelo melhor ângulo, pela melhor visualização da Santa. E, como toda disputa, demarca posições sociais, em que os *Filhos da Esperança*, sob determinado ponto de vista, estariam em posição privilegiada.

No dia da Trasladação, os membros da família chegaram ao prédio às 16h, enquanto ainda era possível circular de um lado ao outro da avenida e ter acesso ao local com mais tranquilidade antes do início da procissão. A maioria também chega cedo para conseguir as melhores cadeiras, próximas da grade do prédio, para ver a passagem da Santa. Os primeiros

reservam alguns lugares para os que chegarem depois – estratégias para não perder o momento do encontro com a Santa.

Vestindo camisas com a imagem de Nossa Senhora de Nazaré ou roupas claras, preparam-se para a passagem da procissão, conversam entre si, aguardam os demais chegarem, assistem ao fluxo cada vez mais intenso de pessoas na avenida.

Mais próximo do início da procissão, um coral se posiciona na sacada do prédio, para cantar hinos de homenagem a Nossa Senhora (Figura 132). Apesar de estarem em lugares reservados, corais como esse cantam para que todos possam ouvir, fazem apresentações públicas e animam (no sentido de coordenar) a caminhada das pessoas em procissão naquele trecho da rua. Congregam a todos, independente da posição em que se encontram, a um só ritmo (Figura 133).

Figura 132. Vista inferior da sacada onde o coral animava o público. Como outros grupos em diferentes pontos do percurso, o coral começa a criar o clima da festa.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Figura 133. Público levanta as mãos e ventarolas ao som do coral. As músicas variam das mais animadas às mais tradicionais.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Todos esses elementos e sujeitos configuram um momento de expectativa. Passa-se mais tempo cronológico experienciando essa ambiência do devir do que propriamente o encontro com a Santa. Como mencionamos, a chegada dela é prenunciada pela corda. Quando passa a corda em frente ao prédio, as atenções se voltam tanto para esse símbolo de devoção expresso no sacrifício físico, quanto para a aproximação de Nossa Senhora. Enquanto a corda passa, quem está dentro do prédio se sente mais seguro pela grade que os separa do grande fluxo de pessoas, por vezes orientado pelo movimento da corda, que pode causar mais ou menos tumulto. No entorno dos promesseiros da corda, muitos voluntários jogando água, ajudando a manter a corda no centro da avenida para evitar a saída do rumo da procissão.

No prédio, os *Filhos da Esperança* se posicionam próximo às grades, alguns sobem em cadeiras buscando ter uma visão melhor da procissão e anunciam para quem está no chão: "Ela [Imagem da Santa] está perto". Esse clima de expectativas, compartilhado por quem está às margens (nas calçadas, prédios e residências) da avenida, é um componente importante da cena, pois configura sua potencialidade de gerar sentidos e afetos em quem, conjuntamente, espera pela Santa.

E ao menor sinal do aparecimento da Berlinda, vale se esticar, virar para o lado, subir nos ombros de outra pessoa para melhor visualizar a Imagem de Nossa Senhora, pequenina diante do "rio de gente" que a faz navegar pela avenida (Figura 134).

Figura 134. Passagem de Nossa Senhora em frente ao prédio onde os *Filhos da Esperança* se concentram. Não apenas os olhares se direcionam à Santa como os braços e as mãos apontam para ela, em posição de súplica.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Em trabalho realizado sobre o Traslado de Nossa Senhora para Ananindeua (uma das 12 procissões oficiais do Círio), Melo e Ferreira (2017) evidenciam que o gesto de estender as mãos em direção à Imagem é altamente significativo para a relação do devoto com a Santa e para o estabelecimento de relações entre os devotos na geração de uma ambiência comum.

> Um dos gestos mais significativos durante a passagem da Berlinda é o levantar as mãos, principalmente por seus vários possíveis sentidos. Em uma perspectiva religiosa, ao ver a Santa, o devoto ergue suas mãos em direção à Imagem como forma de pedir bênçãos para si. É necessário que se faça esse gesto como forma de demonstrar fé, respeito e pedidos por graças. No entanto, talvez uma das mais importantes significações para o erguer das mãos, levando em conta o Traslado e sua representatividade enquanto contexto de práticas comunicacionais, seja o desejo de se fazer visto, não só pela Santa, mas pelo coletivo, em um compartilhamento do sentido comum de demonstração de fé. É um gesto que, por seu sentido socialmente construído, que convida à interação levando em conta um contexto de coletividade, não é feito sozinho e não se manifesta de maneira isolada. Conjuntamente, esses gestos tanto configuram uma ambiência de devoção, oração e respeito, como são fruto dela, como se um gesto motivasse o outro (MELO; FERREIRA, 2017, p. 66).

Os *Filhos da Esperança* também voltavam suas atenções à Imagem de Nossa Senhora. Manoela e os pais deram as mãos enquanto a Santa se aproximava (Figura 135).

Figura 135. Manoela e os pais observando a passagem da Santa. Muito emocionados, olhavam para a Nossa Senhora e se olhavam, dizendo uns aos outros que se amavam. Um gesto significativo já tradicional desse núcleo da família quando da passagem da Imagem Peregrina.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Com isso, percebemos que a ambiência construída nos breves minutos de caminhada da Imagem de Nossa Senhora no perímetro do prédio onde estávamos com os *Filhos da Esperança* é de uma devoção partilhada, vivida no e em função de uma coletividade. É pela constituição de um espaço-tempo comum que a experiência do contato (seja visual, seja manual ou mesmo afetivo) com a Santa se torna significante.

Mas é preciso reconhecer também o potencial comunicativo da simbolização da própria Imagem. A representação da imagem de Maria como mãe, mulher, intercessora, exemplo de cristã para os católicos gera identificação e, assim, mobiliza e congrega pessoas de diferentes perfis, com motivações distintas, mas que se reúnem em uma ambiência compartilhada de devoção. Como uma figura tão pequenina, que muitas vezes desaparece da vista, consegue agregar tanta gente?

Apesar de a devoção a Nossa Senhora de Nazaré ser fator secundário nas relações estabelecidas entre os *Filhos da Esperança* em torno do Círio, é interessante notar as diferentes motivações e laços entre cada membro com a Santa. Um dos filhos de D. Esperança, João, e sua esposa, Milena, são membros de pastorais da Igreja Católica na paróquia de seu bairro e também em ações em nível de Arquidiocese e da Diretoria do Círio. Adotando o discurso da

Igreja em relação ao papel de Nossa Senhora no Círio, apontaram, em conversa conosco durante a confecção dos terços, que o centro do Círio não era Maria, mas sim Jesus; Maria, como intercessora, orientaria sempre para Jesus, que seria o agente mais importante.

João contou então como Maria foi fundamental depois da morte de Jesus para motivar e manter os apóstolos unidos. Citando o livro bíblico dos Atos dos Apóstolos, explicou que os discípulos eram pessoas muito simples e teriam voltado a trabalhar na pesca após a morte de Jesus, se não fosse o trabalho de Maria de congregá-los e motivá-los. Milena complementou e disse que Maria foi uma pessoa muito especial, que é mais especial do que qualquer pessoa de sua época, apesar de não ser confundida com Deus.

Ela comparou o exemplo de mãe e mulher de Maria ao de D. Esperança, que, como matriarca da família, também tinha esse papel de manter a família unida. Mesmo com a morte dela, a família se mantém unida por causa dela. Perguntamos, então, se eles achavam que todos que participam do Círio tinham essa mesma compreensão do papel de Maria. As netas e Raquel prontamente se manifestaram contrárias. Manoela foi enfática em dizer que ela gostava do Círio por causa de Nossa Senhora. Não concordava com a diferença entre Jesus e Maria, porque discordava dos dogmas da Igreja que diminuem o papel da mulher.

Milena disse que não era uma discriminação, mas uma diferenciação. Todos depois concordaram que, de toda forma, o que mais chama atenção no Círio é, sim, o papel de Maria e a devoção à Santa, mais do que Jesus ou a religião. Mesmo as pessoas que não têm uma religião ou são evangélicas, por exemplo, acabam se envolvendo com a devoção à Nossa Senhora. Citaram o caso de um evangélico que começou a fazer tercinhos no grupo de trabalho de uma das netas, Marilia.

A intercessão entre esse papel importante da figura de Maria e a motivação principal dos *Filhos da Esperança* em continuar os terços em memória à matriarca resulta em uma questão mais ampla dos processos comunicativos do Círio e para além dele: o papel de liderança feminina nos âmbitos familiares e religiosos. A fortaleza e a singeleza de Maria são tomadas como exemplos para os membros da família, com diferenciações. Notadamente, as mulheres (netas e filhas) veneram Nossa Senhora pelo seu papel de comando, pelo carisma da mãe aliado ao da líder do povo paraense, que é capaz de mobilizar devotos e não devotos em torno de sua festa. Assim como Maria é uma pastora que cuida dos seus, D. Esperança, nessa família, mesmo após falecida, exerce um forte papel de congregação de filhos, netos, bisnetos e amigos.

Assim, Nossa Senhora é vista como um grande elo, um ponto de interseção de devoções, que concilia a fé para além das religiões institucionalizadas. A mística em torno de Maria é bastante interessante, pois revela uma relação de intimidade entre os fiéis e a Santa, a ponto de prescindir da Igreja enquanto instituição (em alguns casos, até a negam ou discordam dela) para manifestar e manter sua crença e seus ritos.

No Círio, a mística, que, para Maués (2013), é a relação humana com a entidade sobrenatural, é um forte aspecto comunicativo, pois possibilita que, ao se relacionarem direta e de forma mais íntima com Maria, os devotos interajam entre si também de forma mais direta, sem dependência institucional.

Vemos, assim, católicos, umbandistas, judeus, espíritas, ateus e, inclusive, evangélicos (geralmente, discordantes da devoção católica à Maria e aos santos), compartilhando um espaço comum na caminhada junto a Nossa Senhora, em que a diferença permanece, mas não é um impeditivo para estarem juntos. A mística, nesse contexto, torna-se um elemento estético que potencializa a comunicação. Como afirma Liesen (2014), a comunicação mesma possui uma dimensão mística, entendendo mística, inspirado em Wittgenstein (1994), como um inexprimível que contraditoriamente se mostra, que tem o potencial de gerar conexões, relações.

Essa dimensão sagrada ou mística (LIESEN, 2014) da comunicação também pode ser extraída da origem da palavra religião. Do latim *religio*, significa o respeito ao sagrado. Difundido pelo Cristianismo, o termo também latino *religare* reforça a noção de ligação, laço, relação com Deus ou o divino (AZEVEDO, 2010).

De um ponto de vista mais antropológico e sociológico, a religião seria um espaço de interação, de agrupamento, de associação, de encontro. E a ligação não se dá apenas entre o humano e o divino, mas entre os humanos pelo compartilhamento de um divino. Assim, se todos voltam os olhares para a Santa quando de sua passagem, conectam-se não somente à figura da divindade, mas uns aos outros, pela comunhão sensível (VALVERDE, 2017). Por isso, Durkheim (1996) se dedicou ao estudo da dimensão social da experiência religiosa, em cuja base encontra-se a necessidade humana de estar junto, por meio da produção e compartilhamento de sentidos e sentimentos.

O Círio é tão significativo para entender a comunicação exatamente por possibilitar a observação dessa dimensão mística (LIESEN, 2014) dos processos comunicativos, muitas vezes encoberta pela grande valorização da técnica ou mesmo da política na área; por isso

Valverde (2017) acredita que as questões estéticas têm muito a contribuir não só teórica como metodológica e epistemologicamente para a Comunicação.

Ao buscarmos a origem do termo "estética", encontramos a noção de *aisthesis*. Seus usos na Grécia Antiga não estavam originalmente ligados ao campo da Arte, como é comum relacionarmos. De acordo com Martino (2016), o sentido de *aisthesis* refere à percepção sensível, ou seja, à capacidade dos sentidos de perceberem. Maffesoli (2010, p. 24), por sua vez, retomando a matriz grega, define estética como a "faculdade de sentir em comum", pressuponto, portanto, o estabelecimento de uma relação, aproximando ainda mais a discussão à Comunicação.

O Círio, nesse sentido, dá a ver a comunicação em múltiplas dimensões, incluindo a estética, o que nos facilita percebermos como um fenômeno que possui diferentes elementos e aspectos que devem ser considerados. Certamente, esse olhar depende em grande parte da orientação teórico-metodológica, mas alguns fenômenos empíricos evidenciam mais claramente essas multidimensões.

Ao destacarmos, contudo, essa dimensão mística, não queremos divinizar o processo comunicativo, colocá-lo no altar da idealização. Ao contrário, desejamos exercitar o olhar para estar sensível a diferentes nuances que conformam nossas práticas cotidianas, independente de serem religiosas, e que atuam fortemente nas relações que estabelecemos uns com os outros, com nós mesmos e com o mundo.

Ao observarmos, então, as interações e experiências dos *Filhos da Esperança* e da *Família de Catarina*, em específico, e o que elas revelam de relações mais amplas, buscamos exatamente compreender o que nos faz ser agentes comunicativos e como nos comunicamos. A cena da passagem da Santa evidencia como essa dimensão simbólica do Círio constitui diferentes relações entre os sujeitos e constitui os próprios sujeitos.

No dia da procissão principal, outros aspectos desse processo nos saltaram aos olhos. Diferente do dia anterior, os *Filhos da Esperança*, após a distribuição dos terços, por volta de 10h, se posicionaram na sacada do prédio, o mesmo do dia anterior (Figura 136). Havia uma mesa com petiscos e eles confraternizavam enquanto esperavam o transcurso da procissão se aproximar.

Figura 136. ***Filhos da Esperança*** **na sacada do prédio.** Dessa vez, a família se posicionou para ter uma vista superior da avenida, não mais no hall, próximo à grade.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

Como na ocasião da Trasladação, a corda, o adensamento de pessoas na avenida Nazaré, os fogos de artifício de empresas em homenagem a Nossa Senhora sinalizavam a aproximação da Santa. Manoela, então, começou a tentar contato com o irmão, via videoconferência no celular, para que pudesse assistir à passagem da Santa. Na primeira vez que conseguiu conexão, apresentou o celular para vários da família (Figura 137) e combinou que ia ligar novamente quando a Santa chegasse.

Figura 137. Conexão da família com Rafael pelo celular. Todos festejaram a "presença" e a participação do rapaz.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Suzana Lopes.

E lá vinha a Berlinda. Naquela altura, os *Filhos da Esperança* já estavam todos dispostos em cima de cadeiras, próximo à beirada da sacada ou em uma pequena arquibancada montada para o coral no dia anterior. Cada um procurava o melhor ângulo para visualizar a Imagem. Na nova conexão com o irmão, Manoela direcionou rapidamente a tela para os pais, que emocionados, abençoaram o filho e disseram que o amavam. Depois orientou a câmera do celular para enquadrar a passagem da Santa (Figuras 138 e 139).

Figuras 138 e 139. Manoela faz transmissão ao vivo da passagem da Santa para o irmão.
Rafael acompanhou conjuntamente com a família o breve, mas muito esperado e significativo momento do encontro com Nossa Senhora.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Fotos de Suzana Lopes.

Aquele instante em específico foi envolto de afetos pelo núcleo da família de Raquel, Pedro, Manoela e Rafael. O próprio rapaz relatou como esse momento é significativo.

> A saudade cresce quando eu começo a ver as postagens dos meus amigos, as fotos enviadas pelos meus parentes relacionadas ao Círio e ao acompanhar a transmissão pela internet. Sempre tento reconhecer algum ponto do percurso pra saber onde a berlinda se encontra, especialmente porque eu sei que quando ela está chegando perto do local onde a minha família fica, a mamãe ou a mana

> vão me ligar. O ápice da saudade acontece nesse momento, porque depois de presenciar 20 Círios, eu consigo imaginar perfeitamente a santinha passando na minha frente, todo mundo agradecendo pelas bênçãos recebidas, lágrimas escorrendo e eu, a mana, o papai e mamãe se abraçando, agradecendo por ter um ao outro e dizendo que nos amamos. É difícil não se arrepiar. É difícil não sentir essa energia diferente ao acordar no segundo domingo de outubro" (*RAFAEL, Filhos da Esperança, conversa pelo WhatsApp, 2016*).

A distância, nesse caso, é apenas física, pois do ponto de vista comunicacional, o que percebemos é o compartilhamento de um mesmo espaço-tempo experiencial, no qual quatro membros da família conectam-se pelo afeto e pelos sentidos que comungam ao vivenciarem juntos esse instante. Unem-se entre si, mas também à família e ao público como um todo da procissão. Notadamente, a relação ali buscada não é somente com a Santa, apesar de ela ser um elemento fundamental e agregador, como destacamos anteriormente. Mas não basta vê-la passar se não for uma ação conjunta da família. Uns tornam a experiência dos outros significativa por integrarem-se a ela. O outro contribui para tornar o momento especial.

É certo que, em um mesmo instante, são vivenciados diferentes tempos. Quando Santos (2012, p. 156) afirma que "o espaço testemunha a realização da história, sendo, a um só tempo, passado, presente e futuro", compreendemos que em um processo comunicativo não se articulam somente sequências de ações e interações, mas que elas se intersectam, ocorrem simultaneamente, afetam-se mutuamente em diferentes direções, não apenas no transcurso cronológico do tempo.

Na micro experiência do núcleo familiar de Manoela e Rafael, durante a assistência da passagem da Santa, imbricam-se tanto memórias afetivas de anos anteriores, como os tempos presentes simultâneos passíveis de conexão pela Internet, e ainda projeções e expectativas.

> Eu não sei onde vou estar daqui a um ano ou nos próximos anos, mas caso eu não esteja em Belém, sempre vou acompanhar com carinho o Círio e renovar a minha fé. Como diz um trecho da música Círio no Exílio, de Nilson Chaves, 'Distante estou aqui / E hoje bem sei / Que não passas só em Belém / Passas aqui também / Passas por onde houver / Um filho teu (*RAFAEL, Filhos da Esperança, conversa pelo WhatsApp, 2016*).

Para Santos (2012, p. 159), vivenciamos hoje a história como coexistência e simultaneidade: "... não há nenhum espaço em que o uso do tempo seja idêntico para todos". Quando pensamos, portanto, no compartilhamento de tempos, também podemos perceber o

fluxo e a circulação do simbólico. É igualmente importante atentar ao fato de que a experiência humana no espaço-tempo é simbolizadora, atribui sentidos e afetos ao que se vive.

Cena 6: O almoço do Círio

Como todas as cenas comunicativas, o almoço do Círio é constituído de muitas temporalidades. Começa muito antes da refeição em si, quando, pelo menos uma semana antes do Círio, já se começa o cozimento da maniçoba, principal prato típico da festa. Devido à toxicidade da maniva (folha moída da mandioca), é preciso iniciar a preparação da comida com bastante antecedência para que o veneno se dissolva após dias de fervura. O exalar do cheiro da maniçoba é um dos grandes sinais sensórios de que a procissão do Círio se aproxima.

Na casa de D. Conceição, onde é realizado o almoço do Círio da *Família de Catarina*, a maniçoba é o prato principal, servido com arroz branco. A organização da família em torno dessa preparação durante a semana é permeada de histórias. D. Conceição sempre foi responsável por preparar a comida, mas nos últimos anos anuncia para todos que não vai mais cozinhar. Marina entra em ação e assume a responsabilidade pela compra dos ingredientes e por cozinhar. Mas, no final, a experiência de D. Conceição conduz a feitura da refeição (Figura 140).

> Ano passado [2015] ela [D. Conceição] disse que não ia fazer maniçoba, aí quando eu saí pra comprar [os ingredientes], ela: "minha filha, pra onde tu estás indo?". Falei: "ah, vó, tô indo ali no supermercado pra comprar maniva". Ela: "no outro é melhor, vou contigo" "tá bom". Aí já se envolveu "ah, mas esse daqui é melhor, esse daqui é mais gostoso, esse daqui é bom levar dois" aí foi, foi, foi... Aí ela: "deixa que eu pago", eu "vó, eu que vou comprar". Aí ela "tá bom". Aí foi... "não, coloca na minha panela que é melhor, coloca no meu fogão que é melhor, eu vigio, tu não vais tá em casa" quando eu vejo, a vovó já tá fazendo. Eu fui determinada a fazer a maniçoba ano passado, quando eu vi, a vovó foi e tomou a frente da maniçoba (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

Figura 140. Maniçoba cozinhando na panela e no fogão da casa da Marina, em 2016. A preparação da comida acaba sendo também um dos aspectos da preparação das famílias e da cidade para o Círio.

Fonte: Acervo da Pesquisa. Foto de Fernanda Chocron.

Sabe-se que o Círio chegou quando já está no tempo de cozinhar a maniçoba. Esse ritual constrói desde muito antes (em termos cronológicos) a cena do almoço, pois é, ele próprio, um espaço-tempo de experiências.

O preparar a comida, como trata Certeau e colaboradores (2013), é um trabalho artesanal, manual em que quem cozinha, emprega não apenas técnicas culinárias, mas emoções e significados. Não à toa, D. Conceição, apesar de ameaçar, não quer deixar de fazer a tradicional maniçoba do Círio para a família. Tradicional, pois é um costume, um hábito alimentar e cultural que compõe a complexa rede de sentidos e sentimentos do Círio.

A alimentação, como entende Certeau e colaboradores (2013, p. 250), não tem uma finalidade exclusiva de prover energia biológica ao organismo para a manutenção da vida, mas também serve para "concretizar um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo, desenhando assim uma de suas referências fundamentais no espaço-tempo". Para ele, não comemos simplesmente por comer, mas a partir da cultura e da história das nossas comunidades, em nível micro (familiar) e macro (social).

Associado à alimentação, está, portanto, o ritual da comensalidade, que é o "comer junto com". Em vários momentos do Círio, como já citado na Estação 1, podemos perceber uma forte dimensão estética da comensalidade tanto pelas sensações e emoções envoltos quanto pelos sentidos e relações que se constituem. Por estética, como já ressaltado acima, entendemos não somente o prazer oriundo da contemplação a um objeto de caráter artístico, mas nos referimos a um processo essencialmente relacional ligado diretamente a experiências oriundas de interações de sujeitos com o ambiente que os cerca (DEWEY, 2010), um processo de "sentir em comum" (MAFFESOLI, 2010, p. 24), sem foco nos juízos de valor, de forma não apartada de experiências ordinárias (GUIMARÃES *et al.*, 2006) .

Para Marques e Martino (2015), a estética está relacionada à percepção dos sentidos, à impressão causada por algo de fora. Com o tempo, para além dessa noção, o conceito passa a adquirir significados derivados, ligados não somente ao sentir, mas também ao atribuir sentido. Nesta perspectiva, se apaga uma possível dimensão de passividade do ato de sentir, o qual passa a ser encarado como processo ativo. Sendo um ato de atribuir sentido ligado à percepção humana, a estética faz parte das ações do dia a dia e, portanto, seria parte "do componente relacional e comunicativo do cotidiano" (MARTINO, 2016).

O almoço do Círio convoca exatamente esse potencial estético da comensalidade, tanto pelos sentidos quanto pelos sentimentos que faz circular. Marina comenta que, como os núcleos familiares são pequenos (família dos primos que já são casados, a própria família dela), no dia do Círio, todos vão almoçar ou passam depois para pegar um pouco de maniçoba na casa de D. Conceição, já que se trata de uma comida feita geralmente em grande quantidade. Em vez de cada núcleo fazer um pouco, colaboram com algum ingrediente para que se faça uma única panela grande.

Essa é uma característica bem interessante da maniçoba. Pelo esforço e tempo que ela demanda para o seu preparo, quando se cozinha, geralmente se faz em grande quantidade, para sobrar para os dias pós-procissão do Círio ou para atender a um grande número de pessoas que se reúne para almoçar. Ao sobrar comida, é como se o almoço do Círio também se prolongasse por mais alguns dias.

A maniçoba é tão parte da cultura do Círio que muitos paraenses que moram em outros estados, como a mãe de Catarina, Cláudia, quando conseguem os ingredientes, cozinham maniçoba para recordar um pouco do clima da festa e de casa. Congela-se para que dure e,

sempre que der vontade, possa se degustar não apenas de um sabor, mas da experiência de um tempo-espaço do Círio e de Belém.

> Eu peguei e levei [maniva] foi pra Boa Vista, acho que a mamãe ainda tem congelada até hoje. Aí a mamãe congela em vários potinhos, assim... aí de vez em quando ela fala "ah, eu tô comendo maniçoba", eu "como assim? Essa maniçoba ainda não acabou?", ela "claro que não, só pego de pouco em pouco" (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

Em outras casas, também se costuma fazer o pato no tucupi, mas é um prato geralmente mais caro, principalmente depois que as empresas distribuidoras de aves descobriram a fama do pato no período do Círio em Belém. Já se tem até uma versão mais prática e barata: o frango no tucupi. Sobremesas e outros pratos são agregados a mesas mais abastadas. Mas a maniçoba é a comida mais popular no almoço do Círio.

No dia do almoço em si, muitas outras simbologias estão envolvidas. Para quem acompanha a procissão, é uma espécie de recompensa, premiação após o sacrifício físico da caminhada, do calor, do cansaço. A própria Igreja alega que a procissão precisa chegar no horário administrado para que as famílias possam usufruir desse momento do almoço em um horário razoável "de almoço".

Não se trata de qualquer refeição, mas uma refeição feita em conjunto, em família, em comunidade. Pela forma como o tempo cotidiano e a organização das famílias se constituem, não é mais algo rotineiro sentar juntos para comer. Isso acaba acontecendo em dias festivos, como a Páscoa e o Natal, para quem os comemora. O Círio é uma festa a mais em que isso ocorre em Belém, de forma até mais intensa, em algumas casas, do que acontece no Natal.

Na *Família de Catarina*, o Natal não é um momento de grande agregação e felicidade, pois vários falecimentos na família aconteceram em dias próximos. Para os *Filhos da Esperança*, o Natal também não é o principal momento de agregação, pois cada núcleo familiar celebra em uma casa diferente. O Círio, para essas duas famílias, é o principal momento de reunião.

O almoço do Círio, no caso da *Família de Catarina*, é o momento em que, de fato, a família se reúne. Cada um acompanha o Círio de uma forma diferente e separada, mas todos retornam para casa para o almoço conjunto. Quem não mora nas casas que formam o núcleo da família aparece para comer ou pelo menos para pegar um pouco da maniçoba. "Eu lembro o

Luiz Sérgio acho que veio umas duas vezes ano passado "Vó, ainda tem maniçoba? Ah, é pra gente almoçar amanhã'" (*MARINA, Família de Catarina, entrevista exploratória, 2016*).

Como definem Certeau e colaboradores (2013), "cada hábito alimentar compõe um minúsculo cruzamento de histórias". As refeições são um momento historicamente de agregação e compartilhamento. Wolton (2004), ao buscar a origem da ideia de comunicação, lembra a comensalidade nas comunidades cristãs primitivas e nos seminários de padres. A comunhão do pão, prática cristã, é envolta de significados, desde a literalidade de se compartilhar de um alimento até a comunhão de sentimentos e devoções. Trata-se de mais do que uma refeição que fornece os nutrientes para o corpo, mas uma alimentação da alma, uma satisfação do espírito. É igualmente uma prática que se faz em relação, em coletividade, portanto, não prescinde de comunicação.

No contexto dessas relações, é interessante destacar novamente o papel de D. Conceição. Ainda que todos tivessem uma função clara no que concerne à preparação do almoço, já não concentrada na figura dela, era ela quem dava os comandos da mesa onde a refeição seria servida, se se deveria esperar mais alguém ou não, qual deveria ser o momento da oração e quem a faria, entre outras interações no almoço. Nessa ocasião, nos chamou atenção ainda a visão e a relação de respeito que as amigas de Anita, que também estavam presentes no momento do almoço, tinham em relação a D. Conceição, reiterando sua importância para as relações devocionais e familiares daquele núcleo no contexto do Círio.

Percebemos, assim, que a comensalidade no Círio agrega múltiplos sentidos e sentimentos, desde a divisão do trabalho na preparação, passando pela reunião para o almoço, até a espectativa de receber outras pessoas em casa e poder compartilhar da refeição principal. É uma prática cultural, simbólica, estética que se realiza a partir da experiência interacional dos sujeitos, uma cena comunicativa. Valverde (2017, p. 154) ressalta que a dimensão estética é uma "comunhão afetiva, que reitera o vínculo comunal sem precisar explicitá-la num contrato ou mesmo numa declaração".

Na busca da comunicação em seu sentido estético, alcançamos a compreensão do que está no âmago do estabelecimento dessa relação; tem a ver com a experiência da alteridade, de experienciar o outro, não somente compreendê-lo, mas senti-lo. Para se comunicar, seria necessário o compartilhamento não só de normas e valores, mas também de afetos, de sensibilidades. Dessa forma, a estética nos conduz ao caminho tanto do racional quanto do emocional, do objetivo e do subjetivo, gerando processos de comunicação. E seria nesse

terreno, do sensível, ou seja, de ordem estética, que a comunicação também se dá (VALVERDE, 2010, 2017; MARQUES; MARTINO, 2015).

Se o Círio já extrapola uma dimensão apenas religiosa, o almoço é uma das cenas que a festa se abre para uma diversidade de participações. Não são apenas os católicos que o celebram. No almoço do Círio, a festa é de toda a família, como se vê em alguns depoimentos coletados para o relatório do IPHAN, na época da defesa do tombamento do Círio como patrimônio de natureza imaterial.

> Uma entrevista realizada com uma família de devotos revelou um aspecto curioso do almoço do Círio: a participação de adeptos de outras religiões. "Mas só que eu participo, vou na casa dos amigos, como, bebo, festejo junto com eles", diz um rapaz oriundo de uma família evangélica, seguidora da Assembléia de Deus. E justificava sua participação no almoço do Círio da seguinte forma: "Nesse ponto eu não sou nem evangélico, nem católico, entende? O almoço do Círio é só uma festa para mim, como outra qualquer. Acho que é uma festa muito bonita". [...] Mas há também os que dizem: "A gente se preocupa bem mais com a reunião da família do que com a religiosidade". Para esses o almoço seria mais "um momento de confraternização, quando as sensibilidades estão à flor da pele". Esta é uma opinião comum entre os mais jovens. "Círio sem almoço não existe, assim como não existe o Círio sem a maniçoba", diz um entrevistado (IPHAN, 2006, p. 54).

Agregam-se parentes, amigos, vizinhos e a Santa continua a fazer parte da festa, pois está presente nas conversações durante e depois do almoço. Ela é o principal assunto: quem está em casa, acompanha pela televisão a transmissão ao vivo da procissão e comenta o que viu ou reelabora e compartilha o que os comentaristas da transmissão disseram; quem chega da procissão, conta como foi, o que aconteceu, se viu a Santa, como estava a Berlinda, se houve sufoco, que percurso fez, entre outros aspectos. Como relata Angélica Maués, "é como se a santa partilhasse do almoço e também do dia do Círio como um todo, como se fosse uma pessoa, a mais importante, aliás" (MAUÉS; MAUÉS, 2005, p. 49).

Anita e as amigas chegaram com muita história para contar, após o acontecimento "dos terços para o ar". A cada narrativa desencontrada sobre o que tinha ocorrido, tentavam dar dimensão do fato para a família. Marina trouxe a história do encontro com os *Filhos da Esperança*. D. Conceição, toda orgulhosa, relatava sobre a assistência do Círio na arquibancada onde o neto tocou. Sérgio Murilo, por sua vez, no almoço do Círio parecia cabisbaixo e de certo modo pouco envolvido com o clima. Ainda que não tenhamos entrado no mérito do porquê

desse comportamento, no ar entre ele e Marina, parecia haver a lembrança de Catarina e a dor causada por sua perda e ausência em momentos significativos como esse.

Essa interação verbal, para Bakhtin (2014), é uma dinâmica de produção simbólica que está calcada na existência de interlocutores, no plural. "Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte" (BAKHTIN, 2014, p. 117)[16].

Em outras palavras, significamos sempre em relação a alguém, um interlocutor, conforme a situação imediata de interação e o contexto social mais amplo. O uso cotidiano da linguagem é intrinsecamente comunicacional e relacional, pois se configura a partir dos sujeitos em interação, marcados pelas culturas, repertórios, tempos e espaços de troca. Os sentidos, dessa forma, são produtos de uma ação humana concreta e estão em permanente movimento, atualização, modificação de acordo com as dinâmicas sociais.

Na cena do almoço do Círio, tivemos a oportunidade de participar desse tipo de conversação conjunta na *Família de Catarina*, em que os membros da família e amigos estiveram reunidos para celebrar o Círio. A casa, sob o aroma da maniçoba, foi preenchida de histórias, de vidas reais simbolizadas pela comunicação em suas multidimensões.

***

Nessas e a partir dessas diferentes cenas do Círio, pudemos levantar os diversos sentidos e sentimentos em torno de cada prática, cada gesto, percebendo a multidimensionalidade da comunicação na sua manifestação específica nessa festa, mas também aspectos que nos levam a pensar sobre o fenômeno comunicacional. Na chegada da nossa peregrinação de pesquisa a seguir, recuperamos o que cada Estação nos possibilitou aprender, sintetizando inferências e novos desafios que se colocam para refletir e viver a comunicação no nosso século.

[16] A proposição dialógica e polifônica de Bakhtin acerca da linguagem se contrapõe a outras vertentes que ele denomina como objetivismo abstrato e subjetivismo individualista na Literatura. No primeiro caso, o maior expoente é Saussurre, que propõe uma categorização objetiva do signo em significante e significado, reduzindo a produção simbólica à abstração de um conjunto definido e estático de formas pré-existentes. No segundo caso, Bakhtin (2014) identifica os autores do Romantismo, que, ao valorizarem a expressão, igualmente reduzem a linguagem à expressão, como se se tratasse de uma enunciação monológica, fruto de uma consciência individual.

A CHEGADA (TEMPORÁRIA) DA PEREGRINAÇÃO DE PESQUISA

A CHEGADA (TEMPORÁRIA) DA PEREGRINAÇÃO DE PESQUISA

Ao chegar ao final de uma peregrinação de pesquisa, ainda que esta seja apenas uma parada obrigatória a que se seguirão outras em nossa vida acadêmica, é preciso considerar os aprendizados construídos; neste caso específico, é importante resgatar o que o Círio nos ensinou sobre comunicação e como ele nos ajuda a compreender o fenômeno da comunicação em sua complexidade. Nessas últimas páginas de relato de peregrinação, queremos destacar, então, três tópicos que julgamos ser inferências fundamentais de nossa pesquisa, referentes tanto a aspectos teórico-metodológicos para a área quanto para a experiência de pesquisa-vida.

O que as cenas do Círio nos dizem sobre a comunicação

Na pesquisa, partimos do pressuposto de que comunicação é um processo, o que orientou todo o nosso percurso e discussão teórico-metodológico-empírica. O próprio Círio nos exigiu entender a comunicação, de imediato, como um processo, não objeto ou aparato técnico. Com isso, não estamos defendendo que os recursos midiáticos que dispomos são menos importantes ou devam ser desconsiderados. Ao contrário, em uma sociedade complexa e interligada por redes digitais, os aparatos tecnológicos estão cada vez mais integrados às relações cotidianas (conforme tratado na *Cena 3 - As interações comunicativas nas redes sociais online)*.

Mas as tecnologias por elas mesmas não dizem sobre o que é comunicação. Apenas quando as percebemos em um contexto, interatuando com diferentes elementos de um processo comunicacional, sobretudo, os sujeitos e os sentidos e afetos produzidos por eles, é que as tecnologias se tornam fundamentais para entender a comunicação.

Então, o que as cenas do Círio nos possibilitaram avançar nessa compreensão de comunicação como processo? O fenômeno empírico estudado evidenciou a multidimensionalidade da comunicação. Essa propriedade não diz respeito apenas à composição do processo comunicativo por múltiplos elementos, como os sujeitos, os recursos materiais, os contextos. O que melhor pudemos compreender com a pesquisa foi a múltipla composição simbólica que esses elementos assumem em diferentes interações. Tais componentes não se encontram dispersos ou simplesmente dispostos, mas interatuam, são significantes, afetam-se e geram afetos.

Em todas as cenas analisadas e configuradas na *Estação 2*, vemos como cada elemento, em diferentes interações, é significado pelos sujeitos e forma a composição simbólica que torna tal interação comunicativa. Por exemplo, podemos citar os muitos sentidos e sensações construídos pelos tempos e espaços das interações. Mais do que o contexto situacional, ou seja o local e o tempo em que uma interação ocorre, percebemos que os componentes de tempo e espaço não existem apenas do ponto de vista físico e cronológico. São acionadas diversas dimensões de tempo e espaço, assim como a elas são atribuídos vários sentidos e sentimentos, conforme os sujeitos interagem.

Múltiplos tempos coexistem em uma cena comunicativa: memórias são acionadas por um ato ou um gesto de um promesseiro; futuros são projetados por turistas que visam trazer parentes e amigos no ano seguinte a partir da experiência vivenciada naquele ano, entre outros exemplos. A relação entre o tempo cronológico e a importância do instante de passagem da Berlinda nas procissões não é proporcional, como destacamos na *Cena 5 - O encontro com a Santa*.

As espacialidades são componentes igualmente fundamentais da comunicação, como percebemos nas análises da *Cena 2 - A caminho da procissão*. Em processos comunicativos, os espaços são tanto aspectos práticos que viabilizam ou não o encontro, quanto possuem uma dimensão simbólica bastante significativa, como o é o prédio onde os *Filhos da Esperança* se reúnem para assistir às procissões do Círio e da Trasladação. Por essa dimensão simbólica, os espaços-tempos do Círio possibilitam a construção do "em-comum" (NANCY, 2016), que fornece condições para encontros, compartilhamentos, comunicação.

Quem significa e faz circular esses sentidos são os sujeitos, integrantes fundamentais da cena comunicativa. São eles que compartilham sentidos e sensações e, ao mesmo tempo, tornam cada experiência como única e particular. As famílias que participaram de nossa pesquisa mostram como se dá essa dinâmica. Ao mesmo tempo em que partilham de uma história comum de devoção, cada família vivencia a experiência do Círio de uma forma, a partir de repertórios socioeconômico e cultural distintos, gerando e circulando seus próprios sentidos e afetos.

A religiosidade se destaca mais como fio condutor das práticas da *Família de Catarina*. Já para os *Filhos da Esperança* a sociabilidade, o prazer de estar juntos, é o ingrediente fundamental dos encontros da família em torno do Círio. Mesmo estando no mesmo contexto de procissões e comunguem do mesmo tipo de promessa, a entrega dos terços por parte de cada família é distinta. E o que explica essa diferenciação nada mais é do que a dimensão simbólica

que cada grupo constituiu em relação ao gesto inicial de receber e posteriormente oferecer um terço. Trata-se de graça e bênção para ambas famílias, mas para a *Família de Catarina* tornou-se um gesto de doação, de multiplicação de um bem recebido, enquanto para os *Filhos da Esperança* é memória, é união da família. Para a primeira família, a imagem de Maria é de modelo de cristã; para a segunda, é principalmente de liderança feminina, entre outros sentidos, que, de alguma forma, as famílias compartilham, mas também produzem e circulam em tonalidades distintas.

Com isso, não queremos comparar, muito menos qualificar a experiência das famílias. Nosso objetivo, desde o início, não foi equiparar suas vivências, mas observar exatamente esse fluxo de comunhão e particularidades que o Círio comporta, seja em nível de grupos seja individual. Tanto que mesmo dentro de uma mesma família podemos ver essa diversidade de sentidos que podem conviver e construir um "em-comum".

Além dos sujeitos, tempos e espaços, poderíamos destacar outros elementos que compõem as cenas comunicativas analisadas, como os gestos e os objetos de devoção (imagens de santos, terços, fitinha do Círio, corda, ex-votos etc), analisados na *Cena 1 - Tecendo os laços que tecem os terços* e na *Cena 4 - A procissão e a entrega dos terços*; as redes sociais, na *Cena 3 - As interações comunicativas nas redes sociais online*; as comidas, na *Cena 1 - Tecendo os laços que tecem os terços* e na *Cena 6 - O almoço do Círio*; os cantos, entre outros elementos destacados em diferentes cenas.

Mas o que todos esses componentes nos mostram é que *o que move e congrega tantos e tão diferentes aspectos é o simbólico*, ou seja, a significação e a experiência dos sujeitos em relação entre si e com tais elementos.

Do ponto de vista devocional, nos perguntávamos como podia uma Imagem de uma Santa mover tanta gente, possibilitar a reunião de pessoas tão diferentes, com histórias, interesses, motivações variados; nossa resposta era a fé no poder de bênção de Nossa Senhora. Já do ponto de vista comunicacional, nos instigava compreender que condições eram construídas no contexto do Círio para possibilitar interações comunicativas que não acontecem no fluxo comum do cotidiano. E nossa resposta a essa questão, a partir da pesquisa, é o potencial agregador da produção simbólica humana, uma produção simbólica que se constrói no coletivo, sem diminuir a importância das experiências individuais. Mas é para o coletivo e por meio do coletivo que essa agregação possibilita o diálogo, a convivência, a formação de um "em-comum".

A Santa e os devotos dizem muito também desse potencial simbólico do Círio, de um popular que sai às ruas, que peregrina as casas, que enfeita a cidade, que tensiona a organização da Igreja. A própria figura feminina de Maria, exaltada como mãe, mas também como guia e líder de um povo, subverte a centralidade do Deus masculino uno e trino católico. É a figura de Nossa Senhora que cativa e move os fiéis, que congrega, que atrai até mesmo não católicos; uma mãe de todos, conforme discussão observada no âmbito dos *Filhos da Esperança*, relatada na *Estação 2*.

É o simbólico que se evidencia, por exemplo, na cena da procissão e da entrega dos terços. O terço é ainda um objeto altamente simbólico do catolicismo, em especial da devoção mariana. Por mais que nem sempre seja a oração propriamente dita a finalidade principal de uso do objeto, como símbolo de devoção o terço se configura no contexto das famílias como um presente, preparado manualmente, para distribuir e multiplicar uma graça. É curioso que, quando questionados se costumam rezar o terço, os membros das famílias respondem negativamente, mas afirmam que sempre andam com um terço na bolsa, no carro, como objeto de proteção.

O gesto da confecção e distribuição dos terços é igualmente significativo. Ainda que o momento da preparação, quando dos encontros familiares no caso dos *Filhos da Esperança*, seja até mais significativo para a família, a função do gesto de potencialmente multiplicar a experiência de uma graça também é altamente simbólica e comunicativa. Sobretudo porque se gerou toda uma produção de sentidos em torno da devoção familiar.

Vemos, assim, que as interações são tecidas pela simbolização dos diferentes elementos que as compõem: os sujeitos, as espacialidades, as temporalidades, os objetos, os gestos, entre outros.

Importante lembrar que a simbolização de que estamos falando não é algo abstrato, mas sim, do ponto de vista do Pragmatismo, encarnado nas nossas práticas cotidianas, portanto, com implicações reais nas relações que estabelecemos e nos fluxos que elas seguem e transpassam. Comunicar-se, trata-se, portanto, de uma ação e uma intervenção no mundo, cujas consequências pouco notamos como resultantes desse processo fundamental de nossa existência que é a comunicação. É simbolizando que não apenas existimos no mundo, como agimos nele e o construímos.

Como Durand (1993) acredita, a simbolização é nosso principal mecanismo de vida, diante da inteligência que desenvolvemos e a consciência de que temos um fim. Com isso, as

cenas do Círio evidenciam a comunicação, em suas múltiplas dimensões, como constituidora do que somos em relação uns com os outros. Por isso Mead (1982) qualifica como interações comunicativas aquelas que geram produção simbólica, nosso principal diferencial como seres humanos em relação a outras formas de vida.

E o simbólico se constitui em sua dupla dimensão de linguagem e estética, em suas manifestações, afetações e transcendências. Diferentemente de Liesen (2014), que afasta o sagrado e o estético da linguagem, observamos no Círio o estético e a linguagem como interseções que se encarnam nas práticas interacionais humanas.

Quando tratamos na *Estação 1* dos símbolos do Círio como modos de narrar da cultura, destacamos ainda que essa narrativa não tem natureza apenas enquanto linguagem, mas é também da ordem do sensível. Modos de narrar são modos de ver, sentir, expressar, agir. No Círio, encontramos diversos desses atos de compartilhamento estético com o outro através de inúmeras linguagens, nem sempre verbais (uso de roupas similares, o entoar de canções, gestos de fé, símbolos carregados em adereços pelo corpo, entre muitas outras materialidades), que evidenciam o que pode haver de "em-comum" (NANCY, 2016) entre os que vivenciam aquela experiência.

Mais do que uma questão estritamente devocional e religiosa, essa compreensão do simbólico pode nos ajudar a observar outras dinâmicas da vida pública, quando nos perguntamos por que nos mobilizamos em torno de algumas causas e menos para outras; como determinadas figuras públicas geram afetações agregadoras e outras não; por que é no campo do simbólico que podem ocorrer os piores e os melhores embates.

Assim, o Círio, analisado a partir de uma perspectiva relacional, nos evidencia a centralidade do simbólico constituindo nossas interações e, portanto, o que somos como sujeitos e coletividades. Isso nos mostra que a especificidade da Comunicação reside, então, em evidenciar esse papel constituidor dos processos comunicativos, o que significa observar as interações nas suas particularidades, mas transcender a descrição das práticas comunicativas por elas mesmas, destacando sua dimensão simbólica e como esta constitui os diferentes fenômenos sociais. Trata-se de assumir que a comunicação constitui nossas subjetividades e as objetividades do mundo em que vivemos (FRANÇA, 2017).

Conferir esse papel fundador das relações à comunicação evidencia também suas diferentes dimensões, mas especialmente, sua dimensão normativa, que, para Wolton (2004), representa a necessidade humana básica de agir conjuntamente no mundo. Essa ação

compartilhada não se confunde com harmonia. Ao contrário, cada vez mais vemos que essa necessidade humana de estar junto enfrenta o desafio de negociar as diferenças. Para o autor, se as redes digitais possibilitaram a aproximação espaço-temporal dos sujeitos, visibilizaram ainda mais as diferenças, tornando mais complexa a convivência social.

Mesmo a comunicação sendo um processo básico e requerer a existência do outro, esse outro nem sempre está disposto a se relacionar, assim como nem sempre se apropria dessa relação da forma como ela é proposta. Aí reside a margem tentativa e imprevisível da comunicação (BRAGA, 2010). O horizonte de incomunicação, que sempre existiu, hoje se torna ainda mais possível, pois sua superação exige a articulação de cada vez mais complexos e variados fatores e elementos para a constituição de processos comunicativos (WOLTON, 2004). Conhecer e reconhecer essa complexidade é um passo fundamental para a proposição de novas formas de se comunicar nos nossos tempos.

O Círio, nesse sentido, nos dá a ver maneiras de co-habitação que, ainda que efêmeras e temporárias, têm forte teor simbólico e, portanto, são significativas para nossas relações porque têm potencial agregador, como o gesto da oferta de terços, o compartilhamento de um "em-comum" (NANCY, 2016) que pode gerar novos fluxos e práticas, como a própria história das famílias que participaram de nossa pesquisa. A criatividade que advém dessas micro-relações nos oferece essa pista interessante para praticar a comunicação como caminho para a convivência com o outro e, sobretudo, com o diferente.

É nesse sentido que reside um certo caráter transgressor e inovador no Círio, por meio das práticas de sociabilidade, solidariedade, coletividade, que não têm as mesmas bases de uma comunidade politicamente organizada, mas podem ser ações políticas que transgridem o individualismo e o controle institucional de devoções e emoções, mentes e corações. Diante dos tantos ataques à liberdade humana de estar e ser no mundo, os pequenos e grandes gestos que observamos no Círio podem iluminar nossa criatividade para ser humanos e construir os mundos que queremos viver. Em melhores palavras,

> [...] muitos intelectuais temos que fazer uma autocrítica também, e ser menos arrogantes. Talvez agora tenhamos a chave para as epistemologias do Sul: ir mais devagar, com menos confiança de que as ideias novas criem realidades novas. Não, as realidades novas decantam de algumas ideias novas, mas não é você que cria as realidades novas, são as pessoas da rua, na luta, são eles que estão realmente inovando – e não você, com a teoria (SANTOS, 2016).

Nesse sentido, nossa pesquisa buscou dar luz a essas formas de relação no Círio para compreender a comunicação. Desse processo, tiramos também consequências do ponto de vista teórico-metodológico para contribuir com futuras investigações.

Tipologias das cenas

A análise das cenas comunicativas apresentada buscou evidenciar a multidimensionalidade da comunicação observada em fluxos e processos experienciados pelos *Filhos da Esperança* e membros da *Família de Catarina*. As composições dos diferentes sentidos e sentimentos, tempos e espaços, sujeitos, trocas e compartilhamentos destacados nessas microssituações não são exclusivas dessas famílias, mas são elementos particularmente significados por elas.

A construção teórica apresentada, mais do que estabelecer o conceito de cenas comunicativas, buscou configurar um operador metodológico que possibilitasse identificar tanto minúcias e singularidades quanto marcas culturais e devocionais mais amplas do Círio. Tomar as cenas como operador metodológico igualmente nos permitiu observar a comunicação em processo, em decurso, em movimento, tecendo as relações e os sujeitos que constroem a festa.

Na *Estação 2*, fizemos esse movimento indutivo de configurar as cenas comunicativas empiricamente e analisá-las. Agora, nessas últimas páginas de peregrinação, podemos dar mais um passo e extrair ainda algumas tipologias mais conceituais das cenas, que podem auxiliar reciprocamente na identificação de cenas comunicativas em outros contextos de pesquisa. Essas tipologias resultam da caracterização empírica, portanto, não se constituem como categorias para classificar as cenas já analisadas e sim como resultado do que essas cenas podem contribuir teoricamente para a caracterização de novas cenas.

Uma primeira tipologia que podemos configurar é a de **cenas de comunhão**. Nessas cenas, o que mais se destacam são as relações estabelecidas entre os sujeitos, a partir do compartilhamento de sentidos, sentimentos, materialidades, espacialidades e temporalidades. São as dimensões normativa e mística da comunicação que norteiam a constituição desse tipo de cena, evidenciando como a comunicação nos constitui enquanto sujeitos e enquanto coletividades, do nível micro-familiar ao macrossocial.

Desse tipo de cena de comunhão há dois desdobramentos que nos parecem fundamentais para compreendermos a importância da comunicação no contemporâneo. Primeiramente, esse tipo de cena nos convoca a retomar a origem grega da ideia de comunicação. *Koinonia* significa tomar parte, participar de algo, comunicar com alguém ou algo. O conceito aparece no pensamento de Platão e Aristóteles no sentido de formação de comunidade e congregação dos indivíduos a partir de interesses comuns (LIESEN, 2014). Com isso, *Koinonia* remete a um sentido político da democracia grega, voltado para uma forma de participação social.

A palavra grega foi posteriormente traduzida para o latim de duas formas: *comunicatio* e *participare*. A difusão e o amplo emprego dos termos em latim ocorreram principalmente por meio do Novo Testamento da Bíblia Cristã, especialmente, as cartas do Apóstolo Paulo, dirigidas a diferentes comunidades (LIESEN, 2014). Além do sentido de participação, tomar parte, o uso latino e cristão do termo conferiu um sentido adicional de *constituição* de comunidade. Comunicar é tanto *participar* da comunidade como também aquilo mesmo que *constitui* e torna possível a criação de uma comunidade.

Essa etimologia constitui, para Wolton (2004), a dimensão normativa que está presente em toda comunicação e está relacionada ao ideal de partilha, de troca, de busca pelo outro que dá sentido à nossa própria existência. Nesse sentido, o autor chama atenção para um ideal político-democrático da alteridade e da convivência humana, complementar a uma dimensão funcional, que está mais relacionada às técnicas, à ação estratégica, portanto também política, dos sujeitos na sociedade.

Para o autor, ambas dimensões, normativa e funcional, são intrínsecas ao comunicacional; manifestam-se de diferentes formas, mas não se anulam, apesar de o funcional se sobressair ao normativo em grande parte dos processos de comunicação contemporâneos. Uma das grandes barreiras para se compreender a comunicação em nossos tempos reside na hipervalorização da dimensão técnica do processo comunicativo, negligenciando – quando não omitindo – a dimensão normativa.

É exatamente essa exacerbação do funcional, em detrimento do normativo, que reduz muitas vezes a comunicação à técnica ou a aparatos técnicos, o que nos remete, por sua vez, à discussão epistemológica acerca do objeto de estudo da Comunicação: ora considerado como os meios de comunicação (MARTINO, 2011) ou a mídia (GOMES, 2003); ora como os processos de comunicação (BRAGA, 2008, 2011; FRANÇA, 2003, 2016).

O que queremos chamar atenção sobre as cenas de comunhão do Círio, contudo, é que elas nos dão a ver ricas experiências em que a dimensão normativa tanto possibilita a constituição e o fortalecimento de comunidades quanto o compartilhamento de referências comuns, igualmente significativas.

Nas cenas dos encontros para a confecção dos terços dos *Filhos da Esperança* e do almoço do Círio da *Família de Catarina*, percebemos como a comunicação estabelece e fortalece o sentido de comunidade familiar, ainda que as constituições dessas famílias sejam distintas. Nessas cenas, a partir de diferentes elementos e dimensões, reforça-se o sentimento comunitário da família, que agrega não só pelos laços consanguíneos, mas sobretudo pelas relações que são tecidas em torno da promessa dos terços e/ou por conta da ambiência do Círio. Não à toa, ficam evidentes todos os valores simbólicos que o Círio tem, com contornos diferentes, para ambas as famílias.

A valorização dessa micro-comunidade que é a família, independente da sua estrutura institucional, nos parece uma questão fundamental que o Círio nos coloca para pensar alternativas para a convivência no contemporâneo. A própria ideia de família como laços que se constroem em interação possibilita tratar essa forma de comunidade para além da sua caracterização formal, administrativa, jurídica como hoje hegemonicamente a reduzimos no debate social.

A família-comunidade que o Círio evidencia nos parece uma forma de agregação possibilitada pela comunicação-comunhão, sendo forte alternativa associativa frente à desagregação social que as lógicas individualistas das relações contemporâneas nos propõem.

Mas esse é apenas um dos desdobramentos desse tipo de cena, que também nos dá a ver formas de estabelecer comunhão que não necessariamente partam de ou constituam comunidades com vínculos fortes, como a família.

No caso da cena do caminho da procissão, por exemplo, vemos como é possível a construção de um "em-comum" (NANCY, 2016) que permite a comunhão improvável entre sujeitos com perfis, propósitos e trajetórias tão diversos.

Se o Círio possibilita o fortalecimento de micro-comunidades previamente formadas, também possibilita a criação de "comunidades temporárias", efêmeras, pelo compartilhamento da festa, da devoção. Ainda que esse tipo de agregação não parta de um comum politicamente delimitado, não podemos negligenciar a força política que a dimensão simbólica do Círio

possibilita. Essa força política reside exatamente no poder agregador do estético e da linguagem que compõem o simbólico.

Como interpreta Rena (2015) em relação à ideia do "ser-em-comum" de Nancy (2016), nosso engajamento e luta no mundo se dão por meio da comunicação, pelo "ser-com" os outros. Em tempos em que é cada vez mais difícil construir identidades fortes para o estabelecimento de comunidades, Vecchi (2015) compreende que essa noção de "em-comum" possibilita repensar nossas comunidades no mundo globalizado.

Nesse aspecto, o Círio nos fornece alternativas de pequenas ou breves comunhões, cujo potencial é imprevisível. O que vemos é o quanto fazem a diferença pequenos detalhes, pequenos gestos, uma troca de mensagens nas redes sociais, e quão significativos podem ser seus sentidos e reverberações, como é o caso da história que une as trajetórias das duas famílias. Da mesma forma, é possível "ser-em-comum" com outros que não compartilham dos mesmos pressupostos, mas partilham sentidos e sentimentos em determinada ambiência que lhes facilita essa comunhão.

É importante também destacar que aliada à comunhão, existe sempre o processo de negociação, que possibilita que o diferente dialogue, debata, ainda que não se chegue a um consenso ou uma síntese. A negociação é fundamental, nesse sentido, pois dá a ver uma face menos idealista de comunhão, que, como Wolton (2004) reforça, está na base da democracia como forma de convivência das diferenças.

Uma segunda tipologia de cenas comunicativas que emerge das interações das famílias estudadas são as **cenas de devoção**. O termo devoção está diretamente relacionado à fé e à dedicação, ou seja, a uma crença e, ao mesmo tempo, a uma prática. Essas cenas do Círio, especialmente as das procissões e da entrega de terços a partir da promessa que as famílias seguem, evidenciam a compreensão da prática religiosa não apenas como uma conexão com o divino, mas como uma prática social. Nessas cenas, portanto, o que se destaca é a íntima relação entre o divino e o social.

Em um contexto em que o religioso tece e orienta muitas de nossas práticas cotidianas, desde as relações sociais em nível micro até as decisões políticas que regem as relações institucionais e internacionais de nações, é necessário um olhar atencioso aos fenômenos religiosos. Na Comunicação, não se trata tanto de entender as doutrinas e normas de religiões particulares, mas de questionar e buscar compreender a natureza comunicativa de tais

fenômenos, como Durkheim (1996), na Sociologia, ofereceu subsídios para compreender os fenômenos religiosos como eminentemente coletivos e interativos.

Geertz (2011), por sua vez, nos fornece outro elemento fundamental da prática religiosa, o simbólico. Propõe uma visada orientada à "dimensão cultural da análise religiosa", a partir da qual entende a religião como "sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral" (GEERTZ, 2011, p. 67).

A partir do simbólico, podemos fazer, então, a conexão entre o divino e o social, em que as dimensões de devoção à Santa, da fé em seus milagres, da falta de explicações para o extraordinário se dão de forma paralela a uma vivência coletiva dessa crença. Não à toa o sagrado está na origem do termo comunicação (LIESEN, 2014).

Mauss (2008), com a noção de dádiva, nos possibilita também essa articulação. No Círio, o dar-receber-retribuir é a base do cumprimento das promessas e, na *Cena 4 - A procissão e a entrega dos terços*, vimos como esse processo envolve aspectos morais mas também simbólicos.

Se a etimologia do termo comunicação, como vimos, evidencia a relação entre o religioso e o mundano, o divino e o humano, nada melhor do que olhar para um fenômeno caracteristicamente sagrado e profano como o Círio, a partir da Comunicação, para perceber o entrelaçamento desses aspectos na tessitura dos processos comunicativos.

As cenas de devoção do Círio nos dão a ver exatamente esse comunicacional que nos faz vivenciar a fé sempre em relação, não só com o divino, como com o outro ou "o próximo" da fé cristã. O gesto que se dirige à Santa no momento da passagem da Berlinda nas procissões é o mesmo gesto que contribui para a construção de uma ambiência devocional, que contagia quem está ao redor, que conecta o devoto à Santa e ao outro.

A cena da oferta dos terços pela família resulta tanto de uma devoção a Nossa Senhora de Nazaré, como da esperança do poder transformador de pequenas ações, pequenos gestos. A fé é ao mesmo tempo na Santa, no ser humano e, indiretamente, no potencial estabelecimento de processos comunicativos, ou seja, processos significativos e significantes para outras pessoas, tanto quanto o são para essas famílias.

O próprio gesto de promesseiros é um gesto devocional, de depósito de fé, de oferenda a um Ser divino, capaz de operar em dimensões inexplicáveis e não lógicas. Os devotos da corda, que oferecem sacrifício físico, e outros tipos de promesseiros conferem confiança à

Santa, respeito e, podemos dizer também, carinho - não à toa as várias denominações dadas a ela (Naza, Nazinha, Nazica, Nazarezinha, etc).

Apostando, investindo nessa devoção ao divino e ao social, são possibilitados novos encontros com sujeitos e grupos que compartilham dessa crença-ação, como muitos outros casos que compõem o Círio. Esse tipo de cena, em última instância, evidencia a fé na comunicação como ação transformadora de si, do outro, do social, assim como o processo que promove o encontro consigo e com o outro.

Uma terceira tipologia são as **cenas de festa**. Nessas cenas, o simbólico se manifesta de forma festiva, imerso no contexto religioso geral do Círio, mas com a particularidade de certo grau de descontração e mesmo subversão. As normas que regem o bom comportamento se tornam mais flexíveis e tacitamente o que vale é estar juntos, festejar, alegrar-se.

Na *Estação 1*, vimos vários exemplos de eventos que têm o festivo e o popular como componentes matriciais: Auto do Círio, Arraial do Círio, Festa da Chiquita. Mas não são somente esses eventos de natureza festiva que podem se configurar como cenas de festa. Nas cenas comunicativas das famílias, podemos perceber o festivo sobretudo pela dimensão da comensalidade, na *Cena 1 - Tecendo os laços que tecem os terços* e na *Cena 6 - O almoço do Círio*.

O ritual do comer junto tem um caráter de confraternização, revela a maneira informal e descontraída com que acontecem, por exemplo, os encontros dos *Filhos da Esperança* para confecção dos terços. Os lanches são a compensação pelo trabalho, entremeiam o fluxo dos encontros, são parte fundamental do estar em família. Caracterizam a forma como confraternizamos e celebramos o estar juntos.

No caso do almoço do Círio, trata-se de um dos principais momentos festivos. É a culminação da grande procissão, o retorno para casa para a confraternização, a recompensa pela caminhada. O esmero no cardápio, como em outros tipos de celebração, confere ao almoço um caráter especial, como vimos na cena da *Família de Catarina*.

Em outros eventos, como as peregrinações de Nossa Senhora de Nazaré, mencionadas na *Estação 1*, os lanches também são indispensáveis. A prática de rezar e comer coloca em articulação uma dimensão mais divina de alimentar a alma e o prazer da alimentação do corpo, que ultrapassa uma necessidade básica. Também nesse sentido, de alguma forma, a comensalidade no Círio e em outros fenômenos é um ingrediente profano, em diálogo com o religioso.

As cenas de festa também se configuram pela ambiência despojada, a linguagem livre, as conversas não necessariamente relacionadas à Santa, mesmo que ela vá e volte entre os assuntos em pauta. O tom de intimidade com Nossa Senhora se manifesta em outras formas para além das denominações. Como nos encontros para confecção dos terços, a Santa participa das reuniões ao lado da foto de D. Esperança, rodeada de missangas, assiste às novelas e aos jogos de futebol. É o que Perez (2011) chama de "Igreja doméstica", essa relação de proximidade e intimidade com os santos.

O caráter festivo desse tipo de cena também se manifesta pelos cânticos, danças, no Círio cada vez mais entoados por ritmos regionais. As casas e ruas são ornamentadas para demarcar um tempo diferente, de festa.

Essas três tipologias principais (**cenas de comunhão, de devoção e de festa**) que emergem das cenas comunicativas analisadas não só dizem muito sobre as interações específicas do Círio como também são inferências fundamentais para compreender as interações comunicativas no contemporâneo, oferecendo subsídios tanto conceituais quanto práticos para refletir sobre o que constitui a comunicação a partir de outros fenômenos empíricos.

Ao olhar para outros eventos do Círio caracterizados na primeira Estação da pesquisa, mas não acompanhados para aprofundamento, poderíamos configurar outras tipologias de cenas, como **cenas de celebração**, em que o caráter litúrgico do ritual religioso se mostrasse mais evidente, como nas missas ou mesmo em algumas procissões. Há ainda a possibilidade de configuração de **cenas de trabalho**, em que as atividades artesanais e laborais de determinados sujeitos dão outra forma e sentidos à experiência da festa.

Com isso, queremos ressaltar que a potencialidade teórico-metodológica da noção de cenas comunicativas que construímos na pesquisa não se esgota nas particularidades das interações comunicativas que observamos e participamos junto às duas famílias. Tampouco queremos limitar sua contribuição estabelecendo tipologias como categorias fechadas e rígidas para simples identificação e classificação de outros contextos comunicativos. A principal contribuição dessa noção é exatamente sua flexibilidade para orientar o olhar para as múltiplas dimensões da comunicação, cujas análises possíveis são igualmente múltiplas conforme o tensionamento empírico-teórico das pesquisas.

Nossas próprias experiências de comunicação na pesquisa

Para além das cenas comunicativas analisadas junto às famílias participantes da pesquisa, é possível também reconhecer que experiências constituíram o nosso processo de pesquisa. Desde a preparação, em que buscamos mapear, estudar, levantar informações sobre o fenômeno empírico em questão; passando pelas diferentes cenas comunicativas em que interagimos, nos envolvemos, compartilhamos experiências junto às famílias; até a sistematização, a escrita, as decisões metodológicas, as análises, que resultaram nessa versão escrita da pesquisa, mas que a ela não se resumem.

A postura de pesquisa construída tanto pela nossa formação acadêmica quanto humana nos posicionou diante do empírico de forma tanto a afetá-lo como sermos afetadas por ele. A maneira como adentramos na intimidade dos grupos, conquistamos sua confiança, partilhamos de espaços-tempos, criamos laços e geramos afetos inquestionavelmente modificou, em diferentes graus, as situações de interações de que participamos e, ao mesmo tempo, observamos. Esse envolvimento foi fator fundamental para a pesquisa, mas também foi elemento de permanente vigilância, não no sentido de buscar uma objetividade científica nas análises, mas para garantir um olhar sempre atento e aberto às múltiplas possibilidades de sentidos e sentimentos que as interações geraram e poderiam gerar. Se em algum momento, o nível de envolvimento ultrapassasse o limite, inclusive da ética, corríamos o risco de deixar de olhar como pesquisadores, com o olhar do estranhamento.

Nesse sentido, estudar as interações comunicativas de grupos no Círio foi um árduo exercício de estabelecer esse olhar de estranhamento; como participantes assíduas da festa, tivemos que a todo momento tentar não tomar os gestos e seus sentidos como naturais, comuns. Além disso, foi preciso equilibrar os benefícios de ter um conhecimento empírico e experiencial do Círio com a necessidade de também "olhá-lo com outros olhos", em todos os sentidos, inclusive devocionais.

Com isso, aprendemos não só sobre a comunicação como objeto científico, mas a comunicação como fenômeno básico de nossa existência, de nossas relações, da constituição do que somos e do que queremos ser. O desafio metodológico de ir ao encontro do outro revelou-se um desafio, sobretudo, humano, de transpor nossas limitações, nossa timidez; de saber lidar com as expectativas que temos dos outros e que os outros têm de nós; de trabalhar com o planejamento, mas também com o inesperado, o espontâneo, o imponderável e até o que não podemos compreender pela lógica ou sentir com os sentidos biológicos.

Nossa pesquisa nos possibilitou experienciar o que pensamos e pensar sobre o que experienciamos. Essa talvez seja a maior consequência de uma pesquisa que se confunde e se constitui como vida, em que os limites entre olhar como pesquisadoras e como seres humanos já se tornam difíceis de se identificar, para o bem e para o mal (e para todas as gradações entre esses extremos).

Foi, então, que percebemos como a pesquisa se transforma em vida, não só quando não conseguimos pensar em outra coisa que não seja o fenômeno estudado (tudo gira em torno da pesquisa), mas sobretudo quando passamos a olhar a vida a partir dos aprendizados da pesquisa, não apenas no âmbito das nossas relações acadêmicas. Nos damos conta, então, que a pesquisa é ela mesma um processo comunicativo, porque transformador e constituidor do que somos. Como Mills (2009 *apud* FRANÇA, 2018b) compara o trabalho do sociólogo, trata-se de ser um bom artesão, não sendo um pesquisador cumpridor de uma carga horária de 8 horas, mas o sendo 24 horas.

Ao retomarmos as duas devoções de que falamos na introdução da tese, percebemos o quanto nossa devoção, tanto a Nossa Senhora como à Comunicação, não é mais a mesma. Como ação para com algo ou alguém, a devoção não deixa de ser um compromisso, uma ação permanente, contínua, mas nem por isso precisa ser a mesma ou da mesma forma.

Ao recordarmos a devoção que construímos pela Comunicação ainda na graduação, vemos quanto de seus pressupostos e certezas foram revisados no processo de pesquisa-vida; da mesma forma a devoção religiosa aprendida em casa e na Igreja. Sem entrar no mérito das crenças religiosas, aqui cabe refletir sobre a devoção na Comunicação enquanto área, não necessariamente demarcada pelos moldes modernos de ciência, como cedo devotamos, tendo como viés um ponto de vista muito focado na política. Hoje a Comunicação nos parece uma ambiência de pesquisa que tem muito a dizer para a sociedade sobre que sociedade estamos construindo e queremos ser. A discussão epistemológica da Comunicação que tanto nos instigava a buscar um lugar próprio da área em meio às Humanidades, hoje nos conduz menos a encontrar fronteiras e mais a compreender o fenômeno comunicacional manifesto, vivido, e investigar as dimensões de sua importância para a sociedade contemporânea.

Não faz mais tanto sentido, como antes, para nós, disputar o lugar da Comunicação, com "C" maiúsculo, apenas do ponto de vista político e institucional, o que não deixa de ser relevante. Mas a urgência da compreensão das nossas relações contemporâneas nos invoca a direcionar nossos esforços para compreender e propor formas de comunicação diferentes,

inovadoras, que tragam soluções para a mais básica das nossas necessidades que é a convivência.

Desse modo, nossa área tem o dever de apurar os olhares, as metodologias, as táticas para compreender a comunicação que constitui os mais diferentes e complexos fenômenos que nossas sociedades têm vivido. Porque ao apurar nossos sentidos, poderemos encontrar pistas, brechas de como constituir novas formas de ser e estar neste mundo que promovam uma convivência menos destrutiva de nossas relações e tempos-espaços de habitação.

Com isso, comunicar não pode mais ser esvaziado à condição de verbo transitivo direto, que demanda um complemento "o que". Não se trata de buscar apenas o conteúdo dos processos comunicativos, seus signos e mensagens como se, ao identificar os temas das conversas cotidianas ou das produções midiáticas, pudéssemos compreender para muito além do que já está posto.

Por outro lado, tampouco podemos tomar a ação de comunicar como um verbo transitivo indireto, apenas centrado nos interlocutores, a quem e em função de quem a ação é direcionada. Por mais que sejam os sujeitos humanos quem conferem sentido e ação a todos os elementos do processo, é preciso perceber essa dinâmica exatamente como multidimensional, constituída por diferentes aspectos e componentes em movimento e mutação.

Talvez seja o momento de (também) pensarmos o comunicar-se em sua forma intransitiva, como necessidade e ação humana básica, de natureza estratégica, simbólica, ética e sagrada. Não defendemos aqui uma idealização da comunicação, mas o enfrentamento do desafio de experimentarmos práticas criativas para a constituição de um (ou de vários) social(is) também mais saudável(is).

O Círio nos possibilitou esse exercício analítico que foi além de observar o conteúdo e o formato das interações comunicativas, mas de perceber a criatividade e a inventividade de tais interações na constituição das relações tecidas na festa. Cabe, portanto, a nós, aprender.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Estudos Avançados**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, n. 19 (54), p. 315-332, 2005.

ALVES, Isidoro. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

ALVES, Regina de Fátima Mendonça. **Círio de Nazaré, da Taba Televisiva à Aldeia Global**. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

ASSUNÇÃO, Ildimar Viana. **O discurso religioso do Círio de Nazaré**: uma dívida com o sagrado. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2012.

AZEVEDO, Cristiane A. de. A procura do conceito de religio: entre o relegere e o religare. **Religare**. v. 7, n. 1. 2010. p. 90-96. mar. 2010.

AZEVEDO, Josimar da Silva. **Círio de Nazaré, a festa da fé como comunhão solidária**: uma análise teológica a partir da concepção de fé de Juan Luis Segundo. 2008. 386f. Tese (Doutorado em Teologia) - Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta, Belo Horizonte, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UnB, 1987.

BARBOSA, Gustavo; RABAÇA, Carlos Alberto. Cena. In: **Dicionário de Comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001. p. 120.

BARROS, Laan Mendes. Experiência estética: comunicação sem anestesia. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 25., 2016, Goiânia. **Anais...** Goiás, 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/laanxxvcomposcomautor_3301.pdf. Acesso em: 14 maio 2017.

BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolingüística interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

BRAGA, José Luiz. O que é comunicação? **Líbero**. São Paulo: v. 19, n. 38. 2016. p. 15-20. jul./dez. 2016.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JUNIOR, Jeder Janotti; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda. **Mediação & Midiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012, p. 31-52.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**. Brasília: Compós, v.14, n.1, jan./abr., p. 1-33, 2011a.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da Comunicação. **Verso e Reverso.** São Leopoldo: n. 25, p. 62-77. jan./abr. 2011b.

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Matrizes**. São Paulo: USP, v. 4, p. 65-81, 2010.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 73-88, 2008.

BRUNNER, José Joaquín. **Un espejo trizado**. Santiago: FLACSO, 1988.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Modos de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

COSTA, Francisco de Assis; DINIZ, Marcelo Bentes; FARIA, Alexandre Magno de Melo; SANTOS, José Nazareno Araújo dos; COSTA, José de Alencar. O círio de nazaré de Belém do Pará: economia e fé. **Amazônia: Ci. & Desenv.**, Belém, v. 3, n. 6, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.bancoamazonia.com.br/images/arquivos/institucional/biblioteca/revista_amazonia/edicao06/CD_Vol_VI_Cirio_de_Nazare_de_B.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2014.

COUTO, Ana Paula Nascimento Pegado; LIMA, Lucas Antonio Mendes; CHAQUIAM, Miguel. O Colégio Gentil Bittencourt na Instrução Pública Paraense. In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 12., São Paulo, 2016. **Anais...** São Paulo, 2016. Disponível em: http://www.sbembrasil.org.br/enem2016/anais/pdf/5498_4237_ID.pdf. Acesso em: 22 jul. 2017.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, John. O público e seus problemas. In: HICKMAN, Larry A.; ALEXANDER, Thomas. **The Essential Dewey, vol. 1**: pragmatism, education, democracy. Bloomington: Indiana University Press, 1998: pp. 281-292.

DURANT, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAUSTO NETO, Antonio. Círio de Nazaré: celebrações, divergências e rupturas. In: Netília Silva dos Anjos Seixas; Alda Cristina Costa; Luciana Miranda Costa. (Org.). **Comunicação**: visualidades e diversidades na Amazônia. Belém: PPGCOM, 2013, p. 27-50.

FRANÇA, Vera V. Sociabilidade: implicações do conceito no estudo da comunicação. In: MOURA, Flávia de Almeida. **Estudos contemporâneos em comunicação**. 2018a. No prelo.

FRANÇA, Vera V. A pesquisa em Comunicação: dez perguntas que nos desafiam. In: FIGARO, Roseli. **Conexão Pós**: diálogos e intersecções na pesquisa discente. 2018b. No prelo.

FRANÇA, Vera V. Discutindo o modelo praxiológico da comunicação: controvérsias e desafios da análise comunicacional. In: FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula Guimarães (Orgs.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação**. Belo Horizonte: Sulina, 2017. No prelo.

FRANÇA, Vera V. O objeto e a pesquisa em Comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassalo (Orgs.). **Pesquisa em Comunicação:** Metodologias e Práticas Acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS - Editora Universitária da PUCRS, 2016. p. 153-174.

FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula G. **Curso Básico de Teorias da Comunicação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. Interação. In: FRANÇA, Vera Veiga; MARTINS, Bruno Guimarães; MENDES, André Melo. **Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS)**: trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação. Belo Horizonte: FAFICH-PPGCOM-UFMG, 2014. p. 101-104.

FRANÇA, Vera Veiga. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, Alex et al (Org.). **Comunicação e interações**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 71-91.

FRANÇA, Vera Veiga. L. Quéré: dos modelos de comunicação. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, v. 5, n. 2, 2003.

FRUGOLI, Ricardo. **"Passa lá em casa"**: almoço do Círio de Nazaré - o banquete amazônico. 2014. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2014.

FRUGOLI, Ricardo; BUENO, Marielys Siqueira. O Círio de Nazaré (Pará, Brasil): relações entre o sagrado e o profano. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 135-155, janeiro de 2014. Dossiê: Megaeventos.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012b.

GOFFMAN, Erving. A ordem da interação. In: GOFFMAN, Erving. **Os momentos e os seus homens**. Textos escolhidos e apresentados por Yves Winkin. Lisboa: Relógio d'água Editores, 1999.

GOLDENBERG, Mírian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** - volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** - volume 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GUIMARÃES, César. A experiência estética e a vida ordinária. **E-Compós**, Brasília, v. 1, n.1, p. 1-13, 2004.

GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos (Orgs.). **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 14. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Círio de Nazaré**: patrimônio cultural brasileiro. Belém: Editora Açaí, 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Círio de Nazaré**. Rio de Janeiro: Iphan, 2006.

JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A., TURNER, J. (org.) **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006.

LIESEN, Mauricio. Communicatio: communio: koinonia. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Leopoldo, v. 2, n. 4, 2014.

LOPES, José Rogério. Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 31(1), p. 155-181, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAIA, Rousiley C. M.; FRANÇA, Vera Veiga. A comunidade e conformação de uma abordagem comunicacional dos fenômenos. In: LOPES, Maria I. V. de (Org.). **Epistemologia da Comunicação.** São Paulo: Loyola, 2003. Comunicação Contemporânea n. 1.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luís Mauro Sá. A comunicação, o comum e a alteridade: para uma epistemologia da experiência estética. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 31-43, 2o semestre 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/19600>. Acesso em 06 mar. 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Procesos de comunicación y matrices de cultura**: itinerário para salir de la razón dualista. México: Gustavo Gili, 1987.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Aproximações entre Estética e Comunicação: aberturas possíveis e diálogos entre os conceitos. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 36, p. 14-29, maio/ago. 2016.

MATOS, Lucília da Silva. **Belém em festa**: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré. 2010. 280f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduandos em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. A mãe e o filho como peregrinos: dois modelos de peregrinação católica no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 33, v. 2, p. 121-140, 2013.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Tradição, história, simbolismos, reciprocidade, identidade: o Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap**, Recife, ano IX, n. 2, p. 163-183, jul./dez. 2010.

MAUÉS, Raymundo Heraldo; MAUÉS, Maria Angélica. "Feliz Círio!" Relatos, interpretações e memórias afetivas de um casal de antropólogos. In: FIGUEIREDO, Silvio Lima (Org.). **Círio de Nazaré, festa e paixão**. Belém: EDUFPA, 2005.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MEAD, George Herbert. **Espíritu, Persona y sociedade**. Barcelona: Paidós, 1982.

MEAD, George Herbert. **The philosophy of the present**. Londres: The Open Court Company, 1932.

MELO, Camila Lima Guimarães; FERREIRA, Gabriel da Mota. **Uma potencial experiência estética no Círio de Nazaré**: o Traslado de Nossa Senhora para Ananindeua. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

MENDONÇA, Beth; BONNA, Mauro. **Círio**: fé, cultura, arte. Belém: Editora Guia, 2015.

MENDONÇA, Beth; BONNA, Mauro. **Círio outra vez**. Belém: Editora Guia, 2013.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 187-201, jun. 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la percepción**. Paris: Gallimard, 1976.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MONTEIRO, Agildo; MONTEIRO, Benedicto; CANTO, Fernando; MACHADO, Jorge; FONSECA, Ribamar. **O Círio**: contos. Belém: Cejup, 1995. (Coleção Coisas Nossas, 1)

MONTEIRO, Benedicto. **O carro dos milagres**. Belém: Editora Amazônia, 2011.

NANCY, Jean-Luc. **The disavowed community**. New York: Fordham University Press, 2016.

NASCIMENTO, Lícia Tatiana Azevedo do. **Sociabilidades no Mercado de Peixe do Ver-o-Peso durante o Círio de Nazaré**. 2010. 114f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo; GONZÁLEZ-REYES, Rodrigo. **Una coartada metodológica**: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Tintable, 2012.

PAES, Anselmo do Amaral. Tecendo os fluxos da matéria: ex-votos no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 14, n. 34, p. 155-173, ago./dez. 2013.

PANTOJA, Vanda; MAUÉS, Raymundo Heraldo. O Círio de Nazaré na constituição e expressão de uma identidade regional amazônica. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 57-68, jul./dez. 2008.

PANTOJA, Vanda. **Negócios sagrados**: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, área de concentração em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

PATRIOTA, Karla Regina Macena P.; FALCÃO, Carolina Cavalcanti; RODRIGUES, Emanuelle Gonçalves Brandão. A cartografia de um campo: singularidades e possibilidades nas relações entre Religião e Consumo nos trabalhos desenvolvidos na Comunicação. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 25., 2016, Goiânia. **Anais...** Goiás, 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/acartografiadeumcampogt_epistemologia_comautoria_3354.pdf. Acesso em: 14 maio 2017.

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade**: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

POGREBINSCHI, Thamy. **Pragmatismo**: teoria social e política. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2005.

PUGET, Dayse Maria Pamplona. **Amanheceu, Paid'égua! O Sonho Cabano faz Samba de Enredo No Carnaval Paraense**. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós- Graduação em Artes, UFPA, Belém, 2016.

RAMA, Ángel. **La ciudad letrada**. Hanover: Ediciones del Norte, 2002.

RENA, Alemar. O comum, a comunidade e a comunicação; entre Jean-Luc Nancy, Michael Hardt e Antonio Negri. **Revista Lugar Comum**, n. 45, v. 2, 2015, p. 221-231.

SANTA-BRÍGIDA, Miguel. **O Auto do Círio**: drama, fé e carnaval em Belém do Pará. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/ICA/UFPA, 2014.

SANTA BRÍGIDA, Miguel. **O Auto do Círio**: drama, fé e carnaval em Belém do Pará. 2003. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Boaventura: "chegou a hora de uma nova esquerda". **Outras Palavras**. **Comunicação Compartilhada e Pós-capitalismo**, São Paulo, 10 maio 2016. Disponível em: http://outraspalavras.net/brasil/boaventura-chegou-a-hora-de-uma-nova-esquerda/. Acesso em: 16 jan. 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SHALIN, Dimitri N. **Pragmatism and democracy**: studies in history, social theory, and progressive politics. New Brunswick, New Jersey: Transaction Publishers, 2011.

SILVA, Lorena Saraiva da. **O Círio Civil na imprensa paraense**: um estudo dos jornais A Boa Nova, A Constituição e O Liberal do Pará. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SIMMEL, Georg. **Sociologia et épistémologie**. 2. ed. Paris: PUF, 1991.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOUSA, Celita Maria Paes de. Fragmentos da história da educação do Pará no início do século XX: Instituto Gentil Bittencourt, origem, organização e concepções pedagógicas. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 15, n. 64, p.144-156, maio. 2015. Disponível em: http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640498/8057. Acesso em: 22 jul. 2017.

SOUSA, Thamires Magalhães de. **Igreja Católica no mundo digital**: As tensões entre discurso e prática da igreja na era da internet e as redes de relacionamento do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, como fenômeno de midiatização religiosa. 2013. 188f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2013.

VALVERDE, Monclar. Comunicação e experiência estética. In: LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos; GUIMARÃES, César (Orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VALVERDE, Monclar. **Pequena estética da comunicação**. Salvador: Arcadia, 2017.

VASCONCELOS, Elisabeth Mendonça de; BONNA, Mauro Cezar Klautau. **Marias do Círio**. Belém: Verde; Guia, 2011.

VASCONCELOS, Elisabeth Mendonça de; BONNA, Mauro Cezar Klautau. **Quem faz o Círio**. Belém: Floresta; Guia, 2010.

VECCHI, Roberto. Identidade, herança, pertença. In: ROSSA, Walter; RIBEIRO, Margarida Calafate. **Patrimónios de influência portuguesa**: modos de olhar. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 65-80.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp, 1994.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora da UnB, 2004.

ZUBIETA, Ana Maria (Coord.). **Cultura popular y cultura de masas**. Conceptos, recorridos y polémicas. Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2000.

Fontes online consultadas

BIBLIOTECA DIGITAL DO CÍRIO DE NAZARÉ. Disponível em: http://bibliotecadocirio.org. Acesso em: 11 jul. 2016.

FANPAGE OFICIAL DO CÍRIO DE NAZARÉ. Disponível em: https://www.facebook.com/ciriodenazare/. Acesso em: 09 set. 2016.

SITE DA FUNDAÇÃO NAZARÉ DE COMUNICAÇÃO. Disponível em: http://www.fundacaonazare.com.br/. Acesso em: 22 maio 2017.

SITE OFICIAL DO CÍRIO DE NAZARÉ. Disponível em: http://www.ciriodenazare.com.br/portal/. Acesso em: 11 jul. 2015.

Material de campo

ANITA. Entrevista exploratória Família de Catarina. Pesquisadora: Suzana Cunha Lopes. Belém, 2016. Entrevista realizada no âmbito da pesquisa de doutorado intitulada "Vem ver Belém a festejar: análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré".

CLÁUDIA. Conversa pelo WhatsApp Família de Catarina. Pesquisadora: Suzana Cunha Lopes. Belém, 2016. Conversa realizada no âmbito da pesquisa de doutorado intitulada "Vem ver Belém a festejar: análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré".

JOÃO. Observação de campo Filhos da Esperança: encontro de confecção de terços na casa de Marta. Pesquisadora: Suzana Cunha Lopes. Belém, 2016. Observação realizada no âmbito da pesquisa de doutorado intitulada "Vem ver Belém a festejar: análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré".

MANOELA. Entrevista exploratória Filhos da Esperança. Pesquisadora: Suzana Cunha Lopes. Belém, 2016. Entrevista realizada no âmbito da pesquisa de doutorado intitulada "Vem ver Belém a festejar: análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré".

MANOELA. Observação de campo Filhos da Esperança: encontro de confecção de terços na casa de Beatriz. Pesquisadora: Suzana Cunha Lopes. Belém, 2016. Observação realizada no âmbito da pesquisa de doutorado intitulada "Vem ver Belém a festejar: análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré".

MARINA. Entrevista exploratória Família de Catarina. Pesquisadora: Suzana Cunha Lopes. Belém, 2016. Entrevista realizada no âmbito da pesquisa de doutorado intitulada "Vem ver Belém a festejar: análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré".

MILENA. Observação de campo Filhos da Esperança: encontro de confecção de terços na casa de Beatriz. Pesquisadora: Suzana Cunha Lopes. Belém, 2016. Observação realizada no âmbito da pesquisa de doutorado intitulada "Vem ver Belém a festejar: análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré".

RAFAEL. Conversa pelo WhatsApp Filhos da Esperança. Pesquisadora: Suzana Cunha Lopes. Belém, 2016. Conversa realizada no âmbito da pesquisa de doutorado intitulada "Vem ver Belém a festejar: análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré".

APÊNDICES

Apêndice 1 - Roteiro de Entrevista Exploratória

Entrevistada:
Telefone:
Facebook:

1. Como começou a história da distribuição dos terços na sua família?

2. Como vocês se organizam: quando (desde que período do ano), onde, o que fazem?

3. Quem participa da organização? Existe alguém que lidera, monta a programação da confecção, convoca a família e colaboradores? Há diferença na participação dos avós, pais e netos?

4. Como é repassada essa prática para as novas gerações da família?

5. No seu caso em específico, como foi o seu envolvimento? Desde quando participa? Por que participa?

6. Além dessa prática, vocês fazem outra atividade em família por ocasião do Círio? E em outros momentos do ano, em outras datas religiosas?

7. Você pretende continuar com essa prática?

8. O que o Círio representa para você? E o que Maria representa para você?

Apêndice 2 - Roteiro de Observação de Campo dos *Filhos da Esperança*

Situação: Trasladação e Círio
Data: 08 e 09/10/2016
Equipe:
Trajeto:
Trasladação: Chegada às 16h no Prédio de onde os Filhos da Esperança se concentram. Acompanhar distribuição dos terços.
Descanso: Casa de parentes.
Círio: Chegada às 8h30 no Prédio de onde os Filhos da Esperança se concentram. Acompanhar distribuição dos terços.
Almoço: Acompanhar o almoço na casa de Diego.
Endereço:
Contatos:

Kit

- Celular com protetor plástico
- Lenços
- Sal/Açúcar
- Bala
- Protetor solar
- Dinheiro

Pontos para observação

Preparação para a entrega (Trasladação/Círio):

- Como ocorre a preparação para a entrega? Quem participa?
- Com quanto tempo de antecedência chegam ao local de concentração?
- Como distribuem os terços entre as pessoas que entregam?
- Como se vestem? (adereços e peças de roupas específicas?)
- Como se comportam? (têm algum rito? rezam? ficam inquietos(as)? se concentram? conversam?)

Situação das entregas (Trasladação/Círio):

- Quais os gestos da família para entregar os terços? E os das pessoas que recebem?
- Homens e mulheres entregam?
- Como abordam as pessoas?
- Se pertinente/possível, conversar com as pessoas que receberam os terços
- Perfil das pessoas escolhidas (gênero, idade aproximada, como estava vestida?)
- Local das pessoas escolhidas (no meio da procissão, nas arquibancadas, esquinas, etc.)
- Quais os esforços que as pessoas da família fazem para chegar até as pessoas? (se deslocam de um lado para o outro? atravessam mesmo a procissão, ou ficam sempre do mesmo lado, próximas à lateral das ruas/calçadas?)

Encontros com a Santa (Trasladação/Círio):

- Expressões, gestos, como “reagem”/são afetadas?
- Em que momentos (tempo/espaço) do percurso?
- Fazem oração em voz alta?
- Fotografam os momentos? Quais?

Almoço

- Qual o cardápio? Quem preparou? Alguém leva algo para a casa anfitriã? O que?
- Como a família organiza a mesa?
- Há algum ritual para a preparação e o início do almoço? (oração, esperam todos chegarem ou quem chega da procissão vai comendo?)
- O que conversam entre si? A conversa é entre toda a família ou em pequenos grupos?
- Recebem conhecidos, vizinhos, amigos?

Apêndice 3 - Roteiro de Observação de Campo da *Família de Catarina*

Situação: Trasladação e Círio
Data: 08 e 09/10/2016
Equipe:
Trajeto:
Trasladação: Saída às 15h da casa da Marina com ela e o namorado. Ela vai de ônibus. Vai assistir à passagem no prédio de uma amiga, na Nazaré, próximo à 14 de março, e depois que a Santa passar vai tentar acompanhar a procissão até onde conseguir. Volta pra casa de ônibus no final.
Descanso: Casa da Marina, após a chegada da trasladação.
Círio: Saída às 5h30 da casa da Anita com ela. Ela vai de ônibus. Vai descalça. Faz o caminho completo, da Sé à Basílica. Volta de ônibus.
Almoço: Na chegada do Círio, haverá o almoço na casa da D. Conceição.
Endereço:
Contatos:

Kit

- Celulares com protetores plásticos
- Garrafa de café/copinhos
- Lenços
- Sal/Açúcar
- Bala
- Protetor solar
- Dinheiro

Pontos para observação
Preparação e saída para a procissão (Trasladação/Círio):

- Rituais (organização para sair de casa, o que separam para levar, fazem oração, se "despedem" dos santos, se benzem, se despedem das pessoas).
- Se alimentam ou tiveram esse cuidado.
- Dormiram, descansaram antes da saída? Se não, por quê? Ansiedade, outra atividade, etc.?
- Roupa, adereços e objetos de devoção (terço, santa, camisa do Círio, calçado ou não, se vai com roupas simples ou não, tentar observar qual o possível critério de seleção da roupa, cordões, pulseiras, aneis, escapulário...).
- Separam coisas para comer ou beber?
- Levam toalha ou lenços?
- Que dispositivos (celular, TV, rádio) consultam antes de sair de casa (missa, paradeiro da Santa).
- Se leva celular? (que tipo, com que aplicativos? Ex: "Onde está a Santa?")
- Se leva máquina de foto, ou qualquer outro eletrônico?
- Monitorar onde está a Santa? (aplicativo Prodepa): Verificar se há preocupação da família em saber onde está a Santa para calcular o tempo de sair de casa.

- Tiveram alguma preparação anterior?
- Como levam os terços?

Traslado para a procissão (Trasladação/Círio):

- Meio(s) de transporte? (Sempre usam esse/s meio/s?)
- Quanto tempo leva?
- Qual o percurso do carro/ônibus/caminhada? Esse percurso é ambientado para o Círio? (Sempre faz esse caminho?)
- Qual o horário de saída e se é sempre esse?
- Monitorar onde está a Santa? (aplicativo Prodepa)
- Como as pessoas estão? (parecem com sono? cansadas? ansiosas? tranquilas? etc.)
- Encontram conhecidos no meio do caminho? Se juntam a eles? Ou os conhecidos se juntam a elas/es?
- Se consulta dispositivos eletrônicos durante o caminho?
- Clima no ônibus/carro/caminhada?
- Entregam os terços ao longo do percurso?

Chegada ao Círio

- Onde vão descer e quanto tempo há ainda de caminhada?
- Horário?
- Monitorar onde está a Santa? (aplicativo Prodepa)
- Encontram conhecidos no meio do caminho? Se junta a eles(as)?
- Clima na chegada?
- Entregam os terços ao longo do percurso?

Procissão

- Entradas e saídas da procissão: em que momentos, por que?
- Acompanham as orações e cantos das calçadas/arquibancadas/autofalantes?
- Fotografam os momentos?
- Recebem santinhos, abanador, objetos de devoção de outras pessoas?
- Em que ritmo acompanham? Fazem paradas junto com a Santa, nas homenagens?

Encontros com a Santa (Trasladação/Círio):

- Expressões, gestos, como "reagem"/são afetadas?
- Em que momentos (tempo/espaço) do percurso?
- Fazem oração em voz alta?
- Fotografam os momentos? Quais?

Situação das entregas

- Quais os gestos da família para entregar os terços? E os das pessoas que recebem?
- Como abordam as pessoas?
- Se pertinente/possível, conversar com as pessoas que receberam os terços
- Perfil das pessoas escolhidas (gênero, idade aproximada, como estava vestida?)
- Local das pessoas escolhidas (no meio da procissão, nas arquibancadas, esquinas, etc.)

- Quais os esforços que as pessoas da família fazem para chegar até as pessoas? (se deslocam de um lado para o outro? atravessam mesmo a procissão, ou ficam sempre do mesmo lado, próximas à lateral das ruas/calçadas?)
- Como as pessoas da família vão ficando durante a procissão? (ficam cansadas? é perceptível? tomam água, como fazem para comprar?)

Almoço

- Qual o cardápio? Quem preparou? Alguém leva algo para a casa anfitriã? O que?
- Como a família organiza a mesa?
- Há algum ritual para a preparação e o início do almoço? (oração, esperam todos chegarem ou quem chega da procissão vai comendo?)
- O que conversam entre si? A conversa é entre toda a família ou em pequenos grupos?
- Recebem conhecidos, vizinhos, amigos?

Apêndice 4 - Roteiro de Observação nas Redes Sociais

1. Logins e senhas de acesso:

Gmail
Login: projetodepesquisacirio@gmail.com
Senha: ----

Facebook
Login: projetodepesquisacirio@gmail.com
Senha: ----

Instagram
Perfil: @pesquisacirio
Para logar basta clicar na opção "Acessar com o Facebook" e acessar com o dados desta rede.

2. Orientações quanto ao mapeamento:

Os perfis devem ser acompanhados de forma individual, o monitoramento deve ser feito diretamente na *timeline* do usuário e não no *feed* geral do nosso perfil, para que tenhamos certeza de que coletamos todas as postagens.

3. Como salvar:

a. Salvar as postagens como PDF (Ctrl+P) e nomear com o nome do grupo (Nome da pessoa ou do grupo + data da postagem + Nº da postagem na mesma data + Nº da atualização)

b. Os arquivos estão sendo salvos na pasta LABDROBO1 > LabDrobo1 > Círio 2016 - FOTOS > Pasta respectiva de cada grupo.
Ex: Filhosdaesperanca_30-09-2016_01_02

c. Os vídeos publicados devem ser convertidos em mp4 por meio do site: https://www.onlinevideoconverter.com/

d. Os arquivos também devem ser salvos nas suas respectivas pasta no Drive do e-mail da pesquisa.

Obs: No Drive será possível encontrar uma tabela de contatos, com telefone e identificação dos perfis nas redes socais dos integrantes dos grupos da pesquisa.

4. Modelo de Relatório Diário

Grupo:
Observadora:
Dia:
Hora:

a. Facebook
Registrar quantidade de curtidas no perfil de grupo (se houver):

Quem postou? (nominar)

Quem comentou? (nominar e identificar se são participantes da pesquisa)

Quem curtiu? (nominar e identificar se são participantes da pesquisa)

Há alguém que se destaca nas interações (postagem, comentário, curtida, compartilhamento)? (nominar)

O que foi postado (formato e conteúdo)? Qual a situação das imagens e dos textos?

Há alguém que se destaca nas imagens (aparece recorrentemente nas fotos/vídeos)?

Há replicação de conteúdos de outros perfis (imagens, links, postagens)?

Fornecem geolocalização?

Há marcações de outras pessoas nas postagens? Há alguém que se destaque (é marcado recorrentemente)?

Há uso de hashtags? Se sim, quais?

Há uso de emojis? Se sim, quais?

Outras observações?

b. Instagram
Registrar quantidade de seguidores no perfil de grupo (se houver):

Quem postou? (nominar)

Quem comentou? (nominar e identificar se são participantes da pesquisa)

Quem curtiu? (nominar e identificar se são participantes da pesquisa)

Há alguém que se destaca nas interações (postagem, comentário, curtida, compartilhamento)? (nominar)

O que foi postado (formato e conteúdo)? Qual a situação das imagens e dos textos?

Há alguém que se destaca nas imagens (aparece recorrentemente nas fotos/vídeos)?

Há replicação de conteúdos de outros perfis?

Fornecem geolocalização?

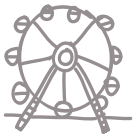
Há marcações de outras pessoas nas postagens? Há alguém que se destaque (é marcado recorrentemente)?

Há uso de hashtags? Se sim, quais?

Há uso de emojis? Se sim, quais?

Outras observações?

GLOSSÁRIO



Arraial de Nazaré: Espaço de lazer montado no terreno na lateral da Basílica Santuário, em Belém do Pará, onde ficam barraquinhas para venda de comidas típicas, artesanatos, artigos religiosos e brincadeiras envolvendo brindes. No local, também é montado um parque de diversões, com roda gigante, montanha russa, carrossel, entre outros brinquedos.

Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré: Igreja inaugurada em 1861, cuja construção foi concluída 20 anos depois, no mesmo local onde foi encontrada a Imagem Original de Nossa Senhora de Nazaré. Desde 1903, é administrada pela Congregação dos Padres Barnabitas. A partir de 2006, passou a ser categorizada como santuário, um dos sete existentes hoje no Brasil.

Berlinda: Espécie de andor, com laterais de vidro, que abriga a Imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré nas procissões do Círio. É ornamentada com flores naturais e conduzida em cima de um carro na procissão.

Boto: Narrativa mítica amazônica que conta a história de um boto que se transforma em um rapaz de terno e chapéu brancos para seduzir moças desacompanhadas e levá-las para o fundo do rio. Quando essas moças retornam do fundo do rio, elas voltam grávidas do boto.

Caboclo: Nomenclatura atribuída, no período da colonização portuguesa, a indivíduo que descendente de pais brancos e indígenas. Essa nomenclatura, com o tempo, passou a ser bastante criticada por omitir as origens indígenas presentes não somente na cor da pele como sobretudo nas práticas culturais de grupos étnicos e da população de algumas regiões brasileiras em geral.

Chope: Espécie de picolé/sorvete no saco plástico. Em outros lugares do Brasil é conhecido como "sacolé" e "geladinho".

Cobra-Grande: Narrativa mítica sobre a existência de uma serpente gigante que habita embaixo da terra. Segundo a crença, a cobra vive exatamente abaixo das ruas que compõem o percurso do Círio e que é Nossa Senhora de Nazaré quem, ao caminhar anualmente, mantêm a cobra sob controle.

Corda: Em 1855, foi introduzida uma corda no Círio utilizada para retirar a berlinda quando esta atolava, substituindo os animais que até então puxavam o andor da Santa. Com o tempo, a corda perdeu essa funcionalidade prática, mas continua como um dos elementos mais significantes da procissão. É levada por milhares de fiéis que consideram o ato de "ir na corda" um dos maiores sinais de devoção e fé a Nossa Senhora de Nazaré.

Diretoria da Festa: Grupo sacerdotes e de leigos responsável pela organização da Festividade de Nossa Senhora de Nazaré. Geralmente, é presidido pelo Arcebispo Metropolitano de Belém e, executivamente, por um casal de leigos. É formada por um conselho consultivo, uma diretoria colegiada e diretorias executivas (administrativo-financeira, de decoração, de evangelização, de eventos, de marketing, de procissões, de patrimônio e de recursos socioeconômicos e filantrópicos).

GLOSSÁRIO

Ex-votos: São objetos em diferentes formatos (partes do corpo em cera, livros, miniaturas de casas e barcos) carregados por pagadores de promessa em procissões e oferecidos ao Santo de devoção como agradecimento por uma graça alcançada.

Guardas de Nossa Senhora de Nazaré ou Guardas da Santa: Grupo de leigos homens responsável por auxiliar na organização das procissões e supervisionar os eventos nos ambientes interno e externo à Basílica Santuário.

Iara: Narrativa mítica amazônica de uma sereia que canta uma melodia irresistível que atrai os homens para o fundo do rio.

Imagem Original: Imagem de Nossa Senhora de Nazaré encontrada por Plácido de Souza, às margens do igarapé Murutucu, em Belém, no início do século XVIII. Tem origem portuguesa, com fenótipo europeu. Desde 1966, não sai para as procissões do Círio. A partir de 1968, a Imagem passou a ser exposta para veneração dentro da Basílica durante a festividade. Só saiu em duas ocasiões: quando da realização do 200o Círio, em 1992, e quando da visita do Papa João Paulo II a Belém, em 1980.

Imagem Peregrina: Réplica da Imagem original de Nossa Senhora de Nazaré, encomendada pela Igreja, em 1963, para substituir a Imagem original nas procissões. Foi propositalmente esculpida com semblante indígena e incorporada nas procissões em 1966.

Maniçoba: Comida de origem indígena, feita com a folha da mandioca (denominada maniva). Tem um modo especial de preparo devido à toxicidade da planta: precisa ser cozida por uma semana e é temperada com carne suína. Não à toa, é comum o cheiro da maniçoba exalar das casas nos dias que antecedem o Círio. É servida com arroz, farinha e pimenta.

Mariana: Adjetivo atribuído ao que se refere a Maria. Por exemplo: canção mariana é uma canção sobre ou em homenagem a Maria.

Matinta Perera: Narrativa mítica amazônica que conta a história de uma bruxa que à noite se transforma em um pássaro agourento que assobia perto das casas e só para quando o morador lhe oferece tabaco.

Miriti: Fibra extraída de uma palmeira tropical conhecida como Miritizeiro ou Buritizeiro. Com esse material, que é como um isopor vegetal, são confeccionados vários tipos de artesanatos, utensílios e brinquedos, esculpidos em diferentes formatos e caracterizados pelo colorido de suas pinturas. No Círio, também é utilizado para a confecção de ex-votos.

O Glória: Redoma de cristal à prova de bala que guarda a Imagem original de Nossa Senhora de Nazaré (encontrada por Plácido de Souza) durante o ano, em uma posição de destaque entre as pinturas e esculturas que compõem o altar-mor da Basílica Santuário de Nazaré.

GLOSSÁRIO

Pato no tucupi: Comida típica da culinária paraense em que o pato é servido no tucupi (caldo de cor amarela extraído da raiz da mandioca), acompanhado de jambu (planta comum na região norte do Brasil, amplamente utilizada na culinária nortista e que tem como principal característica fazer tremer os lábios ao ser ingerida).

Peregrinações: Encontros nas casas de moradores de Belém para oração do terço, leitura bíblica e reflexão sobre algum tema proposto pela Igreja. Essas reuniões acontecem durante um pouco mais de um mês antes da procissão do Círio, no segundo domingo de outubro.

Plácido de Souza: Homem amazônico a quem é atribuído o achado da Imagem original de Nossa Senhora de Nazaré no início do século XVIII, às margens de um igarapé, em Belém.

Promesseiros: Como são chamados os pagadores de promessas.

Quadra Nazarena: Período da Festividade de Nossa Senhora de Nazaré, que se inicia com a procissão do Círio, no segundo domingo de outubro, e encerra com o Recírio, 15 dias depois.

Romaria: Procissão religiosa em devoção a algum santo.

Romeiro: Participante das romarias.

Santa ou Santinha: Forma popular de denominar a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré ou outras Nossas Senhoras e Santas. Apesar de Santo ser oficialmente um indivíduo canonizado pela Igreja, é comum Maria, que não possui esse título formal, ser considerada e denominada como Santa.

Santinho: Folheto com a imagem de um(a) santo(a) na frente e, no verso, a oração a ele(a). É distribuído geralmente em grande quantidade como forma de pagamento de promessa. No Círio, são distribuídos vários santinhos de Nossa Senhora de Nazaré, em alguns casos, também como peça promocional de empresas ou órgãos públicos, para além de promesseiros.

Terço: Objeto religioso na forma de cordão, com pedras que simbolizam orações. É denominado dessa forma em virtude de ser um terço da oração do rosário (apesar de atualmente o rosário não ser mais composto de 3 orações e sim de 4).

Trapiche: Armazém próximo ao cais para embarque e desembarque de mercadorias e pessoas.